UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

RODRIGO LUVIZOTTO

**OS DIÁRIOS DE LANGSDORFF: PRELÚDIOS
PAISAGÍSTICOS**

versão corrigida

**SÃO PAULO
2012**

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

**OS DIÁRIOS DE LANGSDORFF: PRELÚDIOS
PAISAGÍSTICOS**

Rodrigo Luvizotto

**São Paulo
2012**

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Rodrigo Luvizotto

**OS DIÁRIOS DE LANGSDORFF: Prelúdios
Paisagísticos**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia Física do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Adilson Avansi de Abreu

versão corrigida

**São Paulo
2012**

*Para **George Henrique de Langsdorff**, e
ao seu trabalho científico no Brasil.*

Agradecimentos

Agradeço ao meu orientador, professor Adilson Avansi de Abreu, pela orientação atenciosa;

A Josefina Neves Mello pela atualização ortográfica do texto da tese.

A todos os professores do curso que me abriram veredas de conhecimento;

A CAPES pelos auspícios prestados a esta pesquisa;

Aos colegas que participaram do curso, tornando menos árduo o caminho do aprendizado;

E a todos aqueles que, direta ou indiretamente, participaram do processo de pesquisa e da construção da tese.

Paisagem

Os dias passeiam nas páginas do caderno. Montanha e água.
Um caderno se passa como se passa a vida. Um diário de viagem. Uma viagem diária.
Na umidade da aquarela, a memória das águas.
Nela se funde a paisagem. Nos olhos se misturam visões exteriores e interiores.
Os olhos veem através das águas.
Entre as cores, a aquarela mancha a memória dos dias e dos papéis.
De volta da viagem, rever página a página.
No conforto da distância, o retorno. A aquarela para situações de bruma.
Transforma partes da paisagem em esquecimento.
Na paisagem chinesa, um espaço na superfície – bruma e nevoa – nele se adiciona
poesia.
A névoa é o ponto de partida da memória.
A bruma é a ausência onde se revela o branco, fazendo com que o presente
desapareça e se instale o desejo da partida.
A partida é um caderno intocado.

(Adriana Florence)

RESUMO

Nessa pesquisa analisamos os diários de campo de Georg Heinrich von Langsdorff, naturalista, médico, diplomata e chefe da expedição russa que esteve no Brasil na primeira metade do século XIX. De 1824 a 1829, Langsdorff realizou uma ampla viagem científica pelo interior do Brasil, desde o Rio de Janeiro até o Amazonas, passando por Minas Gerais, São Paulo e Mato Grosso. Tais diários formam um inigualável tesouro sobre o Brasil. Devido ao caráter exploratório da viagem, os diários do chefe da expedição se estabelecem como um lugar privilegiado na constituição das paisagens geográficas. Dessa forma, foi realizada uma análise que cotejou tais diários de modo interdisciplinar. Para tanto, aproximamos os estudos da paisagem geográfica e os parâmetros teóricos da Semiótica de linha francesa, tendo como convergência o estudo da paisagem. Perscrutamos as representações simbólicas da paisagem que emergem dos relatos, constatando que tais representações se constituem em um legado de sensíveis e perspicazes registros sobre as diferentes porções do território brasileiro. Por fim, constatamos que essas representações exerceram significativa contribuição para a formação de uma identidade nacional.

Palavras-chave: BRASIL; DIÁRIO DE CAMPO; EXPEDIÇÃO CIENTÍFICA; PAISAGEM; REPRESENTAÇÃO.

ABSTRACT

We analyse in this research programme the field diaries of Georg Heinrich von Langsdorff. He was a Prussian naturalist, physician, diplomat and leader of a Russian scientific expedition launched in Brazil in the first half of the 19th century. From 1824 to 1829, Langsdorff went on a long scientific expedition into the interior of Brazil, travelling from Rio de Janeiro to Amazonas, including Minas Gerais, São Paulo and Mato Grosso. Langsdorff's diaries constitute an unparalleled treasure about Brazil. Mainly because of the exploratory character of the journey, the diaries of the expedition leader act as a privileged spot in the constitution of geographic landscapes. As a result, a careful analysis was performed through the interdisciplinary comparison of such diaries. For this reason, we brought together the studies of geographic landscapes and the theoretical parameters of French semiotics, having the landscape study as a convergence point. We closely scrutinized the symbolic representations of the landscapes that emerged from Langsdorff's accounts, and concluded that such representations comprise legacies of sensitive and shrewd records from different parts of the Brazilian territory. Finally, we have observed that those representations made a significant contribution towards the development of a national identity.

Keywords: BRAZIL; FIELD DIARIES; LANDSCAPE; REPRESENTATION; SCIENTIFIC EXPEDITION.

RESUMEN

En esta investigación se analizan los diarios de campo de Georg Heinrich von Langsdorff, naturalista, médico, diplomático y jefe de la expedición rusa que visitó Brasil en la primera mitad del siglo XIX. Entre 1824 y 1829, Langsdorff llevó a cabo un extenso viaje científico por el interior de Brasil, desde Río de Janeiro al Amazonas, a través de Minas Gerais, São Paulo y Mato Grosso. Estos diarios son un tesoro único del Brasil colonial. Debido a la naturaleza exploratoria del viaje, los diarios del líder de la expedición se han establecido en un lugar privilegiado hacia la constitución de los paisajes geográficos. Por lo tanto, se realizó un análisis de esos diarios bajo un método interdisciplinario. De esa manera, el enfoque estudia el paisaje geográfico y los parámetros teóricos de la línea de la semiótica francesa, con la convergencia del estudio de los paisajes. Hemos investigado las representaciones simbólicas del paisaje que se desprenden de los informes de Langsdorff, señalando que tales representaciones constituyen un legado de profundos y confidenciales registros de diferentes partes del territorio brasileño. Por último, se observa que estas representaciones forman una contribución significativa a la formación de una identidad nacional.

Palabras clave: BRASIL; DIARIO DE CAMPO; LA EXPEDICIÓN CIENTÍFICA; LA REPRESENTACIÓN DEL PAISAJE; PAISAJE.

Lista de figuras

Figura 1 – Roteiro da expedição -----	48
Figura 2 – Tipologia dos diários-----	97
Figura 3 – Esquema da Org. temp. do gênero diário-----	103
Figura 4 – Instâncias da paisagem-----	144
Figura 5 – Mapa Ambiental-----	164
Figura 6 – Croqui da involução do território de São Paulo-----	165
Figura 7 – Aquarela 1 -----	168
Figura 8 – Aquarela 2-----	169
Figura 9 – aquarela 3 -----	173
Figura 10 – Esquema veridictório-----	180

ÍNDICE

Introdução.....	11
Cap. I – O ENTORNO DA PAISAGEM	19
1.1 A poética do território: paisagem e identidade	19
1.2 Notas sobre a biografia de Langsdorff.....	30
1.3 A expedição científica rumo ao interior do Brasil.....	37
1.4 A formação acadêmica de G. H. von Langsdorff.....	51
1.5 A viagem ao redor do mundo	58
1.6 Viagem de Langsdorff: geografia e paisagem	73
Cap. II – PAISAGEM ATRAVÉS DA LITERATURA: GEOGRAFIA E GÊNERO DISCURSIVO	83
2.1 Literatura e Geografia.....	83
2.2 A construção da paisagem	93
2.3 O diário como gênero discursivo	98
2.3.1 A estrutura composicional	100
2.3.2 A temática.....	112
2.3.3 O estilo	121
2.3.4 Os diários de Langsdorff: tipos textuais e gêneros.....	125
Cap. III – NO LIMIAR DA PAISAGEM.....	130
3.1 A paisagem no horizonte do provável	130
3.2 Paisagens do Brasil sob o olhar de Langsdorff	146
Considerações finais	187
Referências e Bibliografia consultada	192

INTRODUÇÃO

O novo quadro histórico brasileiro decorrente da transferência da corte portuguesa para o Rio de Janeiro em 1808 ocasionou a abertura¹ do Brasil que durante três séculos estivera fechado aos olhos europeus. Tal decisão do governo português teve reflexos na economia e, primordialmente, na intelectualidade e cultura brasileiras. Facilitou-se, dessa forma, a visita de cientistas renomados, artistas e diversos viajantes estrangeiros com o intuito de uma (re)descoberta das imensas riquezas minerais, da exuberante natureza composta de plantas e animais exóticos, bem como dos costumes, da política, das religiões, dentre outros aspectos da cultura brasileira. Esses notáveis registros constam em livros, diários, cartas, relatórios oficiais, assim como em diversas técnicas de pinturas (aquarelas, gravuras e desenhos).

Em decorrência da proclamação da independência, torna-se necessário preservar a unidade interna do extenso território brasileiro, principalmente das vastas áreas do centro-sul, exploradas apenas parcialmente até então. Tinha-se um extenso território. Era preciso estimular novas descobertas e primordialmente constituir alguma representação que desse sentido simbólico a essa unidade territorial. Pode-se dizer que é a partir da primeira metade do século XIX que, na ótica da Geografia, começam a se delinear algumas feições individualizadoras ou identitárias do território brasileiro. Nesse sentido, a representação simbólica da paisagem herdada dos viajantes europeus participa da construção da identidade territorial brasileira.

Uma das mais importantes expedições científicas que percorreram o Brasil na primeira nesse período foi a expedição russa organizada pelo cientista, naturalista, médico, pesquisador e diplomata Georg Heinrich von Langsdorff. Entre os membros da expedição estavam, dentre outros, os pintores Moritz Rugendas, Hercules Florence, Adrien Taunay, o botânico Ludwig Riedel, o astrônomo e cartógrafo Nester Rubtsov e o zoólogo e linguista Edouard Ménétrières. Após um período de pequenas

¹ Cessada a era dos descobrimentos marítimos e a fase inicial da colonização portuguesa, o Brasil só esporadicamente receberá expedições organizadas de viajantes. A grande exceção para a quase ausência de viajantes é a vinda da missão científica de Nassau integrada, dentre outros, por JOÃO DE LAET, PISO E MARCGRAVE, autores da obra **História Naturalis Brasiliae** (1648). Cf. OBERACKER, Carlos. Viajantes, naturalistas e artistas estrangeiros. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de (dir.). **O Brasil Monárquico** (O processo de emancipação). São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1975, p.119.

excursões pelas proximidades da Fazenda Mandioca, localizada no interior do Rio de Janeiro, em 1824 tem início a viagem pelo interior do Brasil.

A Expedição Langsdorff percorreu aproximadamente 17 mil quilômetros pelo interior do Brasil, de 1821 a 1829. Partindo da Fazenda Mandioca no Rio de Janeiro, chegaram a Belém do Pará, passando por Minas Gerais, São Paulo e Mato Grosso. A viagem, no entanto, foi interrompida devido a dois graves incidentes. O primeiro ocorreu com Adrien Taunay, que morreu afogado ao tentar atravessar a nado o rio Guaporé. Posteriormente, o Barão Langsdorff foi abatido pela malária, que o deixou impossibilitado de prosseguir viagem.

Do acervo produzido pela Expedição Langsdorff, particularmente valiosos são os diários de Langsdorff, Florence, Ménétrières e Riedel. Também possuem extraordinário valor os desenhos dos pintores da expedição. Os diários do Barão Georg Henrich von Langsdorff constituem uma parte importante do arquivo de sua expedição brasileira, realizada entre 1822 e 1829, fase crucial da formação da sociedade brasileira, coincidindo com o início da Independência do Brasil.

Devido ao caráter exploratório da expedição, os diários de Langsdorff chefe da Expedição se estabelecem como modelos apreciativos privilegiados na representação simbólica da paisagem, em virtude de seu caráter imaginário e mimético, capaz de espelhar, apropriadamente, a percepção do sujeito em relação a si mesmo, ao outro e ao seu entorno. São ainda representações da paisagem, em especial aquelas que destacam a exuberância tropical ou cenas do cotidiano, que influenciaram – e influenciam ainda – na construção da identidade nacional. O objetivo do chefe da Expedição Langsdorff foi percorrer áreas “totalmente desconhecidas do ponto de vista científico e indeterminado do ponto de vista geográfico”². Em rumo inverso ao caminho que outros viajantes-naturalistas percorreram, Langsdorff traçou um itinerário original para sua expedição. O roteiro abrangia a grande parte do território brasileiro, sendo realizado em duas etapas. A primeira percorreu as províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais. A segunda etapa da expedição partiria da Fazenda Mandioca (de propriedade de Langsdorff, localizada nas proximidades de Porto Estrela, hoje município de Magé, RJ), passando pelo Rio de Janeiro, Santos, São Paulo, Porto Feliz, no rio Tietê, Goiás e

² KOMISSAROV, Boris. **Da Sibéria à Amazônia: a vida de Langsdorff**. [tradução de Victória Namestnikova El Murr]. Brasília: Edições Langsdorff, 1992, p.141.

Mato Grosso até o Amazonas. Em seguida, pretendia subir o rio Negro até Casiquiare, a fim de alcançar a foz do rio Orinoco. No transcorrer desse itinerário foi criado um Atlas verbal e pictórico de um Brasil “pitorescamente natural”³, configurando um acervo que é um convite à construção da nacionalidade.

Mediante a relevância dos estudos geográficos sobre a categoria da paisagem, esta pesquisa busca entender de que maneira os relatos do naturalista Georg Heinrich von Langsdorff produzidos ao longo da viagem científica pelo interior do Brasil contribuíram para a formação de uma representação simbólica do Brasil, a partir da paisagem, e até que ponto pode essa representação se tornar um elemento estruturante e edificador na construção de uma Identidade Nacional brasileira.

Nosso interesse pelos diários de Langsdorff se deve à seguinte questão: devido às tragédias ocorridas com os expedicionários, como a morte de Taunay ao tentar atravessar a nado o Rio Guaporé e com a perda completa da memória do dirigente da expedição, vitimado por febres tropicais (malária), chegava ao fim a missão científica russa. A expedição russa retorna ao Rio de Janeiro e, em março de 1829, Langsdorff parte para a Alemanha. Nas palavras de Nicolau Sevcenko, o naturalista alemão não morreu, mas “o que lhe aconteceu, porém talvez tenha sido pior: perdeu completamente a memória e voltou para a Europa como se nunca tivesse visto qualquer outra paisagem que não o jardim de sua própria casa”⁴. Destaca-se que grande parte de todo material acumulado e registrado foi perdido, exceto o que se encontra arquivado na Academia de Ciências de São Petersburgo, em especial uma parcela dos seus relatos de viagem que constitui *Os diários de Langsdorff*.

De modo geral, nesses três diários, evidenciam-se informações sobre os caminhos seguidos, sobre possibilidades de rotas, sobre impressões da descoberta de uma nova natureza, assim como de uma nova fauna, sobre o estranhamento do naturalista diante dos costumes dos homens que aqui habitavam. A expressão do sentimento, associado a cada uma dessas experiências, produziu relevantes representações paisagísticas naturais e culturais do Brasil para os europeus e

³ COSTA, Maria de Fátima G. **O Brasil de hoje no espelho do século XIX**: Artistas alemães e brasileiros refazem a expedição Langsdorff. São Paulo: Estação Liberdade, 1995, p.24.

⁴ SEVCENKO, Nicolau. O *front* brasileiro na Guerra verde: vegetais, colonialismo e cultura. **Revista USP**. Coordenadoria de Comunicação Social, Universidade de São Paulo. n.º 1 (mar./mai., 1989). São Paulo, SP: USP, CCS, 1989, p.117.

representam o olhar do estrangeiro que descobriu, nomeou e catalogou o país. O deslocamento da viagem, principalmente desse caráter exploratório, leva de alguma forma ao questionamento sobre o espaço geográfico, em especial, sobre a paisagem, quando não é este questionamento que a provoca. Dessa indagação minuciosa nasce a paisagem: “um olhar intencional é lançado sobre um lugar e destaca do conjunto vivo os elementos significativos que devem compor a cena, a imagem ou o quadro”⁵.

Ao retornarem à Europa, muitos viajantes utilizavam os apontamentos, relatos, observações e diários de campo produzidos no decorrer da viagem como base para a redação oficial sobre a experiência no Novo Mundo, obra que era muito aguardada tanto pelo público letrado quanto pelas ciências empíricas, como é o caso de *Reise in Brasilien* (Viagem ao Brasil) de Spix e Martius que inclusive recorreram a “outros autores que trataram do Novo Mundo, em crônicas de viagem, relatos de naturalistas, textos historiográficos e tratados econômicos” para fundamentarem o texto final, como sublinha Lisboa⁶. Por sua vez, os diários de Langsdorff foram publicados tal e qual os manuscritos (sem as correções, aperfeiçoamentos que o autor faria visando à publicação). Nessas condições, ficam mais evidentes a dedicação e a disciplina do alemão, os mecanismos da produção de uma escrita “em campo”: movemo-nos sobre as “pegadas” do naturalista, o que demonstra uma percepção mais próxima da observação no campo das paisagens brasileiras. Uma percepção primeira, digamos, ao contrário da espessa camada que cria o processo de reescrita, pesquisa, fundamentações (que causam a impressão de que a obra nasceu pronta). cremos, portanto, serem estes diários raros documentos histórico-geográficos dos tempos e das paisagens em que Langsdorff viveu no Brasil.

Nossa pesquisa se propõe a perscrutar, por meio dos diários do naturalista alemão, a representação simbólica da paisagem que emerge dos relatos e imagens, tendo em vista que tal representação se constitui em um legado de sensíveis e perspicazes registros sobre as diferentes porções do território brasileiro em

⁵ BESSE, Jean-Marc. **Ver a Terra**: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia. [tradução Vladimir BARTALINI]. São Paulo: Perspectiva, 2006, p.46.

⁶ LISBOA, Karen Macknow. **A nova Atlântida de Spix e Martius**: natureza e civilização na *Viagem pelo Brasil* (1817-1820). São Paulo: Editora Hucitec; Fapesp, 1997, p.55.

construção. O território, vale ressaltar, é posterior ao espaço, “um espaço onde se projetou um trabalho, seja energia e informação, e que, por consequência, revela relações marcadas pelo poder. [...] o território se apoia no espaço, mas não é o espaço”, esclarece Raffestin⁷. Por sua vez, a paisagem “é uma visão subjetiva, em perspectiva, pontualizada, aqui, ali, acolá”, em relação ao espaço geográfico, frisa Ab’Sáber⁸.

Assim, embora tais viajantes representassem também cenas do cotidiano das gentes do Brasil, os aspectos das cidades e vilas, a natureza brasileira foi “um dos assuntos preferidos desses viajantes, em sua exuberância, grandeza e diversidade”⁹. São paisagens entalhadas nos elementos visíveis presentes na superfície terrestre, tais como o relevo e as rochas, os solos e as vegetações, a fauna, a flora, os homens, e também indo além do que é perceptível como a atmosfera e os ventos, elementos estes integrados aos aspectos físico-naturais e humano-sociais, de forma a obter uma interpretação do espaço geográfico e de suas transformações como uma visão do todo, de um “complexo geográfico” que, segundo Monbeig:

se exprime antes de tudo na paisagem, a qual, formada uma e indissolúvel pelos elementos naturais e pelos trabalhos dos homens, é a representação concreta do complexo geográfico. ***Por essa razão, o estudo da paisagem constitui a essência da pesquisa geográfica***¹⁰.

Sob o parâmetro teórico que propõe o desenvolvimento de estudos geográficos integrados, com atenção para o conceito de paisagem e de “complexo geográfico” que representa a combinação de fatores atuais e pretéritos, de ações mutáveis do meio natural e do meio humano, pretendemos analisar as

⁷ RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do poder**. [tradução de Maria Cecília França]. São Paulo: Editora Ática, 1993, p.144.

⁸ AB’SÁBER, Aziz Nacib. O roteiro de Langsdorff hoje. **Anais**. II Seminário internacional sobre o acervo da expedição científica de G.I. Langsdorff. Brasília: Secretaria da Ciência e Tecnologia: São Paulo: Universidade de São Paulo, 1990, p.21.

⁹ SCHIAVINATTO, Iara Lis. Imagens do Brasil: entre a Natureza e a História. In: JANCSÓ, István (Org.). **Brasil: formação do Estado e da Nação**. São Paulo: Hucitec; Ed. Unijuí; Fapesp, 2003, p.617.

¹⁰ MONBEIG, Pierre. **Novos estudos de Geografia Humana brasileira**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1957, p.11. (grifo nosso)

representações das paisagens brasileira presentes no diário do barão Georg Heinrich von Langsdorff.

Tais relatos se configuram como ricos documentos geográficos, registros da ação do homem sobre a natureza. Ainda na esteira de Monbeig, herdamos a postura interdisciplinar do geógrafo, cujo espírito epistemológico arguto possibilitou observar as relações de sua disciplina com as demais, enfatizando que, para compreender cabalmente uma paisagem, são necessárias “incursões” nas demais ciências afins¹¹. Hilton Japiassú esclarece que a interdisciplinaridade é como uma exigência das ciências, “como uma necessidade para uma melhor inteligência da realidade que elas nos fazem conhecer”¹². Na apropriada conceituação de Japiassú, a interdisciplinaridade:

é um método de pesquisa e de ensino suscetível de fazer com que duas ou mais disciplinas *interajam* entre si. Esta interação pode ir da simples comunicação das ideias até a integração mútua dos conceitos, da epistemologia, da terminologia, dos procedimentos, dos dados e da organização da pesquisa. Ela torna possível a complementariedade dos métodos, dos conceitos, das estruturas e dos axiomas sobre os quais se fundam as diversas práticas científicas¹³.

O autor ainda destaca que “o espírito interdisciplinar não exige que sejamos competentes em vários campos do saber, mas que nos interessemos, de fato, pelo que fazem nossos vizinhos em outras disciplinas”¹⁴. A atitude interdisciplinar de Monbeig, portanto, visa integrar disciplinas afins, de maneira a refletir sobre a questão da paisagem, focalizando-a de vários pontos de vista e estabelecendo relações em busca de mais bem compreendê-la. Dessa forma, tendo em vista a importância do espaço geográfico como elemento estrutural nos relatos de viagem, pretendemos aproximar o estudos geográficos e os parâmetros teóricos da

¹¹ Cf. SALGUEIRO, Heliana Angotti. Pierre Monbeig: a paisagem na ótica geográfica. In: SALGUEIRO, Heliana Angotti (coord.). **Paisagem e arte: a invenção da natureza, a evolução do olhar**. São Paulo: H. Angotti Salgueiro, 2000, p.165. e também com SALGUEIRO, Heliana Angotti. Geografia e interdisciplinariedade no tempo de Pierre Monbeig. In: SALGUEIRO, Heliana Angotti (org.). **Pierre Monbeig e a Geografia Humana brasileira: a dinâmica da transformação**. Bauru (SP): EDUSC, 2006, p.17-35.

¹² JAPIASSÚ, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976, p.29.

¹³ JAPIASSÚ, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976, p.150.

¹⁴ *Idem*, p.138.

Semiótica de linha francesa, tendo como convergência o estudo da paisagem. Assim, a paisagem constituinte dos relatos de Langsdorff será considerada: “naquilo que é dito, no como é dito, no por que é dito, na aparência, na imanência, como signo, como História”¹⁵.

Visando a um maior rendimento analítico no estudo das paisagens, essa pesquisa recorrerá também aos postulados de Mikhail Bakhtin, no que diz respeito ao conceito de *gênero discursivo*, o que permite que a análise identifique as regras do gênero *diário*, tendo como foco o *diário de campo* de Langsdorff. Os gêneros são “tipos relativamente estáveis de enunciados”, caracterizados por um conteúdo temático, uma estrutura composicional e um estilo¹⁶. Com base nesse suporte teórico, os elementos temáticos, estruturais e estilísticos do diário do naturalista alemão serão perscrutados rigorosamente, de modo a se depreender as paisagens e as funções que elas exercem no gênero discursivo em questão.

O viés analítico do nosso estudo contará também com outros teóricos de diversas áreas que serão apresentados adiante. Por ora, queremos ressaltar que a paisagem será o ponto de partida em nossa pesquisa e esperamos através dela elucidar questões mais abrangentes referentes à identidade daquele que a representou e, principalmente, à formação de uma identidade nacional fundada na representação da paisagem.

O *corpus* de nossa pesquisa se define por meio dos três volumes de *Os diários de Langsdorff*. O primeiro volume refere-se às viagens pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas gerais, o segundo, a São Paulo e o terceiro é referente ao Mato Grosso e à Amazônia.

Dessa forma, iniciamos o nosso estudo contemplando alguns aspectos contextuais nos quais se inserem a obra de Langsdorff, com vistas a recuperar suas condições de produção. Para tanto, focaliza-se no primeiro capítulo, o grande fluxo de estrangeiros, de várias origens, que vieram para o Brasil, motivados por razões diversas, procurando destacar os viajantes naturalistas que adentraram o interior do Brasil, produzindo relatos, coleções, desenhos e classificações do vasto território brasileiro. Dentre esse grande número de viajantes, focalizamos a presença de Georg Heinrich von Langsdorff, que chegou ao Brasil em 1813, na qualidade de

¹⁵ DISCINI, Norma. **A comunicação nos textos**. São Paulo: Contexto, 2005, p.13.

¹⁶ BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p.262 (grifos do autor).

Cônsul-geral da Rússia e encarregado de negócios no Rio de Janeiro. Em seguida procuramos ressaltar a formação da expedição científica russa organizada por Langsdorff, bem como o ambicioso percurso realizado pelo interior do Brasil, desvendando considerável quantidade de regiões e domínios de naturezas. Por fim, recuperamos a formação acadêmica e intelectual de Langsdorff, bem como a larga experiência adquirida em viagens anteriores, com a finalidade relacionar Langsdorff e o pensamento geográfico do século XVIII.

No segundo capítulo, serão tratadas algumas das inter-relações entre a Literatura e Geografia, procurando resgatar a história e a formação do gênero diário de viagem/campo. Sob os parâmetros teóricos herdados de Bakhtin, a respeito do conceito de *gênero do discurso*, foram descritos os elementos temáticos, estruturais e estilísticos do diário do naturalista alemão, com o objetivo de observar o processo de construção da paisagem no seio do gênero diário de campo.

Por fim, no terceiro capítulo enfatizar-se-á o estudo sobre o conceito de paisagem no contexto das viagens realizadas na primeira metade do XIX, destacando os conceitos de pitoresco, representação e memória principalmente. Por fim, será efetuado o levantamento das paisagens construídas por Langsdorff, visando à formação de uma representação simbólica do Brasil. Acreditamos, finalmente, que o mosaico paisagístico representado por Langsdorff exerceu significativa contribuição para a formação de uma identidade nacional.

CAPÍTULO I

O ENTORNO DA PAISAGEM

1.1 A poética do território: paisagem e identidade

Em 29 de novembro de 1807, Portugal estava prestes a ser invadido pelas tropas francesas comandadas pelo general Andoche Junot. Sem condições militares para enfrentar os franceses, o Príncipe Regente de Portugal, D. João, resolveu transferir a corte portuguesa¹⁷ para o Brasil, então sua mais importante colônia. Tão logo o vento se mostrou favorável, os navios levantaram âncora, desceram o Tejo e seguiram para a América, pelo Atlântico, escoltados por quatro navios de guerra ingleses.

A partir de 22 de janeiro de 1808, a chegada da corte portuguesa conferiu uma nova dimensão ao Brasil que passou a ser a sede da administração de Portugal. Assim, nessa nova configuração, apenas quatro dias após a chegada da família real em Salvador, na Capitania da Baía de Todos os Santos, o Príncipe Regente Dom João¹⁸ assinou a Carta Régia que declarava a abertura dos portos brasileiros “às nações amigas”, medida condicionada pelos interesses comerciais na nação inglesa que se encontrava em dificuldades com o comércio europeu devido ao bloqueio francês. O Brasil abre-se então ao conhecimento do mundo. Esse fato foi o principal gerador de um ciclo de viagens e expedições científicas, suscitando uma espécie de redescoberta e revisitação do Brasil pelos viajantes, ciclo este que se estendeu por todo o século XIX.

¹⁷ “Partiram o Príncipe Regente Dom João e uma dezena de membros da família real (dentre eles, sua mãe, Dona Maria, a Louca; sua esposa, a princesa Carlota Joaquina, filha de Carlos IV da Espanha; seus filhos Dom Pedro, com nove anos, e Dom Miguel; os membros do Conselho de Estado, ministros e conselheiros, juizes da Corte Suprema, funcionários do Tesouro, oficiais de alta patente do Exército e da Marinha; a hierarquia eclesiástica, membros da aristocracia, funcionários, profissionais e homens de negócios; várias centenas de cortesãos, servidores e sequazes, uma brigada naval de 1600 homens e cidadãos dos mais variados tipos que conseguiram por vários meios garantir sua passagem. Estavam a bordo também o conteúdo do tesouro real – baixelas de prata, joias, dinheiro e todos os bens móveis –, os arquivos do governo, na verdade, toda a parafernália governamental, uma prensa de impressão e várias bibliotecas, entre elas a Biblioteca Real da Ajuda que viria a constituir a base da Biblioteca Pública, mais tarde Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro” BETHELL, Leslie. (Org.). **História da América Latina**: da independência a 1870, volume III. [tradução de Maria Clara CESCATO]. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial do Estado: Brasília (DF): Fundação Alexandre de Gusmão, 2001, p.201.

¹⁸ Deve-se atentar para o fato de que o Infante João, Príncipe-Regente, somente vai se tornar o Monarca de fato após a morte de sua mãe, a rainha D. Maria, ocorrida em 16/03/1816, sendo coroado no Rio de Janeiro em 01/02/1818, recebendo então o título de D. João VI.

A transferência da corte para os trópicos não apenas provocou a abertura do Brasil em termos econômicos, como também pôs fim ao seu isolamento intelectual e cultural, principalmente porque por quase três séculos os portugueses mantiveram o Brasil completamente fechado aos olhos estrangeiros¹⁹.

Já instalado no Rio de Janeiro (1808), o governo português “recebeu com agrado e facilitou a visita de renomados cientistas, artistas e viajantes estrangeiros”²⁰ que produziram um conhecimento sistemático sobre o território luso-americano, influenciando na construção do Império do Brasil. Sérgio Buarque de Holanda descreve este momento como um “novo descobrimento do Brasil”:

A não ser no Quinhentos e, até certo ponto, no Seiscentos, nunca o nosso país parecera tão atraente aos geógrafos, aos naturalistas, aos economistas, aos simples viajantes, como naqueles anos que imediatamente se seguem à instalação da Corte portuguesa no Rio e à abertura dos portos ao comércio internacional. O fato acha em si mesmo sua explicação. A contar de 1808 ficam, enfim, suspensas as barreiras que, ainda pouco antes, motivaram o célebre episódio daquela Ordem régia mandando atalhar a entrada em terras da Coroa de Portugal de ‘certo Barão de Humboldt, natural de Berlim’, por parecer suspeita a sua expedição e sumamente prejudicial aos interesses políticos do Reino. De modo que a curiosidade tão longamente sofreada pôde agora se expandir sem estorvo e, não poucas vezes, com o solícito amparo das autoridades²¹.

Ainda sobre os viajantes estrangeiros, Holanda destaca que a maioria: “Hão de ser homens de outras terras, emboabas de olho azul e língua travada, falando francês, inglês, principalmente alemão, os que se vão incumbir do novo descobrimento do Brasil”²². Sobre os alemães, muitos foram contratados para se dedicarem ao problema da exploração do solo, do aproveitamento do carvão e dos

¹⁹ Deve-se ressaltar que apenas ingleses circulavam livremente antes da abertura dos portos.

²⁰ BETHELL, Leslie. (Org.). **História da América Latina**: da independência a 1870, volume III. [tradução de Maria Clara CESCATO]. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial do Estado: Brasília (DF): Fundação Alexandre de Gusmão, 2001, p.206.

²¹ HOLANDA, Sérgio Buarque de (dir.). **O Brasil Monárquico**. (O processo de emancipação). São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1975, p.12.

²² *Idem*, p.13.

minérios de ferro, como é o caso de Wilhelm Ludwig von Eschwege. Na esteira dos ingleses, aqui também estiveram – muito antes da oficial abertura dos portos, como é o caso de Thomas Lindsey, John Mawe, entre outros – graças ao privilégio do livre acesso ao Brasil durante as guerras napoleônicas. Em 1816, chegou ao Rio de Janeiro a Missão Artística Francesa. Contratada pelo marquês de Marialva, embaixador de Portugal em Paris, a mando de D. João, a Missão Artística Francesa “tinha a incumbência de organizar, no Rio de Janeiro, uma academia de artes que, seguindo o modelo francês, divulgasse entre nós o gosto pelas belas-artes”, como também introduzir o ensino de alguns ofícios fundamentais ao desenvolvimento do país²³. A Missão era composta, dentre outros, por Joachim Lebreton²⁴, chefe da missão, Auguste-Marie Taunay, escultor que fez vários bustos de bronze e lecionou escultura na Academia de Belas-Artes; Auguste-Henri-Victor Grandjean de Montigny, arquiteto que projetou na capital a Academia de Belas-Artes e muitos outros edifícios importantes, e os pintores Nicolas-Antoine Taunay e Jean Baptiste Debret. Em 1817, a Arquiduquesa D. Leopoldina de Habsburgo, ao vir para o Brasil, traz em seu séquito uma missão de cientistas e artistas, denominada Missão austríaca, dentre os quais Tomas Ender, Johann Baptist von Spix e Carl Friedrich Philipp von Martius.

Em 1822 registra-se o início da lendária expedição russa chefiada pelo Barão Langsdorff, então cônsul da Rússia no Rio de Janeiro. Reconhecida como um dos mais ousados empreendimentos de pesquisa e estudos realizados no Brasil de sua época, a expedição Langsdorff empreende uma incrível viagem de exploração científica às terras do interior do país.

Desde a abertura dos portos e no decorrer da primeira metade do século XIX, a vinda de viajantes estrangeiros não cessa. É grande o número de estrangeiros que visitam o Brasil com o objetivo de conhecer e avaliar o meio natural e a sociedade. Muitos relatos e pinturas representando as peculiaridades da realidade brasileira foram produzidos nesse período. Moraes e Berrien²⁵ enumeram 266 viajantes que

²³ LIMA, Valéria Alves Esteves. **J.-B. Debret, historiador e pintor: a viagem pitoresca e histórica ao Brasil (1816-1839)**. Campinas (SP): Editora da Unicamp, 2007, p.89.

²⁴ LEBRETON (1760-1819) aportou no Rio de Janeiro em 1816, como encarregado de chefiar a Missão Artística Francesa. Faleceu poucos anos após a sua chegada ao Brasil, sem que os seus projetos de implementar um ensino artístico sistematizado tivessem sido de todo materializados.

²⁵ MORAES, Rubens Borba de; BERRIEN, William. **Manual bibliográfico de estudos brasileiros**. Rio de Janeiro: Gráfica Editora Souza, 1949, p.592-627.

estiveram no Brasil, grande parte somente no Dezenove. Uns faziam viagens rápidas, permanecendo somente dias ou semanas ancorados nas cidades portuárias; outros se instalavam por longos períodos.

Nossa atenção recai sobre as missões e expedições científicas – em especial sobre a Expedição Langsdorff – compostas por cientistas, naturalistas e artistas interessados em estudos, trabalhos e pesquisas acerca das imensas riquezas minerais, das potencialidades naturais, de explorar as paisagens “desconhecidas”, “estranhas” e “exóticas”, de coletar, catalogar e categorizar exemplares para a História Natural que, na época em questão, começava tomar importância científica.

Vale ressaltar que seus interesses estavam também voltados para os estudos etnográficos, procurando compreender, classificar e comparar o comportamento e a língua do silvícola, do negro, do sertanejo, bem como os costumes, a política, as religiões, dentre outros aspectos da cultura brasileira. Essas viagens científicas eram promovidas pelos governos das mais diversas nacionalidades, dentre os quais: britânico, alemão, austríaco, bávaro, francês, russo, italiano. Tais viagens tinham, além de fins estratégicos expansionistas, valor político-cultural. Senão a maioria, muitas missões e expedições científicas tiveram de adentrar o Brasil, pois a relação entre conhecimento e poder manifestava-se na demonstração documentada de conhecimento de partes do mundo até então desconhecidas. Nesse sentido, nota-se como foi importante o afluxo de viajantes estrangeiros em direção ao interior do Brasil, sobre o qual pouco ou quase nada se sabia.

Conhecer o Brasil interior. Esse imperativo vinha se realizando desde os meados do século XVIII pela coroa portuguesa: “abertura de rotas, a fundação de povoações e fortificações, a usurpação de terras indígenas e a valorização econômica de novas áreas geravam interesses e ativos negócios voltados...”, destaca Demétrio Magnoli, “para a apropriação dos imensos ‘fundos territoriais’ disponíveis”²⁶. Na apropriada expressão de Magnoli²⁷: “Tradicionalmente, a vasta operação territorial empreendida por Pombal nas colônias do Brasil é interpretada sob o prisma da reorganização administrativa”, visando primordialmente ao descobrimento, à revelação, apropriação e valorização territorial. Em linhas gerais,

²⁶ MAGNOLI, Demétrio. O Estado em busca do seu território. In: JANCÓS, István (Org.). **Brasil: formação do Estado e da Nação**. São Paulo: Hucitec; Ed. Unijuí; Fapesp, 2003, p. 287.

²⁷ *Idem*, p. 288.

essa reorganização pombalina, que se desenvolveu na segunda metade do século XVIII, pode ser identificada pelas seguintes “frentes de apropriação territorial”²⁸: a primeira dessas frentes corresponde ao “novo nordeste”, ou seja, às depressões e planaltos sertanejos do interior das capitânicas de Pernambuco, Paraíba e Ceará, para citar somente algumas; a segunda diz respeito à Amazônia, refundando povoados e vilas, tais como: Santarém, Monte Alegre, Faro, Ourém, Silves, etc.; a terceira que se concentra nas capitânicas ocidentais de Goiás e Mato Grosso, frente esta que, “de alto valor estratégico, estava destinada a sustentar a projeção territorial da colonização portuguesa até a margem direita do rio Guaporé”²⁹; e a última frente que corresponde às terras meridionais, entre São Paulo e o Rio Grande de São Pedro (atual Rio Grande do Sul).

As práticas iluministas de Pombal, em cuja política governamental se inseria o interesse científico, acentuou o esforço inédito de aquisição de informações territoriais. É justamente nesse contexto social e econômico que ocorre a primeira expedição científica ao Brasil, denominada *Viagem Philosophica*, patrocinada pela coroa e sob o comando do naturalista luso-brasileiro Alexandre Rodrigues Ferreira. De 1783 a 1793, a expedição percorreu as capitânicas do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá. O propósito dessa primeira expedição científica era o de realizar detalhadas descrições físicas e econômicas da imensa área, o centro-norte da colônia brasileira, até então praticamente inexplorado, a fim de lá serem implementadas medidas desenvolvimentistas, além de “coletar, descrever espécies dos três reinos – animal, mineral e vegetal – e enviá-las ao Real Museu da Ajuda, em Lisboa”³⁰.

A continuidade da marcha rumo ao interior, visto que “o território brasileiro configura-se pela presença reiterada do colonizador”³¹, intensificou-se no contexto do início do século XIX, em que tomam forma diversas transformações políticas e

²⁸ *Idem*. Cf. p.289-293.

²⁹ *Idem*, p.291.

³⁰ BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. **O Brasil dos viajantes**. São Paulo: Metalivros: Salvador: Fundação Emílio Odebrechet, 1994, p.64.

³¹ MORAES, Antonio Carlos Robert. **Bases da formação territorial do Brasil: o território colonial brasileiro no “longo” século XVI**. São Paulo: Hucitec, 2000, p.411.

materiais, visando à integração das dispersas regiões coloniais em nome da unidade territorial: “um desafio e um programa histórico”, nas palavras de Magnoli³².

Estabelecendo a vinda da Corte portuguesa para o Rio de Janeiro como o ponto-chave para transformações políticas e socioeconômicas, Maria Odila Dias destaca o processo de “interiorização da metrópole no centro-sul da colônia” que provocou uma ruptura interna nos setores políticos do velho reino e, ao mesmo tempo, um estreitamento de interesses portugueses com os das grandes famílias rurais – interesses voltados para a produção, mas nem sempre separados das atividades de comércio e transportes –, frente à perda do papel de intermediário que Portugal tinha no comércio colonial. Com a transformação da colônia em metrópole interiorizada, a corte do Rio de Janeiro buscava controlar e explorar as demais capitanias do Brasil, configurando-se:

nos trópicos portugueses preocupações próprias de uma colônia de povoamento e não apenas de exploração ou feitoria comercial, pois que no Rio teriam que viver e, para sobreviver, explorar os ‘enormes recursos naturais’ e as potencialidades do império nascente, tendo em vista o fomento do bem-estar da própria população local³³.

A partir de então, políticas específicas foram implantadas pela Coroa no sentido de “melhorar as comunicações entre capitanias, favorecer o povoamento e a doação de sesmarias”, fomentar a agricultura, incrementar o comércio e desenvolver meios de comunicação e transporte. Para tanto, destaca Dias, “além dos estrangeiros, continuavam os viajantes e engenheiros nacionais a explorar o interior do país, a realizar levantamentos e mapas topográficos”, a levantar cartas hidrográficas, dar acesso “ao comércio do Mato Grosso pelos rios Arinos, Cuiabá, Tapajós, ligando Mato Grosso por via fluvial e terrestre com São Paulo”³⁴, entre muitas outras ações.

³² MAGNOLI, Demétrio. O Estado em busca do seu território. In: JANCSÓ, István (Org.). **Brasil: formação do Estado e da Nação**. São Paulo: Hucitec; Ed. Unijuí; Fapesp, 2003, p.294.

³³ DIAS, Maria Odila Leite da S. **A interiorização da metrópole e outros estudos**. São Paulo: Alameda, 2009, p.36.

³⁴ DIAS, Maria Odila Leite da S. **A interiorização da metrópole e outros estudos**. São Paulo: Alameda, 2009, p.36.

O objetivo era criar uma estrutura administrativa e política que atendesse às necessidades estratégicas e geográficas, assegurando vantagens de posse sobre um território tão vasto e rico, explorado apenas parcialmente no decorrer do período Colonial. Assim, a integração das diversas províncias do território brasileiro, forjada pela nova corte no Rio de Janeiro, suscitaria uma consciência propriamente nacional “conseguida a duras penas por meio da luta pela centralização do poder e da ‘vontade de ser brasileiros’, que foi talvez uma das principais forças políticas modeladoras do Império”³⁵. Assim, o processo de interiorização da metrópole “parece ser a chave para o estudo da formação da nacionalidade brasileira”³⁶, como o entende Maria Odila Leite da Silva Dias. Enfim, a definição, delimitação, ocupação e povoamento do Brasil interior “apareciam como condições essenciais para a construção da nação: assim como a tradição é a pátria no tempo, o território é a pátria no espaço”³⁷. Nesse processo, a representação da paisagem serviu aos propósitos do projeto de exploração, delimitação e conquista do vasto território brasileiro. É através da representação pictórica e literal da paisagem que o território, após ser mapeado, vai se transformar em um objeto de poder – pois o território, como ente político, é uma unidade abstrata. Por seu conteúdo paisagístico, que apresenta um aspecto simbólico mais facilmente mobilizável, ele pode ser concreta e espacialmente materializado de maneira a veicular, assim, uma identidade territorial ou uma identidade pátria.

Digna de nota, mediante a publicação de estudos importantes sobre tal atuação a respeito desse tipo de desvendamento do interior do Brasil (graças à criação da Impressão Régia), é a política empreendida por Dom Rodrigo de Souza Coutinho, ministro do Ultramar do Estado português na última década do século XVIII. D. Rodrigo, juntamente com Sebastião José de Carvalho e Melo (mais conhecido pelo título de Marquês de Pombal) e Martinho de Mello e Castro “tencionavam preservar a unidade interna do extenso território do Brasil e, sobretudo, a unidade do conjunto do Império, o que foi conseguido com a instalação

³⁵ *Idem*, p.17.

³⁶ *Idem*, p.31.

³⁷ MAGNOLI, Demétrio. **O corpo da pátria**: imaginação geográfica e política externa no Brasil (1808-1912). São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista: Moderna, 1997, p.110.

da corte portuguesa no Rio de Janeiro em 1808”³⁸. Nessa posição estratégica, D. Rodrigo, em especial, conseguiu articular alguns interesses metropolitanos com os das elites coloniais, incorporando membros da elite letrada brasileira em um projeto conjunto de Império transatlântico, no qual a colônia teria papel crucial e ativo na superação do atraso português.

Tais práticas do Estado, principalmente pelas ideias iluministas, acentuaram o caráter pragmático do pensamento científico, recaindo suas atenções na pesquisa de gêneros da natureza economicamente exploráveis ou na utilização das técnicas agrícolas. Foi através de seu programa de reformas que o Brasil, como bem observa Iara Lis, pôde ir saindo de sua condição “genérica” e ir ganhando uma “especificidade Brasil”³⁹.

A supramencionada marcha de reconhecimento e exploração aos imensos fundos territoriais se desenvolveu desde os meados do século XVIII até a segunda metade do XIX⁴⁰. Esse movimento é particularmente intenso a partir da abertura dos portos em 1808, devido ao grande afluxo de estrangeiros que passaram a frequentar os portos brasileiros, em especial o do Rio de Janeiro que serviu como porta de entrada de grande parte desses viajantes. Diversos viajantes, naturalistas e artistas se lançaram a explorar o país em todos os quadrantes, motivados por interesses científicos, comerciais e colonialistas entrelaçados com motivações teológicas, morais e estéticas.

Foram esses viajantes, com solícito amparo de autoridades brasileiras – não somente foram autorizados, mas incentivados a visitar e a percorrer o país – os primeiros a efetivamente explorar, estudar e representar as imensas riquezas minerais, da exuberante natureza repleta de plantas e animais exóticos, bem como a variedade dos costumes, da política, das religiões, dentre outros aspectos da cultura brasileira. De acordo com Leite:

³⁸ SILVA, Andrée Mansuy-Diniz. Portugal e o Brasil: a reorganização do Império, 1750-1808. In: BETHELL, Leslie. **História da América Latina: a América Latina Colonial**. Vol. I; [Tradução de Maria Clara CESCATO]. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Brasília (DF): Fundação Alexandre Gusmão, 1997, p.480.

³⁹ SCHIAVINATTO, Iara Lis. Imagens do Brasil: entre a Natureza e a História. In: JANCÓS, István (Org.). **Brasil: formação do Estado e da Nação**. São Paulo: Hucitec; Ed. Unijuí; Fapesp, 2003, p.614.

⁴⁰ “O interesse pela ocupação e povoamento do Brasil interior manifestava-se também, na segunda metade do século [XIX], pelas novas tendências históricas que tinham em Capistrano de Abreu o seu mais desembaraço ideológico”. MAGNOLI, *op. cit.*, p.108-109.

estudos foram realizados por cientistas estrangeiros que viajaram pelo País, explorando-o, desvendando-o, rompendo o sigilo de segurança imposto pela Metrópole nos séculos anteriores. Nesse instante, interessava, não apenas à Corte, mas às outras nações da Europa, obter dados precisos sobre o Brasil⁴¹.

Os interesses de viajantes, naturalistas e artistas variavam entre questões pessoais e institucionais, condicionando as pesquisas sobre a natureza. No plano pessoal destaca-se o desejo da aventura, o da pesquisa, o de lazer e trabalho, motivados pela possibilidade de enriquecimento, projeção social, *status* ou simples deleite⁴². No plano institucional três aspectos são dominantes: as relações diplomáticas, o desenvolvimento científico e a criação de museus, e a investigação das potencialidades exploráveis (recursos naturais). Esses dois planos, ressalta Boaventura Leite, “se encontram de tal forma relacionados e interdependentes, que não é possível falar de um sem falar do outro”⁴³.

O certo é que viajantes perpassaram boa parte do território brasileiro com o apoio dos governos de seus países e do Brasil. O próprio governo português adotou, destaca Boaventura Leite⁴⁴, “uma postura de acolhimento e incentivo à vinda de missões científicas”, de eminentes naturalistas do mundo, levando a efeito preciosos estudos a respeito das grandes dimensões do território brasileiro, das potencialidades exploráveis, de espécies botânicas e zoológicas, da população aborígene, assim como dos artistas, que souberam captar o elemento novo, a situação diversa, os traços e os passos da brasilidade em formação. Embora esses notáveis e preciosos estudos, registros, observações, coletas e representações tivessem como destino os Estados/Nações ou instituições dos países de origem, que financiavam tais viajantes, o governo luso-brasileiro se beneficiou indiretamente desses ricos materiais que ajudaram a conhecer e a propagar a realidade do território brasileiro.

⁴¹ LEITE, Ilka Boaventura. **Antropologia da viagem**: escravos e libertos em Minas Gerais no século XIX. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996, p.46.

⁴² LEITE, Ilka Boaventura. **Antropologia da viagem**: escravos e libertos em Minas Gerais no século XIX. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996, p.59-61.

⁴³ *Idem*, p.57.

⁴⁴ *Idem*, p.62.

Interiorizar para expandir o conhecimento sobre as potencialidades contidas nas terras brasílicas foi o percurso da formação na nacionalidade brasileira, cujas raízes são: “obra de conquista territorial, de apropriação do espaço, de exploração do homem e da terra. De construção de uma sociedade e de um território”⁴⁵. É a relação do homem com a natureza que vai construir essa sociedade, relação esta intermediada pela representação da paisagem, criando assim uma paisagem cultural: “uma paisagem só natural e exuberante, longe de uma sociedade que fazia questão de se vestir à europeia e afastava a imagem da escravidão e da violência: falas mudas nesse cenário”⁴⁶, esclarece Schwarcz.

Assim, é indispensável destacar, em meio às descrições que se faziam do território, a emergência das representações do país pela paisagem, constituindo fonte valiosa de informação do projeto europeu de exploração e definição políticas e territoriais. A dimensão da paisagem foi uma das determinações fortes na formação da ideia de Brasil, de uma identidade brasileira no sentido de participação da paisagem num ciclo de mediação do território. Nesse sentido, a paisagem “foi-se consolidando em estreita relação com os projetos europeus de exploração e conquista do território e os projetos de construção dos estados-nação pelas potências imperiais”⁴⁷.

Na relação mantida com o vasto território percorrido, coube aos viajantes, naturalistas e artistas (*in situ*) perscrutar, investigar e indagar, a partir e para além do visto, as regiões percorridas. A partir daí, fazer-ver (*in visu*) por meio de uma imagem – “seja esta imagem mental, verbal, inscrita sobre uma tela”⁴⁸ – paisagens. Como se nota, a representação paisagística se estabelece como uma poetização do território, através de uma relação plástico-literária.

⁴⁵ MORAES, Antonio Carlos Robert. **Ideologias geográficas**. Espaço, cultura e política no Brasil. São Paulo, Hucitec, 1988, p.96.

⁴⁶ SCHWARCZ, Lilia K. Moritz. A natureza como paisagem: imagem e representação no Segundo Reinado. **Revista USP**. Coordenadoria de Comunicação Social, Universidade de São Paulo, n.º 1 (mar./maio, 1989). São Paulo, SP: USP, CCS, 1989, p.10. [ISSN 0103-9989]

⁴⁷ AZEVEDO, Ana Francisca de. **A ideia de paisagem**. Porto (PT): Livraria Figueirinhas, 2008, p.68.

⁴⁸ BESSE, Jean-Marc. **Ver a Terra**: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia. [tradução Vladimir BARTALINI]. São Paulo: Perspectiva, 2006, p.61.

Como bem observa Paul Claval⁴⁹, é através das paisagens que os viajantes, que utilizam os conhecimentos da geografia, “apreendem a natureza das regiões que percorrem” e procuram transmitir ou fazer conhecer a outrem por meio de registros e impressões representados na literatura, na arte e em mapas (meios fundamentais para o conhecimento geográfico). Com o desenvolvimento da ciência a partir do século XVIII (por isso denominado o século das Luzes), as viagens ganharam uma racionalidade científica, um planejamento e uma crescente espacialização, possibilitando aos naturalistas-viajantes do século XIX o conhecimento necessário para estudar *in loco* a natureza, tanto nos trópicos quanto na Europa: “a linguagem dos naturalistas progrediu de tal forma nos países europeus que existem palavras para descrever, onde quer que seja, as formas do terreno, a cobertura vegetal e as instalações humanas⁵⁰”, destaca Claval.

O geógrafo francês ressalta ainda que com tais avanços estabeleceu-se uma preocupação descritiva⁵¹ que assegura a emergência de uma imagem exata, de uma “apresentação viva” da paisagem. Os naturalistas viajantes de que nos fala Claval: “longe de serem estudiosos isolados, estavam ligados por uma formação comum, transmitida pelos enciclopedistas⁵², pelo sistema classificatório da natureza de Lineu e pela capacidade aglutinadora de Alexandre von Humboldt⁵³”.

Outro aspecto importante a destacar sobre os naturalistas é que eles consideravam tanto a arte quanto a ciência como métodos de aquisição de conhecimento. Dessa relação tênue entre arte e ciência emerge a paisagem como denominador comum dessa aliança – graças ao norteamento de Alexander von Humboldt em *Naturgemälde* (quadros da natureza) – com a finalidade de representar científica, poética e artisticamente os elementos da História Natural. O propósito dessa relação “era ultrapassar o trabalho da descoberta e da classificação

⁴⁹ CLAVAL, Paul. Paisagem dos geógrafos. In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Paisagem, textos e identidade**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004, p.16.

⁵⁰ CLAVAL, Paul. Paisagem dos geógrafos. In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Paisagem, textos e identidade**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004, p.16.

⁵¹ *Idem, Ibidem*.

⁵² A Enciclopédia francesa, dirigida por Denis DIDEROT e D’ALAMBERT, levou 21 anos para ficar pronta (1751-1772) e reuniu todo o conhecimento filosófico e científico do séc. XVIII, resultando numa coleção de 27 volumes, 72 mil artigos, em 16.500 páginas.

⁵³ LEITE, Miriam Moreira. **As viagens dos naturalistas**. São Paulo: Discurso Editorial. Vol. 3, 2002, p.2.337.

das espécies, para compreender e sentir a natureza na sua totalidade”⁵⁴. Nessa mesma esteira se posiciona Sevcenko, para quem “a arte da paisagem nasceu na zona de fronteira entre essas duas forças opostas [arte e ciência]” Com efeito, “qualquer que seja seu feitio ou condição, esse ícone [a paisagem] ao mesmo tempo ratifica o rigor da observação direta, ‘científica’, do artista e proporciona a dimensão evasiva da imagem, sua remissão ao imaginário mítico, seu valor exótico”⁵⁵.

Após a abertura dos portos, em 1808, foi intensa a visitação ao Brasil por viajantes europeus de diversas nacionalidades, que manifestaram enorme encantamento com a natureza física do país. Neste contexto, temos a realização de uma das mais importantes expedições científicas que percorreram o Brasil na primeira metade do século XIX – no período de 1822 a 1829 – a Expedição Langsdorff organizada pelo Barão Georg Heinrich von Langsdorff, diplomata, médico e naturalista de nacionalidade alemã, da qual passaremos a falar a seguir.

1.2 Notas sobre a biografia de Langsdorff

Nas palavras do geógrafo Friedrich Ratzel, o Barão Georg Henrich von Langsdorff, chefe da expedição russa que esteve no Brasil na primeira metade do século XIX, foi um “Naturalista e Viajante” (*Naturforscher und Reisender*). Nasceu na cidade de Wöllstein, no Hessen Renano, em 1774, Alemanha. Em 29 de junho de 1852, aos 78 anos, ele faleceu na cidade de Freiburg, em Breisgau. De 1783 a 1793, estudou nos ginásios da cidade de Buchsweiler, Alsácia e em Idstein, na região de Hessen Renano. Na Universidade de Göttingen dedicou-se particularmente ao estudo da medicina e das ciências naturais, doutorando-se aos 23 anos de idade em Medicina⁵⁶. Nessa universidade, sob a orientação do eminente naturalista e antropólogo alemão Johann Blumenbach, Langsdorff despertou o interesse pela História Natural e pelas viagens, visto que Blumenbach era chefe de uma escola de

⁵⁴ LISBOA, Karen Macknow. **A nova Atlântida de Spix e Martius**: natureza e civilização na *Viagem pelo Brasil* (1817-1820). São Paulo: Editora Hucitec: Fapesp, 1997, p.201.

⁵⁵ SEVCENKO, Nicolau. Dragões, borboletas e brasis. In: NASCIMENTO, Milton Meira do (Org.). **Jornal de resenhas**: seis anos. São Paulo: Discurso Editorial, 2001, p.57.

⁵⁶ RATZEL, Friedrich. Georg Heinrich Langsdorff. In: **Allgemeine Deutsche Biographie** 17, 1883, S. 689-690. A respeito da genealogia de Langsdorff, ver: ALBUQUERQUE, Francisco Tomasco de. **A descendência brasileira de Georg Heinrich Freiherr von Langsdorff**. Niterói: Instituto Cultural Frederico Guilherme de Albuquerque, 2002.

naturalistas e etnólogos, sendo um de seus alunos o naturalista Alexander Humboldt.

Logo após a titulação, Langsdorff partiu para Portugal como médico particular do príncipe Christian August von Waldeck, comandante militar do exército português. Com a morte do príncipe, Langsdorff começa a trabalhar no hospital alemão da Irmandade de S. Bartolomeu, em Lisboa. O médico formou rapidamente amplo círculo de conhecidos em Portugal. Foi o responsável por introduzir a vacina contra a varíola, descoberta três anos antes pelo Dr. Edward Jenner⁵⁷. Nas horas vagas, dedicava-se a pesquisas no terreno da História Natural, com destaque para os estudos em botânica, ictiologia e entomologia. Durante o período em que morou em Lisboa, Langsdorff publicou, em alemão e português, pesquisas realizadas na área de Medicina e História Natural, que lhe possibilitaram estabelecer contato com diversos cientistas europeus, dentre eles, o famoso viajante Auguste de Saint-Hilaire, com quem manteve assídua correspondência. Nesse período foi nomeado membro-correspondente da Academia Imperial de Ciências de São Petersburgo, com a qual já mantinha intercâmbio científico, e de instituições na França, nos principados alemães e na Inglaterra.

Em 1801, a Espanha invadiu Portugal e, mesmo com a ajuda dos ingleses, o exército português foi derrotado em poucos dias. Langsdorff decide unir-se às tropas auxiliares inglesas, atuando como médico cirurgião em campanha na Espanha até a assinatura de Paz de Amiens (1802). De acordo com Ratzel, após firmado o tratado de paz, Langsdorff retornou à Alemanha. Em Göttingen, dedicou-se à organização das ricas coleções de história natural (*reichen naturhistorischen sammlungen*) que havia formado durante o período em que permaneceu em Portugal e na Espanha⁵⁸. Ratzel salienta ainda que, por intermédio dos amigos russos que fez na Espanha, Langsdorff tomou conhecimento da viagem exploratória russa de circum-navegação por regiões desconhecidas do globo⁵⁹. Na qualidade de membro-correspondente da Academia de Ciências de São Petersburgo, Langsdorff se considerou no direito de

⁵⁷ FAUZER, Hildegard W. O Barão Georg Heinrich von Langsdorff. In: COSTA, Maria de Fátima G. *et al.* **O Brasil de Hoje no espelho do século XIX**: artistas alemães e brasileiros refazem a Expedição Langsdorff. São Paulo: Estação Liberdade, 1995, p.31-34.

⁵⁸ RATZEL, Friedrich. Georg Heinrich Langsdorff. In: **Allgemeine Deutsche Biographie** 17, 1883, S. 689-690.

⁵⁹ RATZEL, Friedrich. Georg Heinrich Langsdorff. In: **Allgemeine Deutsche Biographie** 17, 1883, S. 689-690.

solicitar sua candidatura a naturalista da expedição. As autoridades russas o alertaram, no entanto, da impossibilidade de sua participação, porque a expedição já havia partido e já contava com um naturalista. Langsdorff, nas palavras de Nicolau Sevcenko, “ignorou a advertência e partiu incontinenti, viajando por sete dias sem descanso, até alcançar a expedição em Warnemünde, rumo a Copenhague”. Ao se encontrar com os oficiais da frota, o naturalista “insistiu tão obstinadamente”, que acabou sendo aceito para exercer a função de ictiologista e mineralogista na expedição russa chefiada pelo capitão Krusenstern⁶⁰.

Em 1804, as embarcações *Nadiejda* e *Nieva* da expedição, após breve estada em Falmouth e nas Ilhas Canárias, chegaram às proximidades de São Miguel, em Santa Catarina, para conserto de um mastro avariado e reabastecimento dos estoques de água doce. Nessa região, Langsdorff pôde visitar, pesquisar e descrever com entusiasmo seu primeiro contato com o Brasil, que ele considerou “o país mais belo e mais rico do globo”⁶¹. O naturalista produziu uma série de observações científicas, enfatizando a flora e a fauna abundantes, bem como a grande hospitalidade dos habitantes da Vila de Nossa Senhora do Desterro.

Deixando a América do Sul, a expedição russa segue viagem de estudo pelas ilhas do Pacífico, Califórnia, Alasca, Japão, Sibéria, Kamtchatka, entre muitas outras regiões. Essa viagem ao redor do mundo proporcionou a Langsdorff a consolidação “como cientista-naturalista, etnógrafo e geógrafo”, na apropriada afirmação de Boris Komissarov.⁶²

Ao término da expedição em 1808, em São Petersburgo, Langsdorff foi nomeado assistente em botânica, na Academia de Ciências de São Petersburgo. Entre 1808 e 1812, o alemão permaneceu na Rússia, dedicando-se à organização dos materiais de história natural, etnografia e geografia, coletados no decorrer da viagem ao redor do mundo. Em 1812, alcança reconhecimento internacional com a publicação de sua obra intitulada *Notas sobre uma viagem ao redor do mundo, de*

⁶⁰ SEVCENKO, Nicolau. O paraíso revelado pela ciência ou o Dr. Langsdorff e o descobrimento russo do Brasil. BECHER, Hans. **O Barão Goerg Heinrich von Langsdorff**: pesquisas de um cientista alemão no século XIX. São Paulo: Edições diá; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1990, p.136.

⁶¹ LANGSDORFF, G. H. von. Bemerkungen auf einer Reise um die Welt in den Jahren 1803 bis 1807. In: HARO, AFONSO PALMA DE. (ORG.). **Ilha de Santa Catarina**: relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX. Florianópolis, Editora da UFSC/Editora Lunardelli, 1990, p.183.

⁶² KOMISSAROV, Boris. **História da Expedição Langsdorff no Brasil**. [tradução de Marcos Pinto Braga]. São Paulo: Cia Aluminis, 1996, p.8.

1803 a 1807⁶³. Georg Heinrich von Langsdorff é nomeado Conselheiro da corte russa pelo czar Alexandre I e elevado à nobreza, recebendo a cidadania russa. Assim passa a ser conhecido, na Rússia, como Grigori Ivanovitch Langsdorff.

Embora Langsdorff tenha viajado por quase meio mundo, visitando os mais pitorescos lugares, a “sua primeira e forte impressão sobre o Brasil se manteve inalterada”⁶⁴. O impacto que a natureza tropical causou no naturalista foi determinante para motivá-lo a pedir ao chanceler Rumiantsev, desde há muito seu protetor, que o indicasse para o cargo de cônsul no Brasil. A formação de Langsdorff contribuiu decisivamente para sua nomeação como cônsul-geral da Rússia no Rio de Janeiro: era cientista e viajante, pessoa de conhecimentos amplos e dominava perfeitamente o português⁶⁵. Suas principais atribuições como funcionário consular eram:

estudar detalhadamente o mercado brasileiro e auxiliar os mercadores russos no Rio de Janeiro, e também providenciar abastecimento para os navios da Companhia Russo-Americana e outros barcos russos, quando de suas estadas naquele porto⁶⁶.

Langsdorff inicia sua viagem para o Rio de Janeiro, partindo de Portsmouth, na Inglaterra, em 5 de abril de 1813, tendo cruzado o oceano Atlântico em 67 dias, como indica Manizer⁶⁷.

Nos primeiros anos no Brasil, além das obrigações relacionadas ao cargo de cônsul, Langsdorff frequentemente assumiu funções diplomáticas, “na qualidade de

⁶³ Publicado em alemão em 1812 em Frankfurt am Main, e, um ano depois, em Londres. Trabalhamos com a tradução do texto integral que faz parte da obra *Ilha de Santa Catarina: relatos de viajantes nos séculos XVIII e XIX*. LANGSDORFF, G. H. von. *Bemerkungen auf einer Reise um die Welt in den Jahren 1803 bis 1807*. In: HARO, AFONSO PALMA DE. (ORG.). **Ilha de Santa Catarina**: relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX. Florianópolis, Editora da UFSC/Editora Lunardelli, 1990, p.161.

⁶⁴ SEVCENKO, Nicolau. O paraíso revelado pela ciência ou o Dr. Langsdorff e o descobrimento russo do Brasil. BECHER, Hans. **O Barão Goerg Heinrich von Langsdorff**: pesquisas de um cientista alemão no século XIX. São Paulo: Edições diá; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1990, p.139.

⁶⁵ KOMISSAROV, Boris. O acadêmico G.I. Langsdorff e sua expedição ao Brasil em 1821-1829. In: BERTELS, D.E, B. N. KOMISSAROV, T. I. LICENKO (orgs). **O acadêmico G.I. Langsdorff e sua expedição ao Brasil em 1821-1829**: catálogo completo do material existente nos arquivos da União Soviética. Coordenação de L. A. Chur [tradução e pesquisa bibliográfica de Marcos Pinto Braga]. Brasília: Secretária do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional Pró-Memória, 1988, p.24.

⁶⁶ *Idem, ibidem*.

⁶⁷ MANIZER, Guenrikh Guenrikhovitch. **A expedição do Acadêmico Langsdorff ao Brasil**. Rio de Janeiro: Brasiliana, 1967, p.47.

encarregado de negócios”⁶⁸. Como destaca Sevcenko, “ambições políticas e econômicas à parte, Langsdorff foi desde o início tomado de um irresistível fascínio pela natureza do Brasil”⁶⁹. Assim, paralelamente às atribuições diplomáticas, Langsdorff dedicou-se incansavelmente às suas pesquisas científicas sobre história natural, etnografia e geografia. Tais atividades podem ser comprovadas em carta enviada à Academia de São Petersburgo, um mês após sua chegada ao Rio de Janeiro, conforme nos indica Manizer, em sua obra sobre a expedição de Langsdorff no Brasil. Nessa carta, Langsdorff elabora uma descrição de um índio da tribo dos Botocudos, que viviam “entre as províncias de Minas Gerais e Rio Doce”. O naturalista alemão ressaltou com pormenorizada descrição a “admirável semelhança que, em sua opinião, existe entre essa tribo e os habitantes da costa oeste-setentrional da América do Norte, que ele conheceu no curso de sua viagem de circum-navegação da Terra”⁷⁰.

Inicialmente, o Cônsul efetuou pequenas excursões aos arredores do Rio de Janeiro, tendo como auxiliar Georg Wilhelm Freyreiss, taxidermista e herborista, que chegou ao Rio no final do mês de agosto de 1813, vindo de São Petersburgo. Decorridos três anos de sua chegada ao Brasil, a vida na cidade não mais satisfazia Langsdorff, e “seu incansável ímpeto de pesquisador o levava para o campo”⁷¹. Assim sendo, o médico alemão adquiriu uma fazenda localizada ao fundo da Baía de Guanabara (hoje município de Magé, RJ), onde começava a subida da Serra da Estrela, às margens da assim chamada “Estrada da Proença”, também conhecida como “Caminho Novo das Minas”, que conduzia tropeiros ao interior das Minas Gerais. Estava, portanto, localizada em uma região privilegiada pela natureza. A fazenda denominada *Mandioca* foi adquirida no final de setembro de 1816 e seria

⁶⁸ KOMISSAROV, Boris. O acadêmico G.I. Langsdorff e sua expedição ao Brasil em 1821-1829. In: BERTELS, D.E, B. N. KOMISSAROV, T. I. LICENKO (orgs). **O acadêmico G.I. Langsdorff e sua expedição ao Brasil em 1821-1829**: catálogo completo do material existente nos arquivos da União Soviética. Coordenação de L. A. Chur [tradução e pesquisa bibliográfica de Marcos Pinto Braga]. Brasília: Secretária do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional Pró-Memória, 1988, p.25.

⁶⁹ SEVCENKO, Nicolau. O paraíso revelado pela ciência ou o Dr. Langsdorff e o descobrimento russo do Brasil. BECHER, Hans. **O Barão Goerg Heinrich von Langsdorff**: pesquisas de um cientista alemão no século XIX. São Paulo: Edições diá; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1990, p.139

⁷⁰ MANIZER, Guenrikh Guenrikhovitch. **A expedição do Acadêmico Langsdorff ao Brasil**. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1967, p.47.

⁷¹ BECHER, Hans. **O Barão Goerg Heinrich von Langsdorff**: pesquisas de um cientista alemão no século XIX. São Paulo: Edições diá; Brasília (DF): Editora Universidade de Brasília, 1990, p.28.

transformada pelo seu proprietário em um instituto científico: organizavam-se pesquisas em vários ramos da ciência e da economia, “uma brilhante fase para a pesquisa sobre a natureza e etnografia no Brasil”⁷². Além disso, Langsdorff possuía uma extraordinária biblioteca científica, “constituída de livros escolhidos sobre todos os ramos da ciência”⁷³, um herbário, um jardim botânico e coleções zoológicas e minerais. Ademais, foi realizada na Mandioca uma expressiva tentativa de colonização estrangeira pelo Barão Langsdorff. A propriedade era constituída de uma ampla casa de dois andares, um depósito, e outras casas, que eram arrendadas a viajantes, moinho de roda d’água, plantação de café, de mandioca, milho, índigo, além de batata, banana e noz-moscada. A fazenda contava ainda com 36 escravos, com os quais Langsdorff mantinha uma “relação humana”, tendo como base o trabalho livre, o que o diferenciava dos fazendeiros vizinhos à sua propriedade⁷⁴. Mas não era simplesmente uma propriedade, era “algo mais do que simples cobiça colonialista”, como frisa Sevckenko:

Langsdorff tentou implantar ali um projeto-piloto, extremamente ousado, de introdução à agricultura racional científica e diversificada, destinado a demonstrar experimentalmente a sua hipótese sobre a ecologia excepcional do trópico brasileiro. Foi o que o levou também a tentar substituir o escravo pelo imigrante europeu, num experimento que envolvia transformar sua fazenda-modelo num protótipo que seria o oposto da monocultura exportadora e predatória implantada pelo colonialismo no Brasil e nos trópicos em geral⁷⁵.

Quase todos os cientistas e artistas europeus que chegavam ao Rio de Janeiro eram hóspedes na fazenda Mandioca, que também chegou a ser visitada

⁷² BECHER, Hans. **O Barão Goerg Heinrich von Langsdorff**: pesquisas de um cientista alemão no século XIX. São Paulo: Edições diá; Brasília (DF): Editora Universidade de Brasília, 1990, p.28.

⁷³ KOMISSAROV, Boris. O acadêmico G.I. Langsdorff e sua expedição ao Brasil em 1821-1829. In: BERTELS, D.E, B. N. KOMISSAROV, T. I. LICENKO (orgs). **O acadêmico G.I. Langsdorff e sua expedição ao Brasil em 1821-1829**: catálogo completo do material existente nos arquivos da União Soviética. Coordenação de L. A. Chur [tradução e pesquisa bibliográfica de Marcos Pinto Braga]. Brasília: Secretária do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional Pró-Memória, 1988, p.25.

⁷⁴ Cf. KOMISSAROV, Boris. **Expedição Langsdorff: acervo e fontes históricas**. São Paulo: Editora Unesp, 1994, p.17.

⁷⁵ SEVCENKO, Nicolau. O paraíso revelado pela ciência ou o Dr. Langsdorff e o descobrimento russo do Brasil. BECHER, Hans. **O Barão Goerg Heinrich von Langsdorff**: pesquisas de um cientista alemão no século XIX. São Paulo: Edições diá; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1990, p.141.

pelos próprios imperadores do Brasil, Dom Pedro I e Dona Leopoldina. Langsdorff morava na fazenda com sua esposa e mais três filhos, que nasceram no Brasil.

Hans Becher aponta que o caminho de acesso à fazenda, no século XIX, exigia grande esforço do viajante: “tinha-se de velejar de navio um dia inteiro ou uma noite toda através da baía de Guanabara até Porto de Estrela, ponto de partida, no continente, da estrada do Rio de Janeiro a Minas Gerais”. Nesse ponto, “a bagagem era transportada por cavalos e jumentos, necessitando-se ainda de um dia de viagem pela estrada calçada rumo a Minas Gerais, que passava próximo à fazenda Mandioca”⁷⁶. No decorrer do caminho só havia cabanas de madeira que serviam de pousada, tornando o percurso ainda mais fatigante.

A fazenda Mandioca era famosa em todo o Brasil e na Europa como fazenda-modelo. Foi um dos lugares constantemente frequentados por viajantes estrangeiros. Encontravam-se também ali “representantes da intelectualidade da capital, artistas locais ou marinheiros russos”. Viajantes como Spix e Martius, John Luccock, Johann Emanuel Pohl, para citar somente alguns, legaram-nos extensos relatos sobre esse “centro cultural do Brasil de então”⁷⁷.

Langsdorff realizou constantes excursões aos arredores do Rio de Janeiro, sozinho ou acompanhado de Freyreiss e/ou outros cientistas. Freyreiss mais tarde se associou ao geólogo e geógrafo Wilhelm Ludwig Freiherr von Eschwege e, posteriormente, ao príncipe Maximilian zu Wied-Neuwied. No Brasil, em especial na fazenda Mandioca, Langsdorff alargou consideravelmente seu círculo de amizades com importantes cientistas. Em 1816, quando Auguste de Saint-Hilaire chegou ao Brasil, acompanhando a missão extraordinária do duque de Luxemburgo, Langsdorff realizou com ele uma viagem a Minas Gerais, onde visitaram von Eschwege. O convite para a viagem partiu do jovem botânico brasileiro Antônio Ildefonso Gomez, que estudava ciências naturais e medicina no Rio de Janeiro. Saint-Hilaire e Langsdorff que estava de férias aceitaram o convite do jovem botânico para hospedarem-se na fazenda de seus pais em Itajuru, próximo ao rio Piracicaba. De

⁷⁶ BECHER, Hans. **O Barão Goerg Heinrich von Langsdorff**: pesquisas de um cientista alemão no século XIX. São Paulo: Edições diá; Brasília (DF): Editora Universidade de Brasília, 1990, p.29.

⁷⁷ KOMISSAROV, Boris. O acadêmico G.I. Langsdorff e sua expedição ao Brasil em 1821-1829. In: BERTELS, D.E, B. N. KOMISSAROV, T. I. LICENKO (orgs). **O acadêmico G.I. Langsdorff e sua expedição ao Brasil em 1821-1829**: catálogo completo do material existente nos arquivos da União Soviética. Coordenação de L. A. Chur [tradução e pesquisa bibliográfica de Marcos Pinto Braga]. Brasília: Secretária do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional Pró-Memória, 1988, p.25-26.

lá, realizaram viagens científicas a Ouro Preto, capital da província, a Sabará, São João del-Rei, Congonhas e outras cidades e povoações. A viagem foi recompensada com uma rica e abundante coleção de plantas raras. Saint-Hilaire continuou sua viagem por Minas Gerais, enquanto “Langsdorff e Gomez, cujas férias já haviam terminado, puseram-se a caminho de casa, chegando ao Rio de Janeiro em meados de fevereiro de 1817”⁷⁸.

Após seu regresso à fazenda Mandioca, Langsdorff enviou um relatório a Karl Nesselrode, Ministro de Assuntos Estrangeiros da Rússia, expondo as características e a situação econômica de Minas Gerais em seus detalhes. O Cônsul descreveu “a agricultura, a extração do ouro, as ferrarias, os costumes da população e aspectos das cidades”, sublinha Komissarov⁷⁹.

1.3 A expedição científica russa ao interior do Brasil

A partir de 1817, o Brasil surgia como nação, despertando a cobiça e a curiosidade de inúmeros viajantes, cientistas e artistas da Áustria, Baviera, Prússia, França, Inglaterra, dentre outras nações. Muitos desses viajantes compunham a comitiva da arquiduquesa Leopoldina da Áustria, uma grande incentivadora das ciências naturais, que viajava para o Brasil para casar-se com Dom Pedro I. Todos esses viajantes “tinham uma relação íntima e amigável com von Langsdorff, com o qual muitos realizaram excursões”⁸⁰. Komissarov destaca os encontros com os cientistas europeus,

a larga experiência adquirida em viagens nos anos passados, os contatos de caráter profissional e particular possibilitando-o conhecer melhor as condições políticas e econômicas do Brasil, levaram Langsdorff a pensar na organização de uma grande expedição

⁷⁸ BECHER, Hans. **O Barão Goerg Heinrich von Langsdorff**: pesquisas de um cientista alemão no século XIX. São Paulo: Edições diá; Brasília (DF): Editora Universidade de Brasília, 1990, p.39.

⁷⁹ AVPR, Fundo Chancelaria, 1817, assunto 9.934, folhas 1-4 verso. *Apud.* KOMISSAROV, Boris. O acadêmico G.I. Langsdorff e sua expedição ao Brasil em 1821-1829. *In:* BERTELS, D.E, B. N. KOMISSAROV, T. I. LICENKO (orgs). **O acadêmico G.I. Langsdorff e sua expedição ao Brasil em 1821-1829**: catálogo completo do material existente nos arquivos da União Soviética. Coordenação de L. A. Chur [tradução e pesquisa bibliográfica de Marcos Pinto Braga]. Brasília: Secretária do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional Pró-Memória, 1988, p.25-26.

⁸⁰ BECHER, Hans. **O Barão Goerg Heinrich von Langsdorff**: pesquisas de um cientista alemão no século XIX. São Paulo: Edições diá; Brasília (DF): Editora Universidade de Brasília, 1990, p.40.

científica russa, para estudar a natureza, as populações e a economia do Brasil, em todos os aspectos⁸¹.

Em 1820, Langsdorff viajou à Europa com o objetivo de organizar a grande expedição ao Brasil e o seu projeto de colonização na fazenda Mandioca. Nesse empreendimento, “resolveu investir grande parte da herança há pouco recebida, após a morte, em Frankfurt, de seu tio por parte de mãe e conselheiro secreto de De Koch”⁸². O naturalista passou por Paris, Munique e Berlim, “onde aprofundou seus contatos científicos, distribuindo generosamente aos museus locais os grandes tesouros botânicos e zoológicos por ele coletados” no Brasil⁸³.

Em 1821, o Barão Langsdorff chegou a São Petersburgo, levando consigo extraordinárias coleções científicas e um relato sobre suas pesquisas no Brasil. De acordo com Komissarov, em 13 de junho desse ano, Langsdorff encaminhou a Karl Nesselrode, o então Ministro das Relações Exteriores da Rússia, um projeto de expedição pelo interior do Brasil, objetivando descobertas “científicas, geográficas, estatísticas e outras pesquisas, estudo sobre produtos não conhecidos no mercado, coleção de objetos de todo reino natural”⁸⁴. O projeto foi aprovado e largamente financiado pelo Czar Alexandre I.

Langsdorff estava tão confiante na realização da expedição russa pelo interior do Brasil que, ainda em outubro de 1820, convidou para participar da futura expedição Eduard Ménétrières, zoólogo francês de 18 anos, discípulo dos famosos naturalistas franceses G. Cuvier e P. Latreill. Ménétrières acompanhou Langsdorff como encarregado dos estudos zoológicos. Além de realizar viagens pela província

⁸¹ KOMISSAROV, Boris. O acadêmico G.I. Langsdorff e sua expedição ao Brasil em 1821-1829. In: BERTELS, D.E, B. N. KOMISSAROV, T. I. LICENKO (orgs). **O acadêmico G.I. Langsdorff e sua expedição ao Brasil em 1821-1829: catálogo completo do material existente nos arquivos da União Soviética**. Coordenação de L. A. Chur [tradução e pesquisa bibliográfica de Marcos Pinto Braga]. Brasília: Secretária do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional Pró-Memória, 1988, p.26.

⁸² KOMISSAROV, Boris. A expedição do acadêmico G.I. Langsdorff e seus artistas ao Brasil. In: **Expedição Langsdorff ao Brasil, 1821-1829**. Iconografia do Arquivo da Academia de Ciências da União Soviética. Reprodução fotográfica por Claus C. Meyer. Texto por Boris Komissarov. Classificação científica e comentários por Luiz Emygdio de Mello Filho e outros. Vol. II. Rio de Janeiro, Edições Alumbamento/Livroarte Editora, 1988, p.11.

⁸³ BECHER, Hans. *op. cit.* p.49.

⁸⁴ KOMISSAROV, Boris. O acadêmico G.I. Langsdorff e sua expedição ao Brasil em 1821-1829. In: BERTELS, D.E, B. N. KOMISSAROV, T. I. LICENKO (orgs). **O acadêmico G.I. Langsdorff e sua expedição ao Brasil em 1821-1829: catálogo completo do material existente nos arquivos da União Soviética**. Coordenação de L. A. Chur [tradução e pesquisa bibliográfica de Marcos Pinto Braga]. Brasília: Secretária do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional Pró-Memória, 1988, p.26-27.

do Rio de Janeiro, participou da expedição durante todo o percurso a Minas Gerais, deixando o grupo em junho de 1825.

Em São Petersburgo, por intermédio de seu amigo, o renomado navegador russo Vassíli Mikháilovitch Golovnin, Langsdorff conheceu Néster Gavrílovitch Rubtsov, graduado pela Escola de Navegação da Frota do Báltico. Rubtsov foi responsável pela confecção dos mapas e plantas das regiões visitadas, tendo a disposição um excelente conjunto de instrumentos astronômicos de fabricação inglesa. O astrônomo veio ao Brasil em maio de 1822 e passou a ser o braço direito de Langsdorff durante todos os anos, assumindo o comando da expedição, quando uma grave doença acometeu Langsdorff, até concluí-la com sucesso. Os mapas de Rubtsov são a primeira experiência de extenso mapeamento de área do território brasileiro. Os trabalhos do talentoso russo, que não se limitam à astronomia e à cartografia, contêm uma quantidade enorme de informações que podem ser utilizadas em diversos ramos do conhecimento.

Pela larga experiência adquirida em viagens anteriores, o Barão Langsdorff sabia da importância de um artista para o êxito da expedição científica: “para a prolongada expedição ao Brasil, um artista era absolutamente indispensável. A vasta região latino-americana permanecia quase desconhecida para a ciência” e poucos foram, como destaca Komissarov, os pintores profissionais europeus que ali trabalharam⁸⁵. Após deixar São Petersburgo, Langsdorff retornou para a Alemanha, onde providenciou imediatamente todos os preparativos para a grande expedição ao Brasil, tanto no que se refere a recursos humanos quanto materiais. Foi por intermédio do naturalista W. F. Karvinski que Johann Moritz Rugendas, de 19 anos, estudante da Academia de Belas Artes, soube da presença do Cônsul Langsdorff em Munique e foi ao seu encontro propor seus serviços⁸⁶. O contrato foi firmado em Munique, no dia 19 de setembro de 1821.

No início de 1822, Langsdorff partiu de Bremen no navio *Doris*, chegando ao Rio de Janeiro no dia 5 de março desse mesmo ano, juntamente com Ménétrès, Rugendas, os colonos, seu filho Karl Georg, de 13 anos, sua segunda esposa,

⁸⁵ KOMISSAROV, Boris. A expedição do acadêmico G.I. Langsdorff e seus artistas ao Brasil. In: **Expedição Langsdorff ao Brasil, 1821-1829**. Iconografia do Arquivo da Academia de Ciências da União Soviética. Reprodução fotográfica por Claus C. Meyer. Texto por Boris Komissarov. Classificação científica e comentários por Luiz Emygdio de Mello Filho e outros. Vol. II. Rio de Janeiro, Edições Alumbamento/Livroarte Editora, 1988, p.12.

⁸⁶ *Idem, Ibidem*.

Wilhelmine, com a mãe e o primo Ernst Henrich. Os porões do navio estavam repletos de equipamentos e de carga, o que demonstra o cuidado com que o médico alemão preparou-se para a realização da expedição científica. A relação da bagagem apresentada às autoridades do Rio de Janeiro era composta de:

centenas de livros, entre os quais edições antigas e de valor; cerca de 150 litografias e desenhos; 58 aparelhos óticos; coleções de ciências naturais com quase 300 objetos; plantas vivas; papel de diversas qualidades; armas e chumbo⁸⁷.

Para Boris Komissarov, nenhuma expedição científica ao Brasil, “contemporânea a Langsdorff, preparou-se de tal maneira”. Além disso, diferencia-se das demais expedições não só pelos equipamentos arrolados acima, mas por outra singularidade importante: “simultaneamente à viagem científica de exploração do Brasil, Langsdorff pretendia contribuir com o desenvolvimento do país”⁸⁸.

Langsdorff permaneceu os primeiros meses de 1822 no Rio de Janeiro, resolvendo problemas relacionados com os colonos alemães e suíços. Ménériès e Rugendas permaneciam na fazenda realizando pequenas excursões pelas imediações. A região oferecia ao zoólogo Ménériès uma excelente oportunidade de coleta de insetos e pequenos animais. Nesse período, Rugendas retrata a paisagem natural, a fauna, a flora e as vistas da cidade do Rio de Janeiro, pois o artista ia constantemente à capital, fazendo amizade com os artistas da Missão Artística Francesa. Em maio de 1822 uniu-se a eles o encarregado de observações astronômicas e magnéticas, além da composição dos mapas, Néster Gavrílovitch Rubtsov. Juntamente com Rubtsov, chegaram também no navio *Apolo* os aparelhos que o astrônomo havia encomendado, a saber: “cronômetro, sextante, seis termômetros, uma bússola grande e outra pequena, hidrômetro, agulha magnética e um pedômetro de prata”⁸⁹.

Na fazenda, os participantes esperavam com impaciência o início da expedição. Não poderia ter sido pior a escolha da época para se organizar uma

⁸⁷ KOMISSAROV, Boris. **História da Expedição Langsdorff no Brasil**. [tradução de Marcos Pinto Braga]. São Paulo: Cia Aluminis, 1996, p.29-30.

⁸⁸ *Idem*, p.30.

⁸⁹ *Idem*, p.31-32.

grande expedição ao interior do Brasil: no início de 1822, o Brasil e, principalmente, o Rio de Janeiro, encontrava-se em pleno momento de efervescência política com o processo de independência do país. Problemas de várias ordens retardam por dois anos o início das viagens da expedição russa ao interior do Brasil.

Diante de tal conjuntura, Langsdorff tomou providências para que fossem iniciadas pesquisas na província do Rio de Janeiro, pois as excursões aos redores da fazenda já não satisfaziam os jovens membros da expedição. Enviou uma carta a José Bonifácio, solicitando “seus bons ofícios no sentido de que o Príncipe-Regente D. Pedro autorizasse o início da expedição”⁹⁰. Enquanto aguardavam a resposta, partiram para as pesquisas de campo pela província, dirigindo-se a Serra dos Órgãos que, apesar da proximidade, era uma região pouco conhecida⁹¹. Em setembro, o chefe da expedição resolveu viajar a Nova Friburgo. Partindo da fazenda Mandioca, Ménétrès e Rugendas chegam em 6 de setembro no lugarejo denominado Córrego Seco, onde esperam por Langsdorff e Rubtsov, que chegam quatro dias depois. Juntos, a expedição segue em direção ao norte, até a aldeia de Sumidouro, de onde rumam para leste. Em decorrência do mau tempo, regressam à fazenda e ao Rio de Janeiro. Assim, no dia 12 de outubro, como demonstra Komissarov, “Langsdorff e seus companheiros estavam na capital, por ocasião da proclamação de D. Pedro como Imperador do Brasil independente”⁹².

Em seguida a este acontecimento, a viagem é retomada. Seguindo um novo caminho, com o objetivo de explorar o território, a expedição chega a Nova Friburgo em 23 de novembro de 1822. Os poucos meses de trabalho de campo demonstraram a Langsdorff o potencial do grupo, que continuava explorando parte considerável da província do Rio de Janeiro: tomado em seu conjunto, “o trajeto foi bastante original, e somente em raras oportunidades cruzava com territórios já

⁹⁰ KOMISSAROV, Boris. O acadêmico G.I. Langsdorff e sua expedição ao Brasil em 1821-1829. In: BERTELS, D.E., B. N. KOMISSAROV, T. I. LICENKO (orgs). **O acadêmico G.I. Langsdorff e sua expedição ao Brasil em 1821-1829: catálogo completo do material existente nos arquivos da União Soviética.** Coordenação de L. A. Chur [tradução e pesquisa bibliográfica de Marcos Pinto Braga]. Brasília: Secretária do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional Pró-Memória, 1988, p.30.

⁹¹ Cf. KOMISSAROV, Boris. **História da Expedição Langsdorff no Brasil.** [tradução de Marcos Pinto Braga]. São Paulo: Cia Aluminis, 1996, p.32-33.

⁹² KOMISSAROV, Boris. A expedição do acadêmico G.I. Langsdorff e seus artistas ao Brasil. In: **Expedição Langsdorff ao Brasil, 1821-1829.** Iconografia do Arquivo da Academia de Ciências da União Soviética. Reprodução fotográfica por Claus C. Meyer. Texto por Boris Komissarov. Classificação científica e comentários por Luiz Emygdio de Mello Filho e outros. Vol. II. Rio de Janeiro, Edições Alumbamento/ Livroarte Editora, 1988, p.13.

estudados pelas expedições europeias do começo do século XIX”⁹³.

A preocupação de Langsdorff era com o jovem pintor Rugendas, que revelava o seu caráter insubmisso, independente, levando-o, antes da viagem a Nova Friburgo, a um possível rompimento de contrato com Langsdorff. Na ocasião, Rugendas passou uma temporada no Rio de Janeiro, presenciando os eventos da independência no país e estabelecendo contatos com a Missão Artística Francesa, que chegara ao Brasil em 1816. Após dois meses de permanência no Rio de Janeiro, Rugendas retornou à Mandioca e Langsdorff admitiu-o novamente.

No dia 11 de dezembro retornam todos à Mandioca, tendo percorrido vasto território do Rio de Janeiro num período de apenas três meses. Na fazenda encontram Riedel. Ludwig Riedel nasceu em Berlim, em 1791. Desde cedo ele demonstrou interesse pelas ciências naturais, e quando ainda muito jovem percorreu parte da Europa estudando botânica e jardinagem. O botânico alemão tinha viajado sozinho ao Brasil. Sua chegada ao país, na província da Bahia, ocorreu antes de seu encontro com os demais participantes da expedição. Morou mais de um ano em Ilhéus, “colecionando herbário e passando por duras necessidades e doenças, até que, finalmente, escreveu a Langsdorff pedindo ajuda”⁹⁴. Com 31 anos de idade, Riedel assina contrato com o cônsul russo Langsdorff para tomar parte, como botânico, em sua expedição científica pelo Brasil.

Coleções sobre ciências naturais, etnografia, manuscritos, mapas, desenhos da fauna, da flora, das paisagens e vistas da província do Rio de Janeiro, entre outros materiais, coletados e produzidos nas excursões aos redores da fazenda Mandioca e a Nova Friburgo começaram a ser enviados a São Petersburgo a partir do ano de 1822, através de navios russos que faziam viagens de circum-navegação.

Em fevereiro de 1824, o Barão Langsdorff pediu novamente às autoridades brasileiras permissão para iniciar explorações nas províncias de Minas Gerais, São Paulo, Goiás, Mato Grosso, entre outras regiões. Prontamente, D. Pedro I “promulgou um decreto regulamentando a assistência a ser prestada à Expedição. Ela ficaria isenta do pagamento de taxas nas fronteiras entre as províncias e a

⁹³ KOMISSAROV, Boris. O acadêmico G.I. Langsdorff e sua expedição ao Brasil em 1821-1829. In: BERTELS, D.E, B. N. KOMISSAROV, T. I. LICENKO (orgs). **O acadêmico G.I. Langsdorff e sua expedição ao Brasil em 1821-1829: catálogo completo do material existente nos arquivos da União Soviética.** Coordenação de L. A. Chur [tradução e pesquisa bibliográfica de Marcos Pinto Braga]. Brasília: Secretária do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional Pró-Memória, 1988, p.30.

⁹⁴ *Idem, ibidem.*

travessia dos rios seria gratuita”, destaca Boris Komissarov⁹⁵.

Iniciam-se os preparativos para a viagem. Além de Langsdorff, participaram dela Riedel, Ménériès, Rubtsov e Rugendas, que acompanha a excursão à Província de Minas Gerais, mas logo se desentende com Langsdorff e abandona o grupo. Após a saída de Rugendas, o chefe da expedição contrata Aimé-Adrien Taunay como primeiro-desenhista e Hercules Florence como segundo-desenhista, ambos ingressando na expedição em 1825. A esposa de Langsdorff, Wihelmine von Langsdorff, foi a única mulher a seguir a expedição. Ela acompanhou a expedição do fim de abril de 1826 até 14 de maio de 1827, quando descobriu que estava grávida. A expedição era composta ainda por empregados, escravos “libertos”, caçadores, guias e piloto.

Deu-se início às viagens de pesquisa no ano de 1824. O roteiro da viagem planejada por Langsdorff descrevia um amplo círculo, que abrangia a maior parte do território brasileiro, *desdobrando-se principalmente ao longo dos espaços interiores, como frisa Aziz Ab’Sáber*⁹⁶. Tal roteiro foi realizado em duas etapas. A primeira percorreu as províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais. A segunda partiu da fazenda Mandioca, passando pelo Rio de Janeiro, Santos, São Paulo e Porto Feliz, às margens do rio Tietê, ponto de partida para a viagem fluvial, onde Langsdorff declara: “cresce em mim o desejo de alcançar o fim último da minha empreitada em prol da ciência, que é chegar até o maior rio da Terra”⁹⁷. Provavelmente estava falando do rio Amazonas. Mais adiante, em tom irônico, apresenta o esboço da grande viagem:

De Porto Feliz (espero que seja feliz pra mim também), acompanha-se o Tietê até alcançar um dos maiores rios da Terra, o Paraná, que

⁹⁵ KOMISSAROV, Boris. **História da Expedição Langsdorff no Brasil**. [tradução de Marcos Pinto Braga]. São Paulo: Cia Aluminis, 1996, p.39.

⁹⁶ AB’SÁBER, Aziz Nacib. O roteiro de Langsdorff hoje. **Anais**. II Seminário internacional sobre o acervo da expedição científica de G.I. Langsdorff. Brasília: Secretaria da Ciência e Tecnologia: São Paulo: Universidade de São Paulo, 1990, p.23.

⁹⁷ SILVA, Danuzio Gil Bernardino (org.). **Os diários de Langsdorff**. Vol. II. São Paulo, 26 de agosto de 1825 a 22 de novembro de 1826. [tradução de Márcia Nascimento Egg *et al.*]. Campinas: Associação Internacional de Estudos Langsdorff; Rio de Janeiro: Fiocruz, 1997, p.40.

deságua no rio de La Plata. Segue-se pelo Paraná cerca de 1,5 graus geográficos até a foz do rio Pardo⁹⁸.

Trata-se especificamente do caminho das monções. A esse respeito, Ab'Sáber elucida que “Langsdorff sabia ouvir. Era um homem de boa conversa, em termos das pessoas esclarecidas que poderiam dar-lhe conselhos”⁹⁹. Em Itu, graças às sugestões da família Álvares Machado, ele:

ao invés de seguir o roteiro de Goiás pela pressão periférica paulista, ao longo da área de mosaicos de cerrados e matas da depressão periférica paulista, na direção de Mococa, depois Ribeirão Preto e chegar pelo Triângulo Mineiro até Goiás, ele resolve adotar a fórmula mais difícil. A fórmula que historicamente havia sido tentada nos fins do século XVIII pelas Monções, seguindo o caminho das Monções¹⁰⁰.

Reconstituindo o percurso da Expedição Langsdorff, constata-se que eles seguiram pelo Tietê até a foz, desceram o Paraná até a embocadura do Pardo, subiram o Pardo até o rio Anhanduí em direção a Camapuã, na província de Mato Grosso. No decorrer desse percurso realizam pequenas excursões através de outros cursos d'água, como no rio Verde ou em correntes secundárias da região.

Em Mato Grosso, com vistas à exploração de uma área maior, Langsdorff decidiu dividir a expedição em dois grupos: “Riedel e Taunay deviam seguir para Vila Bela de Mato Grosso, à margem do Guaporé, e dali descerem pelo Mamoré e Madeira ao ‘rio Amazonas’ e, por este, prosseguir até a foz do rio Negro”; os do outro grupo, encabeçado por Langsdorff, “deviam atingir o Amazonas, descendo pelo Arinos, Juruena e Tapajós. Na Barra do Rio Negro, atual cidade de Manaus, ambas as partes da expedição deviam reencontrar-se”¹⁰¹. Entretanto, a sorte de ambas foi trágica e tornou impossível o prosseguimento da viagem.

⁹⁸ SILVA, Danuzio Gil Bernardino (org.). **Os diários de Langsdorff**. Vol. II. São Paulo, 26 de agosto de 1825 a 22 de novembro de 1826. [tradução de Márcia Nascimento Egg *et al.*]. Campinas: Associação Internacional de Estudos Langsdorff; Rio de Janeiro: Fiocruz, 1997, p.41.

⁹⁹ AB'SÁBER, Aziz Nacib. O roteiro de Langsdorff hoje. **Anais**. II Seminário internacional sobre o acervo da expedição científica de G.I. Langsdorff. Brasília: Secretaria da Ciência e Tecnologia; São Paulo: Universidade de São Paulo, 1990, p.23.

¹⁰⁰ *Idem, Ibidem*.

¹⁰¹ MANIZER, Guenrikh Guenrikhovitch. **A expedição do Acadêmico Langsdorff ao Brasil**. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1967, p.122.

No que tange à caracterização e individualização da paisagem, Langsdorff objetivou “penetrar e descrever regiões não conhecidas pelo mundo europeu, [de modo a] ‘realizar algo magnífico’”¹⁰². Com esse roteiro o naturalista conseguiu realizar parte do seu sonho de “penetrar e descrever regiões não conhecidas pelo mundo europeu”, como é o caso da Mata Atlântica, do Cerrado e da Amazônia. O reconhecimento das paisagens que foram caracterizadas no decorrer da viagem será feito com base no conceito proposto por Ab’Sáber, de domínios morfoclimáticos, a saber:

um conjunto espacial de certa ordem de grandeza territorial – de centenas de milhares a milhões de quilômetros quadrados de área – onde haja um esquema coerente de feições de relevo, tipos de solo, formas de vegetação e condições climático-hidrológicas. Tais domínios espaciais, de feições paisagísticas e ecológicas *integradas*, ocorrem em uma espécie de área principal, de certa dimensão e arranjo, em que as condições fisiográficas e biogeográficas formam um complexo relativamente homogêneo e extensivo. A essa área mais típica e contínua – via de regra de arranjo poligonal – aplicamos o nome de *área core*, logo traduzida por área nuclear¹⁰³.

Esta classificação dividiu o Brasil em seis domínios:

- I – Domínio Amazônico;
- II – Domínio dos Cerrados;
- III – Domínio dos Mares de Morros;
- IV – Domínio das Caatingas;
- V – Domínio das Araucárias;
- VI – Domínio das Pradarias.

E Faixas de transição – não diferenciadas que ocorrem entre os domínios.

Os viajantes do século XIX, que se desdobram “ao longo de espaços interiores” legaram-nos, pela primeira vez, a ideia dos grandes espaços de domínios

¹⁰² COSTA, Maria de Fátima G. **O Brasil de hoje no espelho do século XIX**: Artistas alemães e brasileiros refazem a expedição Langsdorff. São Paulo: Estação Liberdade, 1995, p.25.

¹⁰³ AB’SÁBER, Aziz Nacib. **Os domínios de natureza no Brasil**: potencialidades paisagísticas. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003, p.11-12.

morfoclimáticos e fitogeográficos, como é o caso da expedição Langsdorff, cujo roteiro de viagem lhes deu a oportunidade de percorrer os seguintes domínios de grande extensão, respectivamente denominados: Brasil Tropical Atlântico, dos Mares de Morros; Planaltos Centrais, com cerrados, florestas e galerias; Amazônia; cruzando, ainda, áreas nucleares e faixas de transição.

O roteiro da viagem de Langsdorff é “extremamente complexo”, destaca Ab’Sáber. A expedição tem início pela “Serra do Mar, chegando ao Planalto Sul Mineiro e à área do ouro e diamantes”. A partir de São Paulo o roteiro da expedição “estende-se em direção a Itu, Salto, Ipanema e Sorocaba. Sofre uma pequena digressão em direção a Curitiba, e, ao mesmo tempo, a partir da região de Itu o roteiro é alterado”¹⁰⁴. Os estudos feitos nessas regiões do Rio de Janeiro, sul de Minas Gerais e São Paulo são referentes à paisagem da porção do Brasil tropical-atlântico, dos Mares de Morros.

Somente a partir do Rio Pardo, a expedição “penetra outra região de floresta de galeria, área de grande competitividade de insetos, razão das febres que acometeram a expedição”¹⁰⁵. A partir de Coxim e Taguari, os viajantes entram na grande depressão pantaneira. A viagem pela província do Mato Grosso “foi notável, quer pela sua complexidade, quer pela extensão do trajeto. Os participantes da expedição passaram mais de um ano e meio naquela província”, contemplando as potencialidades da fauna e da flora do domínio dos Planaltos Centrais, com cerrados, florestas e galerias.

Assim que a expedição deixou o Pantanal, “subiram o interespaço” de cerrados e entram na Amazônia, “estamos então em outro grande domínio”¹⁰⁶, denominado Amazônico. Nesse ponto a expedição segue em dois grupos, a fim de explorar um território maior: o primeiro grupo, chefiado por Langsdorff, seguiu pelos rios Preto, Arinos, Juruena e Tapajós; o segundo, sob o comando de Riedel, fez o caminho pelos rios Guaporé, Mamoré e Madeira”¹⁰⁷. Desse grupo fazia parte

¹⁰⁴ AB’SÁBER, Aziz Nacib. O roteiro de Langsdorff hoje. **Anais**. II Seminário internacional sobre o acervo da expedição científica de G.I. Langsdorff. Brasília: Secretaria da Ciência e Tecnologia: São Paulo: Universidade de São Paulo, 1990, p.23.

¹⁰⁵ *Idem*, p.25.

¹⁰⁶ *Idem*, *ibidem*.

¹⁰⁷ KOMISSAROV, Boris. Langsdorff: com o Brasil para sempre. In: **EXPEDIÇÃO LANGSDORFF**. Catálogo de exposição. São Paulo, Brasília, Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil, 2010, p.19.

Taunay, que dramaticamente morre afogado em janeiro de 1828, na tentativa de cruzar o rio Guaporé.

A Expedição Langsdorff, de 1821 a 1829, percorreu aproximadamente 17 mil quilômetros pelo interior do Brasil. Partiram do Rio de Janeiro e passaram por Minas Gerais, São Paulo, Mato Grosso (Norte e Sul), Rondônia, Amazonas e Pará, distinguindo-se por notável coragem e originalidade. O importante para a nossa pesquisa é considerar a quantidade de regiões e domínios de natureza percorridos e representados paisagisticamente por Langsdorff.

O mapa a seguir demonstra o percurso realizado pela expedição chefiada pelo Barão Langsdorff através do Domínio dos Mares de Morros; do Domínio dos Cerrados e do Domínio Amazônico; cruzando, ainda, áreas nucleares e faixas de transição, que configuram uma representação ecológica e geográfica do território brasileiro de então:

Roteiro de Expedição Langsdorff e Domínios Morfoclimáticos

Legenda

- Trecho Rio de Janeiro-Minas Gerais
- Trecho São Paulo
- Trecho Mato Grosso
- Trecho Amazônia
- Hidrografia
- Brasil
- América do Sul

Domínios Morfoclimáticos

Domínios	I - Amazônico	Terras baixas florestadas equatoriais
	II - Cerrado	Chapadões tropicais interiores com cerrados e florestas-galeria
	III - Mares de Morro	Áreas Mamelonares tropical-atlânticas florestadas
	IV - Caatingas	Depressões intermontanas e interplanálticas semi-áridas
	V - Araucárias	Planaltos subtropicais com araucárias
	VI - Pradarias	Coxilhas Subtropicais com pradarias mistas
	Faixas de Transição	Faixas de transição (Não diferenciadas)

Referências

- AB'SÁBER, Aziz Nacib. Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BERTELS, D. E. B. N. Komissarov, T. I. Licenko (orgs). O acadêmico G.I. Langsdorff e sua expedição ao Brasil em 1821-1829: catálogo completo do material existente nos arquivos da União Soviética. Coordenação de L. A. Chur [tradução e pesquisa bibliográfica de Marcos Pinto Braga]. Brasília: Secretária do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional Pró-Memória, 1988.

Organização: Rodrigo Luizotto
Edição: Carlos Rizzo
Janeiro de 2013

Fóntes:
Base Digital IBGE
SISCOM-IBAMA
MINISTÉRIO DOS TRANSPORTES
NATURAL EARTH DATA

SAD 1989 UTM Zona 23S
Projeto: Transmissão de Mercado
Meridiano Central: -45.000000
Unidade Linear: Metro

CGCS South American 1969
Datum: D South American 1969

Figura 1 – Roteiro da Expedição Langsdorff e Domínios Morfoclimáticos. FONTE: vide nota¹⁰⁸

¹⁰⁸ A partir de: AB'SÁBER, Aziz Nacib. Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. BERTELS, D.E. B. N. Komissarov, T. I. Licenko (orgs). O acadêmico G.I. Langsdorff e sua expedição ao Brasil em 1821-1829: catálogo completo do material existente nos arquivos da União Soviética. Coordenação de L. A. Chur [tradução e pesquisa bibliográfica de Marcos Pinto Braga]. Brasília: Secretária do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional Pró-Memória, 1988.

A viagem foi interrompida devido a dois incidentes. O primeiro ocorreu com Adrien Taunay, que morreu afogado ao tentar atravessar a nado o Rio Guaporé. Posteriormente, o Barão Langsdorff foi abatido pela malária, que o deixou impossibilitado de prosseguir viagem.

Ao término da expedição, grande parte do material produzido pelos expedicionários foi enviada à Rússia e deixada por volta de cem anos em uma sala do Jardim Botânico de São Petersburgo. Uma parcela desse material foi perdida como, por exemplo, alguns cadernos dos diários do chefe da expedição. Em 1930, historiadores russos encontram todo o material da expedição científica russa. Esse acervo é constituído pelos manuscritos dos membros da expedição, desenhos, aquarelas, croquis, mapas, espécies minerais, herbários, diversos animais empalhados, vocabulários de línguas indígenas, material etnográfico e correspondência diversa, entre outros.

Do acervo produzido pela Expedição Langsdorff, particularmente valiosos são os diários de Langsdorff, Florence, Ménétériès e Riedel. Também apresentam extraordinário valor os desenhos dos pintores da expedição.

O primeiro relato do empreendimento a ser publicado foi o do desenhista Hercules Florence, visto que durante o regresso, no navio que trouxe os participantes da expedição de Belém (PA) ao Rio de Janeiro, ele começou a passar a limpo seu diário fazendo algumas anotações e comentários. Em 1829, o diário foi presenteado à família de Adrien Taunay, que morreu afogado durante a expedição. Visconde de Taunay foi o responsável pela tradução e publicação, em 1875, de tal diário.

Pode-se dizer que o segundo esforço de divulgação do acervo da Expedição Langsdorff se deve a Dom Clemente Maria da Silva Nigra, “monge e sábio beneditino, alemão de nascimento, fundador e diretor, por muitos anos, do Museu de Arte Sacra da Bahia”¹⁰⁹. Dom Clemente visitou o acervo da Expedição Langsdorff na Rússia, bem como uma série de pesquisas na Alemanha. Vale destacar que Dom Clemente foi financiado por Francisco de Assis Chateaubriand, jornalista e político paraibano, proprietário da primeira grande rede de empresas de comunicação e uma das personalidades mais influentes do país nos anos 1940 e 1950.

¹⁰⁹ ALBUQUERQUE, Francisco Tomasco de. As descobertas recentes da genealogia de Georg Heinrich von Langsdorff. In: SILVA, Danuzio Gil Bernardino (org.). **Os diários de Langsdorff**. Vol. I. Rio de Janeiro e Minas Gerais, 8 de maio a 17 de fevereiro de 1825. [tradução de Márcia Nascimento Egg *et al.*]. Campinas: Associação Internacional de Estudos Langsdorff; Rio de Janeiro: Fiocruz, 1997, p.XXXIII.

Por volta de 1960, com o progresso dos estudos, Chateaubriand organiza, juntamente com a Fundação de Estudos Históricos Dom Pedro II, uma missão cultural para resgatar tal acervo, cujo valor e preservação são surpreendentes. A missão é composta pela Senhora Aimée De Heeren, Dom Clemente Maria da Silva Nigra, Francisco de Assis Chateaubriand, Odorico Tavares e Ed Keffel. Os resultados desta missão são publicados em uma série de quatro reportagens na revista *O Cruzeiro*. Tivemos a oportunidade de localizar tais reportagens, que são arroladas a seguir, de acordo com o título e a data de publicação: *Os russos arquivam o Brasil*, publicada em 19.12.1963; *Chateaubriand em Moscou, as portas da amizade*, publicada em 16.10.1965; *Chateaubriand em Moscou, a arte é arte de conquistar os russos*, publicada em 23.10.1965; e *Chateaubriand na Rússia, a descoberta do tesouro*, publicada em 6.11.1966.

Refletindo sobre a problemática da observação empírica exercida por viajantes acerca de homens, costumes e religiões dos povos de terras selvagens e de diferente fisionomia, o famoso naturalista Georg Foster, cujos conhecimentos naturalistas e obra vão influenciar tanto a Humboldt quanto a Langsdorff, dizia no preâmbulo de sua obra *Viagem ao redor do mundo*, de 1777, que:

[...] raramente dois viajantes terão visto o mesmo objeto da mesma forma, mas cada um deles faz, de acordo com sua sensibilidade e inteligência, uma interpretação particular. Seria preciso, portanto, conhecer primeiro o observador, para depois poder fazer uso de suas observações¹¹⁰.

Isto posto, e para fazer uso das representações paisagísticas de Langsdorff, as ideias centrais que procuraremos desenvolver neste capítulo serão levantadas ao aprofundar a biografia de Georg Heinrich von Langsdorff, ressaltando, principalmente, sua formação acadêmica na Universidade de Göttingen, com especial atenção às Ciências Naturais, e ao destacar sua estada em Portugal e sua participação na expedição russa de circum-navegação em 1802, comandada por A. J. von Krusenstern.

¹¹⁰ "[...] rarement deux voyageurs auront vu le même objet de la même façon, mais chacun fit, selon sa sensibilité et selon son intelligence, une interprétation particulière. Il fallait donc connaître d'abord l'observateur, avant de pouvoir faire usage de ses observations." Georg Forster *Apud*. RUPP-EISENREICH, Britta. «Aux 'origines' de la Völkerkunde allemande: de la Statistik à L'anthropologie de Georg Forster», in **Histoires de l'Antropologie** (XVIe – XIXe siècles). Paris: Klincksieck, 1984, p.104.

Objetivamos também aprofundar a contextualização histórica, com vistas a compreender a construção do discurso geográfico no período e a relação deste com Langsdorff. A seguir, faz-se necessária uma busca pela compreensão da própria noção de paisagem na época em questão, partindo de algumas considerações históricas e epistemológicas.

1.4 A formação acadêmica de Georg Heinrich von Langsdorff

Desde jovem Georg Heinrich von Langsdorff foi atraído pelo estudo das ciências naturais. Em outubro de 1793, tornou-se um estudante da Universidade de Göttingen, que era, desde sua fundação, um importante centro de irradiação e disseminação de conhecimentos científicos e antropológicos. Fundada em 1737, na segunda metade do século XVIII essa universidade atravessava um período áureo, tornando-se, de acordo com Komissarov ¹¹¹, “um dos principais centros do pensamento alemão da época do Iluminismo”. Nesse contexto, Göttingen contava com grande número de estudiosos, muitos dos quais de renome internacional; dentre eles: Albrecht von Haller, médico, cientista natural e poeta; Johann David Michaelis, teólogo e orientalista; Christian Gottlob Heyne, arqueólogo e filólogo; Georg Christoph Lichtenberg, físico, filósofo e escritor; e o antropólogo Johann Friedrich Blumenbach. A importância deste último para a formação de Langsdorff é primordial. Cabe, portanto, apresentar algumas informações sobre a vida e a obra desse pensador.

Durante sua formação na Universidade de Göttingen, Blumenbach foi influenciado por Christian Wilhelm Büttner pelas aulas sobre etnografia, sobre povos exóticos e suas culturas. Büttner era o responsável pelas cadeiras de História Natural e Química da Universidade de Göttingen. Suas aulas, de acordo com Komissarov, “baseavam-se em coleções muito bem-organizadas, assim como em trabalhos de numerosos viajantes. Continham noções de Antropologia e Etnografia que interessavam sobremaneira ao jovem Blumenbach” ¹¹². Quando Heyne, em

¹¹¹ KOMISSAROV, Bóris. **Da Sibéria à Amazônia: a vida de Langsdorff**. [Tradução de Victória Namestnikova EL MURR]. Brasília: Edições Langsdorff, 1992, p.16-17.

¹¹² KOMISSAROV, Bóris. **Da Sibéria à Amazônia: a vida de Langsdorff**. [Tradução de Victória Namestnikova EL MURR]. Brasília: Edições Langsdorff, 1992, p.17.

nome da universidade de Göttingen, adquiriu a coleção de história natural de Büttner, Blumenbach foi contratado para colocar a coleção em ordem. Posteriormente, foi nomeado curador da coleção de História Natural em Göttingen.

Essa experiência, assim como sua familiaridade com Büttner, afetou a direção e a natureza da dissertação de Blumenbach. Em 1776, aos 23 anos, finaliza sua dissertação intitulada *De humani generis varietate Nativa*. O grande interesse de Blumenbach consistia em descrever e classificar as várias raças humanas. Para tanto, debruçou-se sobre as obras dos seus precursores a respeito da catalogação, sistematização e classificação dos elementos da natureza, despontando os trabalhos de Carolus Linnaeus – Carl von Linné – (1707-1778), Georges Buffon (1707-1788) e Gottfried Leibniz (1646-1716).

Seu trabalho teve base em critérios mais objetivos do que os de pesquisadores anteriores, enfocando as características físicas, especialmente do crânio, assim como as distribuições geográficas dos grupos humanos conhecidos. Foram enormes e profundas as repercussões do estudo desenvolvido por Blumenbach, a ponto de despertar a atenção de Immanuel Kant (1724-1804), a respeito do embate “pré-formação *versus* epigênese”¹¹³, em curso na segunda metade do século XVIII. A singularidade da questão reside no conceito de *Bildungstrieb* que pode ser traduzido como “impulso formativo”, “impulso formador”, “impulso de formação” ou “impulso para o desenvolvimento”. *Bildungstrieb*, de acordo com Pinto-Correia, é definida “como uma propriedade do próprio organismo, herdada através das células embrionárias”. Assim, por exemplo, “o desenvolvimento podia se dar epigeneticamente, através de uma força predeterminada inerente à matéria do embrião – os primórdios da moderna biologia do desenvolvimento”¹¹⁴. Em carta datada de 5 de agosto de 1790, Kant manifesta a influência de Blumenbach em seus estudos:

Os seus escritos me instruíram multiplamente, pois a novidade está na reunião (*Vereinigung*) de dois princípios (*Principien*), o do modo de explicação físico-mecânico e o do modo de explicação

¹¹³ De acordo com Marques, a *Epigenesis* é desenvolvida por Kant respectivamente em reflexões manuscritas dos anos de 1770, em duas passagens de *Crítica da Razão Pura* e, principalmente, em *Crítica da Faculdade do Juízo*. MARQUES, Ubirajara Rancan de Azevedo. **Kant e a epigênese a propósito do “inato”**. Scientiæ zudia, São Paulo, v. 5, n. 4, p.453-70, 2007.

¹¹⁴ Pinto-Correia, C. **O ovário de Eva**. A origem da vida. Rio de Janeiro: Campus, 1999, p.29.

simplesmente teleológico da natureza organizada (*der physisch-mechanischen und der blos teleologischen Erklärungsart der organisirten Natur*) (...) uma referência mais próxima às ideias com as quais eu particularmente me ocupo, que justamente carecem de tal confirmação através dos fatos.¹¹⁵

Reprodução e evolução humana receberam uma revisão completa à luz da análise de Blumenbach, que era um profundo pesquisador de vários ramos da ciência. Ele modificou classificações anteriores para criar uma distribuição de cinco famílias da espécie humana e introduziu o termo “caucasiano” para definir o grupo de europeus. Sua hipótese era a de que as famílias norte-americanas e mongóis ramificaram em uma direção geográfica, enquanto malaios e etíopes, em outra. Afirmou ainda que os seres humanos surgiram na área das montanhas do Cáucaso, espalhando-se por todo o mundo e adquirindo variações de características físicas, como a cor da pele e outras. A objetividade científica e a qualidade do seu trabalho fizeram do seu *De Humani Generis Varietate Nativa Liber* o texto fundador da antropologia científica.

Sua fama se consolida. Em Londres, em 1791, Blumenbach estreitou ligações com J. Banks, um dos companheiros de James Cook, organizador da conhecida Associação de Exploradores da África. Banks inspirou Blumenbach a criar a “escola” de exploradores, incentivando seus “alunos” a empreenderem viagens à África e à Ásia. Em 1796, “visitou Goethe em Weimar, que mencionou o fato em uma das suas cartas a Schiller. Quando, em 1806, esteve em Paris, Napoleão manifestou o desejo de conhecê-lo”, diz Komissarov¹¹⁶.

No período do Iluminismo alemão, também conhecido como *Aufklärung*, Blumenbach é considerado um dos cientistas mais célebres e honrados de seu tempo, com reverberações e discussões que continuaram até o presente século¹¹⁷. Era um grande anatomista, fisiólogo e pesquisador profundo de vários ramos da

¹¹⁵ Kant, I. Briefwechsel. In: Kant's gesammelte Schriften: herausgegeben von der preu.ischen Akademie der Wissenschaften. Berlin: Walter de Gruyter, 1911. v. 11, p. 185. *Apud.* MARQUES, Ubirajara Rancan de Azevedo. **Kant e a epigênese a propósito do “inato”**. Scientiæ Zúdia, v.5, n.4. São Paulo, 2007, p.554-455.

¹¹⁶ KOMISSAROV, Bóris. **Da Sibéria à Amazônia: a vida de Langsdorff**. [Tradução de Victória Namestnikova EL MURR]. Brasília: Edições Langsdorff, 1992, p.18.

¹¹⁷ A esse respeito consultar o impressionante relato sobre as teorias da concepção nos séculos XVII e XVIII de Clara Pinto-Correia. Cf. Pinto-Correia, C. **O ovário de Eva. A origem da vida**. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

Ciência: seu manual de História Natural chegou a 12 edições. Blumenbach conseguiu reconhecimento internacional com seus estudos em História Natural, mas se destaca, sobretudo, como criador da antropologia física ou comparada, iniciadora da craniologia científica. Ele foi um dos primeiros a ver o homem como parte da história natural.¹¹⁸ Providencialmente, Alexandre von Humboldt, que também foi um de seus alunos, denominou-o “Patriarca da Glória Nacional”¹¹⁹. Komissarov destaca ainda que a popularidade e as relações de Blumenbach com diversos cientistas e academias fizeram da Universidade de Göttingen um local de peregrinações de naturalistas de outros países¹²⁰. No final do século XVIII, muitos jovens europeus também foram atraídos para lá, em virtude da reputação dessa universidade para a ciência moderna, e de professores como Blumenbach. A propósito de suas aulas:

ensinavam a pesquisar a natureza e o homem na sua unidade indissolúvel, despertavam o raciocínio, a paixão às viagens, a sede das descobertas. Tornou-se o iniciador de uma escola de cientistas naturais e sociais, cujos representantes, em diferentes medidas, introduziam em suas atividades o estilo científico e os métodos do professor de Göttingen. Exigia dos seus educandos não apenas o estudo profundo da natureza, da língua, da cultura, dos usos e costumes do país por eles estudado, mas também a capacidade de olhar para aquilo que os cercava com os olhos de seus habitantes, viver suas preocupações, entender suas atividades do dia a dia¹²¹.

Para a geração que entrava na maioria intelectual em fins do século XVIII, os ensinamentos de Blumenbach ofereciam singular atração, sintônicos que eram com as tendências da *Aufklärung*¹²² e da ênfase na razão e no progresso através do

¹¹⁸ Cf. KOMISSAROV, Bóris. **Da Sibéria à Amazônia**: a vida de Langsdorff. [Tradução de Victória Namestnikova EL MURR]. Brasília: Edições Langsdorff, 1992, p.17 e GERBI, Antonello. **O Novo Mundo: história de uma polêmica** (1750-1900). São Paulo, Companhia das Letras, 1996, p.250-254.

¹¹⁹ Plischke, H. Johann Friedrich Blumenbach's Einfluss auf die Entdeckungsreisenden seiner Zeit. Göttingen, 1937, S. 58. *Apud* KOMISSAROV, Bóris. **Da Sibéria à Amazônia**: a vida de Langsdorff. [Tradução de Victória Namestnikova EL MURR]. Brasília: Edições Langsdorff, 1992, p.18.

¹²⁰ KOMISSAROV, Bóris. **Da Sibéria à Amazônia**: a vida de Langsdorff. [Tradução de Victória Namestnikova EL MURR]. Brasília: Edições Langsdorff, 1992, p.18.

¹²¹ KOMISSAROV, Bóris. **Da Sibéria à Amazônia**: a vida de Langsdorff. [Tradução de Victória Namestnikova EL MURR]. Brasília: Edições Langsdorff, 1992, p.18.

¹²² Inspirada no Iluminismo francês e inglês, a *Aufklärung* se diferenciou por completo dos demais movimentos.

conhecimento. Assim, sob os preceitos enciclopedistas e pedagógicos da Ilustração, muitos representantes da escola de Blumenbach partiram em viagem para a África, para a América do Sul e do Norte, para a Rússia e para muitos outros lugares. Entre os muitos viajantes, “o destino reservara a Langsdorff um lugar especial em meio a eles”¹²³.

Em Göttingen, aos dezenove anos de idade, Langsdorff dedicou-se aos estudos de Medicina e Ciências Naturais. Blumenbach foi o responsável por determinar seus interesses na universidade, quais sejam: Farmacologia, Anatomia Comparada e Botânica¹²⁴. Langsdorff, desde jovem atraído pelo estudo das ciências naturais, foi um cientista polivalente. Formou-se em Medicina aos 23 anos, defendendo tese na área da obstetrícia, com enfoque etnográfico¹²⁵. Na universidade, aos poucos, obteve o reconhecimento de seus professores, principalmente de Blumenbach, de quem era discípulo. Entre seus amigos, destaca-se, de acordo com Komissarov, “Wilhelm Eschwege, mais tarde, mineralogista de renome e conhecedor da geologia do Brasil”¹²⁶.

Após obter o grau de doutor em Medicina, Langsdorff tornou-se médico da corte, junto ao príncipe Christian August von Waldeck, “graças a recomendação de seus professores e com a ajuda de Koch, seu tio materno, conselheiro secreto em Erfurt”¹²⁷. O príncipe a essa época contava cinquenta anos. Participara de várias guerras, tendo um dos braços arrancado por uma bala de 16 libras, em combate com as tropas revolucionárias francesas. Serviu em diferentes exércitos até receber o convite para comandar o exército português. Foi justamente nessa ocasião que Langsdorff se efetiva como médico do príncipe e recebe convite para acompanhá-lo até Portugal.

Distinto dos salões franceses onde se discutiam as ideias do Iluminismo, na Alemanha, o local para discussão e propagação dos ideais da *Aufklärung* tende também a diferenciar-se: as universidades mostram-se um terreno fértil, principalmente com a consolidação das universidades de Halle e Göttingen.

¹²³ KOMISSAROV, Bóris. *op. cit.* p.19.

¹²⁴ *Idem, Ibidem.*

¹²⁵ Publicada sob o título de: *Commentatio medicinae obstetriciae sistens phantasmarum sive machinarum ad artis obstetriciae facientium vulgo Fantomae dictorum brevem historiam*. MANIZER, Guenrikh Guenrikhovitch. **A expedição do Acadêmico Langsdorff ao Brasil**. Rio de Janeiro: Brasiliana, 1967, p.33.

¹²⁶ KOMISSAROV, Bóris. **Da Sibéria à Amazônia: a vida de Langsdorff**. [Tradução de Victória Namestnikova EL MURR]. Brasília: Edições Langsdorff, 1992, p.19.

¹²⁷ *Idem, Ibidem.*

Há que pôr em relevo neste ponto a questão da *Bildungsreise* (viagem de formação). Já no Renascimento os jovens europeus empreendiam suas viagens, o *Grand Tour*, à Itália e à Grécia, com o intuito de adquirir aprendizado e aperfeiçoamento individual. As tendências da *Aufklärung* determinavam o desenvolvimento de uma mentalidade especialmente propensa à viagem de educação ou formação ("*Bildung*") dos jovens, conduzindo-os aos conhecimentos morais, artísticos e científicos. No caso de Langsdorff, "a perspectiva de partir para um país desconhecido agradou ao jovem médico que, apesar de sonhar com viagens, nunca havia deixado as fronteiras da Alemanha"¹²⁸. À luz desse contexto, a viagem a Portugal revela ao jovem cientista a possibilidade de adquirir conhecimentos científicos na área da História Natural: "abriu-se um vasto campo de observação e satisfação da ardente sede de conhecimento em que se abrasava o jovem cientista", como destaca Manizer¹²⁹.

Em Portugal, embora o príncipe Christian August von Waldeck tenha sido recepcionado com grandes honrarias, a sua tarefa de introduzir reformas militares no exército português foi prejudicada, devido à antipatia dos círculos ligados à corte em relação a estrangeiros que ocupavam cargos tão elevados. Prejudicado, e para se familiarizar com as tropas portuguesas, o príncipe realizou uma longa viagem por Portugal. Membro da comitiva do príncipe, Langsdorff participou dessa viagem pelo país, assim como de muitas outras, aproveitando, desse modo, a excelente oportunidade de conhecer bem o país. Komissarov, utilizando citações de Langsdorff, destaca que o general era "amigo das ciências" e certamente incentivava as aspirações do seu médico, no sentido de observar a natureza e reunir coleções científicas de cunho naturalista¹³⁰. Em setembro de 1798, morre o príncipe Waldeck em Sintra. Langsdorff decide permanecer em Portugal dedicando-se à prática da medicina, formando amplo círculo de conhecidos e conquistando a confiança de seus pacientes portugueses e estrangeiros¹³¹. Tornou-se médico no

¹²⁸ *Idem, Ibidem.*

¹²⁹ MANIZER, Guenrikh Guenrikhovitch. **A expedição do Acadêmico Langsdorff ao Brasil**. Rio de Janeiro: Brasileira, 1967, p.33.

¹³⁰ KOMISSAROV, Bóris. **Da Sibéria à Amazônia: a vida de Langsdorff**. [Tradução de Victória Namestnikova EL MURR]. Brasília: Edições Langsdorff, 1992, p.20.

¹³¹ MANIZER, *op. cit.*, 1967, p.33.

hospital alemão da Ordem das Noviças de Bartolomeu, em Lisboa, onde introduziu a vacina contra a varíola¹³². Nas horas vagas ocupava-se com pesquisas de História Natural, principalmente botânicas e zoológicas, “aproveitando a inesgotável reserva de exemplares que encontrou na natureza”¹³³.

Sedento de conhecimento, os interesses de Langsdorff não se restringiam a sua especialidade e à botânica, como se pode notar neste trecho de seus escritos:

Durante minha estada em Lisboa, entrei frequentes vezes em filas de peixe, de diferentes aspectos e em grande quantidade. Eles atraíram de tal modo minha atenção que tomei a firme decisão de adquirir alguns conhecimentos desta parte da história natural, que até agora continuo desconhecendo, e colecionar diferentes espécies¹³⁴.

Em 1800, Langsdorff publica dois trabalhos. Um relacionado ao tema de sua tese de doutorado, redigido em alemão, e outro sobre as condições hospitalares de Lisboa, direcionado ao ministro português Luiz Pinto de Souza Coutinho. Trabalho este, vale ressaltar, apresentado em língua portuguesa¹³⁵. Komissarov, referindo-se ao diário de Levenstern, oficial da marinha russa, a quem Langsdorff relatou sua permanência em Portugal, sublinha que “ele se empregou a serviço de um português louco, com quem viajou para a Inglaterra e retornou a Lisboa”¹³⁶. Com essas palavras, nota-se que Langsdorff estava disposto a tudo para cumprir seu objetivo principal, qual seja: viajar, adquirir conhecimentos científicos, realizar suas pesquisas botânicas e zoológicas e organizar as coleções adquiridas.

Sem perder de vista Göttingen, Langsdorff mantinha assídua correspondência com seus colegas que, em 1798, elegeram-no membro efetivo da Sociedade de

¹³² FAUSER, Hildegard W. O Barão Georg Heinrich von Langsdorff. In: COSTA, Maria de Fátima G. *et al.* **O Brasil de Hoje no espelho do século XIX: artistas alemães e brasileiros refazem a Expedição Langsdorff**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995, p.32.

¹³³ MANIZER, *op. cit.*, *idem*, p.33.

¹³⁴ Notas sobre empalhamento e dissecação de peixes, apresentada à Academia Imperial de Ciências pelo Sr. Langsdorff, correspondente da referida Academia e da sociedade científica de Göttingen. TJ, 1805, t. II, parte II, p. 76. *Apud*, KOMISSAROV, *op. cit.*, 1992, p.21.

¹³⁵ KOMISSAROV, Bóris. O acadêmico G.I. Langsdorff e sua expedição ao Brasil em 1821-1829. In: BERTELS, D.E *et al.* **O acadêmico G.I. Langsdorff e sua expedição ao Brasil em 1821-1829: catálogo completo do material existente nos arquivos da União Soviética**, 1988, p.20.

¹³⁶ TGIAE, f. 1414, inv. 3, as. 3, fl. 13. *Apud*, KOMISSAROV, *op. cit.*, 1992, p.21.

Física, juntando-se, dentre outros expoentes, a Humboldt, Seetzen e Linck¹³⁷. É importante mencionar ainda a correspondência estabelecida, dentre outros, com Étienne Geoffroy Saint-Hilaire, André Marie Constant Duméril, André Pierre Latreille e Antoine Guillaume Olivier, cientistas e naturalistas franceses com os quais Langsdorff mantinha intenso diálogo sobre a multiplicação de suas descobertas em diversas áreas do conhecimento, sobre a prática das pesquisas em História Natural, bem como sobre as viagens taxonômicas. Também foi frequente a troca de informações com Login Kraft, físico russo, e membro da Academia de Ciências de São Petersburgo. Segundo Komissarov, no dia 6 de março de 1802, Langsdorff enviou a Kraft apontamentos sobre suas observações ictiológicas, métodos de empalhar os peixes, assim como alguns exemplares. Dez dias depois, enviou-lhe um estudo com o seguinte título: *Um breve comunicado sobre peixes e insetos*¹³⁸. O geógrafo e naturalista russo Nikolai Ozeretskovski foi o responsável pela avaliação rigorosa de tais estudos, emitindo parecer de mérito no desempenho científico do “doutor em Medicina de Lisboa”, o que o levou, conseqüentemente, a ser aceito como sócio correspondente da Academia de Ciências de São Petersburgo, em 19 de janeiro de 1803¹³⁹.

1.5 A viagem ao redor do mundo

Nos albores do ano de 1803, Langsdorff deixou Portugal com destino à Inglaterra, de onde foi à França, chegando, finalmente, à Alemanha. No período em que residiu em Göttingen ordenando, classificando e organizando as coleções recolhidas em seus últimos anos de viagem, o naturalista tomou conhecimento da preparação do primeiro empreendimento russo de circum-navegação do globo. Na qualidade de membro-correspondente da Academia de Ciências de São Petersburgo, Langsdorff solicitou sua candidatura para fazer parte da expedição russa, comandada por I. F. Krusenstern e I. F. Lissiánski (1803-1807). Entretanto,

¹³⁷ *Idem, ibidem.*

¹³⁸ KOMISSAROV, Bóris. **Da Sibéria à Amazônia**: a vida de Langsdorff. [Tradução de Victória Namestnikova EL MURR]. Brasília: Edições Langsdorff, 1992, p.22.

¹³⁹ KOMISSAROV, Bóris. O acadêmico G.I. Langsdorff e sua expedição ao Brasil em 1821-1829. In: BERTELS, D.E *et al.* **O acadêmico G.I. Langsdorff e sua expedição ao Brasil em 1821-1829**: catálogo completo do material existente nos arquivos da União Soviética, 1988, p.20.

como anotou em seu diário o capitão Krusenstern: “Ele havia escrito a São Petersburgo, comunicando seu desejo de participar desta expedição. Se a carta tivesse chegado com oito dias de antecedência, sem dúvida, ele seria contratado”¹⁴⁰. Langsdorff recebeu uma carta de Kraft comunicando-lhe que seu pedido chegara tarde, pois os navios *Nadiesda* (Esperança) e *Nieva* (Neve) já estavam por partir com destino a Copenhague, onde permaneceriam por oito dias. O naturalista alemão, no entanto, permaneceu firme em seu desígnio, tomando rapidamente o caminho de Copenhague, alcançando os navios no porto. Langsdorff encontrou-se com ambos os chefes da expedição e insistiu fervorosamente em ser admitido como participante da viagem. Havia uma vaga, mas esta já estava reservada ao naturalista de Leipzig, chamando Tilezius, que estava prestes a chegar. Mesmo Tilezius ocupando sua vaga, Langsdorff foi aceito, mas os dirigentes da expedição preocupavam-se com o pagamento do novo membro, pois, do ponto de vista formal, ele não estava a serviço da Rússia e, por conseguinte, não poderia receber remuneração. A esse respeito, ambos os chefes “ficaram impressionados com o desinteresse de Langsdorff nesse sentido e com sua dedicação à Ciência”¹⁴¹. Kruzenstern é ainda mais preciso na declaração sobre a postura do novo membro: “A alegria e a gratidão de Langsdorff são difíceis de serem descritas. Declarou que estaria pronto a restituir o ouro que viesse a gastar, de suas próprias posses, caso o imperador nada lhe concedesse”¹⁴². O novo membro foi aceito para exercer a função de ictiólogo¹⁴³ e mineralogista.

“Numa viagem tão longa como a nossa, não há motivo para se inventar aventuras ou contos. Por si só ela oferece tal quantidade de fatos admiráveis e interessantes que nos basta a tudo observar e nada deixar escapar”¹⁴⁴. Com essas palavras realça-se a disposição de Langsdorff para grandes aventuras geográficas, seu insaciável desejo de conhecer e sua paixão pela História Natural. Impelidos por

¹⁴⁰ TGIAE, f. 1414, inv. 3, as. 5, fl. 15 v. *Apud*, KOMISSAROV, *op. cit.*, 1992, p.27.

¹⁴¹ KOMISSAROV, Bóris. **Da Sibéria à Amazônia**: a vida de Langsdorff. [Tradução de Victória Namestnikova EL MURR]. Brasília: Edições Langsdorff, 1992, p.28.

¹⁴² KRUSENSTERN, I. F. Viagem ao redor do mundo nos anos de 1803, 4, 5 e 1806, no navio “Nadiesda” e “Nieva”, parte I, São Petersburgo, 1809, p. 35. *Apud* KOMISSAROV, Bóris. *op. cit.*, 1992, p.28.

¹⁴³ Indivíduo versado em ictiologia: ramo da zoologia que estuda os peixes.

¹⁴⁴ LANGSDORFF, G. H. *Bermerkungen auf einer Reise um die Welt in Jahren 1803 bis 1807*, Bd. I. Frankfurt a/M., 1812, S. [2]. *Apud*, KOMISSAROV, Bóris. *op. cit.*, 1992, p.30.

essa atmosfera, dá-se início a expedição russa. Os navios zarpam de Copenhague, fazendo a primeira parada na costa da Dinamarca, por causa do mau tempo. Daí, os navios seguem para a Inglaterra e no dia 20 de outubro de 1803 se aproximam das Ilhas Canárias, fazendo uma parada de uma semana nas proximidades da cidadela de Santa Cruz de Tenerife. A atenção de Langsdorff foi atraída, de acordo com Komissarov, para os costumes da população, para a riqueza do mercado de peixe, para a formação geológica, entre outros aspectos da Ilha de Tenerife.¹⁴⁵

De ali partiram com destino a terras brasileiras, numa viagem que durou cerca de dois meses. No final dos Setecentos, o porto do Rio de Janeiro era o maior do Brasil (sobrepunhando os portos de Bahia, Pernambuco e Santos) e recebia a maioria das embarcações, principalmente aquelas que faziam do porto lugar de paradas intermediárias em viagens de longa duração. Essas permanências no litoral eram breves porque, segundo a legislação portuguesa do período colonial, eram terminantemente proibidas incursões de estrangeiros no interior do Brasil. Tendo em vista esse contexto, Krusenstern, que era um homem cauteloso, “não quis entrar com seus navios na baía de Guanabara, pois receava ser inspecionado pela alfândega, ter gastos significativos e ainda perder tempo”¹⁴⁶. Dessa forma, as embarcações *Nadiejda* e *Nieva* da expedição Krusenstein foram conduzidas em direção à ilha de Santa Catarina, “onde não os poderia seguir o olho onipresente da desconfiada administração do Rio de Janeiro”¹⁴⁷.

Langsdorff já havia incorporado fértil imaginário a respeito do Brasil no período em que viveu em Lisboa, restando apenas fazer a comprovação de tudo o que pensava. Em seu livro intitulado *Notas sobre uma viagem ao redor do mundo, de 1803 a 1807*, publicado em 1812, com um longo capítulo sobre Santa Catarina¹⁴⁸, o naturalista assim se manifesta com o descortinar da paisagem catarinense:

¹⁴⁵ KOMISSAROV, Bóris. **Da Sibéria à Amazônia**: a vida de Langsdorff. [Tradução de Victória Namestnikova EL MURR]. Brasília: Edições Langsdorff, 1992, p.31.

¹⁴⁶ BECHER, Hans. **O Barão Goerg Heinrich von Langsdorff**: pesquisas de um cientista alemão no século XIX. São Paulo: Edições diá; Brasília (DF): Editora Universidade de Brasília, 1990, p.21.

¹⁴⁷ KOMISSAROV, Bóris. **História da Expedição Langsdorff no Brasil**. [tradução de Marcos Pinto Braga]. São Paulo: Cia Aluminis, 1996, p.6.

¹⁴⁸ Publicado em alemão em 1812 em Frankfurt am Main, e, um ano depois, em Londres. Trabalhamos com a tradução do texto integral que faz parte da obra *Ilha de Santa Catarina: relatos de viajantes nos séculos XVIII e XIX*. LANGSDORFF, G. H. von. *Bemerkungen auf einer Reise um die Welt in den Jahren 1803 bis 1807*. In: HARO, AFONSO PALMA DE. (ORG.). **Ilha de Santa Catarina**: relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX. Florianópolis, Editora da UFSC/Editora Lunardelli, 1990, p.161.

O panorama da paisagem à nossa frente, coberta por uma roupagem de um verde vivo, semeada de flores multicolores, prometia-nos a todo instante o maior prazer durante a nossa estada naquele lugar e o mais confortável bem-estar. A Ilha de Santa Catarina e a parte firme da América situada à sua frente apresentavam elevações; entretanto, os mais elevados cumes alcançavam apenas uma altura mediana e se acham cobertos de arvoredos; as subidas são íngremes e interceptadas por diversos vales. Notamos ao longo da costa muitas enseadas e ilhas, encontrando-se a terra abundantemente regada por uma quantidade de fontes, riachos, torrentes, rios e pântanos. As margens são em parte arenosas e inacessíveis, limitadas por rochas inatingíveis, devido ao furioso quebra-mar¹⁴⁹.

Como se pode observar “*Notas sobre uma viagem ao redor do mundo, de 1803 a 1807*”, fora publicada pelo autor anos após a experiência da viagem de circum-navegação, o que possibilitou ao autor lapidar os relatos de viagem, dando-lhes uma aparência de algo “acabado”, mais elaborado, antecedido de leituras, releituras e reformulações da linguagem. Sob muitos aspectos, esse texto diferenciase dos registros de viagem referentes à expedição Langsdorff, *corpus* de nossa pesquisa. Adiante, voltaremos a falar das peculiaridades de cada relato langsdorffiano, principalmente da configuração paisagística em ambos. Por ora, podemos, a partir desse exemplo, demonstrar que, os olhos de Langsdorff, mais do que apenas contemplar tal quantidade de elementos naturais, eles veem, ordenam, organizam, fixam tipos da paisagem catarinense. Esse trecho revela ainda uma visão ampla, em todas as direções para abarcar todas as propriedades físicas da paisagem. É elucidativo a este respeito o emprego da palavra “panorama”. Formada pelos termos “pan”, que significa “todos”, “tudo”, “total” e por “orama”, que significa “vista”. No século XIX, a vista panorâmica se tornou um modelo paisagístico por excelência, tanto na pintura quanto nos relatos de viagens. Assim, no trecho em questão, observa-se um amplo alcance do campo perceptivo representado pelas seguintes passagens: “à sua frente”; “apresentavam elevações”; “as subidas”; “vales” e “ao longo da costa”, principalmente.

¹⁴⁹ *Idem, Ibidem.*

A estada na ilha durou de 20 de dezembro de 1803 a 4 de fevereiro de 1804. Foram assim “os primeiros cientistas europeus a visitar o Brasil, naquele século em que esta terra foi descoberta para a ciência universal”¹⁵⁰. Diante de uma “região paradisíaca”¹⁵¹, tudo em Langsdorff é pujança de vida, aventura, paixão e conhecimento. Nessa região, Langsdorff também pôde fazer uma série de observações científicas, tais como:

dedicar-se atentamente à caça de mariposas e realizar frequentes excursões à beira da floresta. O conhecimento da língua portuguesa permitiu-lhe, em um mês e pouco, não só faltar-se de admirar as riquezas naturais, o canto de pássaros desconhecidos, como também conhecer de perto a população e seus hábitos que, em muitos pontos, o surpreenderam pela diferença em relação aos hábitos da metrópole.¹⁵²

Com este contexto mencionado, pode-se, pois, mais bem compreender a declaração do tenente Levenstern a respeito de Langsdorff, quando ainda encontravam-se no Brasil: “A constante pressa deste homem irrita-me”¹⁵³.

As pesquisas desenvolvidas em Santa Catarina pelo médico alemão representaram uma preciosa contribuição para a ciência do século XIX. O foco principal do naturalista alemão recaiu sobre a luminescência presente na água do mar. Este fenômeno era estudado por muitos cientistas da época, como é o caso de Humboldt, que sustentava o ponto de vista segundo o qual o motivo da luminescência da água se devia ao “gás fosforescente” eliminado pelo processo de apodrecimento. Corroboravam esse ponto de vista os cientistas ingleses que, em 1805, publicam na “Revista Tecnológica” os resultados da pesquisa a respeito da luminescência das águas oceânicas, esclarecendo que esse fenômeno precederia

¹⁵⁰ BECHER, Hans. **O Barão Goerg Heinrich von Langsdorff**: pesquisas de um cientista alemão no século XIX. São Paulo: Edições diá; Brasília (DF): Editora Universidade de Brasília, 1990, p.41.

¹⁵¹ LANGSDORFF, G. H. von. Bemerkungen auf einer Reise um die Welt in den Jahren 1803 bis 1807. In: HARO, AFONSO PALMA DE. (ORG.). **Ilha de Santa Catarina**: relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX. Florianópolis, Editora da UFSC/Editora Lunardelli, 1990, p.162.

¹⁵² MANIZER, Guenrikh Guenrikhovitch. **A expedição do Acadêmico Langsdorff ao Brasil**. Rio de Janeiro: Brasiliana, 1967, p.37.

¹⁵³ TGIAE, f. 1414. inv. 3, as. 5, fl. 42 v. *Apud*. KOMISSAROV, Bóris. *op. cit.*, 1992, p.35.

de partículas deterioradas de peixes mortos”¹⁵⁴.

Foi Langsdorff, entretanto, quem surpreendeu a todos ao revelar que o fenômeno não provinha de produtos apodrecidos, mas sim, de organismos vivos. Nessas plagas, destaca Ell Murr,

é efetivada pelo cientista alemão, a serviço da Rússia, uma das maiores descobertas do século. As experiências de Langsdorff, repetidas vezes, por ordem de Kruzenstern, demonstraram que o plâncton é constituído de organismos vivos microscópicos e luminosos, purificadores das águas oceânicas. Tal teoria chocou-se contro tudo o que era preconizado pelos maiores cérebres europeus [...] ¹⁵⁵.

A descoberta de Langsdorff, em território brasileiro, nas costas catarinenses, alterou o rumo da ciência. Durante a estada em Santa Catarina, o naturalista alemão optou em hospedar-se, juntamente com outros companheiros, na cidade de Nossa Senhora do Desterro, na ilha. Foi recebido na casa do naturalista Mateus Cardoso Caldeira (irmão do também naturalista, Francisco Cardoso Caldeira), com quem realizou uma viagem para a região do Sertão dos Pecados e uma excursão em barco ao redor da ilha. Em carta endereçada a Kraft, Langsdorff frisa: “Parece que não há nenhum outro lugar da terra onde se possa coletar tão grande quantidade de espécimes raros, em espaço de tempo tão curto”¹⁵⁶.

Os interesses de Langsdorff estavam voltados não só para os estudos a respeito da natureza do Brasil, como também para a população e a economia. Semelhante determinação e profundidade foram direcionadas às observações geográficas e etnográficas, manifestando, de acordo com Komissarov, “solidez e

¹⁵⁴ INOKHODTSEV, P. SOBRE A LUZ E O CALOR DA ÁGUA MARINHA. TJ, 1805 T. II, P. II, p. 179. *Apud* KOMISSAROV, Bóris. **Da Sibéria à Amazônia**: a vida de Langsdorff. [Tradução de Victória Namestnikova EL MURR]. Brasília: Edições Langsdorff, 1992, p.32.

¹⁵⁵ MURR, VICTORIA NAMESTNIKOV ELL. Langsdorff e Santa Catarina. *In*: SILVA, Danuzio Gil Bernardino (org.). **Os diários de Langsdorff**. Vol. I. Rio de Janeiro e Minas Gerais, 8 de maio a 17 de fevereiro de 1825. [tradução de Márcia Nascimento Egg *et al.*]. Campinas: Associação Internacional de Estudos Langsdorff; Rio de Janeiro: Fiocruz, 1997, p.XLI.

¹⁵⁶ Lista de cartas do Sr. Dr. Langsdorff ao Sr. Acadêmico Kraft. *Apud*. KOMISSAROV, Bóris. **Da Sibéria à Amazônia**: a vida de Langsdorff. [Tradução de Victória Namestnikova EL MURR]. Brasília: Edições Langsdorff, 1992, p.35.

atenção aos detalhes, dignos de um representante da escola de Blumenbach”¹⁵⁷.

Após execução dos reparos nos navios, o capitão Krusenstern, chefe da expedição russa, decidiu prosseguir viagem em direção ao sul, com o objetivo de atravessar do Cabo Horn. Nos quarenta e sete dias em que permaneceram na Ilha de Santa Catarina, os expedicionários desenvolveram diversas observações científicas da natureza catarinense e das relações sociais de seus habitantes. Tilesius e Langsdorff, p.ex., conseguiram reunir coleções entomológicas¹⁵⁸, herpetológicas¹⁵⁹ e ictiológicas. Langsdorff se destacou pela descoberta a respeito da luminescência das águas oceânicas, pelas pesquisas no campo da etnografia e pelas pesquisas econômicas de Santa Catarina. Sobressaiu-se ainda e, sobretudo, pelo sentimento de amor ao Brasil, numa atitude significativa de identificação do homem com a paisagem, devido à forte impressão que a natureza tropical sempre causou nos europeus. Escreve ele em seu relato de viagem: “e, assim, tivemos que nos despedir do país mais belo e mais rico do globo. As recordações de minha permanência no Brasil ser-me-ão inesquecíveis em toda a minha vida!”¹⁶⁰.

No dia 4 de fevereiro de 1804, os navios “Nadiesda” e “Nieva” deixaram a costa brasileira em direção ao Cabo Horn, o ponto mais austral da América, que era considerado – até a abertura do Canal do Panamá¹⁶¹ – passagem obrigatória da rota dos navios que viajavam ao redor do globo, ligando os oceanos Atlântico e Pacífico. Iniciava-se então a parte mais difícil da viagem, pois as condições de navegação ao redor do cabo costumam ser particularmente severas, com fortes ventos, constituindo um marco para navegantes de todos os tipos, até nos dias atuais. Após realizarem a travessia com sucesso, os expedicionários navegaram por três meses pelo oceano Pacífico. Os navios tornavam-se verdadeiras estações flutuantes das academias científicas europeias. Durante esse período, Langsdorff, por exemplo,

¹⁵⁷ *Idem, ibidem.*

¹⁵⁸ Ramo da zoologia que estuda os insetos; insectologia, insetologia.

¹⁵⁹ Ramo da zoologia que estuda os répteis. Frequentemente tratado como estudo dos répteis e também dos anfíbios.

¹⁶⁰ LANGSDORFF, G. H. von. Bemerkungen auf einer Reise um die Welt in den Jahren 1803 bis 1807. In: HARO, AFONSO PALMA DE. (ORG.). **Ilha de Santa Catarina**: relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX. Florianópolis, Editora da UFSC/Editora Lunardelli, 1990, p.183.

¹⁶¹ O canal começou a ser construído em 1880 e foi concluído em 1913, entrando em atividade no dia 15 de agosto de 1914.

organizava suas coleções, efetuava observações horárias da pressão, temperatura e umidade atmosférica e continuava suas observações hidrológicas. Enfim, ancoraram em Nukuhiwa, nas ilhas Marquesas, onde permaneceram por dez dias.

Langsdorff realizou diversas pesquisas na região, ampliando sua coleção de história natural, principalmente de uma quantidade significativa de plantas. Também coletou grande quantidade de informações sobre os habitantes de Nukuhiwa, descrevendo a organização social, vestimentas, moradias, embarcações, utensílios, enfeites, costumes, ritos, conceitos religiosos, elementos de arte, dentre outros aspectos. Embora muitos viajantes europeus já tivessem estado nessa parte da Oceania, como James Cook, por exemplo, “os usos, costumes, condições econômicas dos ilhéus eram praticamente desconhecidos ou, conforme Langsdorff ficou convencido, eram frequentemente descritos com incorreções”¹⁶².

A seguir, partiram para o arquipélago do Havaí, onde Langsdorff pôde desenvolver primoroso estudo sobre as tatuagens dos habitantes, assim como fazer medições antropométricas, um dicionário da língua local e desenhos. Neste ponto da viagem, os navios *Nadiesda* e *Nieva* seguiram caminhos diferentes. Este seguiu para a ilha de Kodiak, enquanto aquele – cujo dirigente era Kruzenstern e entre os tripulantes estava Langsdorff – se dirigiu ao Kamtchatka.

No dia 15 de junho, o *Nadiesda* chegou a Petropavlovsk, na península do Kamtchatka, onde permaneceu por dois meses. Era a primeira viagem de Langsdorff em terras russas. Ele teve participação importante nos estudos sobre Kamtchatka, pois fez pesquisas físico-geográficas da península enfocando as características dos recursos naturais de fauna e flora, estudos estes que foram enviados a Blumenbach. Encontram-se ainda estudos que acentuam a necessidade de a península fortalecer o comércio com o Japão e com a China, e não receber mercadorias da Rússia europeia trazidas através da Sibéria.

Em carta enviada a Kraft, com quem manteve intensa correspondência, Langsdorff escreveu:

Com marcante satisfação, fixei, nesta época, meus olhares para as zonas rurais do Kamtchatka. A primeira necessidade desta região consiste em que seja mais povoada e em que se disponha de bons

¹⁶² KOMISSAROV, Bóris. **Da Sibéria à Amazônia**: a vida de Langsdorff. [Tradução de Victória Namestnikova EL MURR]. Brasília: Edições Langsdorff, 1992, p.38.

lavradores, artesãos e industriais. Os conhecimentos que, num país culto, servem para a satisfação das primeiras necessidades, aqui praticamente inexistem; por exemplo: seria muito necessário introduzir aqui olarias, cozimento de sabão e sal, assim como contar com pessoas capazes de pescar baleias, salgar e secar peixes, etc.; também seria extremamente útil instalar moinhos, secar, pântanos, etc.; pela grande quantidade de objetos encontrados, concluo que esta terra presta-se a melhores aperfeiçoamentos e merece atenção especial¹⁶³.

Preocupado em perfilar uma apresentação global das singularidades das regiões visitadas, as percepções sobre a natureza tendem a se somarem às informações e observações sobre o trabalho, a economia, a cultura, como demonstra a passagem acima. Sobre as condições da vida social, destaca Komissarov: a “preocupação com as necessidades das populações das regiões em que se encontrava tornou-se uma das características mais marcantes de sua personalidade”¹⁶⁴. Por conseguinte, Langsdorff foi rigoroso ao criticar o desenvolvimento econômico da península e o bem-estar de seus habitantes. Nesse sentido, a mesma crítica foi desenvolvida no período em que esteve na ilha de Santa Catarina, só que com mais veemência, principalmente, em relação ao escravo de ambos os sexos: “Despertou-me uma revolta especial quando vim pela primeira vez a Nossa Senhora do Desterro e vi um grande número destas criaturas abandonadas, nuas, deitadas frente às portas de ruas laterais e oferecidas à venda”¹⁶⁵.

O importante a frisar aqui é que estas considerações demonstram, além do mais, a multiplicidade de olhares exercidos por Langsdorff, quais sejam, entre outros: o do naturalista, do etnólogo, do cientista, do médico, do humanista, do cristão e, notadamente, do geógrafo.

Os expedicionários permaneceram em Petropavlovsk por cerca de dois meses. Nessa ocasião, Rezanov (que juntamente com Kruzenstern eram os

¹⁶³ KOMISSAROV, Bóris. **Da Sibéria à Amazônia**: a vida de Langsdorff. [Tradução de Victória Namestnikova EL MURR]. Brasília: Edições Langsdorff, 1992, p.41.

¹⁶⁴ KOMISSAROV, Bóris. **Da Sibéria à Amazônia**: a vida de Langsdorff. [Tradução de Victória Namestnikova EL MURR]. Brasília: Edições Langsdorff, 1992, p.54.

¹⁶⁵ LANGSDORFF, G. H. von. Bemerkungen auf einer Reise um die Welt in den Jahren 1803 bis 1807. In: HARO, AFONSO PALMA DE. (ORG.). **Ilha de Santa Catarina**: relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX. Florianópolis, Editora da UFSC/Editora Lunardelli, 1990, p.165.

responsáveis pela expedição russa) escreveu a Novossiltsev, presidente da Academia Imperial de Ciências, a respeito de Langsdorff. Dizia que o naturalista era incansável no trabalho: “a iniciativa e a atividade deste homem fazem com que eu tenha para ele outros planos. Além do alemão, sua língua-mãe, conhece latim, francês, inglês e português. Entre os muitos talentos que possui, também é médico prático [...]”¹⁶⁶. Devido a tal admiração, Langsdorff foi admitido como membro da missão diplomática de Rezanov ao Japão e nomeado como conselheiro cortesão, título extraoficial equivalente ao de capitão-de-fragata. Partiram, no dia 25 de agosto de 1804, em direção ao Japão. No dia 1 de outubro foram surpreendidos nas proximidades da costa japonesa por uma violenta tempestade, aportando sete dias depois em Nagasaki, devido às danificações sofridas na embarcação pela tormenta. A missão de Rezanov ao Japão não foi bem-sucedida:

Durante mais de seis meses os embaixadores e tripulantes ficaram sob rigorosa vigilância. Até o início de dezembro, moravam no navio, só lhes sendo permitido passear em uma faixa de terra, de cem passos de comprimento por 40 de largura, limitada por uma cerca. O espaço era bem guardado. Toda a vegetação, com exceção de três árvores, fora removida, e a terra, coberta de areia¹⁶⁷.

Posteriormente, o grupo foi transferido para Megasaki, uma pequena localidade próxima a Nagasaki. Ali ficaram em uma casa isolada da terra por uma “cerca alta e dupla” de bambu e cercada de água por três lados, restando-lhes apenas um quintal de quarenta passos de comprimento e trinta de largura. Extremamente vigiada, a residência só recebia os intérpretes com o consentimento do governador e, a cada vez, eram revistados. Eram proibidos de qualquer contato com o mundo exterior. Komissarov destaca que, quando, em fevereiro de 1805, percebeu-se que Langsdorff tentava espiar pelas frestas da cerca de bambu, providenciaram imediatamente que estas fossem entaboadas¹⁶⁸.

Apesar de todos os obstáculos impostos pelos japoneses, durante as visitas

¹⁶⁶ KOMISSAROV, Bóris. **Da Sibéria à Amazônia**: a vida de Langsdorff. [Tradução de Victória Namestnikova EL MURR]. Brasília: Edições Langsdorff, 1992, p.40.

¹⁶⁷ KOMISSAROV, Bóris. **Da Sibéria à Amazônia**: a vida de Langsdorff. [Tradução de Victória Namestnikova EL MURR]. Brasília: Edições Langsdorff, 1992, p.42.

¹⁶⁸ *Idem, ibidem*.

feitas por representantes da administração local e nos raros momentos em que tinham de sair da residência para dar esclarecimentos às autoridades sobre as intenções da expedição russa para com o Japão, Langsdorff conseguiu descrever “o aspecto dos japoneses de diferentes posições sociais, seus usos e costumes, o cerimonial diplomático, os navios e barcos. Suas anotações relatam detalhes da missão russa e contêm ilustrações de caráter etnográfico”¹⁶⁹. Esse mesmo empenho estende-se à Ictiologia: por intermédio de um japonês que fornecia as provisões, obteve uma enorme variedade de peixes formada por cerca de 400 exemplares, pertencentes a 150 variedades.

No dia 3 de abril, os expedicionários receberam autorização para deixar o país. De Nagasaki atravessaram o mar do Japão até chegar à parte norte-oriental da ilha de Hokkaido, conhecida na época com Yesso, onde Langsdorff pôde desenvolver tranquilamente estudos etnográficos dos Japoneses e Ainos, os quais eram praticamente desconhecidos na Europa. De ali seguiram em viagens de estudos à Sacalina e depois retornam ao Kamtchatka, de onde L. encaminha uma carta a Blumenbach descrevendo a semelhança de produtos e fenômenos naturais nas várias partes do mundo.

Rezanov tinha planos de realizar uma expedição à América Russa e para tanto contava com a participação de Langsdorff, pelo fato de ele ser médico e, primordialmente, de poder contribuir de diversas maneiras para o progresso da expedição. Mesmo sem querer participar da expedição, pelo fato de ter que deixar os companheiros Kruzenstern, Horner e Tilezius, o cientista-viajante resolveu aceitar o convite: “Um amor cego à História Natural, reiteradas promessas de ajuda nas pesquisas científicas e a sede de conhecimento obrigaram-me a aceitar a viagem com Rezanov para as costas do noroeste da América”, escrevera a Blumenbach¹⁷⁰. Dentre outras funções, Langsdorff deveria desenvolver estudos tendo como base as observações da natureza, produzir coleções para a Academia de Ciências e descrever econômica e geograficamente os locais visitados.

¹⁶⁹ KOMISSAROV, Bóris. **Da Sibéria à Amazônia**: a vida de Langsdorff. [Tradução de Victória Namestnikova EL MURR]. Brasília: Edições Langsdorff, 1992, p.42.

¹⁷⁰ LANGSDORFF, G. H. von. *Bemerkungen auf einer Reise um die Welt in den Jahren 1803 bis 1807*, BD. II, S. 86. *Apud*. KOMISSAROV, Bóris. **Da Sibéria à Amazônia**: a vida de Langsdorff. [Tradução de Victória Namestnikova EL MURR]. Brasília: Edições Langsdorff, 1992, p.45-46.

Em comunicado enviado a Alexandre I, Czar de Todas as Rússias, Rezanov esclarecia os objetivos da expedição e informava, com satisfação que a “aquisição de Langsdorff era lisonjeira para a expedição, uma vez que ele é membro de muitas sociedades científicas e recebeu, aqui no Kamtchka, a notícia de que a Universidade de Göttingen o aceitara como membro”¹⁷¹. Em 14 de julho de 1805, dá-se início à expedição a bordo do brigue “Maria”. Do Kamtchka partiram para a ilha de Unalasca, no arquipélago das Aleutas. Em 26 de agosto, exploraram a ilha Baranov, onde passariam o inverno. Em 25 de fevereiro de 1806, agora no navio “Iunona”, deixaram a ilha de Baranov e seguiram em direção à costa da Califórnia, ancorando em San Francisco, em 9 de abril. Nessa região, Rezanov realiza o pedido de casamento à filha de um comandante local. Este fato, entre outros, acabam de fato por desviar as finalidades científicas da expedição à Califórnia. De acordo com Komossarov, Langsdorff “chocava-se com o ostensivo desinteresse para com o seu trabalho e, por vezes, com a aberta inimizade.” Esclarece ainda que o “papel para o herbário estava no fundo da estiva, as peles que secavam no convés eram jogadas ao mar, as aves aprisionadas eram liberadas e assim por diante”¹⁷².

Destarte, Langsdorff começou a procurar uma oportunidade para abandonar a expedição. A oportunidade para deixar a América Russa surgiu em Sitka, no Alasca. No dia 19 de junho de 1806, o naturalista partiu numa pequena embarcação da Companhia Russo-Americana para Okhotsk, na península do Kamtchatka. Esse percurso durou meses e possibilitou a Langsdorff conhecer muitas outras regiões. De volta a Petropavlovsk, pôde novamente empreender fecundas pesquisas no Kamtchatka, agora no inverno: coletou um herbário, efetuou observações mineralógicas, descreveu as povoações russas e a vida dos Evenkos e Buriatos. Com os amigos, realizou algumas viagens pela península, em trenós puxados por cães, transporte este que agradou muito a Langsdorff.

No dia 8 de março de 1808, Langsdorff chegou a Moscou, surpreendendo-se com a cidade. Ali se encontrou com diversas pessoas importantes que estavam interessadas em ouvi-lo a respeito da viagem ao redor do mundo e, em especial, sobre o périplo pelo Kamtchka e pela Sibéria. Dias depois, o naturalista partiu para

¹⁷¹ OR GPB, f. 73 (V. A. Bilbassov), B. 45, fl. 37 v. *Apud.* KOMISSAROV, Bóris. **Da Sibéria à Amazônia**: a vida de Langsdorff. [Tradução de Victória Namestnikova EL MURR]. Brasília: Edições Langsdorff, 1992, p.46.

¹⁷² *Idem*, p.49.

São Petersburgo, local onde ele conseguiu muitas realizações no decorrer dos três anos que ali residiu.

Em 29 de março de 1808, Grigori Ivanovitch – como Langsdorff passou a ser chamado na Rússia – foi aceito como adjunto da Academia de Ciências. Em julho do mesmo ano, foi nomeado adjunto em Botânica na mesma instituição. As coleções organizadas por ele no decorrer da viagem com Rezanov foram apresentadas à Academia, o que lhe rendeu a remuneração prevista no contrato. Além disso, foi premiado com uma pensão vitalícia pela participação na viagem de circum-navegação e oficialmente nomeado conselheiro da corte.

Aproveitando-se do período em que foi escalado para acompanhar, na qualidade de médico, uma caravana comercial de Orenburg a Samarcanda e Bukhara na Ásia Central, mas que não chegou a se realizar, Langsdorff decidiu ir à Alemanha visitar seu pai, que morava em Bruchsal, e rever os amigos de Göttingen, principalmente Blumenbach. A viagem ao redor do mundo tinha lhe proporcionado significativo prestígio científico nos Estados germânicos:

Além das Sociedades de Física e Científica de Göttingen, para as quais fora eleito em 1798 e 1803, respectivamente, a partir de 1808 era sócio-correspondente da Academia Bávara de Ciências, em Munique, e membro-honorário da Sociedade Meteorológica em Frankfurt am Mein. A partir de 1805, na Universidade de Heidelberg, durante muitos anos foi conservado o seu lugar de professor de História Natural¹⁷³.

Ao retornar a São Petersburgo em junho de 1809, começou a trabalhar seus materiais relacionados com o estudo da natureza, geografia e etnografia do Kamtchatka e das ilhas Aleutas. Em setembro ocupou o cargo de adjunto de Zoologia da Academia de Ciências, apresentando suas observações sobre Ictiologia. Também foi eleito membro efetivo da Sociedade Moscovita dos Pesquisadores da Natureza e, em 1810, da Sociedade de Botânica Descritiva, em Gorenki.

Posteriormente, Langsdorff começou a trabalhar com os relatos da viagem ao redor do mundo, período ao longo do qual manteve contato com Kruzenstern, que na época estava publicando sua famosa obra em três volumes, bem como com

¹⁷³ KOMISSAROV, Bóris. **Da Sibéria à Amazônia**: a vida de Langsdorff. [Tradução de Victória Namestnikova EL MURR]. Brasília: Edições Langsdorff, 1992, p.63.

Blumembach, que dava pareceres sobre as obras de ambos. Publicado sob o título “Notas sobre a viagem ao redor do mundo em 1803-1807”, a obra de Langsdorff não é apenas um relato da expedição baseado nos apontamentos de viagem, mas é também uma obra científica. Por um longo período, Langsdorff cotejou seus materiais com dados oferecidos por seus precursores: dedicou-se ao estudo aprofundado das obras de James Cook, Jacques-Julien Houtou de La Billardière, Jean-François de La Pérouse, Georg Forster e de outros cientistas e viajantes europeus. Nesta obra, Langsdorff projeta os alicerces da sua visão metodológica, esclarecendo ao leitor o caráter da obra:

Todo observador tem o seu próprio ponto de vista, a partir do qual vê os novos objetos e forma conceito sobre eles, possui sua própria esfera, na qual ambiciona incluir tudo que se encontra mais relacionado com seus conhecimentos e interesses. [...] Tentei selecionar tudo aquilo que me parecia apresentar interesse geral – os usos e costumes de vários povos, seu modo de vida, produtos dos países e a história geral da nossa viagem¹⁷⁴.

Em março de 1810, Langsdorff concluiu o primeiro volume da obra. A Academia de Ciências lhe negou o pedido de custear as despesas da publicação, mas recebeu autorização para publicar o livro no exterior. Kruzenstern, de acordo com Komissarov, enviou uma carta ao geógrafo e cartógrafo francês Jean-Denis Barbié du Bocage informando-se sobre a possibilidade de publicar a referida obra na França. Nesse ínterim, no entanto, Langsdorff tinha terminado o segundo volume e a obra havia sido publicada em Frankfurt am Main, em dois volumes “perfeitamente impressos, com quase 650 páginas, completados por dois álbuns contendo 43 gravuras”¹⁷⁵. O Tomo I era dedicado a Alexandre I e o Tomo II a Kruzenstern. Contemplando o rigor científico e o interesse dos leitores, “Notas sobre a viagem ao redor do mundo em 1803-1807” trouxe a Langsdorff fama mundial:

¹⁷⁴ LANGSDORFF, G. H. von. *Bemerkungen auf einer Reise um die Welt in den Jahren 1803 bis 1807*, Bd. I, S. 1. *Apud*. KOMISSAROV, Bóris. **Da Sibéria à Amazônia**: a vida de Langsdorff. [Tradução de Victória Namestnikova EL MURR]. Brasília: Edições Langsdorff, 1992, p.66.

¹⁷⁵ KOMISSAROV, Bóris. **Da Sibéria à Amazônia**: a vida de Langsdorff. [Tradução de Victória Namestnikova EL MURR]. Brasília: Edições Langsdorff, 1992, p.67.

A grande quantidade de novos materiais, o longo percurso não habitual para a época, a descrição de tudo aquilo que vira e pensara durante a viagem, assim como as ilustrações conquistaram, para este livro, numerosos leitores. Atraía também pela forte personalidade do autor – pessoa que se destacava pela coragem e modéstia, observador honesto e laborioso, pesquisador meditativo e escrupuloso, inimigo dos efeitos externos, para quem ‘o rígido amor à verdade não se constitui em privilégio, mas em obrigação de todo aquele que descreve uma viagem’¹⁷⁶.

Enquanto Langsdorff trabalhava na meticulosa redação da referida obra, dedicava-se também às atividades na Academia de Ciências de São Petersburgo, proferindo discursos sobre várias questões de ciências exatas, apresentando manuscritos sobre suas observações da natureza e emitindo parecer sobre manuscritos de outros autores¹⁷⁷. Foi eleito membro extraordinário desta Academia em 1º de abril de 1812.

Torna-se evidente o quanto a sua excelente participação na viagem ao redor do mundo recebeu reconhecimento do mundo científico. Durante essa peregrinação científica foram se formando as características de pesquisador em Langsdorff: “sua capacidade de colecionar escrupulosamente os elementos, sistematizar e compreender o sentido do material científico, dedicação ao trabalho e desprezo às dificuldades”¹⁷⁸.

Com efeito, essa viagem desenvolveu consideravelmente o círculo de interesse de Langsdorff, despertando-o para os estudos linguísticos, etnográficos e, notadamente, geográficos. Em proveito de uma compreensão mais bem detalhada dessa relação entre Langsdorff e o pensamento geográfico de sua época, apresentaremos no próximo item a influência exercida pela prática da viagem, pela História Natural e pelo famoso viajante-naturalista Johann Reinhold Forster.

¹⁷⁶ *Idem, ibidem.*

¹⁷⁷ Cf. KOMISSAROV, Bóris. O acadêmico G.I. Langsdorff e sua expedição ao Brasil em 1821-1829. In: BERTELS, D.E *et al.* **O acadêmico G.I. Langsdorff e sua expedição ao Brasil em 1821-1829: catálogo completo do material existente nos arquivos da União Soviética**, 1988, p.23.

¹⁷⁸ KOMISSAROV, Bóris. O acadêmico G.I. Langsdorff e sua expedição ao Brasil em 1821-1829. In: BERTELS, D.E *et al.* **O acadêmico G.I. Langsdorff e sua expedição ao Brasil em 1821-1829: catálogo completo do material existente nos arquivos da União Soviética**, 1988, p.20.

1.6 Viagem de Langsdorff: geografia e paisagem

A geografia que foi desenvolvida no XVIII e no início do século XIX é, em grande parte, produzida pelos viajantes e pelos naturalistas. Langsdorff inscreve-se nesta tradição. Há um extraordinário conteúdo geográfico no conjunto da obra de Langsdorff que se processa no decorrer de suas viagens ao redor do mundo, da Sibéria à Amazônia, revelando não apenas verdadeiros inventários sobre as paisagens desbravadas e conhecidas, como também medindo as temperaturas das águas e do ar, efetuando observações sobre a fauna e a flora, relacionando os dados coletados, refutando os já existentes e elaborando considerações sobre as características sociais de cada região visitada. O peso da geografia é explícito em seus relatos. No que diz respeito à “Geografia do Japão” (*die Geographie von Japan*), informa Langsdorff na introdução de sua obra referente à viagem ao redor do mundo¹⁷⁹, ou ainda, no projeto que encaminhou a Karl Nesselrode, ministro das Relações Exteriores da Rússia, sobre uma expedição pelo interior do Brasil, cujos objetivos eram “descobertas científicas, **geográficas**, estatísticas e outras pesquisas, estudo sobre produtos não conhecidos no mercado, coleção de objetos de todo o reino natural”¹⁸⁰.

Devemos estar cientes, no entanto, que Langsdorff não era geógrafo de formação. Como já tivemos a oportunidade de salientar, ele era um médico reconhecido na Europa, sabia cerca de dez línguas, possuía amplos conhecimentos em diferentes ciências naturais e em distintas áreas das ciências humanas¹⁸¹. Mas aqui cabe a pergunta: “Dentre essa vasta e complexa formação, qual é, por conseguinte, sua relação com a Geografia e, em especial, com a categoria paisagem?”. Eis algumas das questões fundamentais que passaremos discutir nas reflexões a seguir.

No princípio foi a viagem. Conjugada com a práxis da exploração, a prática da

¹⁷⁹ LANGSDORFF, G. H. Borerinnerungen. In: **Bermerkungen auf einer Reise um die Welt in Jahren 1803 bis 1807**, Bd. I. Frankfurt a/M., 1812, S. [2].

¹⁸⁰ CHUR, L. A. (Org.). **A expedição científica de G. I. Langsdorff ao Brasil 1821-1829**. Catálogo completo do material existente nos arquivos da União Soviética. [Tradução e pesquisa bibliográfica de Marcos Pinto Braga]. Brasília: Secretária do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional: Fundação Nacional Pró-Memória, 1981, p.26-27. Grifos nossos.

¹⁸¹ Cf. KOMISSAROV, Boris. Langsdorff: com o Brasil para sempre. In: **EXPEDIÇÃO LANGSDORFF**. Catálogo de exposição. São Paulo, Brasília, Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil, 2010, p.15.

viagem durante muito tempo foi fundamentalmente um dos procedimentos privilegiados para a expansão do conhecimento sobre a superfície terrestre, que conduziu à compreensão de inúmeros fatos acerca das paisagens, dos lugares e regiões da Terra. Já desde muito o tema da viagem surpreende a fantasia dos homens, motivada essencialmente pela curiosidade “acerca do mundo situado além dos seus horizontes imediatos”. Essa curiosidade universal em relação ao “mundo sabidamente diferente, em grau variável, da área doméstica, constitui os alicerces de toda a Geografia”, como esclarece Richard Hartshorne¹⁸². Providencialmente, o geógrafo diz ainda que no decurso da evolução humana, o homem descobriu que:

o seu mundo variava acentuadamente de lugar a lugar. Para satisfazer-lhe a curiosidade acerca de tais diferenças é que a Geografia se desenvolveu como matéria de interesse popular. Desde os tempos mais remotos, esperava-se que os viajantes, ao retornarem de lugares ‘estrangeiros’, narrassem aos que haviam permanecido em suas casas como eram as coisas e as pessoas dos lugares que tinham visitado, quer se tratasse de distritos vizinhos, mas relativamente inacessíveis, quer de partes mais remotas¹⁸³.

O tema da viagem se abre assim para a discussão das grandes descobertas marítimas protagonizadas por Portugal e Espanha e a subsequente constituição de um vasto império nos séculos XV e XVI que engendraram inúmeras representações não somente fazendo ricas descrições textuais, como também utilizando o desenho, a pintura e o mapa. Propondo-se a relatar e/ou representar imgeticamente as ocorrências e as observações a respeito das descobertas de rotas, das novas terras descobertas, das relações entre as pessoas, nos locais visitados, dos obstáculos interpostos, esses documentos históricos-geográfico deixam aflorar, simultaneamente, a grade das coordenadas que permite localizar as observações e construir sistemas de informações geográficas. Além desses elementos de excelência, textos e imagens a despeito da descoberta da América – muito mais que os outros descobrimentos – obrigaram cartógrafos e geógrafos a desenharem um

¹⁸² HARTSHORNE, Richard. **Questões sobre a natureza da Geografia**. Rio de Janeiro: Instituto Panamericano de Geografia e História, 1969, p.20.

¹⁸³ HARTSHORNE, Richard. **Questões sobre a natureza da Geografia**. Rio de Janeiro: Instituto Panamericano de Geografia e História, 1969, p.20.

novo mapa-múndi e a revolucionarem a representação dos continentes e oceanos.

Mesmo sendo ocasionais as “descobertas” e muitas vezes protagonizadas por comerciantes, aventureiros, militares, missionários e outros, a sua contribuição à Geografia foi imperecível. A esse respeito, sublinha Claval:

A história da geografia se confunde então com as Grandes Descobertas: a aventura começa com Henri, o Navegador, na procura de uma rota que contorne o mundo árabe hostil fazendo a volta da África; ela continua com as viagens de Cristóvão Colombo (1492), de Vasco de Gama (1498) e de Pedro Álvares Cabral (1500) que descobrem as Américas - e a rota das Índias - em menos de oito anos. A viagem de circunavegação de Magellan abre o Pacífico. O ritmo das descobertas diminui então. Ele é retomado, sobre o mar, no decorrer do século XVIII, quando os grandes Estados europeus começam a compreender o interesse das viagens de exploração. E a época de Cook, de Bougainville, mas também de Béring, um Dinamarquês a serviço da Rússia. O século XIX procura tapar os brancos que subsistem na carta do mundo: a África é enfim penetrada, a Austrália atravessada, a Ásia central e a Sibéria sistematicamente percorridas¹⁸⁴.

Como se vê, a partir do século XVIII, com a Idade das Luzes, floresceu um novo tipo de viagem, que se estendeu por todo século XIX: expedições multidisciplinares motivadas pelos preceitos da Ilustração que proporciona um sentido pragmático, utilitário, instrumental à ciência, visto que os objetivos desta se dirigiam ao aproveitamento técnico da natureza pelo homem. Essas expedições eram compostas por cientistas, naturalistas, artistas, botânicos, diplomatas como Langsdorff, e outros viajantes que estiveram no Brasil.

Com o objetivo de explorar e adquirir conhecimento, as viagens foram amplamente difundidas pelas academias e sociedades científicas e universidades europeias, como já lembrado aqui, a respeito da “escola” de exploradores de Blumenbach, na Universidade de Göttingen. A viagem torna-se, portanto, uma forma privilegiada de atividade científica. Assim como a expedição russa da qual

¹⁸⁴ CLAVAL, Paul. **Epistemologia da Geografia**. [Tradução de Margareth de Castro Afeche Pimenta, Joana Afeche Pimenta]. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2011, p.86.

Langsdorff participou, também se lançaram ao oceano as principais potências em viagens de circum-navegação em nome da ciência e sustentadas por interesses econômicos e expansionistas.

Essa expansão sem precedentes possibilitou o conhecimento efetivo de todo o planeta, o que proporcionou novos progressos para a Geografia. A respeito desse processo, George Tatham explica que a “luz lançada sobre a natureza dos fenômenos físicos e biológicos, pelas ciências naturais, possibilitou, em meados do século XVIII, uma descrição da superfície da Terra, de cunho científico, como nunca [antes] havia sido feita”¹⁸⁵. Nesse período, com o desenvolvimento das Ciências Naturais, que clamavam por uma concepção viva da natureza como um todo, a Geografia adquire maior importância. Nas palavras de Tatham, essas “circunstâncias reavivaram o interesse pela geografia e, ao mesmo tempo, conferiram-lhe um *status superior*”¹⁸⁶.

Outro fator essencial para o desenvolvimento da Geografia foi o interesse pela História Natural em todos os seus ramos, e muito especialmente pela Botânica, intimamente relacionada com a Zoologia, a Medicina, a Agricultura, a Química e a Mineralogia. A História Natural se destacou como disciplina acadêmica ao incorporar o *Systema Naturae* de Lineu como uma das suas fundamentações, conferindo-lhe um *status* único entre as ciências naturais. Em linhas gerais, o *Systema* tinha a pretensão de ser um sistema de representação da natureza. Propunha fazer da análise, da catalogação e da organização os instrumentos de leitura do mundo natural, a partir de um sistema binomial, em latim, para nomear as espécies¹⁸⁷.

Assim, conjugada com o *Systema Naturae*, que proporcionou a padronização da ciência, e com a acelerada exploração geográfica, envolvendo muitas viagens no decorrer do século XVIII e início do XIX, temos a emergência da História Natural. Na esteira da *Encyclopédie ou Dictionnaire raisonné*, de Diderot e D’Alembert e com base no verbete sobre História Natural, providencialmente Miriam Moreira Leite esclarece que:

¹⁸⁵ TATHAM, George. A Geografia no século XIX. In: **Boletim Geográfico**, ano XVII, n.º 150. Rio de Janeiro, IBGE, p.555.

¹⁸⁶ *Idem, ibidem*.

¹⁸⁷ VANZOLINI, P. E. A contribuição zoológica dos primeiros naturalistas viajantes no Brasil. In: **Dossiê dos viajantes**. Revista USP. Coordenadoria de Comunicação Social, Universidade de São Paulo. n.º 1 (mar./mai., 1989). São Paulo, SP: USP, CCS, 1989, p.190-238.

A história natural abrange todo universo, sendo seu objeto tão extenso quanto a natureza – os astros, o ar, animais, vegetais e minerais do globo terrestre, em sua superfície e profundidade. Essas partes são objeto de muitas ciências que derivam da história-tronco¹⁸⁸.

A autora destaca ainda que entre os animais “estavam incluídos os homens, dos quais o comportamento e a língua eram características a serem classificadas e comparadas”¹⁸⁹. De fato, a História Natural é uma grande encruzilhada de correntes de interesse, o que é hoje visto como um conjunto variado de disciplinas científicas distintas. O reino da botânica “oferece o exemplo mais logrado desse modelo de conhecimento e ordenação do universo”¹⁹⁰. Os interesses da História natural, no entanto, incluem também a zoologia, a geografia, a etnografia, a geologia, a física, a química, a paleontologia, entre outras. Como se nota, a História Natural acentua o projeto iluminista em relação à natureza, qual seja: desvendar todos os seus segredos e funcionamentos, além de catalogar e categorizar, com a pretensão da produção de um conhecimento objetivo, o mundo natural. A linguagem tem um papel fundamental para o desenvolvimento da História Natural, pois deve constituir uma língua complexa e bem-feita com a finalidade de dominar o visível através de um sistema de signos, de símbolos passíveis de representar as coisas, os fenômenos expressas na paisagem:

fazer a história de uma planta ou de um animal era tanto dizer quais são seus elementos ou seus órgãos, quanto as semelhanças que se lhe podem encontrar, as virtudes que se lhe atribuem, as lendas e as histórias com que se misturou, os brasões onde figura, os medicamentos que se fabricam com sua substância, os alimentos que ele fornece, o que os antigos relatam dele, o que os viajantes dele podem dizer¹⁹¹.

¹⁸⁸ LEITE, Miriam Moreira. **Naturalistas viajantes**. História, Ciências, Saúde. Manguinhos, v. 1, n. 2, 1994, p.7.

¹⁸⁹ *Idem*, p.7-8.

¹⁹⁰ BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. A propósito d'o Brasil dos viajantes. In: **Dossiê dos viajantes**. Revista USP. Coordenadoria de Comunicação Social, Universidade de São Paulo. n.º 1 (mar./mai., 1989). São Paulo, SP: USP, CCS, 1989, p.18.

¹⁹¹ FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. [Trad. Salma Tannus

Firmando-se em meados do século XVIII, exatamente como crítica ao conhecimento diletante, a História Natural fora incluída nos programas de viagens, visando ao reconhecimento do trabalho dos viajantes. Nesse tempo, eram enormes as exigências científicas para reordenar os objetos e as coisas do mundo dentro de um sistema. Buscava-se conhecer, por exemplo, as espécies botânicas existentes em uma determinada região, não apenas para descrever e classificar e representar dentro do sistema lineano (nome, teoria, gênero, espécie, atributos), descobrir os seus usos medicinais e alimentares, mas também para a contextualização das plantas em seu *habitat*, em seu entorno, valorizando o recorte da paisagem como recurso explicativo e estético:

é a possibilidade de ver o que se poderá dizer, mas que não se poderia dizer depois, nem ver, a distância, se as coisas e as palavras, distintas umas das outras, não se comunicassem, desde o início, numa representação.¹⁹²

Essa prática do historiador da natureza, fundamentada na racionalidade, na prática empírica, na observação e experiência rigorosas e na representação das coisas, dos seres, das informações oriundas de novas terras, levou no decorrer do século XVIII e XIX à sistematização da Botânica, da Zoologia e da Geologia. A Geografia só atinge o *status* de disciplina acadêmica no século XIX. No entanto, vai ser no século XVIII que a já antiga atividade geográfica acentua sua relação com o discurso do “historiador da natureza”: “o de pousar pela primeira vez um olhar minucioso sobre as coisas e de transcrever, em seguida, o que lhe recolhe em palavras lisas, neutralizadas e fiéis”.¹⁹³

Como observa Simon Schama, “a natureza selvagem não demarca a si mesma, não se nomeia”, mas é delimitada, imaginada e representada, como num “quadro da natureza” para a conveniência e análises do viajante, ou seja, é a “percepção transformadora dos homens que estabelece a diferença entre matéria

Muchail]. 9ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p.178.

¹⁹² FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. [Trad. Salma Tannus Muchail]. 9ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p.178.

¹⁹³ *Idem*, p.179.

bruta e paisagem”¹⁹⁴. Assim, tendo em vista a relevância histórica e as características da Geografia do século XVIII, nosso propósito, nesse ponto, é apresentar os fundamentos e proposições do ilustre viajante Johann Reinhold Forster que, além de aparecer com destaque nesse momento de fundamentação da ciência geográfica sistemática, também exerceu grande influência sobre a obra de Langsdorff. Acreditamos que o estudo da superfície terrestre através do recorte das paisagens elaborado por Forster pode oferecer contribuições ao entendimento das paisagens elaboradas por Langsdorff, assim como sua relação com a Geografia.

Assim, ao examinar pormenorizadamente a conjuntura geográfica do século XVIII, Tatham destaca a contribuição do famoso viajante e naturalista Johann Reinhold Forster na fundamentação de uma ciência Geográfica sistemática. Forster é considerado um dos pioneiros entre os chamados cientistas exploradores. Acompanhado de seu filho de onze anos de idade, visitou a estepe do Volga em 1765, a convite do governo russo, com o objetivo de estudar as condições socioeconômicas dos colonos alemães. De 1772 a 1775, participa da segunda viagem de James Cook pelo oceano Pacífico, exercendo a função de naturalista, juntamente com seu filho Georg. Grande parte de sua fama resultou dessa expedição, principalmente com os estudos zoológicos e geográficos.

Ruy Moreira chama atenção para os trabalhos de Forster pelo o fato de serem “a primeira grande arrumação sistemática sofrida pela geografia moderna em sua formação, no campo teórico-metodológico”¹⁹⁵. Foram inestimáveis as contribuições de Forster para o desenvolvimento do pensamento geográfico. De acordo com Tatham, ele tratou a Geografia:

de um ponto de vista prático. Só se interessava pelo contato direto com diferentes naturezas em várias partes do mundo e a contribuição que ofereceu foi um método para o aproveitamento dos dados colhidos. Dotado de profundo espírito de observação e de mentalidade científica, coligia fatos, comparava e classificava os

¹⁹⁴ SCHAMA, Simon. **Paisagem e memória**. [Tradução de Hildegard Feist]. São Paulo: Cia. das Letras. 1995, p.17-20.

¹⁹⁵ MOREIRA, Ruy. **Para onde vai o pensamento geográfico**. São Paulo: Contexto, 2006, p.15.

mesmos, retirava dessa classificação generalizações para as quais buscava, depois, uma explicação causal¹⁹⁶.

Na base desse método de Forster está a observação empírica, a qual deveria iniciar-se no particular, nas diferenças, até atingir o geral, o todo. Decorre desse método um revigoramento das descrições como função pedagógica: “é ocasião para o aprendizado. Um aprendizado via experiência, via contato direto com as coisas do mundo”, nas palavras de Flora Süsskind¹⁹⁷. Forster anuncia um novo estilo de descrição de viagens científicas, a partir do qual será possível evidenciar e explicar as características dos fenômenos naturais manifestados na paisagem.

Portanto, a principal contribuição de Forster para o desenvolvimento da Geografia foi estabelecer o estudo da superfície terrestre como objeto de estudo. É a Forster que se deve a elaboração do método comparativo: comparar e combinar, explorar as relações entre os elementos, fenômenos naturais, deduzir leis, tal era a postura analítica do viajante em relação às paisagens¹⁹⁸. Deve-se destacar ainda que Forster “defendia uma concepção holística do funcionamento da natureza, cuja unidade seria determinada por diferenças, que agem por antagonismos”¹⁹⁹. Ainda são dignos de nota as considerações de Forster a respeito da Geografia Humana. Destaca Tatham que o viajante reconheceu:

a íntima relação existente entre o homem e o meio e, embora não fosse o primeiro a fazê-lo, foi dos primeiros a tentar explicá-la, buscando uma solução de tipo mecânico. De modo particular, chamou atenção para a mobilidade dos povos e a frequente necessidade de procurar as explicações de suas características físicas e culturais com referência a um meio anterior. Suas descrições das Ilhas dos Mares do Sul contêm a análise da

¹⁹⁶ TATHAM, George. *op. cit.* p.556.

¹⁹⁷ SÜSSEKIND, Flora. **O Brasil não é longe daqui**: o narrador; a viagem. São Paulo: Cia. das Letras, 1990, p.110.

¹⁹⁸ Cf. RUPP-EISENREICH, Britta. Aux ‘origines’ de la Völkerkunde allemande: de la Statistik a L’anthropologie de Georg Forster», in **Histoires de l’Antropologie** (XVIe – XIXe siècles). Colloque: La Pratique de L’anthropologie aujourd’hui. Paris: Klincksieck, 1984, p.105.

¹⁹⁹ LISBOA, Karen Macknow. **A nova Atlântida de Spix e Martius**: natureza e civilização na *Viagem pelo Brasil* (1817-1820). São Paulo: Editora Hucitec: Fapesp, 1997, p.39.

colonização, da densidade da população e da relação entre a densidade e os recursos do meio, análise que mereceu o respeito de geógrafos até Ratzel²⁰⁰.

Forster desempenhou fundamental influência em Langsdorff e Humboldt. Este realizou com Forster, em 1790, sua primeira viagem fora das fronteiras alemãs, explorando regiões de Flandres, Holanda, Inglaterra e França. Humboldt pôde aprimorar os conhecimentos necessários para realização de uma viagem científica. Langsdorff, por sua vez, teve uma influência indireta com Forster, mas não menos importante. Após o término da expedição ao redor do mundo e o retorno a São Petersburgo, o naturalista começou trabalhar seus materiais relacionados ao estudo da História Natural, particularmente os de botânica, zoologia, geografia, mineralogia, paleontologia, astronomia, meteorologia, entre outros assuntos, filtrando suas experiências e construindo um discurso aceitável ao público leitor desse gênero:

As narrativas de viagem não eram apenas leitura acessível ao público letrado, mas também serviam de fonte para várias modalidades das ciências empíricas, justamente por sua forma pouco especializada; em última instância, preenchiam certos requisitos difundidos pelo ideal pedagógico da Ilustração²⁰¹.

Para tanto, Langsdorff iniciou exaustiva pesquisa bibliográfica. Estudou com escrúpulo os relatos de viagem de seus precursores, principalmente dos naturalistas-viajantes, como é o caso dos Forsters: pai e filho descrevem, a quatro mãos, cuidadosamente, o relato de viagem que resulta na obra *Observations made during a Voyage round the World*. Georg Forster, o filho, “embora dotado de altas qualidades, tem menor importância, como inovador”; no entanto, é o primeiro autor “a despertar o amor pela beleza da paisagem”, esclarece Tatham²⁰².

Admite-se, portanto, que Forster exerce profunda influência em Langsdorff, tanto pela abordagem do estudo da superfície da terra por meio do recorte da

²⁰⁰ TATHAM, George. A Geografia no século XIX. In: **Boletim Geográfico**, ano XVII, nº 150. Rio de Janeiro, IBGE, p.557.

²⁰¹ LISBOA, Karen Macknow. **A nova Atlântida de Spix e Martius**: natureza e civilização na *Viagem pelo Brasil* (1817-1820). São Paulo: Editora Hucitec; Fapesp, 1997, p.38.

²⁰² TATHAM, George. A Geografia no século XIX. In: **Boletim Geográfico**, ano XVII, nº 150. Rio de Janeiro, IBGE, p.557.

paisagem, evidenciando e esclarecendo os fenômenos da natureza e os sociais, quanto pelo estilo descritivo que é, como sempre, bastante detalhado: inicia-se no particular, nas diferenças, até atingir o geral, o todo. Deve-se destacar ainda que a descrição é trabalhada a tal ponto que parece também ser de alguma forma exuberante. No entanto, essa influência descritiva vai se manifestar mais na primeira (e única) grande obra publicada por Langsdorff, intitulada “Notas sobre uma viagem ao redor do mundo, de 1803 a 1807”, publicada em 1812, como se pode observar:

A visão de qualquer terra, ou mesmo do rochedo mais estéril, é encantadora após uma viagem marítima de dois meses: ainda mais quando é o caso de uma terra que foi agraciada pela natureza em todos os sentidos, uma terra onde tudo viceja com inexcusável beleza e garbo inimagináveis. Da praia, junto ao mar, emergia uma paisagem maravilhosa, onde o verde das montanhas sobressaía mais pela coloração rubra do sol poente. Víamos, no estreito para o qual nos aproximáramos (*sic*), alguns navios, e, no dia 21, fundeamos nas proximidades do pequeno forte de Santa Cruz, na Ilha de “Atomeri”. [...] Excitado por tão belas imagens de minha fantasia, mal podia aguardar o retorno do sol para visitar a região paradisíaca. Confesso que minhas ideias eram exageradas e tensas, mas apesar disso, quanto mais eu me aproximava da terra, a realidade excedia minha expectativa²⁰³.

As correlações entre Langsdorff e a Geografia do século XVIII e início do século XIX são múltiplas. Procuramos sublinhar as influências explícitas tanto por Langsdorff como pela fortuna crítica de sua vida e obra. Nesse ponto do estudo, procederemos a um reconhecimento do sentido da paisagem presente no conjunto da obra de Langsdorff.

²⁰³ LANGSDORFF, G. H. von. Bemerkungen auf einer Reise um die Welt in den Jahren 1803 bis 1807. In: HARO, AFONSO PALMA DE. (ORG.). **Ilha de Santa Catarina: relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX**. Florianópolis, Editora da UFSC/Editora Lunardelli, 1990, p.162.

CAPÍTULO II

PAISAGEM ATRAVÉS DA LITERATURA: GEOGRAFIA E GÊNERO DISCURSIVO

2.1 Literatura e Geografia

A literatura, segundo Antonio Cândido, pode ser definida como um “sistema simbólico, por meio do qual as veleidades mais profundas do indivíduo se transformam em elementos de contato entre os homens, e de interpretação das diferentes esferas da realidade”²⁰⁴. No entanto, esse mesmo autor define a Literatura de maneira ainda mais ampliada:

todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. Vista deste modo, a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação²⁰⁵.

Portanto, é por meio da literatura que podemos tomar contato com um vasto conjunto de experiências acumuladas pelo ser humano ao longo de sua trajetória cultural civilizatória. No que tange à literatura de viagem, ressalta-se a necessidade de o viajante desvendar o mundo, o espaço, a terra, a paisagem, o deslocamento, os obstáculos, com a finalidade, em primeiro lugar, de se sentir essencial ao mundo, de ser reverenciado por conta das distâncias que ele tenha percorrido, convertido

²⁰⁴ MELLO E SOUZA, Antonio Candido. **Formação da Literatura Brasileira** (momentos decisivos). Volume I. (1750-1836). São Paulo: Martins, 1957, p. 23-24.

²⁰⁵ MELLO E SOUZA, Antonio Candido. O direito à literatura. In: **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1995, p. 242.

assim em um ser extraordinário pela experiência vivida e pela posse dos mais diversos produtos exóticos.

Felipe Armesto-Fernández em seu livro “Os desbravadores: uma história mundial da exploração na terra” inicia seu estudo destacando a história do homem por meio dos processos de divergência e convergência culturais. Sobre a divergência dos grupos humanos há poucos registros. Ressalta-se o modo como os homens se separaram e se diferenciaram, “cobrindo cerca de 150 mil anos, pois se estende, em linhas gerais, desde o surgimento do *Homo sapiens* até o presente”. Sobre o processo de convergência, trata-se de uma história curta e recente e com grande quantidade de indícios que chegaram até nós de: “como os grupos humanos voltaram a se pôr em contato, trocaram dados culturais, copiaram os modos de vida uns dos outros e se tornaram novamente mais parecidos entre si”²⁰⁶.

Conforme proposição de Armesto-Fernández, os primeiros viajantes e exploradores são responsáveis por abrir as rotas de convergência cultural. Dentre os viajantes que atuaram nesta ampla urdidura, focalizaremos a história referente à Eurásia, em especial, à rota da seda. Entre os europeus que estiveram no Oriente entre os séculos XIII, XIV e XV (período este considerado a era “terrestre” da história da humanidade, e que, a partir do século XV, seria substituída pela era “oceânica” em decorrência das grandes viagens marítimas)²⁰⁷ o veneziano Marco Polo interessa aos nossos propósitos por exemplificar a convergência cultural em questão e principalmente por ser um dos mais influentes escritores de relatos de viagem.

A Europa do final da Idade Média estivera ligada por muito tempo à Ásia através de frágeis rotas terrestres. A rota mais importante da época, que servia de corredor de comunicação e comércio entre Europa e China, na chamada Eurásia, viabilizando o contato entre culturas dispersas, unindo determinados Estados e civilizações, é a Rota da Seda. Por ela transitavam mercadores, peregrinos, cartógrafos, missionários, diplomatas, burocratas, guerreiros, pesquisadores itinerantes e viajantes curiosos.

Encarada como a epopeia da viagem pela Eurásia, a obra *Il milione* de Marco Polo referente à viagem de sua cidade de Veneza até o Extremo Oriente – primeiro

²⁰⁶ FERNÁNDEZ-ARMESTO, Felipe. **Os desbravadores: uma história mundial da exploração da Terra**. [Tradução Donaldson M. Garschagen]. São Paulo: Cia. das Letras, 2009, p.13-15.

²⁰⁷ KIMBLE, Georg H.T. **A geografia na Idade Média**. [Tradução Márcia Siqueira de Carvalho.]. 2ed.rev. Londrina: Eduel, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2005, p.179.

em companhia de seu pai e seu tio, mercantes venezianos, que já tinham experiência de viagens pela China; depois, em missões diplomáticas como representante do grande Khan, imperador dos mongóis – é uma das melhores fontes sobre as características e os rigores do percurso da Rota da Seda, sobre o império do Gengis Khan e suas riquezas, sobre os prodígios do desconhecido, do bárbaro, do selvagem, da monstruosidade, notadamente, a representação europeia do Oriente como continente de maravilhas. Destacam-se nessa obra descrições de culturas diversas, da fauna, da flora, dos povos e, tal qual um tratado geográfico da época, descrições pormenorizadas de complexo montanhoso no coração da Ásia, sobre o sistema hidrográfico e a densidade da população na China, bem como a identificação espacial de cidades, regiões e lugares inimagináveis na Europa. Como se nota, Marco Polo representa uma expansão notável do horizonte geográfico europeu medieval, como indica Kimble em “A geografia na Idade Média”²⁰⁸, fazendo dele um dos precursores da geografia moderna²⁰⁹.

O que havia de mais específico no continente surge no signo do extraordinário, do maravilhoso, do inaudito: as ilhas de Andamão, os montes do reino de Lambri e a ilha de Angaman, ao sul do reino de Resmacoron, locais estes habitados por cinocéfalos monstruosos, homens com rabos de cão, um ilha de homens sem mulheres (ilha Macho) e outra de mulheres sem homens (ilha Fêmea).

O importante a assinalar é que os relatos de Marco Polo, que durante muito tempo foram umas das poucas fontes de informação sobre o Oriente no Ocidente, tiveram grande repercussão na Europa, pois representavam a possibilidade de conhecer miríficas paisagens em função do impacto do clima, ao qual são acrescidas informações sobre a posição geográfica das regiões visitadas, sobre a fertilidade da terra, a diversidade das plantas, os frutos, os animais; descrições de riquezas e costumes contíguos, celebrações de festejos, entre outras descrições da realidade do continente asiático.

A propósito da repercussão de *Il milione* na Europa, é preciso destacar dois aspectos centrais. Primeiro, a viagem adquire uma carga de excitação, de prazer,

²⁰⁸ KIMBLE, Georg H.T. **A geografia na Idade Média**. [Tradução Márcia Siqueira de Carvalho]. 2ed.rev. Londrina: Eduel, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2005, p.179.

²⁰⁹ Ver mais: BARROS, Nilson Crocia de. **Traços da Geografia na experiência histórica da China e na Idade Média européia**. 2005, em <<http://www.ufpe.br/revistageografia/index.php/revista/article/viewFile/28/2>> [Consultado em 18 de novembro de 2010]

pois significa tomar conhecimento daqueles que diferem de “Nós”, de revelar novos espaços, paisagens, flora, fauna, costumes e religiões, as aventuras e peripécias da viagem. Neste livro, destaca Stéphane Yerasimos, Polo “pretende contar o conjunto do mundo, localizar e descrever a totalidade dos elementos que a visão do mundo de sua época contém, inclusive os elementos legendários, os quais não se distinguem enquanto tais dos elementos reais”²¹⁰. Assim, a viagem e o conhecimento da civilização oriental, que é um contraponto à ocidental, presentes nos relatos de Polo se tornariam nas mãos dos viajantes do Renascimento, entre eles Cristóvão Colombo, Américo Vespúcio e Fernão de Magalhães, uma “fonte de estímulo ao descobrimento e [à] conquista da América”²¹¹.

Segundo, o sucesso do livro de Marco Polo se deve em grande parte ao italiano Rustichello de Pisa, autor e compilador de diversas obras, que se interessou pelas histórias narradas por Polo e as transcreveu durante o período em que ambos estavam presos em Gênova²¹². *Il milione*, também conhecido como “O livro das maravilhas” ou “A descrição do mundo” é resultado de um trabalho feito a quatro mãos: Polo tinha o conhecimento dos fatos, Pisa a formação literária. Dessa união surge um gênero discursivo, ou seja, o gênero é o ponto de articulação entre uma dada atividade humana ou atividade social – no caso em questão a viagem relacionada ao descobrimento de novas realidades, de novos territórios, ao encontro de novas raças – e uma dada atividade de linguagem ou atividade discursiva – a necessidade pragmática de registrar rotas, condições atmosféricas, descrições geográficas diversas, paisagens exóticas, da imagem do Outro, de uma humanidade diferente, com culturas, crenças, governos e costumes próprios.

Trata-se, no entanto, de um gênero discursivo de relativa complexidade, como se pode notar pelo modo como os costumes são descritos: em *Il milione* há características do gênero ‘crônica’; a descrição e localização das regiões visitadas por Polo são típicas de um tratado geográfico. Também, a lembrança dos fatos e o

²¹⁰ YERASIMOS, Stéphane. Sob os olhos do Ocidente. In. POLO, Marco. **O livro das maravilhas**: a descrição do mundo. [Tradução de Elói Braga Junior]. 5ed. Porto Alegre: L&PM, 1996, p.29.

²¹¹ GIUCCI, Guillermo. **Viajantes do maravilhoso**: o novo mundo. [Tradução de Josely Vianna Baptista]. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.

²¹² Rustichello foi preso em 1284 após a Batalha de Meloria, em que Gênova derrota Pisa. Marco Polo participou da batalha naval ocorrida no mar Adriático, na qual se enfrentaram as frotas veneziana e genovesa; os venezianos foram vencidos, e Marco Polo foi levado para o cativeiro em Gênova, em 1296, onde permaneceria por três anos.

testemunho do sujeito histórico configuram o gênero memórias e até mesmo a autobiografia. Observa-se, portanto, a imbricação, a interpenetração, a hibridização dos gêneros, visando funções e interesses específicos, de acordo com o feixe de intencionalidade que reúne cada situação de comunicação pressuposta.

Destaca-se, portanto, que *Il milione* não apenas serve de incentivo ao descobrimento e à conquista da América, como também se estabelece como um modelo discursivo a ser seguido pelos viajantes do Renascimento, a ponto de legitimar e até impor determinada forma de registrar dados históricos, descrever o cotidiano de eventos e vivências, representar seres e realidades maravilhosas, dar indicações de recursos econômicos e naturais, relatar o caráter social de uma nação e, sobretudo, de representar o espaço geográfico configurado na paisagem, como forma de apreender a natureza, os traços, a fisionomia característica das regiões que o viajante percorria. Nesse ponto, juntamente com outros viajantes medievais, a obra de Marco Polo contribui para a consolidação de uma relação mantida com a superfície da Terra, no sentido de perceber e representar aquilo que se vê do país, da região visitada, desenvolvendo uma arte de contemplação do espaço percorrido e descoberto: “estes homens de ofício, entre os quais estão os geógrafos, partilham esta atenção aos signos do mundo, aninhados na cor das pedras, na orientação dos ventos ou no movimento das águas, que permitem aos olhos *lerem*, por assim dizer, a paisagem”²¹³.

Eis, portanto, os antecedentes da literatura de viagem que passaram a ser amplamente utilizados pelos homens da Renascença, em especial por Cristóvão Colombo²¹⁴. Assim, embora com alguns antecedentes medievais, a literatura de viagem surge na Europa nos finais do séc. XV e desenvolve-se nos séculos XVI e XVII com o aparecimento de novas realidades, tanto no que se refere à descoberta de novos territórios, como ao encontro com novas gentes e raças até então desconhecidas. Esse processo só ganharia sua forma plena no mundo europeu do século XVII, principalmente quando a representação da paisagem ganha evidência histórica: científica e culturalmente, sendo difundida no gosto geral.

²¹³ BESSE, Jean-Marc. **Ver a terra**: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia. [Tradução Vladimir Bartalini]. São Paulo: Perspectiva, 2006, p.19.

²¹⁴ Ver a respeito, o estudo clássico de: HOLANDA, Sergio Buarque de: **A visão do paraíso**: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil, principalmente, Terras incógnitas. São Paulo: Brasiliense, 1994, p.15-34.

A literatura de viagem viceja entre os séculos XVIII e XIX, período em que ocorre a emergência da História Natural, do sistema lineano²¹⁵, de uma racionalidade científica, de uma crescente especialização nas mais diversas áreas e, principalmente, com a corrida da expansão capitalista pelas potências europeias em busca de novos territórios, cujo domínio da maior extensão possível visava aumentar seu poder e riqueza através da dominação e exploração daqueles. As viagens passam a serem realizadas por naturalistas, artistas, especialistas diversos, sem, contudo, descartar os comerciantes, aventureiros, missionários, militares e outros, dispostos a empreender essas explorações continentais. Destas, portanto, resultaram diversos relatos de cunho científico, tendo como principal característica o constante aparecimento de listas e descrições longas e detalhadas sobre a flora, a fauna, o solo e os recursos naturais.

A descrição da paisagem era um dos principais motivos dos viajantes. Tinham a preocupação de descrevê-la da maneira mais fiel e detalhada possível, através da linguagem que “re-cria” – no sentido literal de criar de novo” *imago mundi* essas realidades brasileiras. Trata-se de modos particulares de descrever as paisagens das novas terras, configurando o que Flora Süssekind chama de “mediadoras fundamentais da territorialização paisagística da imagem do Brasil”²¹⁶. Motivados pela “razão naturalista”, pelo “impulso classificatório” esses viajantes exploraram e registraram aspectos variados a respeito do Brasil,

Como se, não bastando o simples registro de uma vista, fosse necessário delinear com nitidez ainda alguma árvore, espécie vegetal de pequeno porte, algum homem em atividade característica ou apenas passando. Como se uma prancha devesse cumprir papel de várias. Como se numa estampa devesse dar conta de uma

²¹⁵ As primeiras tentativas de utilização de um sistema lineano, mais conhecido como binomial, para designar espécies, deve-se ao naturalista suíço Gaspard Bauhin (1560-1624) que em pleno século XVII, quase 200 anos antes de Carolus Linnaeus (1707–1778), ensaiou a criação de um sistema que permitisse simultaneamente identificar uma espécie e indicar o agrupamento taxonômico no qual ela poderia ser incluída. O sistema não teve seguidores, em boa parte porque ainda não havia os *metodistas*, estudiosos que nos séculos imediatos tentariam organizar o mundo vivo num sistema racional, e porque os conceitos de taxonomia ainda não haviam amadurecido suficientemente para justificar o conceito.

²¹⁶ SÜSSEKIND, Flora. **O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p.7.

multiplicidade de espécies existentes ou atividades possíveis naquele exato local.²¹⁷

Nesta pesquisa, portanto, buscar-se-á nesse vasto leque documental tudo o que se refere ao resgate de informações necessárias para a reconstituição de parte importante da Histórica e da Geografia de nosso país, em especial das paisagens, pois, de acordo com Antonio Candido e Castello, o legado iconográfico e a literatura de viagem dos viajantes europeus adquirem características peculiares na descrição do mundo natural:

À curiosidade geográfica e humana e ao desejo de conquista e domínio corresponde, inicialmente, o deslumbramento diante da paisagem exótica e exuberante, testemunhado pelos [viajantes europeus] que escreveram sobre o Brasil²¹⁸.

Nota-se, portanto, que os relatos de viagem estão indissoluvelmente atrelados à realidade empírica. Mesmo abordando uma ampla diversidade de temas, predominantemente prevalece em tais registros uma descrição do mundo natural, verdadeiros inventários sobre as paisagens física e humana brasileiras. Para exemplificar esse tipo de literatura de viagem ou relatos de viagem do século XIX podemos iluminar os diários produzidos por Langsdorff: eram de cunho científico, com conteúdo científico. Os diários do Barão Georg Henrich von Langsdorff constituem uma parte importante do arquivo de sua expedição brasileira, realizada entre 1824 e 1829, fase crucial da formação da sociedade brasileira, coincidindo com a fase inicial da Independência do Brasil. A grande viagem à província de Minas Gerais começou no dia 8 de maio de 1824. Desde o primeiro dia Langsdorff começou a escrever o seu diário de viagem, cuja escrita era feita em “condições difíceis de acampamento, mas graças ao uso de tinta indelével, na composição da qual entravam ‘pedra infernal’ (nitrato de prata [AgNO_3]), goma-arábica e fuligem de pinheiro, a maior parte dos seus diários encontram-se em boas condições”²¹⁹. Esses

²¹⁷ SÜSSEKIND, Flora. **O Brasil não é longe daqui**: o narrador, a viagem. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 118.

²¹⁸ MELLO E SOUSA, Antonio Candido e CASTELLO, José A. **Presença da Literatura Brasileira**. vol. I. São Paulo: Difel, 1964, p.13.

²¹⁹ KOMISSAROV, Boris. **Expedição Langsdorff**: acervo e fontes históricas. São Paulo: Editora Unesp, 1994, p.14.

diários são compostos de 26 cadernos de diferentes formatos e tamanhos, abrangendo 1.388 páginas²²⁰.

Os diários de Langsdorff, de acordo com Boris Komissarov:

foram escritos em alemão, em letras góticas. Sua caligrafia é de leitura difícil. Encontram-se letras acavaladas e palavras escritas abreviadamente. Páginas escritas em português ou inglês e palavras isoladas em latim ou em francês leem-se com maior facilidade, mas também nesses casos Langsdorff usou abreviaturas com frequência. Nem sempre ele produzia a grafia de uma mesma palavra de maneira idêntica. Complicam a leitura os acréscimos entre as linhas²²¹.

As transcrições e preparação dos textos dos diários de Langsdorff se devem ao árduo trabalho do filólogo V. A. Egerov, de Noema Sprintsin, de Maria Krutikova e de Dimitrij E. Berthels. Os diários de viagem de Georg Heinrich von Langsdorff foram publicados no Brasil em 1997, pela Editora Fiocruz, sob o título de “Os diários de Langsdorff”²²². O primeiro volume refere-se às viagens pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais, o segundo, a São Paulo e o terceiro é referente ao Mato Grosso e à Amazônia. A publicação de tais documentos é fruto de intenso trabalho de pesquisadores e cientistas, entre eles Boris Komissarov e Marcos Pinto Braga que, juntamente com a Associação Internacional de Estudos Langsdorff (AIEL), viabilizaram esse empreendimento.

Os diários de viagem ou de campo eram obras que acumulavam intenções, interesses e reações que explicavam e estimulavam os projetos imperialistas pelas mais diversas nações europeias, entre os séculos XVIII e XIX. Mirian Moreira Leite destaca a tradição e a importância dos diários:

²²⁰ Cf. KOMISSAROV, Boris. **Expedição Langsdorff**: acervo e fontes históricas. São Paulo: Editora Unesp, 1994, p.13.

²²¹ KOMISSAROV, Boris. **Expedição Langsdorff**: acervo e fontes históricas. São Paulo: Editora Unesp, 1994, p.14.

²²² De acordo com informação obtida com Danuzio Gil Bernardino da Silva, organizador dos *Diários de Langsdorff*, há uma versão publicada dos manuscritos de Langsdorff em língua russa. Tal versão, no entanto, apresenta inúmeros cortes, contendo ao todo 200 páginas, ao contrário das mais de mil páginas da versão em língua portuguesa.

Desde o século XVIII, em instruções aos naturalistas-peregrinos, as autoridades coloniais portuguesas recomendavam, com meticolosas cautelas, o registro diário de atividades e descobertas, bem como a revisão semanal dos registros para aperfeiçoamento dos mesmos. Fonte de conhecimento e de indicações de recursos econômicos disputados pelas potências europeias, esses diários eram peças valiosas e segredo de Estado²²³.

“Quanto mais eu conheço esse país, mais aumenta o interesse para com seus lugares desconhecidos. O Brasil é realmente um novo mundo”, escreve Langsdorff a Nesselrode em 16 de março, durante a excursão à Província de Minas Gerais²²⁴. Essa espécie de êxtase diante de “tal quantidade de fatos admiráveis e interessantes” fazia com que o naturalista se esforçasse em “tudo observar e nada deixar escapar”²²⁵. No arquivo de Langsdorff, a presença de uma larga profusão de temas evidencia a diversidade dos interesses do viajante, confirmando a atuação de um polígrafo. São relatos de viagem que desvelam paisagens, a diversidade da flora, da fauna, o clima, a mineralogia, os rios, fontes minerais e lagoas, conhecimento físico e moral dos povos, as doenças, a língua, os costumes, as estradas, cidades, vilas, povoações, as construções de pontes, tipos de transporte, entre muitos outros assuntos. O envolvimento do naturalista com essa pluralidade de assuntos é um dado relevante para se compreender a prática de anotações feitas em diários de campo: “tudo isso, e muito mais, deveria ser registrado porque não se podia confiar apenas na memória”²²⁶.

A imensa capacidade de registro de Langsdorff, quase uma obsessão, faz com que o viajante escreva ao mesmo tempo em que viaja, relatando ao mesmo

²²³ LEITE, Miriam Moreira. Prefácio. In: SILVA, Danuzio Gil Bernardino da (org.). **Os diários de Langsdorff**. Vol. I. Rio de Janeiro e Minas Gerais, 8 de maio a 17 de fevereiro de 1825. [tradução de Márcia Nascimento Egg et al.]. Campinas: Associação Internacional de Estudos Langsdorff; Rio de Janeiro: Fiocruz, 1997, p.XLV.

²²⁴ KOMISSAROV, Boris. O acadêmico G.I. Langsdorff e sua expedição ao Brasil em 1821-1829. In: BERTELS, D.E., B. N. KOMISSAROV, T. I. LICENKO (orgs). **O acadêmico G.I. Langsdorff e sua expedição ao Brasil em 1821-1829: catálogo completo do material existente nos arquivos da União Soviética**. Coordenação de L. A. Chur [tradução e pesquisa bibliográfica de Marcos Pinto Braga]. Brasília: Secretária do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional Pró-Memória, 1988, p.33.

²²⁵ LANGSDORFF, G. H. *Bermerkungen auf einer Reise um die Welt in Jahren 1803 bis 1807*, Bd. I. Frankfurt a/M., 1812, S. [2]. *Apud*, KOMISSAROV, Bóris. *op. cit.*, 1992, p.30.

²²⁶ KOMISSAROV, Boris. Langsdorff: com o Brasil para sempre. In: **EXPEDIÇÃO LANGSDORFF**. Catálogo de exposição. São Paulo, Brasília, Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil, 2010, p.19.

tempo em que descobre os esplendores da natureza brasileira, como se pode observar no relato de Auguste de Saint-Hilaire, na ocasião em que viajaram juntos pela província de Minas Gerais: “Meu companheiro de viagem ia, vinha, agitava-se, chamava este, repreendia aquele, comia, escrevia o seu diário, arrumava as borboletas e tratava de tudo ao mesmo tempo”²²⁷. Ao fim da tarde e, às vezes, à noite, “quando as forças dos viajantes já estavam quase esgotadas”, eram os momentos em que a redação dos relatos era retomada. A partir dessas anotações, dos registros elaborados conforme o deslocamento físico pelo país, o viajante, mais tarde, “livre das peripécias da viagem, podia filtrar suas experiências, construindo um discurso aceitável ao público leitor desse gênero”²²⁸.

O arquivo de Langsdorff composto pelos 26 cadernos de seus diários, “assim como trabalhos, cartas, dicionários de línguas indígenas, cópias de documentos de arquivos e outros materiais, totalizando mais de 4 mil páginas” referentes à viagem científica ao Brasil, não foi publicado, por razões compreensíveis: o empreendimento culminou em tragédia, uma combinação de catástrofes e doenças tropicais arrasou a expedição, levando o cientista à loucura e à perda da memória²²⁹.

Assim, do ponto de vista literário, “os diários do cientista não são elaborados. Algumas vezes as notas são lacônicas e até mesmo mnemônicas, com frases fragmentadas, palavras soltas e desconexas”. Encontram-se, ao lado disso, “descrições minuciosas e longos comentários”²³⁰. Providencialmente, Miriam Moreira Leite esclarece que o diário de campo costuma:

ser um instrumento de trabalho científico, realizado com vistas à elaboração de relatórios completos e minuciosos ou da publicação de livros, através do desdobramento da continuidade e do interrelacionamento dos dados anotados apressadamente, como lembretes, e da organização lógica de seu conteúdo para um público

²²⁷ SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais**. [tradução de Vivaldi Moreira]. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975, p.66.

²²⁸ MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo. A sensualidade como caminho. Notas sobre diários e viagens. *In*. **Dossiê Brasil Império**. Revista USP. Coordenadoria de Comunicação Social, Universidade de São Paulo n.º 58 São Paulo, nº 58, junho/agosto. São Paulo, SP: USP, CCS, 2003, p.135-136.

²²⁹ KOMISSAROV, Boris. Langsdorff: com o Brasil para sempre. *In*: **EXPEDIÇÃO LANGSDORFF**. Catálogo de exposição. São Paulo, Brasília, Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil, 2010, p.21.

²³⁰ KOMISSAROV, Boris. **Expedição Langsdorff**: acervo e fontes históricas. São Paulo: Editora Unesp, 1994, p.15.

mais amplo, mesmo que conserve a forma atraente do diário. Escrito para uso próprio, o diário de campo conserva a espontaneidade do pensamento ingênuo, que não entra em confronto com o leitor. A ausência de um público dispensa uma comunicação mais cuidadosa e mais conforme às convenções linguísticas e científicas²³¹.

Os relatos elaborados por Langsdorff, porém, fogem desse modelo de diário de campo, “dadas algumas características da personalidade de seu autor – a tenacidade, a compulsividade e a autoconfiança”²³², mas também pela diversidade de seus conhecimentos, típico dos homens da época do Iluminismo, e pela larga experiência científica adquirida na viagem de circum-navegação. Com o objetivo de descrever os mecanismos de construção de sentido da paisagem-texto presente nos diários do naturalista alemão, passamos agora a enfocar tais diários para além das aparências e como construção linguageira do mundo.

2.2 A construção da paisagem

Em 1821, sob os auspícios do governo russo e com o apoio de autoridades brasileiras, o naturalista alemão Georg Heinrich von Langsdorff, então Cônsul da Rússia no Rio de Janeiro, iniciou uma grande expedição que, em oito anos, cruzou o Brasil, partindo da Fazenda Mandioca, no Rio de Janeiro, e chegando até Belém, no Pará, produzindo, ao mesmo tempo em que se deslocava pelas terras desconhecidas, importantes registros histórico-geográficos. Ao discorrer sobre a história da Geografia como epopeia da descoberta da Terra, Paul Claval chama a atenção para o fato de que o viajante, o geógrafo ou todo aquele que deseja descrever o mundo, uma nação, que procura comunicar uma informação de uma paisagem, de um pequeno lugar, de uma região, tem necessidade de recorrer a “um

²³¹ LEITE, Miriam Moreira. Prefácio. In: SILVA, Danuzio Gil Bernardino da (org.). **Os diários de Langsdorff**. Vol. I. Rio de Janeiro e Minas Gerais, 8 de maio a 17 de fevereiro de 1825. [tradução de Márcia Nascimento Egg *et al.*]. Campinas: Associação Internacional de Estudos Langsdorff; Rio de Janeiro: Fiocruz, 1997, p.XLV.

²³² LEITE, Miriam Moreira. Prefácio. In: SILVA, Danuzio Gil Bernardino da (org.). **Os diários de Langsdorff**. Vol. I. Rio de Janeiro e Minas Gerais, 8 de maio a 17 de fevereiro de 1825. [tradução de Márcia Nascimento Egg *et al.*]. Campinas: Associação Internacional de Estudos Langsdorff; Rio de Janeiro: Fiocruz, 1997, p.XLV.

gênero literário e [a] seus procedimentos de narração”, com vistas a “restituir com exatidão as informações que recolheram e as reações que experimentaram”²³³.

Nesse sentido, Mikhail Bakhtin em sua obra “Estética da criação verbal” elucida que, sempre que usamos a língua para nos comunicar, de forma oral ou por escrito, nas mais diversas esferas de atividade humana (esfera científica, jurídica, jornalística, religiosa, educacional, amorosa, para citar somente algumas), recorreremos a algum gênero do discurso. Os gêneros são “*tipos relativamente estáveis* de enunciados”, caracterizados por um conteúdo temático, uma estrutura composicional e um estilo²³⁴.

Os gêneros discursivos *diário*, *carta* e *crônica*, assim como outros, foram largamente utilizados pelos viajantes estrangeiros que passaram pelo Brasil desde os primeiros séculos de nossa História. Esses gêneros que compõem a ampla esfera chamada *Literatura de viagem* carregam em seu conjunto uma forte herança que remonta às narrativas de Marco Polo, Cristovão Colombo, Johann Reinhold Forster e Georg Forster, entre outros, como já tivemos a oportunidade de destacar. O importante a salientar aqui é que não foi gratuita essa escolha pelos gêneros discursivos em questão, mas sim fruto de interesses específicos, pois são meios apropriados de apreender a realidade, os aspectos mais descritivos, como a fisionomia geográfica dos lugares, das regiões, das paisagens.

Antes de proceder a uma investigação detida das paisagens brasileiras representadas por Langsdorff, que faz um dos primeiros desenhos das grandes regiões naturais do Brasil, convém sublinhar algumas características discursivas do gênero *diário*, com vistas a apreender a maneira como o enunciador constrói sua representação de tais paisagens de modo a convencer o enunciatário-leitor sobre o mundo que a ele se descortina. Amparados em Paul Claval, daremos “atenção aos discursos e à maneira como os homens falam do mundo”, pois:

Se os discursos são tão importantes, é que não servem somente para dizer o que são. Estruturam o real, fazem-no ver, revelam-no:

²³³ CLAVAL, Paul. **Epistemologia da Geografia**. [Tradução de Margareth de Castro Afeche Pimenta, Joana Afeche Pimenta]. Florianópolis: Editora da UFSC, 2011, p.83-85.

²³⁴ BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. [Introdução e tradução do russo Paulo Bezerra; prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov]. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p.262. Grifos do autor.

as categorias utilizadas para analisar uma paisagem ou um mapa, descrever uma ação [...] ²³⁵

Não se trata de elaborar um estudo que diga respeito rigorosamente às múltiplas facetas e implicações da diversa ordem que o gênero *diário* pressupõe, mas chegar, como diria Maingueneau em *Gênese dos discursos*, “às implicações teóricas e metodológicas que lhe estão ligadas” ²³⁶. Trata-se fundamentalmente de investigar os mecanismos da construção de sentido que respaldam o gênero *diário de campo*, com vistas a depreender o papel que a representação da paisagem desempenha no seio do gênero discursivo, bem como nos processos sociais e culturais.

É importante frisar que, além de identificar as regras do gênero *diário de viagem* e *de campo*, esperamos apresentar, em linhas bem gerais, os traços desse Brasil do antanho construído por Langsdorff, pois, vindo ao encontro de uma característica básica da *Literatura de viagem* desse período, os relatos de Langsdorff revelam uma larga profusão de temas, muitos dos quais não contemplados em nossa pesquisa.

Desse modo, segundo as acepções do termo “diário” nos mais diversos dicionários consultados, ficam aqui propostas para centro de nosso olhar analítico, duas categorias desse gênero, a saber, “diário intimista” e “diário exploratório”. O primeiro se materializa especialmente pelo *diário íntimo*, tais como os diários de Virginia Woolf, de Sylvia Plath, de Thomas Mann, de Lima Barreto, de Torquato Neto, entre outros. O discurso intimista caracteriza-se primordialmente pelo critério temático centrado no *eu*, “literatura do eu”, conforme palavras de Flora Süssekind. Esse discurso discorre sobre assuntos extremamente pessoais e confidenciais. No *discurso intimista*, concretizado por meio do *diário*, costuma ser privilegiado o “eu” como centro do mundo, seja um eu íntegro ou cindido. No *diário íntimo*, a observação do mundo costuma tender para o emocional e para as oscilações dos estados da alma. Tais oscilações aí narradas configuram o *phatos*, i.e., um *éthos* sofrido, no sentido de que o sujeito narrador sofre os eventos quotidianos, deixando-se atravessar-se por eles. O *discurso intimista* tende assim à dimensão da

²³⁵ CLAVAL, Paul. **Epistemologia da Geografia**. [Tradução de Margareth de Castro Afeche Pimenta, Joana Afeche Pimenta]. Florianópolis: Editora da UFSC, 2011, p.247.

²³⁶ MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos discursos**. Curitiba: Criar Edições, 2005, p.66.

intensidade, ou seja, aos estados da alma, ao sensível. Os papéis temáticos do narrador do *diário íntimo* são daquele que confessa, daquele que confia ao pé do ouvido, com o máximo de cumplicidade.

Por discurso exploratório entende-se o ato ou efeito de procurar, descobrir, explorar, pesquisar uma paisagem, uma região, um território, um país, etc. Enfim, temos o discurso que explora o “mundo aí, postado fora de nós, em si mesmo, e absolutamente apto à apreensão de nossos sentidos”²³⁷. O discurso exploratório se materializa primordialmente pelos desdobramentos do gênero *diário*, tais como *diário de bordo*, *diário de viagem* e *diário de campo*. Trata-se de gêneros largamente utilizados tanto em língua portuguesa como estrangeiras desde o descobrimento do Brasil. Não só os diários dos viajantes e naturalistas fazem parte do discurso exploratório, como também diários como os de Bertolt Brecht “Diário de trabalho”, em que o critério temático está voltado para o “fazer” do homem no mundo. Enfim, o *discurso exploratório* tende a ter mais efeito de objetividade, não discursivizando estados da alma intensos e emoções impactantes. É um discurso que cria um *éthos* seguro, com vistas a ter maior credibilidade perante o enunciatário, a respeito das “realidades” construídas. O *discurso exploratório* é predominantemente da ordem da dimensão extensiva, isto é, dos estados das coisas, do inteligível.

Assim, tendo em vista as duas classes consideradas do gênero *diário*, pode-se apresentar o seguinte diagrama:

²³⁷ CARDOSO, Sérgio. O olhar viajante (do etnólogo). In: NOVAES, ADAUTO et al. **O olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p.347.

Figura 2: Tipologia dos diários. **FONTE:** Dados da pesquisa (2012)

A característica principal que permite distinguir o *diário intimista* do *diário exploratório* é, de acordo com a tríade bakhtiniana, o critério temático. Lembramos que a temática “não é o assunto de que trata o texto, mas é a esfera de sentido de que trata o gênero”²³⁸, ou melhor, da esfera de sentido de que trata cada desdobramento do gênero *diário*.

É neste momento que devemos recorrer aos conceitos de cena englobante, cena genérica e cenografia como elementos indissociáveis que constroem e legitimam a enunciação. Segundo Maingueneau, as três cenas podem ser assim entendidas:

- cena englobante: é relacionada a um tipo de discurso. Relaciona-se ao conceito de “esfera de circulação”. Conceito, portanto, mais abrangente do que o de gênero. Por exemplo, desde o século XVI até o XIX, diversos viajantes, conquistadores, catequistas, aventureiros, peregrinos, artistas e cientistas exploraram e registraram aspectos variados a respeito do Brasil. Tais registros formam hoje, para a literatura historiográfica, um generoso arquivo denominado *Literatura de viagem*. Nessa cena englobante encontram-se diversos gêneros, tais como: *cartas*, *diários*, *relatórios*, *crônicas*, para citar somente alguns. Enfim, a cena englobante corresponde,

²³⁸ FIORIN, José Luiz. Gêneros e tipos textuais. In: MARI, H. et al. **Ensaio sobre Leitura**. Belo Horizonte: PucMinas, 2006, p.103.

segundo Maingueneau, “ao tipo de discurso; ela confere ao discurso seu estatuto pragmático: literário, religioso, filosófico”²³⁹. O gênero *diário*, por exemplo, pode transitar em diferentes esferas de comunicação humana, tais como: “esfera científica”, “esfera artístico-cultural”, “esfera literária”, “esfera cotidiana”, entre outras;

- cena genérica: “é a do contrato associado a um gênero, a uma ‘instituição discursiva’”²⁴⁰. Relaciona-se, portanto, ao gênero discursivo que define o espaço estável no interior do qual o enunciado adquire sentido (isto é, uma cena de enunciação que o legitime). Como se disse, a cena englobante supõe cenas genéricas variadas, entre as quais se encontram o *diário*, bem como *cartas* e *crônicas* e *relatórios de viagem*. Cada cena genérica tem suas regras coercitivas, ou seja, regras para o dizer. O *diário* supõe cenas genéricas diversas, que o categorizam como *diário íntimo*, *diário de bordo*, *diário de campo*, entre outras;
- cenografia: “não é imposta pelo gênero, ela é constituída pelo próprio texto”²⁴¹. A cenografia pode corroborar a cena genérica ou adotar uma postura diferenciada, ou seja, a escolha do gênero *diário de campo* pode favorecer (ou não) a previsão da cenografia que será mobilizada. Enfim, um *diário de campo* supõe cenografias diversas. Cada uma dessas cenografias constitui um diferente ato de enunciação, do qual se depreende um *éthos*.

A seguir, concentraremos nosso foco analítico no gênero *diário de campo* e, após verificar uma *estrutura composicional*, uma *temática* e um *estilo* do gênero, verificaremos como emerge a representação da paisagem na utilização das regras do gênero *diário*.

2.3 O diário como gênero discursivo

Começamos perguntando quais são as características próprias do gênero *diário* que o diferenciam de outros gêneros discursivos, ou ainda, quais são as características do *diário de campo* que o diferenciam de outros desdobramentos do

²³⁹ MAINGUENEAU, Dominique. Ethos, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, Ruth (org.) **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 75.

²⁴⁰. *Idem, ibidem*.

²⁴¹ MAINGUENEAU, Dominique. Ethos, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, Ruth (org.) **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 75.

gênero *diário*, tais como o *diário íntimo* e o *diário de viagem*. Podemos ainda cotejar semelhanças e diferenças entre o *diário de campo* de Langsdorff e outros exemplares de *diário de campo*. Dessa forma, sem uma investigação mais aprofundada do enunciado em questão, em suas relações dialógicas e em seus elementos internos, é impossível descrever o gênero *diário* de modo geral e, principalmente, o desdobramento *diário de campo*.

Considerando a importância da definição do gênero discursivo e com vistas a um maior rendimento analítico, pensamos, com Bakhtin, que:

Em cada campo existem e são empregados gêneros que correspondem às condições específicas de dado campo; é a esses gêneros que correspondem determinados estilos. Uma determinada função (científica, técnica, publicitária, oficial, cotidiana) e determinadas condições de comunicação discursiva, específicas de cada campo, geram determinados gêneros, isto é, determinados tipos de enunciados estilísticos, temáticos e composicionais relativamente estáveis²⁴².

Tomando os diários do naturalista alemão Langsdorff como um enunciado exemplar do gênero *diário de campo*, devemos perscrutar as dimensões de tal desdobramento do gênero *diário* por meio da esfera de comunicação humana em que esse gênero circula; por traços composicionais, relativos à forma, presentes nesse conjunto; pelos temas recorrentes dentre esses enunciados e por recursos estilísticos utilizados para a elaboração desses enunciados em relação à forma e ao tema.

Diante do exposto, podemos depreender as seguintes formulações que oferecerão subsídios à pesquisa sobre os diários em questão:

- Como já se disse, a esfera de comunicação em que o *diário de campo* transita diz respeito à esfera científica, à esfera artístico-cultural, à esfera literária e à esfera cotidiana, para citar alguns exemplos. Trata-se da cena englobante definida por Maingueneau, conceito bem mais abrangente do que o de gênero. No caso da esfera da *Literatura de viagem*, existem muitos gêneros relacionados dentro de um grupo único caracterizado pelo tema da viagem;

²⁴² BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. [Introdução e tradução do russo Paulo Bezerra; prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov]. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p.266.

- Os traços composicionais, relativos à forma do enunciado, correlacionam-se com a cena genérica. É, portanto, da ordem da estrutura, “do modo de fazer/ser típico deste regime enunciativo”²⁴³, que se depreende a estrutura composicional do diário estudado. Pelo viés semiótico, trata-se de depreender as ancoragens espaciais, notadamente a paisagem, e relacioná-la com os demais elementos da narrativa, tais como tempo, pessoas do discurso, etc.;
- Os temas recorrentes nesses enunciados também se relacionam com a cena genérica. Semioticamente falando, trata-se de apreender os percursos temático-figurativos do discurso no que diz respeito às terras descobertas, às regiões, às paisagens em especial;
- Os recursos estilísticos utilizados para a elaboração desses enunciados em relação à forma e ao tema reúnem a composição e a temática do gênero *diário de campo* para que se compreenda o estilo de tal diário. Temos um estilo relacionado à cena genérica e um estilo que diz respeito à cenografia. Este se refere ao *éthos* de Langsdorff, aquele ao *éthos* do gênero. Objetiva-se, dessa forma, estabelecer relações entre *éthos* e a representação da paisagem.

De acordo com esse quadro teórico-metodológico, foi possível confirmar algumas linhas de contorno do gênero *diário*, expostas como segue.

2.3.1 A estrutura composicional

Recorrendo novamente a Bakhtin, constata-se que a escolha de um determinado gênero se faz tendo em vista uma estrutura definida por meio de uma função num plano comunicacional. Discursivamente, deve-se ressaltar que, de acordo com as palavras de Fiorin, “colocar o homem na História é enunciá-lo”²⁴⁴. Por meio da enunciação, isto é, temporalizando, espacializando e actorializando a linguagem têm-se as ancoragens que dão o contorno estrutural de determinado gênero. São esses elementos os que serão descritos no *diário de campo* do alemão Langsdorff. Além disso, em relação à forma composicional, Carvalho elucida: “trata-se da estrutura do texto, dos elementos necessários para organizar um determinado

²⁴³ CARVALHO, Paulo César. **Fragmentos epistolares de um discurso amoroso: elementos para uma análise semiótica do estatuto do gênero amoroso**. São Paulo: Dissertação de mestrado: FFLCH/USP, 2005, p.71.

²⁴⁴ FIORIN, José Luiz. **As astúcias da enunciação**: as categorias de pessoa, espaço e tempo. São Paulo: Ática, 2002, p. 14.

‘modo de dizer’²⁴⁵. Os *Diários de Langsdorff* firmam exemplarmente a estrutura sintagmática de todo e qualquer relato:

31/07 [1824]

Fiquei sabendo pelo Juiz de fora que meu amigo Montevade estava na Cidade Imperial. Logo no dia seguinte (1.º de agosto), dirigi-me para lá e o vi depois de oito anos²⁴⁶.

Ou:

18/06 a 29/06 [1824]

De 18 a 29 de julho, estivemos em Barbacena. Escrevi relatórios, mandei para o Rio de Janeiro as coleções feitas até aqui²⁴⁷.

Salta à vista o primeiro elemento que permite reconhecer estruturalmente qualquer *diário*. Trata-se da datação. Todos os relatos de Langsdorff constroem o simulacro de que foram elaborados a partir de notas, tomadas regularmente, todas datadas dia após dia, como compete ao gênero. Alguns relatos apresentam uma somatória de dias. Trata-se, portanto, de uma forma composicional que tem a finalidade de apontar o dia do relato, da nota, do acontecimento vivido, presenciado ou lembrado. Tal estrutura corrobora o próprio designativo latino *diarius* como aquilo que se faz ou acontece todos os dias ou como o escrito em que se registram os acontecimentos de cada dia, segundo o que temos visto.

Vale dizer que a “enunciação é o ato de produção do discurso, é uma instância pressuposta pelo enunciado (produto da enunciação). Ao realizar-se, ela

²⁴⁵ CARVALHO, Paulo César. **Fragmentos epistolares de um discurso amoroso: elementos para uma análise semiótica do estatuto do gênero amoroso**. São Paulo: Dissertação de mestrado: FFLCH/USP, 2005, p.40.

²⁴⁶ SILVA, Danuzio Gil Bernardino da (org.). **Os diários de Langsdorff**. Vol. I. Rio de Janeiro e Minas Gerais, 8 de maio a 17 de fevereiro de 1825. [tradução de Márcia Nascimento Egg *et al.*]. editores: Boris Komissarov *et al.* Campinas: Associação Internacional de Estudos Langsdorff; Rio de Janeiro: Fiocruz, 1997, p. 124. Os diários de viagem de Georg Heinrich von Langsdorff foram publicados no Brasil em 1997, pela Editora Fiocruz, sob o título de *Os diários de Langsdorff*. O primeiro volume refere-se às viagens pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais, o segundo, a São Paulo e o terceiro é referente ao Mato Grosso e à Amazônia e doravante serão referencializados tão somente pelo autor dos diários, pelo volume, ano de publicação e número da página.

²⁴⁷ LANGSDORFF, Georg Heinrich von. Vol. I, 1997, p.46.

deixa marcas no discurso que constrói”²⁴⁸. Assim, a data é a manifestação do marco temporal presente, do *agora*, momento em que o *eu* toma a palavra, e, a partir desse marco, toda a temporalidade linguística é organizada. Dessa forma, esse elemento da ordem composicional, que diz respeito ao tempo, confirma no discurso o sistema predominantemente enunciativo, i.e., uma enunciação enunciada assumidamente. A datação é, portanto, uma ancoragem no tempo crônico ²⁴⁹ que organiza os marcadores do tempo linguístico. Semanticamente, a datação diz respeito aos cronônimos, que “servem para estabelecer uma ancoragem histórica com vistas a constituir o simulacro de um referente externo e a produzir o efeito de sentido ‘realidade’”²⁵⁰.

É importante evidenciar ainda o fato de que o gênero *diário* exige, mesmo no sistema enunciativo, a explicitação do momento de referência, visto que, nele, a recepção não é simultânea à produção. Retomando o primeiro excerto, vê-se que o momento de referência presente é um *agora* que ocorre em “31/07” de 1824. Em relação a ele, o momento do acontecimento (*fiquei sabendo e estava*) é anterior. Pode-se, assim, apresentar o seguinte esquema:

²⁴⁸ FIORIN, José Luiz. **As astúcias da enunciação**: as categorias de pessoa, espaço e tempo. São Paulo: Ática, 2002, p.55.

²⁴⁹ “O tempo crônico é, segundo Benveniste, o tempo dos acontecimentos, que engloba nossa própria vida. Baseado em movimentos naturais recorrentes e, assim, ligado ao tempo físico, constitui o calendário. Além disso, está relacionado a acontecimentos que lhe servem de eixo referencial”. FIORIN, José Luiz. **As astúcias da enunciação**: as categorias de pessoa, espaço e tempo. São Paulo: Ática, 2002, p.249.

²⁵⁰ GREIMAS, A. J. e COURTÉS, J. **Dicionário de Semiótica**. São Paulo: Contexto, 2008, p.108-109.

Figura 3 – Esquema da organização temporal do gênero diário. **FONTE:** Dados da pesquisa (2012)

Esta é a estrutura da organização temporal dominante no gênero *diário*, *diário de campo* e, por fim, nos *Diários de Langsdorff* que, desta maneira, confirma a estrutura composicional do gênero. Além disso, o diário de Langsdorff equilibra o sistema enunciativo (efeito de subjetividade) com o sistema enuncivo (efeito de objetividade) no que diz respeito à temporalidade. Observe-se o seguinte excerto:

18/09 [1824]

Seguimos viagem. Deixei aqui um dos meus negros, que vendi por 300.000, metade em ouro e metade em prata, para melhorar as minhas finanças. [...] Nosso caminho ia para Caeté, a 2 léguas, e era praticamente de subidas. [...] Pegamos várias plantas. Próximo a Caeté, a vegetação modificou-se visivelmente²⁵¹.

Nesse trecho, por exemplo: “[Naquele dia] nosso caminho ia” temos nessa parte do diário a passagem do sistema temporal enunciativo, dado segundo o *agora* do momento de enunciar, para o sistema temporal enuncivo, dado segundo o marco referencial pretérito implícito [naquele dia]. Assim acontece em todo o diário e, para retificar o gênero, o enunciador Langsdorff confirma esse modo de temporalizar o relato.

Todos os *diários* consultados são iniciados por meio de uma datação que figurativiza o dêitico *agora*. Configuram-se, desse modo, coerções genéricas, ou

²⁵¹ LANGSDORFF, Georg Heinrich von. Vol. I, 1997, p.140.

seja, um conjunto de características que remetem a práticas cristalizadas de cada gênero discursivo como, no presente caso, o gênero *diário* que, no caso do tempo, oscila entre o sistema enunciativo e o enuncivo.

Além disso, observa-se a predominância dos tempos do sistema enuncivo, ordenados segundo momentos de referência pretéritos, como demonstram estas linhas: [Quando chegamos a Caeté] “Pegamos várias plantas. Próximo a Caeté, a vegetação modificou-se visivelmente”. Configura-se, dessa forma, uma debragem temporal enunciva, que é um processo de projeção fora da enunciação para um *não- agora*, o *então*. Isso permite, por um lado, a construção de um tempo “objetivo” e; por outro, um efeito de distanciamento entre o enunciador e o enunciado.

Outra característica referente à forma composicional do gênero em questão é, como aponta Bakhtin, a “relação entre o locutor e os outros parceiros da comunicação verbal (relação com o ouvinte, ou com o leitor, com o interlocutor, com o discurso do outro, etc.)”²⁵². Semioticamente, para tratar da relação apontada por Bakhtin sobre os participantes da comunicação, o olhar analítico se volta à questão enunciativa, no que diz respeito à categoria da pessoa. Em todas as instâncias enunciativas encontram-se “elementos necessários para organizar um determinado ‘modo de dizer’”, como indica Carvalho²⁵³.

A enunciação, ao produzir o discurso enunciado, enuncia-se simultaneamente. Recorrendo ao *Dicionário de semiótica*, vemos que “A estrutura da enunciação, considerada como quadro implícito e logicamente pressuposto pela existência do enunciado, comporta duas instâncias: a do enunciador e a do enunciatário”²⁵⁴. Tais instâncias correspondem, de acordo com Fiorin, ao “autor e leitor implícitos ou abstratos”²⁵⁵. Diante dessa dimensão do discurso, verifica-se, implicitamente, um enunciador (sujeito conhecedor) e um enunciatário (aquele que quer saber). Esse eixo da comunicação, de acordo com Greimas:

²⁵² BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. [Introdução e tradução do russo Paulo Bezerra; prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov]. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p.308.

²⁵³ CARVALHO, Paulo César. **Fragmentos epistolares de um discurso amoroso**: elementos para uma análise semiótica do estatuto do gênero amoroso. São Paulo: Dissertação de mestrado: FFLCH/USP, 2005, p.40.

²⁵⁴ GREIMAS, A. J. e COURTÉS, J. **Dicionário de Semiótica**. São Paulo: Contexto, 2008, p.166-168.

²⁵⁵ FIORIN, José Luiz. **As astúcias da enunciação**: as categorias de pessoa, espaço e tempo. São Paulo: Ática, 2002, p.65.

serve de suporte para a transferência do objeto-saber (construído em favor do fazer cognitivo do sujeito-enunciador): o saber se transforma, então, em um fazer-saber endereçado a um enunciatário que se encarregará de avaliar o valor de verdade²⁵⁶.

Trata-se do “saber, erigido em valor”²⁵⁷. Assim, delineia-se, de acordo com Greimas, uma “aventura cognitiva” em que há “a transformação de um /não-saber/ em um /saber/”²⁵⁸. Ou seja, o “olhar desejanter” do enunciador exprime “regimes da modalidade ‘compotencial’ do saber: eu olho = eu sei, não olho = não sei”²⁵⁹.

Dessa forma, nesse eixo da comunicação, segundo a narratividade da enunciação²⁶⁰ em que no texto langsdorffiano se enuncia tantas vezes o “eu, aqui, agora”, temos um destinador-manipulador, instância emissora de toda projeção cognitiva²⁶¹, que manipula um enunciatário para *dever-saber*, *querer-saber* e *crer-poder-saber* sobre, entre outros aspectos, as paisagens geográficas, naturais ou construídas, das terras do Brasil. Uma conquista cognitiva, eis como se delineia o *diário de campo* para o enunciador e para o enunciatário.

É importante perceber que, conforme Fiorin, “a imagem do enunciatário a quem o discurso se dirige constitui uma das coerções discursivas dentre às quais o enunciador obedece”²⁶². No caso do *diário íntimo*, conversa-se com o próprio diário, ou faz-se do leitor um interlocutário. Esses procedimentos são raros no *diário de campo*. Portanto, a postura desse enunciador que se esforça em “fazer melhor conhecer” antecipa seu *éthos* como aquele voltado para a certeza e não para a

²⁵⁶ GREIMAS, A. J. e LANDOWSKI, E. **Análise do discurso em ciências sociais**. São Paulo: Global, 1986, p.32.

²⁵⁷ BERTRAND, Denis. **Caminhos da semiótica literária**. Bauru: Edusc, 2003, p.26.

²⁵⁸ GREIMAS, A. J. e LANDOWSKI, E. *op. cit.* p.41.

²⁵⁹ LOPES, Edward. Ler a diferença. In: BARROS, D.L.P (org.) **Os discursos do descobrimento**: 500 e mais anos de discursos. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/ Fapesp, 2000, p.15-16.

²⁶⁰ “Já que a enunciação é considerada como [sendo] um ato entre outros, porque como todo ato é orientada, voltada para um objetivo e uma ‘visão de mundo’, ela pode ser considerada um enunciado cuja função é a [da] ‘intencionalidade’”. BERTRAND, Denis. **Caminhos da semiótica literária**. Bauru: Edusc, 2003, p.96.

²⁶¹ “A dimensão cognitiva na semiótica designa o universo do saber, na medida em que ela pode, a exemplo da ação, ser narrativizada. [...] A utilização do vocábulo ‘cognitivo’ deve ser distinguida de seu emprego nas ‘Ciências cognitivas’, em que designa a investigação dos processos efetivos do conhecimento humano”. BERTRAND, Denis. *op. cit.* p.416-417.

²⁶² FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do discurso**. 13.ed. São Paulo: Contexto, 2005, p.56.

dúvida. Temos um *éthos* mais preocupado em construir os contornos, os traços, os desenhos da fisionomia de paisagens, de lugares, de regiões pelo interior do Brasil por meio da linguagem, e menos preocupado com confidências íntimas.

Voltemos aos níveis da hierarquia enunciativa. No segundo deles, temos os actantes do enunciado, a saber, narrador e narratário, os quais são “sujeitos diretamente delegados do enunciador e do enunciatário”²⁶³. Dessa forma, o enunciador instaura por meio do sistema enunciativo o *eu narrador*. Esse *eu* caracteriza-se por uma enunciação enunciada no que diz respeito aos pronomes pessoais do caso reto de 1ª pessoa, *eu*, *nós* e outras formas pronominais correspondentes: *meu*, *minha*, *este*, *isto*, etc., essa é uma coerção do gênero confirmada nos *Diários de Langsdorff*. Vejamos:

03/11 [1824]

Hoje será um dia agradável e tranquilo: o Sr. Rugendas partiu. Que Deus o acompanhe!

Hoje me trouxeram balsâmica, também sete-sangrias – Mikania, uma planta cujas folhas têm odor balsâmico e é, conforme me disseram, um antiescorbútico. A raiz de mil-homens (*Aristolochia*) dá um chá agradável, e frequentemente é usado contra febre, picada de cobra, e muitos outros casos.

Desde que estou nas vizinhanças do rio das Velhas, tenho visto novamente pessoas idosas e jovens com dentes bonitos, o que é raro na Província do Rio de Janeiro. Anciões de 60-70 anos ainda exibem todos os dentes.

Desde que cheguei à Província de Minas Gerais, ainda não tive dor de dente, enquanto que, no Rio de Janeiro, eu sofria quase todos os dias²⁶⁴.

Esse relato diz respeito ao segundo dia após o desentendimento²⁶⁵ entre Rugendas e Langsdorff, ocasionando o desligamento do artista da expedição. Uma

²⁶³ GREIMAS, A. J. e COURTÉS, J. **Dicionário de Semiótica**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 327.

²⁶⁴ LANGSDORFF, Georg Heinrich von. Vol. I, 1997, p.215.

²⁶⁵ Segue o desentendimento explícito e ilustrado entre Langsdorff e Rugendas: 01/11[1824] Com toda discrição, chamei-lhe a atenção para o seu comportamento, fazendo-lhe ver que ele não se encontrava numa pousada, mas em companhia de gente civilizada. “Onde o senhor está, respondeu ele, não existe convivência civilizada.”

característica interessante dos diários do naturalista alemão diz respeito à revelação do:

quotidiano das expedições, tantas vezes omisso quando da publicação dos livros de viagens e, mais ainda, dos textos científicos, tidos como necessariamente ‘objetivos’ e, portanto, expurgados de tudo que possa cheirar a subjetividade”²⁶⁶.

Essa enunciação enunciada, no que diz respeito à categoria de pessoa, traz para o *diário de campo* um efeito de subjetividade. No entanto, esse efeito de subjetividade dado sintaticamente por meio da debreagem enunciativa de 1º grau fica atenuado semanticamente devido à escolha de temas e figuras que caracterizam o *diário de campo*. A não ser que distorça o gênero, o *diário de campo* tornará preponderantes as figuras que dizem respeito ao mundo exterior, como casas, fazendas, paisagens, rios, índios, outros atores sociais, enfim, enfeixados sob o olhar que parece a tudo ver e tudo relatar.

Como o relato diz respeito às coisas, às pessoas, aos hábitos e costumes dos lugares visitados, há uma atenuação semântica do peso da subjetividade do sujeito enunciador, que falará menos de suas angústias e esperanças e mais daquilo que ele contempla. O gênero *diário íntimo*, diferentemente, reforçará o simulacro de subjetividade dado pelo uso de 1ª pessoa por meio da tematização da vida privada, colocada no foco da observação. A relação que se estabelece entre narrador e narratário, também, diz respeito a uma coerção estrutural.

O seguinte fragmento do diário do médico alemão demonstra essa relação:

09/07 [1824]

NB. Quem ler este meu diário, escrito rápido e diariamente durante a viagem, e perceber hoje outra tinta, deve saber que, no caminho, exprimi (*sic*) alguns bagos de *Cestrum* no meu pequeno tinteiro, que

E continuou: “Para mim não importa se o senhor é cavaleiro da Ordem de um Rei ou de um Império da Rússia, pois vou-lhe dizer mesmo assim que o senhor é um cachorro!” “Lembre-se bem, não esqueça o que o senhor disse na presença dos Srs. Riedel, Rubtsov e Ménétrès” – foi tudo o que lhe respondi. Assim terminou a nossa discussão, cujo tom já estava tão alto por causa dos socos na mesa que invadiu a casa inteira. LANGSDORFF, Georg Heinrich von. Vol. I, 1997, p.208.

²⁶⁶ FIGUEIRÔA, Silvia F. de M. Algumas considerações sobre a obra. In: SILVA, Danuzio Gil Bernardino da (org.). **Os diários de Langsdorff**. Vol. I. Rio de Janeiro e Minas Gerais, 8 de maio a 17 de fevereiro de 1825. [tradução de Márcia Nascimento Egg et al.]. editores: Boris Komissarov et al. Campinas: Associação Internacional de Estudos Langsdorff; Rio de Janeiro: Fiocruz, 1997, p.XXXLX.

já estava seco. Os habitantes deste lugar servem-se do sumo desses frutos, em geral, para marcar suas mochilas e para escrever; apenas com uma diferença: os bagos são cozidos com um pouco de pedra-ume²⁶⁷.

Temos, portanto, um narrador que se dirige explicitamente a um narratário. A própria expressão protocolar *N.B.* já o confirma. É curioso que ao se dirigir ao narratário-leitor, Langsdorff não o faz diretamente: *tu, você*. É também curioso o uso das figuras que testemunham a história do século em que o diário foi escrito: *tinteiro* é uma delas. A relação estabelecida entre os actantes do enunciado é um traço referente a uma determinada forma de se estruturar o modo de dizer. O enunciador, como narrador explicitado em primeira pessoa (“exprimi (*sic*)²⁶⁸ alguns bagos de *Cestrum* no meu pequeno tinteiro, que já estava seco”), dirige-se ao narratário, a quem confere o estatuto de enunciatário, de leitor. Temos nesse trecho metalinguístico uma explicação do processo de escrever: instrumentalizado pelos “bagos de *Cestrum*”, na ausência da tinta. Destaca-se ainda a preocupação do enunciador em alertar, avisar o leitor, o que reforça um aspecto de “politicamente correto”. Um *éthos* de justa-medida, apolíneo, vai-se delineando pouco a pouco, já pela estrutura composicional: a preocupação com o preciosismo (o tipo de tinta) equipara-se ao simulacro do perfeccionismo.

Assim, os diários de cunho científico, isto é, *diários de campo* ou de *bordo*, bem como diários íntimos de pessoas letradas, particularmente intelectuais, firmam regras próprias para se referir ao interlocutor. Tais regras definem diferentes estilos de fazer diário: mais intimista ou mais científico. Lembremos que o sujeito “mais intelectual” não deixa de ser um efeito de sentido construído no texto.

Por fim, ainda cotejados com a estrutura composicional do gênero, notamos que os diários do Barão von Langsdorff apresentam uma peculiaridade não encontrada nos demais diários em cotejo, como se pode observar no trecho que segue:

17/02 [1825]²⁶⁹
[...]

²⁶⁷ LANGSDORFF, Georg Heinrich von. Vol. I, 1997, p. 66.

²⁶⁸ Aqui, deveria estar escrito “espremi” – do verbo espremer. [N.R.]

²⁶⁹ LANGSDORFF, Georg Heinrich von. Vol. I, 1997, p. 360.

Mudança do tempo: calor insuportável.

Roteiro da vila Tijuco até Ouro Preto:

De Congonhas a Conceição	8 léguas
De lá até Morro do Pilar	5 léguas
De lá a Itambé	6 léguas
De lá a Onça	3 léguas
De lá até José Antônio Mendes	2 ½ léguas
De lá até Bucette [?]	3 léguas
De lá até Cocais	3 léguas
De lá até Santa Bárbara	2 ½ léguas
De lá até Brumado	½ léguas

São especialmente frequentes textos como este nos diários do diplomata Langsdorff. Nota-se que o texto principia com um determinado assunto e, em sequência, surgem indicações com informações precisas, distribuídas em tabelas, gráficos ou diagramas. Essas tabelas incorporadas ao texto demonstram a preocupação com o “modo científico de dizer”. Novamente se apresentam indicações do *éthos* de Langsdorff. São tabelas que apresentam diversos enfoques no que diz respeito à listagem de populações de províncias; freguesias, como de Santa Luzia; tabelas com as despesas, incluindo o pagamento dos membros da expedição e tabelas com preços correntes de alimentos em determinadas freguesias, entre outros assuntos. No presente caso, Langsdorff não se contenta em descrever um determinado caminho; constrói o simulacro de querer cartografar, por meio de pontos, figuras e linhas previamente convencionados, um determinado percurso alcançado pela sua expedição. Essa singularidade demonstra, diante do gênero *diário de campo*, um estilo próprio. Langsdorff inaugura, portanto, uma cenografia própria dentro da cena genérica *diário* e dentro de seu desdobramento *diário de campo*. Temos o modo Langsdorff de habitar o espaço social: um modo soberano e altivo, dado segundo efeitos de sentido criados pelo próprio texto.

Quanto à ancoragem espacial, trata-se de uma das mais importantes categorias discursivas, não só pelas articulações funcionais que estabelece com as categorias de pessoa e de tempo, mas também pelas incidências semânticas que caracterizam o espaço. O espaço integra, em primeira instância, “os componentes físicos que servem de cenário ao desenrolar da ação e à movimentação das

personagens: cenários geográficos, interiores, decorações, objetos etc.”²⁷⁰. A criação do espaço dentro dos textos literários serve a variados propósitos, como se pôde notar. Entretanto, achamos mais prudente, devido à amplitude dessa categoria, segmentá-la com vistas a um maior rendimento analítico. Dentre as categorias espaciais, tais como território, região, lugar, área, nosso foco se circunscreve, pois, à paisagem, em decorrência do modo como essa categoria foi substantivada nos diários do naturalista alemão. Vejamos como se manifesta a representação da paisagem na estrutura composicional do gênero *diário de viagem* e *diário de campo*.

Devido ao caráter exploratório da expedição, configura-se um espaço no enunciado por meio do qual se localiza e se faz localizar topologicamente um narrador em constante deslocamento, um sujeito de busca, como compete aos diários de campo, diários de viagem e diários de bordo. A partir dessa localização, temos o recorte discursivo feito por meio do “olhar”, do “perscrutar”, do “ver” e do “admirar” de uma grande extensão de espaço, configurando, temática e figurativamente, uma dada paisagem, como podemos observar no excerto a seguir:

4/12 [1824]

[...]

O vale de prados e a colina rochosa mostraram-nos logo outras plantas. Lamentamos não ter visitado antes essa região (por causa do tempo chuvoso). Duas léguas adiante, após subir alguns morros e passar por alguns vales, alcançamos um vale belíssimo e aberto, que parecia oferecer excelente pasto. Lá havia uma cabana pequena e pobre, que pertenceu a uma tal Sr^a Maria Francisca e que agora pertence a um tal Teodósio.

A terra é boa e fértil, mas seus habitantes são pobres; apesar do pasto excelente, não possuem sequer gado e vivem na maior pobreza.

A vegetação é rica; notamos uma série de plantas e flores nunca vistas antes. Logo após passar por um riacho, avistamos, num belo campo de prados, o fruto maduro de um *Psidium* com folhas branco-esverdeadas e frutas branco-amareladas, que, com exceção da cor,

²⁷⁰ REIS, Carlos e LOPES, Ana Cristina M. **Dicionário de Teoria da narrativa**. São Paulo: Ática. 1988, p.204.

se assemelham a cerejas e são muito saborosos. São chamados aqui de guabiobas²⁷¹.

Ou ainda, nesse outro relato referente ao dia 26 de setembro de 1824:

Toda a região percorrida ontem e hoje, até onde nossa vista alcançava, estava devastada pelo fogo e inutilizada para o cultivo. Dizem que o vizinho mandou investigar e descobrir que o fogo ocorreu por negligência de gente pobre. O fogo espalhou-se numa distância de 3 a 4 léguas, por campos, morros, capoeiras e matas virgens²⁷².

Como se vê, no diário de campo, pelas especificações desse desdobramento do gênero discursivo diário, apresenta-se a ancoragem espacial como um elemento determinante em sua configuração discursiva. Trata-se, portanto, de um regime enunciativo que privilegia, por sua própria denominação “de campo”, o espaço em sua totalidade.

Temos aí concretizações de paisagens, determinadas paisagens, as quais são pontos de referência espacial inscritos no enunciado, referências estas que indicam onde se passam os fatos narrados. A paisagem figurativizada, nos diários de Langsdorff, contribui para que a atividade do “historiador da natureza” destaque elementos naturais presentes em tal extensão espacial. Como se pode observar, espacialmente o olhar desse enunciativo inicia sua observação empírica do geral, da organização espacial, do território, até alcançar uma extensão desse espaço, uma porção, um “quadro” de uma determinada paisagem, em cuja constituição ele indaga, investiga a superfície da terra: “o contato do material rochoso, dos solos que o recobrem frequentemente e de uma atmosfera mais ou menos úmida; o relevo, as águas, a vida, aquela dos vegetais, dos animais e dos homens”²⁷³. Constata-se, portanto, a configuração de um viajante-geógrafo que ama viajar, desbravar o seu

²⁷¹ LANGSDORFF, Georg Heinrich von. Vol. I, 1997, p.260-261.

²⁷² *Idem*, p.147.

²⁷³ CLAVAL, Paul. **Epistemologia da Geografia**. [Tradução de Margareth de Castro Afeche Pimenta, Joana Afeche Pimenta]. Florianópolis: Editora da UFSC, 2011, p.62.

entorno, investigar a atmosfera; é também “um homem de contato, sempre pronto a interrogar as pessoas e a escutá-las”²⁷⁴.

O mais importante das estruturas discursivas apresentadas é que elas orientam a temática e o estilo, bem como são orientadas por estas. Observaremos, em seguida, a categoria temática nos diários, a qual será igualmente determinante na distinção dos desdobramentos da cena genérica em diferentes cenografias.

2.3.2 A temática

Como já foi exposto, o gênero *diário* supõe cenas genéricas diversas, que o categorizam como: *diário íntimo*, *diário de viagem*, *diário de bordo* e *diário de campo*. Temos para cada um desses desdobramentos do gênero *diário* uma temática correspondente às condições específicas e finalidades de cada regime enunciativo. A temática é, portanto, o principal elemento que permite distinguir os vários desdobramentos da cena genérica *diário*.

Vale ressaltar que a temática, elemento estabilizador do gênero, diz respeito não a um:

Tema específico, um assunto determinado, mas a grades semânticas amplas em que circulam dados valores: os temas de uma época são as questões mais gerais, “universais”, objeto de interações em dada sociedade, em dado momento histórico. [...] Interessa aqui particularmente ressaltar o fato de que os temas dominantes de cada época estão articulados a um repertório específico de gêneros²⁷⁵.

Dessa forma, no domínio do sentido de que se ocupa o gênero *diário de campo*, o diário de Langsdorff se caracteriza por meio de três grandes organizações temático-figurativas: do “observador científico”, segundo autodenominação do próprio Langsdorff²⁷⁶; da viagem e da história natural. Esses são os temas mais recorrentes no diário em questão, os quais se mantêm estritamente interligados e se interseccionam semanticamente.

²⁷⁴ *Idem, ibidem.*

²⁷⁵ CARVALHO, Paulo César. **Fragmentos epistolares de um discurso amoroso**: elementos para uma análise semiótica do estatuto do gênero amoroso. São Paulo: Dissertação de mestrado: FFLCH/USP, 2005, p.39-40.

²⁷⁶ LANGSDORFF, Georg Heinrich von. Vol. I, 1997, p.364.

Assim, no que diz respeito ao papel temático do narrador, o diário do naturalista terá um sujeito, um *eu narrador*, visto como construtor do objeto de valor enunciado. Para isso, *deve-saber, deve-crer-saber* sobre o mundo explorado e relatado dia a dia nas páginas do diário. Trata-se, como indica Flora Süssekind, de um “narrador-em-movimento” sempre “à procura de” conhecimento²⁷⁷. A seguinte passagem dos diários do naturalista alemão demonstra a construção do papel temático do “cientista” da época, ou melhor, do cientista “aplicado”, “de campo”, que realiza observação direta, no local do objeto de estudo, não se restringindo, pois, a informações teóricas. Vejamos o excerto:

28/09 [1824]

Retomamos nossa viagem. Na verdade, não há um caminho direto de Cachoeira a Sabará, mas apenas uma vereda. A distância em linha reta é de aproximadamente 3 léguas, mas achamos mais conveniente tomar o caminho mais longo do que percorrer aquele caminho sem guia, confiando na sorte.

Ainda bem cedo, cada um foi fazer seu trabalho. Ménetriès atirou em alguns pássaros, e eu empalhei os *Caprimulgus* e outros, deixando tudo em boas condições para podermos viajar²⁷⁸.

Observa-se que não se trata de um mero viajante, de um viajante-aventureiro, mas sim de um naturalista. O narrador do *diário de campo* não é aquele que se deslumbra diante de uma paisagem, que se encanta tal qual se encontra em “Diário de uma viagem ao Brasil”, de Maria Graham. Trata-se de um narrador que, por meio de seu fazer pragmático, concretiza o *saber* que circula no eixo de comunicação entre enunciadador e enunciatário. Assim, esse narrador que cumpre o papel temático de cientista-viajante tem a necessidade de mapear, classificar, ordenar, organizar; enfim, de perscrutar e explorar o terreno, o campo por onde se tem de avançar. Não se trata de um sujeito em *déficit* de cognição, mas sim de um sujeito de plenitude: o explorador científico que parece explorador científico e o é.

Temos um modo de construção da competência desse narrador que dá de si e para “o outro”, o leitor, a imagem de quem *pode* e *sabe* explorar cientificamente as

²⁷⁷ SÜSSEKIND, Flora. **O Brasil não é longe daqui**: o narrador, a viagem. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p.42.

²⁷⁸ LANGSDORFF, Georg Heinrich von. Vol. I, 1997, p.148.

terras, as paisagens brasileiras, bem como relatar o conhecimento sobre elas. Não permeia nos diários do Barão Langsdorff o *querer-saber* aliado ao *não-poder-saber*, que funda a dúvida. O leitor, por sua vez, está previsto como um feixe de expectativas dadas pelo próprio texto: curiosidade (*querer-saber* sobre a terra, a paisagem, a fauna, a flora, os habitantes e os costumes do Brasil). Cabe ao leitor, considerado como manifestação do enunciatário, o fazer interpretativo sobre o saber que lhe é endereçado, de interpretar o dizer-verdadeiro que ele recebe, de avaliar o valor de verdade do simulacro em cena.

O exemplo a seguir também corrobora o papel temático do cientista-viajante com seu “olhar a mais”, valorizando como elemento da ordem e da integridade, o conteúdo temático do *diário de campo* de Langsdorff.

3/12 [1824]

O Sr. Riedel organizou, completou, descreveu as plantas coletadas em viagem desde maio e chegou ao número de 1.060. Isso mostra como ele trabalha com zelo e dedicação para a ciência. A quantidade de pássaros novos coletados nesta viagem não chega a 70²⁷⁹.

O argumento expresso numericamente consolida a imagem da exatidão da informação registrada no diário. Com essa imagem, o *éthos* da precisão e não do atabalhoamento vai se firmando.

O narrador relata o fazer-científico do senhor Riedel, actante do enunciado, instalado por meio de uma debreagem enunciativa, a qual provoca um efeito de distanciamento do seu lugar enunciativo. Tal efeito de objetividade, quando do uso da debreagem enunciativa, demonstra um efeito discursivo com vistas a atestar a veracidade da relação entre o ator do enunciado, o senhor Riedel, e o seu fazer-científico, atestar o “zelo e a dedicação para a ciência”, como se deixasse o enunciado por si só demonstrar a *performance* do membro da Expedição Langsdorff. Dessa forma, pode-se dizer que há em todo o diário do diplomata alemão uma série de predicados que lexicalizam o papel temático do “observador científico”, instância científica de observação do narrador e dos atores do enunciado. Esse pequeno excerto demonstra a construção de tais *performances*, compatíveis com o papel temático do participante da expedição: “organizou”, “completou”, “descreveu”, entre muitos outros. Além disso, esse narrador, de acordo com as coerções genéricas do

²⁷⁹ LANGSDORFF, Georg Heinrich von. Vol. I, 1997, p.259.

diário de campo, pontilha conselhos consoantes aos fatos que observa, bem como apresenta informações obtidas de padres, fazendeiros, presidentes de províncias, etc. Seguem dois exemplos que demonstram as facetas desse narrador, as quais consolidam a temática do gênero. Em relato datado de 20 de julho de 1824, nas proximidades de Presídio, em Minas Gerais, Langsdorff sugere o seguinte conselho, após um estudo pormenorizado da região visitada:

O governo deveria se preocupar prioritariamente com os caminhos e o transporte, ou seja, com veículos e carroças. Ele deveria incentivar todo capitão-mor para que estimulasse a introdução de carroças apropriadas, particularmente aqueles carros de madeira²⁸⁰.

“O governo deveria”: *dever-fazer*, um enunciador que sugere o que o governo deveria fazer atribui a si um tom de autoridade moral. Mais pilares se delineiam para a construção do *éthos* de Langsdorff.

A partir das observações e pesquisas elaboradas na região visitada, o narrador apresenta sugestões a respeito dos caminhos e transportes na província de Minas Gerais. Por meio do subsistema temporal enuncivo, há as seguintes ocorrências temporais: “O governo *deveria* se preocupar” e “Ele [o governo] *deveria* incentivar”. Nos dois casos encontramos o uso do futuro do pretérito que, segundo Fiorin, apresenta “o caráter de uma antecipação imaginária”, o que não ocorre no relato em questão²⁸¹. Trata-se, portanto, de uma neutralização de tempos verbais, que ocorre quando um tempo é utilizado com o valor de outro, apagando a oposição entre os dois. Tal neutralização produz uma embreagem temporal do futuro do pretérito do subsistema enuncivo pelo presente do sistema enunciativo. A embreagem, vale dizer, produz a ilusão de sua identificação com a instância da enunciação. Dessa forma, as declarações de Langsdorff assim se apresentam: “O governo [deve] *deveria* se preocupar” e “Ele [deve] *deveria* incentivar”. Depreende-se, portanto, um efeito de atenuação e polidez nas afirmações. Para a definição do gênero *diário de campo*, importa constatar como o enunciador manipula o domínio

²⁸⁰ LANGSDORFF, Georg Heinrich von. Vol. I, 1997, p.99.

²⁸¹ FIORIN, José Luiz. **As astúcias da enunciação**: as categorias de pessoa, espaço e tempo. São Paulo: Ática, 2002, p.160.

de sentido a que se volta o gênero. Para o estilo de Langsdorff, fica diagnosticada a polidez.

O enunciado do *diário de campo* produz um efeito de “certidão de verdade”. A propósito, no relato do dia 14 de junho de 1824, o narrador apresenta as instruções dadas pelo padre João Bonifácio Duarte Pinto a respeito dos melhores caminhos a seguir. Posteriormente, é-nos apresentado:

O padre está aqui há 12 anos. Ele contou-me que a igreja da aldeia foi construída há 54 ou 56 anos, principalmente para divulgar o cristianismo entre os índios. Ele é o terceiro padre e já dirige a igreja há 12 anos. No começo, ele encontrou na paróquia cerca de 5.000 almas, contando com os índios. Estes, porém, pouco a pouco foram sendo expulsos, particularmente por mineiros que aqui estabeleciam suas fazendas. Em 1816, o número de habitantes já era de 12.000 e, no final do ano passado, em 1823, cerca de 13.500 almas, incluindo brancos, mulatos, negros livres e escravos²⁸².

O narrador relata as informações obtidas por intermédio de um padre. Na semântica discursiva, a onomástica “permite uma ancoragem histórica que visa construir o simulacro de um referente externo e produzir o efeito de sentido de ‘realidade’”²⁸³. É o caso do nome do padre, João Bonifácio Duarte Pinto. Trata-se de apresentar o nome completo, bem como a função exercida pelo ator do enunciado para justificar a autenticidade da informação: o narrador a recebeu de uma pessoa digna de fé e o transmite como efeito de sentido de “verdadeiro”. Além disso, a concretização figurativa, juntamente com a precisão icônica, permite-nos dizer que o relato apresentado pelo narrador consolida o tema do trabalho catequético, da ação missionária, bem como da degradação indígena. Interessa, pois, depreender como e por que se delineia, ao lado da temática do gênero *diário de campo*, os temas do próprio diário langsdorffiano.

No que diz respeito ao percurso temático-figurativo da viagem, pode-se dizer que ela é o tema por excelência do *diário de campo*, como também do *diário de*

²⁸² LANGSDORFF, Georg Heinrich von. Vol. I, 1997, p.82.

²⁸³ GREIMAS, A. J. e COURTÉS, J. **Dicionário de Semiótica**. São Paulo: Contexto, 2008, p.350.

viagem e do diário de bordo. Vejamos como se realiza a temática da viagem, como tema específico, dos diários do Barão von Langsdorff:

14/11 [1824]

Ainda de madrugada, foram buscar as mulas e trouxeram o proprietário da canoa. A água baixou muito desde ontem, de tal forma que hoje os animais poderiam passar carregados pelo rio, em caso de emergência. Mas, por precaução, decidimos utilizar a canoa para fazer o percurso, levando também o resto de nossa bagagem; os animais selados atravessaram a nado²⁸⁴.

Devido às especificidades do gênero, o *diário de campo* tem a necessidade de conhecer e fazer ver novas terras, novas paisagens, novos lugares. Como no caso do diário do chefe da Expedição Langsdorff, conhecer as províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais torna-se uma meta, um objeto de valor com que o sujeito pretende entrar em conjunção. Para tanto, a viagem se configura por recortes espaciais feitos por um enunciador que delega a voz de um “narrador em movimento”. Este se localiza e se faz localizar, legitimando o seu fazer-científico: conhecer, desbravar, pesquisar. Trata-se de fundar um *aqui* e descrevê-lo por meio da topicalização, de modo a convencer o enunciatário-leitor sobre o mundo que se descortina. O “percurso” de que nos fala o narrador, tanto no exemplo em questão como nos percursos de cada página de seu diário – dadas as peculiaridades de cada um – é a força motriz de cada relato. Cada percurso, cada caminho, cada trilha, enfim, a viagem representada pelo ir-e-vir do sujeito narrador, delineia-se, como se pôde notar no excerto, com alto grau de iconicidade. Pode-se entender aqui essa noção como sendo uma particularização das figuras, tais como “canoa”; “animais”; “rio”; bagagem”; etc. Segundo *Dicionário de Semiótica*, a figurativização pode ser pensada em duas fases:

a figuração propriamente dita, que responde pela conversão dos temas em figuras, e a iconização que, tomando as figuras já

²⁸⁴ LANGSDORFF, Georg Heinrich von. Vol. I, 1997, p.233.

constituídas, as dota de investimentos particularizantes, suscetíveis de produzir a ilusão referencial”²⁸⁵.

Nas palavras de Denis Bertrand:

A figurativização do discurso é, mais exatamente, um processo gradual sustentado de um lado pela iconização, que garante a semelhança com as figuras do mundo sensível e, de outro pela abstração, que delas se afasta²⁸⁶.

Retornando ao texto, o *lá* figurativizado se mantém como a Aldeia da Pomba. Na narrativa que constrói esse espaço “miserável” confirma-se o olhar de Langsdorff como o olhar estrangeiro, que fala *deles* em oposição ao *nós*. Há um constrangimento de Langsdorff ao se colocar como sujeito em busca de abrigo, comida e bebida, em condições tidas como tão precárias. Langsdorff não faz de si a imagem do participante ético do Brasil em formação. Temos aí outras marcas do estilo do ator da enunciação, o *éthos* de Langsdorff.

O percurso temático da viagem, predominantemente, configura-se discursivamente como a representação de “obstáculos” antagônicos, de adversidades das mais diversas, que o viajante tem de transpor para entrar em conjunção com os valores visados. As seguintes passagens demonstram tais campos antagônicos:

07/01 [1824]

O caminho que devemos tomar é extremamente ruim, o pior que já percorremos até agora no Brasil. Ora ele passa por lugares alagados, onde as mulas carregadas empacam; ora ele sobe novamente os morros rochosos da serra da Lapa. Tenta-se evitar ao máximo essas elevações rochosas; frequentemente, é preciso retornar pelo mesmo caminho ou caminhar mais meia hora para retornar os picos rochosos – não custaria muito abrir uma passagem

²⁸⁵ GREIMAS, A. J. e COURTÉS, J. **Dicionário de Semiótica**. São Paulo: Contexto, 2008, p.212.

²⁸⁶ BERTRAND, Denis. **Caminhos da semiótica literária**. [tradução do Grupo Casa]. Bauru (SP): Edusc, 2003, p.231.

no meio deles. Para se dar uma ideia da precariedade do caminho, nossos animais levaram 6 horas para percorrer 2½ léguas²⁸⁷.

Nota-se que o narrador esmera-se em fornecer todas as características do itinerário, como compete ao gênero *diário de campo*. Nota-se também que, por se tratar de um discurso que relata uma série de “acontecimentos” vividos por um viajante estrangeiro nas terras brasileiras, faz parte da configuração discursiva a presença de adversidades espaciotemporais. O espaço da viagem se configura como obstáculos a serem transpostos, forças antagônicas que, ao serem retratadas, indicam a valorização da *performance* do sujeito, daquele que enfrenta qualquer adversidade em prol da ciência, pois como lembra o próprio Langsdorff: “É impossível fazer uma viagem confortável neste país”²⁸⁸. Mesmo assim, a viagem prossegue, suscitando os relatos científicos dia após dia. Depreende-se, portanto, do percurso temático-figurativo da viagem um sujeito que, para entrar em conjunção com os valores investidos nas terras do Brasil, deve vencer os “obstáculos” que surgem a todo o momento durante a viagem. A imagem de um sujeito que, como pesquisador científico e explorador de terras desconhecidas, precisa vencer, e vence, os obstáculos, não é de todo e qualquer *diário de campo*. Aqui já desponta o *éthos* de Langsdorff.

Por fim, temos o percurso temático-figurativo no que diz respeito à história natural. Objeto sobre o qual os naturalistas e cientistas de modo geral se debruçam, os temas e figuras concernentes à História Natural abrangem toda a natureza: a fauna, a flora, os minerais, os astros, as condições climáticas, enfim, um objeto tão extenso como o universo. Vale lembrar que, de acordo com Leite, “entre os animais estavam incluídos os homens, dos quais o comportamento e a língua eram características a ser classificadas e comparadas”²⁸⁹. Pode-se dizer que essa é a grande esfera temática dos diários de Langsdorff. A história natural configura-se como um extenso objeto de valor visado pelos viajantes-naturalistas. A respeito disso, em relato datado de 26 de setembro de 1824, Langsdorff enuncia: “Nosso

²⁸⁷ LANGSDORFF, Georg Heinrich von. Vol. I, 1997, p.313.

²⁸⁸ LANGSDORFF, Georg Heinrich von. Vol. I, 1997, p.372.

²⁸⁹ LEITE, Mirian Moreira. Naturalistas viajantes. **Revista História, ciência, saúde**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, vol. I, n.º 2, nov., 1994, p.7-8.

caminho cortou campos, prados e morros, onde pouco pudemos coletar para a História Natural”²⁹⁰. Vejamos como é discursivizado esse percurso temático-figurativo:

19/07 [1824]

Tive dificuldade para fazer as pessoas compreenderem que eu queria a planta com todas as folhas e a raiz, possivelmente em flor ou com semente. Mas, já que não encontrei ninguém que quisesse ganhar uma diária dessa forma, pedi ao nosso estalajadeiro, o Sr. L. Narcisso, que fez a gentileza de me acompanhar até à floresta. Das 10h às 2h da tarde, percorremos os bosques próximos – estávamos cobertos por milhares de carrapatos – e retornamos com uma única planta. Depois de muito esforço, consegui, através de terceiros, mais outros três, todas sem flor ou sementes²⁹¹.

E mais adiante, prossegue Langsdorff:

Hoje recebemos a informação de que os índios Puri estão nessas vizinhanças. Já que o Sr. Rubtsov não podia medir a distância da lua por causa do céu nublado, e como me interessava muito conhecer melhor a localização do Arraial de São Batista, decidi ficar aqui no dia seguinte e mandar os Srs. Ménériès, Riedel e Rugendas para a fazenda de José Lucas, para colher notícias sobre os índios Puri²⁹².

Trata-se de um relato que constrói figurativamente um cenário, tematizando as idas e vindas, as peculiaridades da exploração científica da flora brasileira. Sobrepõem-se, portanto, como objeto de valor, elementos da História Natural. O *eu-narrador*, Langsdorff, definido pela função actancial de destinador, juntamente com seu subordinado, o Sr. L. Narcisso, na condição de sujeito-destinatário, vão à floresta em busca da “raiz da ipecacuanha”, objeto de valor descritivo, figurativizado.

Em seguida, no mesmo relato, vemos o papel do objeto sendo representado pela figura do satélite natural da Terra, a lua, à qual, como os astros de forma geral,

²⁹⁰ LANGSDORFF, Georg Heinrich von. *op. cit.*, p.146.

²⁹¹ LANGSDORFF, Georg Heinrich von. Vol. I, 1997, p.92-93.

²⁹² *Idem, ibidem.*

a História Natural se ocupa de estudar. Prosseguindo, temos a mesma estrutura narrativa, ou seja, a de um sujeito “em busca de”, agora, porém, sendo o objeto figurativizado com os índios Puri. Nota-se que a relação que se estabelece entre sujeito e objeto é que vem definir o olhar científico do enunciador, apontando para a imagem que se cria dele, para seu *éthos*.

Constatamos que o *diário de campo* agrupa relatos de experiências de variadas viagens de caráter exploratório, trazendo informações sobre a geografia específica, paisagens, terreno, mapas, possibilidades de rotas, fauna e flora, mas também curiosidades sobre os povos nativos. Essa é sua temática, ou seja, o assunto de que trata o gênero. A temática do *diário de campo* proporciona descrições sobre diversos assuntos, sempre voltadas para o caráter de estudo. Especificamente no diário do alemão, tais descrições chamam atenção para elementos, em geral, considerados exóticos para os padrões europeus. Firma-se o Brasil na figurativização do espaço exótico. Com o exotismo que permeia as figuras da realidade brasileira construída, firma-se o olhar estrangeiro, o corpo ereto, o caráter convicto, o *éthos* Langsdorff, depreendido das próprias páginas do diário. Nota-se, portanto, na temática, uma relação direta com o estilo, sobre o qual falaremos a seguir.

2.3.3 O estilo

Além das questões concernentes à temática, um gênero deve ser analisado também pelo estilo, como temos visto. Nós consideraremos o estilo em dois patamares: o estilo do desdobramento do gênero, como o estilo do *diário de campo*, sendo depreendido da cena genérica; e o estilo de cada cenografia, de cada ato de enunciar. Aqui se reconhecerá o estilo de Langsdorff, que será tratado no próximo capítulo.

Isso nos leva a duas questões: por um lado, o estilo não reflete apenas a individualidade do enunciador, mas a constrói; por outro, conforme o gênero, o estilo se adapta.

Para Mikhail Bakhtin, o estilo é:

Indissociavelmente de determinadas unidades temáticas e – o que é de especial importância – de determinadas unidades composicionais: de determinados tipos de construção do conjunto, de tipos do seu

acabamento, de tipos da relação do falante com outros participantes da comunicação discursiva – com os ouvintes, os leitores, os parceiros, o discurso do outro, etc., o estilo integra a unidade de gênero do enunciado como seu elemento²⁹³.

Além disso, ao tratar da estilística, Bakhtin apresenta o *estilo elevado*, o *estilo familiar*, o *estilo íntimo* e o *estilo objetivo-neutro*. É desse último estilo que deveríamos recorrer para trabalhar com *Os Diários de Langsdorff*.

De acordo com as bases teórico-metodológicas adotadas neste nosso estudo, não podemos, entretanto, considerar um estilo objetivo e neutro. Apenas consideramos o efeito de objetividade e o efeito de neutralidade como simulacros construídos nos textos. Pode-se dizer que o estilo “objetivo-neutro” é um dos elementos estabilizadores dos desdobramentos do gênero *diário*, como o *diário de bordo*, *diário de viagem* e *diário de campo*, desdobramentos estes que adotam exposições predominantemente orientadas para o objeto, para o “mundo natural”, diferentemente da quase totalidade dos *diários íntimos*, que se enquadraria nos chamados estilos *familiar* e *íntimo*, segundo classificação de Bakhtin. Mas tudo é visto como construção dos próprios textos.

Assimilamos a noção de estilo dada por Bakhtin, à qual agregamos a noção de estilo segundo a Estilística Discursiva, para depreender o *éthos* do enunciador do gênero *diário de campo*. Desse modo, nas palavras de Fiorin:

estilo é um conjunto global de traços recorrentes do plano do conteúdo (formas discursivas) e do plano da expressão (formas textuais) que produzem um efeito de sentido de identidade. Configuram um *ethos* discursivo, ou seja, uma imagem do enunciador. É nesse sentido que se pode entender hoje a afirmação de Buffon de que o estilo é o homem²⁹⁴.

De acordo com os postulados teóricos apresentados no que diz respeito à questão do estilo como elemento estabilizador do gênero, foi possível traçar

²⁹³ BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. [Introdução e tradução do russo Paulo Bezerra; prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov]. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p.266.

²⁹⁴ FIORIN, José Luiz. Uma concepção discursiva de estilo. In: CAÑIZAL, E.P. e CAETANO, K. E. (orgs.) **Olhar à deriva**: mídia, significação e cultura: São Paulo: Annablume, 2004, p.175.

algumas linhas de contorno do *éthos* do enunciador do *diário de campo*, tendo como base *Os Diários de Langsdorff*.

O estilo do gênero *diário de campo* manifesta-se com as seguintes características. O recurso expressivo para a elaboração desse tipo de enunciado, bem como para os outros desdobramentos do gênero *diário*, requer a utilização de pronomes e verbos nas 1^{as} pessoas do singular e do plural, o que caracteriza a enunciação enunciada quanto à categoria de pessoa. Ao tratar da estrutura composicional do referido diário, já se disse sobre essa característica ao ser destacada a figurativização dos dêiticos. Nota-se, portanto, uma estreita relação entre estrutura composicional e estilo, ressaltando que o estilo se manifesta em “unidades composicionais”, como lembra Bakhtin na citação supramencionada.

Em caso absolutamente especial, como, por exemplo, de um acidente, de uma briga ou de um grande desejo por alguma informação ou pela nomeação de um objeto do mundo natural, o sujeito que escreve se fará representar por pronomes e verbos em primeira pessoa. Por outro lado, o mesmo sujeito Langsdorff, enquanto chefe da expedição, ao retratar o cotidiano, ao expor os deslocamentos, ao narrar as dificuldades, revela-se predominantemente por meio de pronomes e verbos em 1^a pessoa do plural.

Outra característica da composição e do estilo do *diário de campo* é a presença maciça dos dêiticos temporais e espaciais, como já foi dito. Vale ainda ressaltar as palavras latinas, utilizadas na nomenclatura científica lineana. Todos esses traços linguísticos, considerados em função discursiva, delineiam, por sua vez, o estilo dos *Diários de Langsdorff* como um estilo pautado pela posse do conhecimento, um estilo ancorado pelo simulacro da cientificidade. Assim, temos o estilo do gênero *diário de campo* e o estilo dos *Diários de Langsdorff*. Este confirma aquele e faz emergir o *éthos* do sujeito cientista: a imagem do sujeito voltado a uma informação, com efeito de objetividade.

O fragmento a seguir revela a presença de algumas dessas características:

11/09

Devido ao pasto ruim, alguns animais se dispersaram e só foram recapturados mais tarde. A tropa só pôde sair por volta do meio-dia. Informaram-nos que deveríamos ir para a serra da Caraça e tomar um caminho mais curto por Brumadinho, para onde tínhamos

enviado nossa tropa. Tanto nós quanto a tropa nos perdemos. Encontramos 20 casas pobres espalhadas em 1½ léguas, todas em Brumadinho, mas nenhuma fazenda. Finalmente, decidimos ir para a Chácara dos Missionários, localizada no alto da montanha, onde chegamos pouco antes do anoitecer. Logo depois, tivemos a notícia de que a nossa tropa estava acampada a céu aberto, em Brumadinho²⁹⁵.

No uso do “nós” exclusivo (eu + eles, os membros da expedição)²⁹⁶ ficam configurados a expedição científica estrangeira e seus participantes. Embora essa enunciação enunciada, no que diz respeito à categoria de pessoa, apresente o efeito de sentido de subjetividade, esse efeito fica atenuado devido às características do *estilo*, que se apresenta sob o simulacro de *objetivo-neutro*, ou seja, às exposições essencialmente centradas no objeto, por meio de temas e figuras. Aliás, além das características linguísticas e discursivas apontadas no diário referido, que delineiam o estilo do gênero bem como o estilo do autor, podemos notar as motivações dadas como efeito de sentido. Tal como simulacros próprios, elas levam o sujeito a relatar determinadas situações de determinado modo e não de outro. Há a confirmação e não denegação de um universo figurativo referencializável, assim como não há abalos no edifício da figuração. Essas motivações são fundamentais para a apreensão do estilo, mais especificamente de Langsdorff e, de maneira geral, do *diário de campo*.

Assim, num *diário de campo* que tenha como base temática o Brasil, a cientificidade se fará representar por anotações detalhadas sobre grandes espaços de vegetação representados sob a forma de paisagens e sobre a fauna brasileiras, como também pela narração e exposição em função da viagem, da economia e de fatos da população brasileira. Para tanto, tal desdobramento do gênero *diário* requer, como efeito de sentido na construção do ator, um polígrafo, ou seja, aquele que escreve acerca de assuntos diversos. Pode-se dizer que se trata de uma condição *sine qua non*, indispensável para as regras do dizer do *diário de campo*. No caso de Langsdorff, delineia-se, dessa forma, um *éthos* formal, da “justa medida”, de corpo

²⁹⁵ LANGSDORFF, Georg Heinrich von. Vol. I, 1997, p.132.

²⁹⁶ Fiorin, José Luiz. **As astúcias da enunciação**: as categorias de pessoa, espaço e tempo. São Paulo: Ática, 2002, p.60.

ereto, de tom sério, de caráter equilibrado para manter a legitimidade do seu enunciado a respeito das paisagens brasileiras: resultado da relação que liga Langsdorff enunciator a um mundo objeto cujas formas discretas, à medida que ele as recorta, revelam ele mesmo, um *éthos* do enunciator com ares de cientificidade e de objetividade.

Em virtude do exposto, pode-se deduzir que o gênero *diário* está na categoria que Bakhtin designa como “gêneros maleáveis”, mais plásticos e criativos, os quais se opõem aos “padronizados e estereotipados”. Nessa perspectiva, pode-se conceber o gênero em questão como representante de práticas sociais de interação, as quais se configuram em função dos propósitos comunicativos próprios e variam de acordo com cada situação comunicativa e com as convenções estabelecidas nas diferentes comunidades discursivas.

2.3.4 Os diários de Langsdorff: tipos textuais e gênero

Para que sejam nomeadas as diferentes formas de organizar as informações de um texto, o enunciator se utiliza da predominância de diferentes “tipos textuais”. Tal categoria é empregada tanto por Marcuschi quanto por Fiorin. Os tipos textuais são de número limitado e estão presentes nos mais diversos gêneros discursivos. Os tipos são construções textuais que “apresentam determinadas características linguísticas. São bem poucos os tipos textuais: o narrativo, o descritivo, o expositivo, o opinativo, o argumentativo e o injuntivo”²⁹⁷.

Os gêneros discursivos fazem uso dos tipos textuais na sua constituição. O gênero *diário* passa, então, a ser visto como um fluxo de sequências ou tipos textuais que constituem organizações internas aos próprios textos, definidas, pela natureza linguística de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais e relações lógicas).

A observação de um pequeno texto permite chegar a algumas deduções a respeito dos tipos textuais presentes em *Os Diários de Langsdorff*.

²⁹⁷ FIORIN, Luiz José. Gêneros e tipos textuais. In: MARI, H. et al. **Ensaio sobre Leitura**. Belo Horizonte: PucMinas, 2006, p.105.

04/11

N.º 30, indicado com 227, enviada para a Mandioca com o Sr. Rugendas.

Uma caixa ficou pronta hoje de manhã. A úlcera do tropeiro doente abriu. Depois de amanhã, se Deus quiser, poderemos retomar nossa viagem (1997, p.215).

Inicialmente, pode-se ressaltar nesse texto uma série de mudanças de situação, de transformações de estado, ou seja, os fatos estão relacionados numa relação de anterioridade: “[caixa] enviada para a Mandioca”, “Uma caixa ficou pronta hoje de manhã” e “A úlcera do tropeiro abriu”, e numa relação de posterioridade “Depois de amanhã, se Deus quiser, poderemos retomar nossa viagem”.

Mais uma característica desse texto é a presença de figuras, as quais concretizam temas e ideias: “N.º30”, “Mandioca”; “Sr. Rugendas”; “caixa”; “úlcera”; “tropeiro”; “Deus” e “viagem”. Em relação ao tempo, observam-se verbos que exprimem ação, tais como “enviada”; “abriu” e “poderemos”.

Configura-se, dessa forma, uma narração, dada na ordem do “narrar”. No *diário de campo*, a narração é utilizada predominantemente pelo enunciador para relatar as transformações ocorridas ao longo da expedição, ao longo da viagem exploratória, desde o descobrimento até o tempo em que a Expedição Langsdorff o redescobriu. O próprio Brasil é narrado como espaço em construção. A narração assume, dessa forma, uma dimensão informativo-explicativa. A partir daí, o enunciador avalia e julga os fatos por meio da diferença estabelecida entre o antes e o depois. Além disso, a narração demonstra a constante movimentação da expedição, viabilizada pelos verbos de ação.

Em outra passagem, datada de 15/09, o enunciador, por meio da narração, apresenta a riqueza existente na cidade de Gongo Soco, em Minas Gerais. Langsdorff principia relatando a quantidade de ouro existente nessa cidade e também a exploração que é feita desse metal. Para demonstrar a riqueza que o ouro traz para a população de Gongo Soco, o narrador toma como exemplo a propriedade do “Capitão-Mor”, demonstrando todas as características das quatro casas dele. Nesse relato, o narrador detém-se tanto na estrutura da casa, com seus ornamentos, quanto nas características da natureza circundante. O que nos interessa, no momento, é a seguinte passagem:

NB. Jaborandi é, em geral, um *Piper*. Aqui, porém, a raiz de uma *Fragaria* é tão forte quanto a pimenta picante [...]. O quarto é bonito e luxuoso. A sala de jantar, ao contrário, não tem grandes riquezas. A mesa é de madeira comum. A louça é de faiança inglesa comum, branca com bordas azuis e de diversos tipos²⁹⁸.

Constata-se aí uma sequência predominantemente descritiva dentro da narração do dia a dia do diário. A descrição é argumento para a narração nos *Diários de Langsdorff*. Esse procedimento é previsto pelo gênero.

Nesse pequeno trecho destacado, vemos a presença de verbos no presente, tais como “é” e “tem”. É interessante notar o caráter de simultaneidade ao momento da enunciação. Além disso, vê-se a presença de adjetivos avaliativos como “bonito, luxuoso”, entre advérbios de intensidade, como “tão”. Figuras como “jaborandi”, “pimenta”, “quarto”, “mesa”, dentre outras, são encontradas, configurando um texto predominantemente figurativo, com traços que remetem à brasilidade. Percebe-se também nesse pequeno excerto a simultaneidade da apresentação, não há uma progressão temporal. Tudo isso assinala uma descrição, em que o enunciatário reconhece um cenário do interior de Minas Gerais. A descrição é de fundamental importância num *diário de campo*, ela envolve a produção de enunciados descritivos sobre a alteridade humana e geográfica, a revelação da imagem do Outro, de paisagens exóticas, de culturas, crenças, governos e costumes. O seguinte exemplo dos diários do Cônsul russo revela uma paisagem cultural quando da passagem pela comarca de Itu, em 19 de novembro de 1825:

Esta vila foi construída de forma bem regular; consiste de várias cabanas e de algumas casas bem construídas. As ruas não são calçadas, mas a maioria das casas tem largas calçadas na sua frente, feitas com grandes lâminas de ardósia, bastante contraditórias nas redondezas, cortadas em peças de 6-8 pés de comprimento por 3-4 de largura. A impressão que se tem é de que foram esculpidas pelo cinzel de um artista²⁹⁹.

²⁹⁸ LANGSDORFF, Georg Heinrich von. Vol. I, 1997, p.138.

²⁹⁹ LANGSDORFF, Georg Heinrich von. Vol. II, 1997, p.38-39.

Descrever é retratar. É criar verbalmente a imagem de uma paisagem, de uma região, um objeto, de um animal, etc. Descrições que configuram um olhar geográfico: “Tal se explica pelo fato de a descrição da paisagem constituir o campo comum da geografia e da literatura”, tomando palavras de Fernando Segismundo³⁰⁰.

A descrição manifesta-se também entremeada à ordem do “expor”. Especialmente nos segmentos que organizam as informações relativas a paisagens, objetos, seres, acontecimentos ou situações, a descrição assume a função de argumentar implicitamente e valorizar os mais variados objetos com os quais o sujeito está ou almeja estar em conjunção.

Tem-se o texto expositivo, quando demonstram fenômenos explicando as relações de causa e efeito. É texto expositivo, que serve para construir e transmitir um saber sobre um dado tema. Nesse sentido, como exemplo, veja-se o texto a seguir:

Os índios normalmente passam de 20 a 25 dias na floresta para arrancar a raiz, e cada um colhe cerca de meio quilo por dia ou uma arroba por ano. Quando retornam com as raízes e recebem o dinheiro, começam a beber e só param quando não possuem mais nada. No resto do ano, eles se ocupam com a pescaria e com a caça³⁰¹.

O texto principia com uma debreagem pessoal enunciativa, quando se instala no enunciado um ele, ator do enunciado, dado pela figura do índio. A objetividade prevalece como efeito de sentido. Trata-se, semanticamente, de um texto figurativo, com alto grau de iconicidade, constatando-se abundância de referencializações do mundo natural. Importa, porém, o tema subjacente às figuras: a degradação indígena em decorrência da assimilação dos hábitos europeus. Tudo converge para o saber, para que o enunciatário aceite o dito como verdadeiro. Essas são algumas das características do texto expositivo presentes no diário em análise. Tendo em vista o que se registrou até agora sobre o gênero *diário*, vê-se que o texto expositivo está presente não somente nos *diários de campo*, como em todos os desdobramentos do gênero, pois, ao expor as motivações que lhe dão origem, o

³⁰⁰ SEGISMUNDO, Fernando. Literatura e Geografia. **Boletim Geográfico**, Ano VII, julho de 1949, nº 76, p.332.

³⁰¹ LANGSDORFF, Georg Heinrich von. Vol. I, 1997, p.92.

narrador *faz-saber*, seja o incidente de uma viagem, seja para descrever a personalidade de uma paisagem local.

Dessa forma, observa-se que a narração fica pontilhada de descrições e exposições. Assim se organizam os tipos textuais predominantes ao longo dos *Diários de Langsdorff*. Constatase, então, que a maioria dos relatos do alemão principia com a exposição de uma proposta, de um desejo de chegar a um determinado lugar ou de obter um dado objeto de valor. Parte-se, em seguida, para a ação, que terá a função de apresentar o conhecimento necessário para a compreensão da justificativa que a originou. Cabe à descrição indicar as grandes propriedades, qualidades ou ainda os componentes de um ser ou de uma coisa; enfim, tornar o objeto o mais iconizado possível para facilitar sua apreensão pelo enunciatário.

Doravante, cabe ao olhar analítico do pesquisador iluminar as áreas que foram representadas pelo viajante-naturalista, com vistas ao “devassar a raso este mar de territórios, para sortimento de conferir” as paisagens que existem, tomando palavras de Guimarães Rosa³⁰².

³⁰² ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão**: Veredas. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986, p.24.

CAPÍTULO III

NO LIMIAR DA PAISAGEM

3.1 A paisagem no horizonte do provável

O trajeto da expedição russa chefiada pelo barão Langsdorff foi dividido em dois roteiros, “ambos tendo em vista as outrora trepidantes e alvissareiras regiões mineradoras, naquela época modorrentas e estagnadas”³⁰³. A primeira etapa da viagem teve início em 8 de maio de 1824, quando Langsdorff se dirigiu a Minas Gerais, região esta quase obrigatória de todos os naturalistas estrangeiros, acompanhado do artista Rugendas, do zoólogo Ménériès, do botânico Riedel e do astrônomo Rubtsov. Na segunda etapa, a expedição pretendia “penetrar as regiões centrais do Império e chegar às antigas minas de Cuiabá e à região diamantífera de Mato Grosso e, daí, sempre pelos rios, alcançar o Amazonas”³⁰⁴.

Antes de trilharmos os relatos, visualizando as paisagens captadas, admiradas, vividas pelo naturalista alemão, vamos tecer algumas observações importantes a despeito da complexidade que envolve a representação da paisagem geográfica. Para tanto, vamos utilizar outros textos de Langsdorff produzidos ao longo de sua permanência no Brasil. Esses textos evidenciam ainda mais o aspecto inacabado dos diários do cientista alemão, desvelando o processo de *escrita em campo, de campo*, o entrelaçamento de assuntos de um enunciador que cria o efeito de sentido de uma *escritor-em-trânsito*.

Partamos de um texto³⁰⁵ de Langsdorff publicado na França em 1820 e na Alemanha em 1821, visando estimular a emigração para o Brasil, que objetiva dar sentido explicativo ao Brasil, enfatizando seus aspectos naturais:

³⁰³ COSTA, Maria de Fátima G. O Brasil pelo olhar da expedição Langsdorff. In: COSTA, Maria de Fátima. **O Brasil de Hoje no Espelho do Século XIX**: artistas alemães e brasileiros refazem a expedição Langsdorff. Editores: Maria de Fátima G. Costa et al. São Paulo: Estação Liberdade, 1995, p.25.

³⁰⁴ *Idem, ibidem.*

³⁰⁵ Intitulado *Mémoire sur le Brésil pour servir de guide à ceux quid ésirent s'y établir*, par M. Le Chevalier G. De Langsdorff, Consul general de Russie au Brésil, Membre de l'Académie Impériale des Sciences à Saint-Petersbourg et de plusieurs autres Sociétés savantes de 20 páginas. A versão alemã, ampliada e com dados complementares, recebeu o título de *Bemerkungen über Brasilien mit gewissenhafter Belehrung für auswandernde Deutsche*. MANIZER, Guenrikh Guenrikhovitch. **A expedição do Acadêmico Langsdorff ao Brasil**. Rio de Janeiro: Brasiliana, 1967, p.50.

A imaginação mais rica e mais feliz e a mais perfeita das línguas criadas pelo homem sequer de longe podem dar ideia da extensão dos tesouros e magnificências dessa natureza. Quem quer que anseie por motivos poéticos – que vá ao Brasil, pois ali a natureza poética responde a seus pendores. Qualquer pessoa, inclusive a menos sentimental, se transforma em poeta³⁰⁶.

Vale sublinhar que o incentivador da emigração não ocultava, de acordo com Manizer³⁰⁷, os diversos aspectos negativos existentes no Brasil. É indispensável recordar outros viajantes que também se manifestaram a respeito da natureza tropical, tais como o botânico francês Auguste de Saint-Hilaire e Spix e Martius, para citar somente alguns. Por esse excerto, nota-se que os textos dos viajantes de diversas procedências, cujas viagens respondiam igualmente aos mais variados propósitos, invariavelmente apresentariam descrições embevecidas sobre a natureza tropical.

Esse legado, em especial os diários de Langsdorff, constitui fonte com infinitas possibilidades de pesquisa em Geografia, notadamente sobre paisagem, a qual esteve ligada aos viajantes europeus que percorreram o país desde o século XVI buscando conhecer seu povo e a natureza de seu território. Foi o primeiro grande aspecto a ser considerado pelo conhecimento desses viajantes estrangeiros no seu esforço de compreensão do espaço diferente, não habitual, do território, do exótico, do pitoresco. A gênese da Geografia moderna funda-se, portanto, na observação do empírico, isso porque, devido ao seu padrão de visualidade, a paisagem se mostra ao homem no seu estado de percepção mais espontânea: “a paisagem é o espaço do sentir, ou seja, o foco original de todo o encontro com o mundo”³⁰⁸, destaca Besse. Constituindo-se de associações de ideias entre o empírico e a imaginação, o discurso geográfico, nesse período, inicia com as descrições das paisagens, depois com interpretações qualitativas e quantitativas, considerando, assim, os elementos da natureza em plena relação. Como bem

³⁰⁶ *Ibidem*, p.51.

³⁰⁷ *Ibidem*, p.51.

³⁰⁸ BESSE, Jean-Marc. **Ver a Terra**: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia. [tradução Vladimir BARTALINI]. São Paulo: Perspectiva, 2006, p.80.

observa Paul Claval³⁰⁹, é através das paisagens que os viajantes “apreendem a natureza das regiões que percorrem” e procuram transmitir ou fazer conhecer a outrem por meio de registros e impressões representados na literatura, na arte e em mapas (meios fundamentais para o conhecimento geográfico).

Os contornos dos lugares, os caminhos, as estradas, a vegetação, o solo, o clima, entre outros elementos presentes nas representações das paisagens, permitem-nos identificar dois conceitos fundamentais para a Geografia que vão começar a emergir com os primeiros relatos de viagem sobre o Oriente entre os séculos XIII, XIV e XV³¹⁰ (período este considerado a era “terrestre” da história da humanidade, a qual seria no século XV substituída pela era “oceânica” em decorrência das grandes navegações)³¹¹, que influenciam os viajantes do Renascimento, dentre eles Cristóvão Colombo, Américo Vespúcio e Fernão de Magalhães, sendo uma “fonte de estímulo ao descobrimento e conquista da América” e renovando-se pela ação dos viajantes e das expedições científicas dos séculos XVIII e XIX. Trata-se dos conceitos de sítio e situação. O sítio é o assoleiro, o lugar onde nós nos localizamos, é a “base de um *habitat* ou de uma atividade, vista nas suas características físicas e o seu ambiente imediato”³¹². A situação é a “característica geográfica fundamental de um lugar, de um espaço, resultante da sua relação aos outros lugares e espaços”³¹³. A análise de situação é:

essencial para apreciar as qualidades de um lugar. Todo lugar é situado em relação a outros lugares, vias de comunicação, a lugares vizinhos; além disso, e talvez, sobretudo, é situado em malhas, redes

³⁰⁹ CLAVAL, Paul. Paisagem dos geógrafos. In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Paisagem, textos e identidade**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004, p.16.

³¹⁰ A esse respeito, ver Guillermo Giucci, “Maravilhas do Oriente” p. 65-99, In: **Viajantes do maravilhoso: o novo mundo**. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.

³¹¹ KIMBLE, Georg H.T. *A geografia na Idade Média*; Tradução Márcia Siqueira de Carvalho. 2ed.rev. Londrina: Eduel, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2005, p.179.

³¹² “Assise d’un habitat ou d’une activité, vue dans ses caractéristiques physiques et son environnement immédiat.” BRUNET, R.; FERRAS, R.; THERY, H. (Dir.) **Les mots de la géographie: dictionnaire critique**. Paris: Montpellier, 1992, p.413.

³¹³ “Caractéristique géographique fondamentale d’un lieu, d’un espace, résultante de sa relation aux autres lieux ou espaces. BRUNET, R. *op. cit.*, p.413.

e campos que contribuem para determinar as suas características e notadamente as suas dinâmicas³¹⁴.

Assim, a viagem ao Novo Mundo, que é um contraponto ao Velho Mundo, revela aos viajores um conjunto de características geográficas das terras brasileiras, da paisagem tropical resultante da relação com a Europa. Os viajantes manifestam desde sempre uma grande atenção à situação dos lugares, das regiões ou dos países por onde passam.

A paisagem, elaborada pelos viajantes, naturalistas e artistas sobre o Brasil, era fruto da análise de situação unificada com os olhares científico e artístico, em que conhecimento e deslumbramento convivem num mesmo prisma. Elogios da grandeza da paisagem e de seu caráter único, pitoresco, ressoam nas palavras de *Carta a um amigo na Alemanha*, datada de agosto de 1817:

Caro amigo, entenda-me bem. Pretendo tentar descrever-lhe as regiões existentes nos arredores desta nova cidade régia, sem, contudo, mencionar as vantagens e desvantagens da cidade propriamente dita. Tentarei descrever algumas **cenas** da natureza, como elas se apresentam, em vez de fazer uma descrição circunstancial do país. Espero que você não as ache exageradas, levando em conta que os **inúmeros aspectos destes imensos e ricos arredores pitorescos** já perderam para mim, habitante antigo dos mesmos, seu valor de novidade³¹⁵.

Do excerto dessa carta podem ser destacados trechos marcantes desse naturalismo do século XIX. A natureza sempre foi pretexto para representações de ordem diversa. Entre os viajantes do século XIX a natureza representada pela paisagem foi o grande tema de suas observações e estudos. No que diz respeito a Langsdorff, nota-se – não só nessa carta em tom coloquial, que combina paixões e apelos subjetivos com a exposição de temas diversos e que, diferentemente dos

³¹⁴ “essentielle pour apprécier les qualités d’un lieu. Tout lieu est situé rapport à d’autres lieux, à des voies de communication, à des voisins; il est en outre, et peut-être surtout, situé dans des mailles, des réseaux et des champs, qui contribuent à déterminer ses caractéristiques, et notamment ses dynamiques”. BRUNET, R. *op. cit.* p.413.

³¹⁵ LANGSDORFF, Georg Heinrich von. Carta a um amigo na Alemanha. *Apud* BECHER, Hans. **O Barão Goerg Heinrich von Langsdorff**: pesquisas de um cientista alemão no século XIX. São Paulo: Edições diá; Brasília (DF): Editora Universidade de Brasília, 1990, p.41. (grifos nossos)

relatos, segue um padrão mais rígido e objetivo – o interesse predominante pela natureza: “objeto de obstinada pesquisa científica, dissecado sistematicamente pelo crivo da história natural”³¹⁶. Assim, na apropriada expressão de Lilia K. Moritz Schwarcz³¹⁷, “como matéria-prima da originalidade a natureza se convertia em *paisagem*, em modelo para idealização”.

Cumpre ainda sublinhar que as paisagens representadas pelos viajantes-naturalistas tendem a ser uma transcrição exata da “cena” visualizada no contato direto junto à natureza, configurando um descritivismo realista. A esse respeito, as intenções de Langsdorff fazem amostragem exemplar: “Tentarei descrever algumas **cenas** da natureza, como elas se apresentam”³¹⁸. Providencialmente, Cosgrove ajuda-nos a entender esse processo, esclarecendo que “a paisagem, de fato, é uma ‘maneira de ver’, uma maneira de compor e harmonizar o mundo externo em uma ‘cena’, em uma unidade visual”³¹⁹. O autor esclarece ainda que “a paisagem está intimamente ligada a uma nova forma de ver o mundo como uma criação racionalmente ordenada, designada e harmoniosa, cuja estrutura e mecanismo são acessíveis à mente humana, assim como ao olho”³²⁰ – um saber operativo que surgiu para guiar de modo eficaz as ações humanas no meio ambiente.

É importante frisar também que as paisagens do Brasil apresentadas pelos viajantes estrangeiros colocam em destaque uma visão pitoresca, a qual “proporciona entendimento mais adequado de aspectos fundamentais da construção da paisagem”, assim como “ensina que a dimensão sensível inerente a toda e qualquer paisagem depende também da educação visual do observador”³²¹. Dessa forma, construir uma ideia de Brasil significava criar paisagens da natureza;

³¹⁶ LISBOA, Karen Macknow. **A nova Atlântida de Spix e Martius**: natureza e civilização na *Viagem pelo Brasil* (1817-1820). São Paulo: Editora Hucitec; Fapesp, 1997, p.87.

³¹⁷ SCHWARCZ, Lilia K. Moritz. A natureza como paisagem: imagem e representação no Segundo Reinado. **Revista USP**. Coordenadoria de Comunicação Social, Universidade de São Paulo, N. 1 (mar./mai., 1989). São Paulo, SP: USP, CCS, 1989, p.10. (grifo da autora)

³¹⁸ LANGSDORFF, *apud* BECHER *op. cit.*, p.41.

³¹⁹ COSGROVE, Denis. A Geografia está em toda parte: Cultura e Simbolismo nas paisagens humanas. *In*. CORRÊA, Roberto Lobato, ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004, p.98.

³²⁰ *Idem*, p.99.

³²¹ BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. **O Brasil dos viajantes**: a construção da paisagem. Volume III. São Paulo: Metalivros; Salvador: Fundação Odebrecht, 1994c, p.19.

representar a natureza, portanto, significava incluir o que havia de mais específico no país, notadamente: “os *inúmeros aspectos destes imensos e ricos arredores pitorescos*”³²². A virtualidade da natureza brasileira magnetizava a atenção do cientista alemão:

Não lhe parece um país encantado? Meu Deus, que parte maravilhosa é esta do mundo para qual me mudei? Por que a natureza aqui aspira sempre às anomalias? Por que ela cria formas e feições tão diversas, novas e insólitas? Por que ela é aqui tão extravagante na configuração e na formação das flores e folhas?³²³

Esse pequeno excerto já é suficiente para contrariar Buffon, De Pauw e o abade Raynal, mentores da visão “científica” da América que levava a crer, no século XVIII, que “a decadência tropical definiria a América”³²⁴. Além disso, as seguintes passagens “anomalias”, “formas e feições tão diversas, novas e insólitas”, “extravagante na configuração e na formação” expõem a noção de pitoresco, qual seja, a de privilegiar o espetáculo da natureza: “o pitoresco rejeita a figuração acadêmica estritamente clássica, que imobiliza [um] dado momento e o objeto tal qual uma estátua”, destaca Iara Lis Schiavinatto³²⁵.

A historiadora esclarece ainda que:

no pitoresco, a natureza é concebida em sua rugosidade, aspereza, irregularidade, imbricadas ao rude, ao grosseiro, ao acidental e desigual em sua configuração, que estão inscritos nas montanhas, árvores e sua folhagem, nos rios, por exemplo³²⁶.

Assim, a exuberância tropical ou cenas do cotidiano emergem em paisagens como fruto de unificação do olhar científico com o artístico, propiciada pela noção de

³²² LANGSDORFF, Georg Heinrich von. Carta a um amigo na Alemanha *apud* BECHER, Hans. **O Barão Goerg Heinrich von Langsdorff**: pesquisas de um cientista alemão no século XIX. São Paulo: Edições diá; Brasília (DF): Editora Universidade de Brasília, 1990, p.41.

³²³ *Idem, ibidem.*

³²⁴ SCHIAVINATTO, Iara Lis. Imagens do Brasil: entre a Natureza e a História. In: JANCSÓ, István (Org.). **Brasil**: formação do Estado e da Nação. São Paulo: Hucitec; Ed. Unijuí; Fapesp, 2003, p.615.

³²⁵ *Idem*, p.620.

³²⁶ *Idem*, p. 621.

pitoresco. A intenção dos viajantes, naturalistas e artistas estrangeiros foi a de criar paisagens, cuja identidade estivesse incrustada na natureza, sugerindo a definição de outra imagem do Brasil:

não mais inferno ou paraíso do qual se tenta extrair ouro, não mais *mina*, mas curiosidade, *paisagem pitoresca*, objeto de estudo a ser cuidadosamente classificado. E não mais por viajantes-aventureiros, mas por naturalistas, zoólogos, paisagistas³²⁷.

Descobrir o Brasil no contexto do século XIX significava, portanto, “insistir em um país natural – pitorescamente natural; marco aprazível para falar da jovem nação”³²⁸. Por conseguinte, a natureza representada pela paisagem vai se firmando como emblema da nação, como uma “nacionalidade essencial”, na feliz expressão de Lilia Schwarcz³²⁹.

Antes de iniciarmos a descoberta do Brasil efetuada por Langsdorff, devemos fazer uma importante observação em proveito de um maior rendimento analítico. A análise da paisagem constitui o ponto de encontro entre três concepções distintas e indissociáveis. A primeira concepção diz respeito à natureza em si, o mundo “postado fora de nós, em si mesmo, e absolutamente apto à apreensão de nossos sentidos”³³⁰. Nas palavras de Charles Avocat, esse espaço diz respeito a “*une réalité physique, objective, tridimensionnelle, dont nous recherchons la formulations mathématique et abstraite, donc totalement étrangère aux déformations sensorielles inhérentes à toute personnalité*”³³¹. Fisionomia e característica são palavras-chave nessa concepção. Trata-se de “realidades objetivas que identificam verdadeiramente

³²⁷ SÜSSEKIND, Flora. **O Brasil não é longe daqui**: o narrador; a viagem. São Paulo: Cia. das Letras, 1990, p.45. (grifos da autora)

³²⁸ SCHWARCZ, Lilia K. Moritz. A natureza como paisagem: imagem e representação no Segundo Reinado. **Revista USP**. Coordenadoria de Comunicação Social, Universidade de São Paulo, N. 1 (mar./mai., 1989). São Paulo, SP: USP, CCS, 1989, p.10.

³²⁹ *Idem*, p.9.

³³⁰ CARDOSO, Sérgio. Olhar viajante (do etnólogo). In: NOVAES, Adauto *et al.* **O olhar**. São Paulo: Cia. das Letras, 1988, p.347.

³³¹ AVOCAT, Charles. *Essai de mise au point d'une method d'étude des paysages*. In. **Lire le paysage, lire les paysages**: Acte du colloque des 24 et 25 novembre. Centre Interdisciplinaire d'Etude et de Recherches sur l'Expression Contemporaine, 1983, p.14.

um território, e que é necessário reconhecer, localizar, delimitar, tanto espacial como qualitativamente a fim de ‘reproduzi-las’³³².

Dessa forma, dos olhares lançados sobre a natureza, sobre uma extensão territorial, num golpe de vista, configura-se a paisagem, importante categoria geográfica, em cujas dimensões inscrevem-se os significados do espaço. Na esteira de Humboldt e de La Blache, Besse frisa que ler a paisagem: “é extrair formas de organização do espaço, extrair estruturas, formas, fluxos, tensões, direções e limites, centralidades e periferias”³³³. É indispensável ainda lembrar que:

A paisagem é o produto das interações, das combinações entre um conjunto de condições e de constrições naturais (geológicas, morfológicas, botânicas etc.) e um conjunto de realidades humanas, econômicas, sociais e culturais. São essas interações que, no tempo e no espaço, respondem pelas mutações percebidas nas paisagens visíveis. A paisagem é o efeito e a expressão evolutiva de um sistema de causas também evolutivas: uma modificação da cobertura vegetal ou uma mudança nos mecanismos da produção agrícola se traduzem nas aparências visíveis³³⁴.

A paisagem surge, portanto, na relação entre o homem e o espaço, que o vivencia enquanto produção ou observação. Desse recorte espacial da superfície da Terra, que, dotado de fisionomia própria, torna-se identificável pelo observador, chegamos à segunda concepção que trata da visualização desse espaço por um observador. O universo da viagem faz-se amostragem exemplar a esse respeito. Como bem nota Sérgio Cardoso, em *O olhar viajante (do etnólogo)*, “viajar, sabemos, não é dado a todos. Há homens acomodados, caseiros e sedentários, que parecem ignorar as divisões do espaço e pouco prezam a geografia”. E continua o autor, “mas há também homens inquietos – curiosos e insatisfeitos”³³⁵, como é o

³³² BESSE, Jean-Marc. **Ver a Terra**: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia. [tradução Vladimir BARTALINI]. São Paulo: Perspectiva, 2006, p.66.

³³³ BESSE, Jean-Marc. **Ver a Terra**: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia. [tradução Vladimir BARTALINI]. São Paulo: Perspectiva, 2006, p.64.

³³⁴ *Idem*, p. 66.

³³⁵ CARDOSO, Sérgio. Olhar viajante (do etnólogo). In: NOVAES, Adauto *et al.* **O olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p. 351.

caso de Georg Heinrich von Langsdorff que “só tem, por um instante, um desejo – infantil, irreprimível: partir de novo”³³⁶.

Viajar e conhecer o mundo natural empiricamente sempre foi o seu grande anseio, seja por meio de veleiros e barcos em viagem de circum-navegação, seja por meio de trenós puxados por cães através da Sibéria, seja ainda por canoas pelo Pantanal e na Amazônia³³⁷. Muitas “leituras” de paisagens geográficas foram captadas e representadas pelo cientista alemão. Nesse ponto, nossas atenções se voltam para a atitude do espectador, observador, sujeito Langsdorff perante a fisionomia de uma unidade da realidade, pois é através dessa fisionomia que os viajantes apreendem a natureza, delineando a identidade das regiões percorridas. De acordo com Charles Avocat uma (ou mais) imagem sensorial corresponde a “*notre ‘vision’ du monde, c’est-à-dire filtrées par notre imaginaire, notre psychologie, nos expériences antérieures, notre esthétique*”³³⁸. E, como lembra Greimas em *Da imperfeição*, as ordens sensoriais ficam aguçadas diante das condições de contato com o objeto-paisagem: “o ‘olhar’, presente primeiro como um simples instrumento de sua vista, torna-se ele mesmo o delegado ativo do sujeito; ele ‘avança’, ‘se retrai’, coloca-se em uma posição receptiva, fora do sujeito somático”³³⁹. A esse respeito, Tatit sublinha que “as próprias funções, ativa e passiva, que definem respectivamente sujeito e objeto, confundem-se nesse estado de fusão completa, como se, num brevíssimo período, o primeiro actante pudesse experimentar a perfeição de ser uno (sujeito e objeto)”³⁴⁰. Após o acontecimento estético, que é o contato com a fisionomia de uma unidade da realidade, cabe ao sujeito “reproduzi-la”. Apoiando-se em Bakhtin, acentue-se, entretanto, que “o mundo representado, mesmo que seja realista ou verídico, nunca pode ser cronotopicamente identificado

³³⁶ LANDOWSKI, Eric. Presenças do outro. São Paulo: Perspectiva, 2002, p.75.

³³⁷ Cf. BRAGA, Marcos Pinto. Prefácio. KOMISSAROV, Bóris. **Da Sibéria à Amazônia**: a vida de Langsdorff. [Tradução de Victória Namestnikova EL MURR]. Brasília: Edições Langsdorff, 1992, p.11.

³³⁸ AVOCAT, Charles. *Essai de mise au point d’une method d’étude des paysages*. In. **Lire le paysage, lire les paysages: Acte du colloque des 24 et 25 novembre**. Centre Interdisciplinaire d’Etude et de Recherches sur l’Expression Contemporaine, 1983, p.14.

³³⁹ GREIMAS, Algirdas Julien. **Da imperfeição**. [prefácio e tradução de Ana Claudia de OLIVEIRA; apresentação de Paolo FABBRI, Raúl DORRA, Eric LANDOWSKI]. São Paulo: Hacker Editores, 2002, p.34.

³⁴⁰ TATIT, Luiz. A verdade extraordinária. **Tópicos Del Seminario**. Puebla (Méx). Vol. 7, p.101-125, 2002.

com o mundo real representante, onde se encontra o autor-criador dessa imagem”³⁴¹.

Da seguinte passagem de *Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais* do conhecido viajante Auguste de Saint-Hilaire pode ser retirado um trecho marcante dessa relação entre o sujeito e paisagem e sua representação, bem como é revelador da dinâmica das viagens científicas realizadas no século XIX. Sobre seu companheiro de viagem, destaca Saint-Hilaire: “Este moço, o Sr. Langsdorff, cônsul da Rússia, e eu, partimos do Rio de Janeiro a 7 de dezembro de 1816”. Ao chegarem à província de Minas Gerais, Saint-Hilaire declara:

Na companhia de Langsdorff, o homem mais ativo e infatigável que encontrei em minha vida, aprendi a viajar sem perder um só momento, a me condenar a todas as privações, e a sofrer com alegria qualquer espécie de aborrecimentos. [...]. Meu companheiro de viagem ia, vinha, agitava-se, chamava este, repreendia aquele, comia, **escrevia o seu diário**, arrumava as borboletas e tratava de tudo ao mesmo tempo. Todo seu corpo estava em movimento; a cabeça e os braços, que arremessava para frente, pareciam censurar a lentidão do resto dos membros; suas palavras se precipitavam; a respiração era entrecortada, ficava ofegante como depois de uma longa corrida³⁴².

Eis algumas características da personalidade de Langsdorff, qual seja, “a tenacidade, a compulsividade e a autoconfiança”³⁴³, que de uma forma ou de outra vão influenciar na relação com a paisagem percebida. Nesse ponto, entretanto, interessa-nos a dedicação ao seu diário: o naturalista o fazia com a meticulosidade

³⁴¹ BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e estética** (a teoria do romance). São Paulo: Hucitec: EdUNESP, 1988, p.360.

³⁴² SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais**. [Tradução de Vivaldi MOREIRA]. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1967, p.35-36. (grifo nosso)

³⁴³ LEITE, Mirian Moreira. Prefácio. In: SILVA, Danuzio Gil Bernardino (org.). **Os diários de Langsdorff**. Vol. I. Rio de Janeiro e Minas Gerais, 8 de maio a 17 de fevereiro de 1825. [tradução de Márcia Nascimento Egg *et al.*]. Campinas: Associação Internacional de Estudos Langsdorff; Rio de Janeiro: Fiocruz, 1997, p.XLV.

que lhe era própria³⁴⁴. A propósito, o seguinte trecho, retirado do diário de Langsdorff dedicado à província de São Paulo, é ainda mais preciso:

27/07 [1826]

Eu me propus firmemente a nunca ir para a cama sem, pelo menos, anotar as coisas mais importantes que aconteceram no dia. Mas, ontem à noite, eu estava tão cansado que tive que fazer um esforço enorme para conseguir terminar de escrever³⁴⁵.

Esses dois relatos demonstram como e em que condições Langsdorff elaborava seu diário. Objetiva-se com essa constatação demonstrar o vínculo estabelecido entre a imagem de uma realidade, de uma paisagem com a memória, pois “um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois”, esclarece Walter Benjamin³⁴⁶. É indispensável lembrar, que é no espaço e não no tempo que fixamos nossas lembranças, como providencialmente nos esclarece Gaston Bachelard:

A memória – coisa estranha! – não registra a duração concreta [...]. Não podemos reviver as durações abolidas. Só podemos pensá-las, pensá-las na linha de um tempo abstrato privado de qualquer espessura. É pelo espaço, é no espaço que encontramos os belos fósseis de duração concretizados por longas permanências. O inconsciente permanece nos locais. As lembranças são imóveis, tanto mais sólidas quanto mais bem espacializadas³⁴⁷.

De fato, diretamente relacionada com o espaço, a lembrança, a memória será responsável pela reconstituição dos caminhos percorridos, das regiões visitadas, dos lugares encontrados, das paisagens que se apresentam aos olhos do viajante-

³⁴⁴ KOMISSAROV, Boris. **Da Sibéria à Amazônia: a vida de Langsdorff**. [tradução de Victória Namestnikova El Murr]. Brasília: Edições Langsdorff, 1992, p.99.

³⁴⁵ LANGSDORFF, vol. II, São Paulo, 1997, p.160.

³⁴⁶ BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994, p.37.

³⁴⁷ BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. [Tradução Antonio de P. Danesi] São Paulo: Martins Fontes, 1993, p.28-29.

naturalista. Saliente-se ainda que, ao limitar e filtrar a lembrança, a memória a respeito da experiência espacial “que acaba de acontecer comigo” e transcrevê-la na linguagem, eu “já me encontro, como *narrador* (ou escritor), fora do tempo-espço onde o evento se realizou”, aponta Bakhtin³⁴⁸.

É importante frisar também que, no caso de uma paisagem lembrada, tais viajantes europeus tomavam notas no momento de contato com o mundo visível a respeito de sua fisionomia, característica e singularidades, notas estas que eram retomadas no momento da redação, como demonstra Komissarov: “algumas vezes as notas são lacônicas e até mesmo ***mnemônicas***, com frases fragmentadas, palavras soltas e desconexas. Ao lado disso, encontram-se descrições minuciosas e longos comentários”³⁴⁹.

O que nos interessa especificamente nesta afirmação refere-se à memória, porque, “para falar sem rodeios, não temos nada melhor que a memória para significar que algo aconteceu, ocorreu, se passou *antes* que declarássemos nos lembrar dela”, assegura Ricoeur³⁵⁰. Trata-se de uma concepção de memória no sentido de (re)significação das coisas e de si mesmo, ou seja, de uma representação de um acontecimento vivido, presenciado anteriormente para si, uma possível reconfiguração de tais experiências guardadas na memória que são despertados pela rememoração durante o ato da escrita.

Além disso, é importante frisar que, embora tenhamos, metodologicamente, separado o mundo sensível, a paisagem real da percepção humana sobre a natureza, tais instâncias são indivisíveis, conforme Simon Shama, em *Paisagem e memória*, postula:

Pois conquanto estejamos habituados a situar a natureza e a percepção humana em dois campos distintos, na verdade elas são inseparáveis. Antes de poder ser um repouso para os sentidos, a

³⁴⁸ BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e estética** (a teoria do romance). São Paulo: Hucitec/EdUNESP, 1988, p. 360.

³⁴⁹ KOMISSAROV, Boris. **Expedição Langsdorff**: acervo e fontes históricas. São Paulo: Editora Unesp, 1994, p.15. (grifo nosso)

³⁵⁰ RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. [Tradução de Alain FRANÇOIS et al]. Campinas (SP): Editora da Unicamp, 2007, p.40. (grifo do autor)

paisagem é obra da mente. Compõe-se tanto de camadas de lembranças quanto de estratos de rochas³⁵¹.

A última concepção da paisagem, por sua vez, diz respeito à representação da natureza e da percepção humana, seja pela escrita ou pela pintura. Tendo como referente o conhecimento empírico do mundo natural, “a lembrança se dá como uma imagem do que foi antes visto, ouvido, experimentado, apreendido, adquirido; e é em termos de representação que pode ser formulado o alvo da memória enquanto é tida como passado”³⁵². O cerne das discussões acerca da questão da representação remete às reflexões platônicas e aristotélicas “sobre os procedimentos imitativos adotados pelos discursos de índole estético-verbal”³⁵³. Aristóteles em sua *Poética* diz que a arte é designada como (re)criação, no sentido literal, *cria de novo imago mundi*:

O imitar é congênito no homem (e nisso difere dos outros vivos, pois, de todos, é ele o mais imitador, e, por imitação, aprende as primeiras noções), e os homens se comprazem no imitado. [...]. Efetivamente, tal é o motivo por que se deleitam perante as imagens: olhando-as, aprendem e discorrem sobre o que seja cada uma delas, [e dirão], por exemplo: ‘este é tal’. Porque, se suceder que alguém não tenha visto o original, nenhum prazer lhe advirá da imagem como imitada, mas tão-somente da execução, da cor ou qualquer outra causa da mesma espécie³⁵⁴.

No que se refere ao cientista alemão, a natureza se converteu em paisagem através da “imitação” ou, ainda, em representação pelos “modelos apreciativos”³⁵⁵, principalmente pelos gêneros discursivos *diário*, *carta*, *relatório*, *crônica* e pelos

³⁵¹ SHAMA, Simon. **Paisagem e memória**. São Paulo: Cia. das Letras, 1995, p.17.

³⁵² RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. [Tradução de Alain FRANÇOIS et al]. Campinas (SP): Editora da Unicamp, 2007, p.248.

³⁵³ REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. **Dicionário de Teoria da Narrativa**. São Paulo: Editora Ática, 1988, p.88.

³⁵⁴ ARISTÓTELES. **Poética**. (Os pensadores). São Paulo: Abril, 1993, p.27.

³⁵⁵ BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. **O Brasil dos viajantes: a construção da paisagem**. Vol. III. São Paulo: Metalivros; Salvador: Fundação Odebrecht, 1999c, p.11.

gêneros pictóricos *aquarela, gravura, desenho*³⁵⁶, gêneros estes valiosos para se analisar as representações paisagísticas em virtude de seu caráter imaginário e mimético, capaz de espelhar, apropriadamente, a percepção do sujeito em relação a si mesmo, ao outro e ao seu entorno. A representação da paisagem, portanto, não é só imitativa, “sob a fruição estética, [ela conta] uma outra história, ela desenvolve um outro sentido”³⁵⁷. Para tal, a representação perpassava pelo viés estético-científico que prescrevia *o que* representar e *como* representar:

As instruções de viagem do século XIX insinuam que, para a ciência, pouco deveria importar quem era o viajante. Suas anotações e registros deveriam ser publicados e passíveis de serem compreendidos por outros naturalistas. O viajante-naturalista do século XIX parece não ter hesitado entre considerar a irreprodutibilidade de sua experiência e entre fornecer registros fiéis do que viu, ouviu e sentiu. Nesse sentido, o estilo pitoresco das representações iconográficas das paisagens e costumes dos lugares visitados poderia ser considerado um estilo científico³⁵⁸.

De acordo com o ponto de vista científico do século XIX, pode-se entender por representação, segundo Chartier: um “instrumento de conhecimento mediato que faz ver um objeto ausente substituindo-lhe uma ‘imagem’ capaz de repô-lo em memória e de [descrevê-lo] ‘pintá-lo’ tal como é”³⁵⁹.

Como vemos, falar em paisagem implica considerar três concepções distintas e indissociáveis. Ao mesmo tempo em que a paisagem é uma realidade ontológica, a natureza em si, uma unidade da realidade, é também a percepção dessa paisagem, a visualização através de um sujeito e, ainda, sua representação dessa

³⁵⁶ Cf. BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. **O Brasil dos viajantes**: um lugar no universo. Vol. II. São Paulo: Metalivros; Salvador: Fundação Odebrecht, 1999b, p.13.

³⁵⁷ BESSE, Jean-Marc. **Ver a Terra**: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia. [tradução Vladimir BARTALINI]. São Paulo: Perspectiva, 2006, p.63.

³⁵⁸ KURY, Lorelai. Viajantes-naturalistas no Brasil oitocentista: experiência, relato e imagem. **Revista História, Ciências, Saúde**. Manguinhos, vol. 8 (suplemento), 2001, p.879.

³⁵⁹ CHARTIER, Roger. O mundo como representação. [Tradução de Andrea DAHER e Zenir Campos REIS]. **Revista Estudos Avançados**, USP, 11, 5, 1991, p.184.

paisagem, seja pela escrita ou pela pintura. Baseado em Charles Avocat³⁶⁰, elaboramos o seguinte esquema que reproduz essas três instâncias interdependentes.

Figura 4 – Instâncias da paisagem (2012)

Essas concepções, distintas e indissociáveis, sobre a noção de paisagem, apresentam-se somente na relação entre sujeito/mundo, ignorando assim a presença e o papel do leitor. Mostrando que o texto não é apenas ficção nem apenas uma representação do acontecimento, Paul Ricoeur vai complementar essa perspectiva incluindo o termo de *representância*, conceito com o qual o teórico vai incluir a função do leitor no jogo da comunicação, uma vez que ele também define o texto. Nas palavras de Ricoeur, a representância “designa a expectativa ligada ao conhecimento histórico das construções que constituem reconstruções do curso passado dos acontecimentos”³⁶¹. Visando reter o interesse do leitor, “autor e leitor de um texto histórico convencionam que se tratará de situações, acontecimentos,

³⁶⁰ AVOCAT, Charles. *Essai de mise au point d'une method d'étude des paysages*. **Annales**. Lire le paysage, lire les paysages: Acte du colloque des 24 et 25 novembre. Centre Interdisciplinaire d'Etude et de Recherches sur l'Expression Contemporaine, 1983, p.14.

³⁶¹ RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. [Tradução de Alain FRANÇOIS et al]. Campinas (SP): Editora da Unicamp, 2007, p.289.

encadeamentos, personagens que existiram realmente anteriormente, isto é, antes que tenham sido relatados”³⁶². A representância “basear-se-ia unicamente na positividade do ‘ter sido’ visado através na negatividade do ‘não ser mais’”³⁶³. Essencialmente, trata-se de um “pacto entre escritor e leitor” com a finalidade de estipular critérios de qualificação da “verdade”, intenções de veracidade do que “realmente” se passou que “permanece assim inseparável do ‘tal como’ efetivamente se passou”³⁶⁴.

No concernente aos diários de Langsdorff, trata-se de discernir a capacidade desse discurso histórico-geográfico-literário de representar as paisagens do Brasil do século XIX, “capacidade que chamamos de representância”,³⁶⁵ ou seja, de perscrutar o “potencial representativo” e a “pulsão referencial” presente em tais paisagens, pois:

o que um leitor recebe é não somente o sentido da obra mas, por meio de seu sentido, sua referência, ou seja, a experiência que ela faz chegar à linguagem e, em última análise, o mundo e sua temporalidade, que ela exhibe diante de si³⁶⁶.

Daí a importância dessa discussão sobre a noção de representância para o presente trabalho. A representação das paisagens é produzida pelo viajante-observador alemão que percorreu paisagens enquanto espaço físico, “extralinguístico, extratextual, referencial enfim, [pelo] qual a representação se faz representância”³⁶⁷.

Também confirmamo-nos amparados no respaldo teórico segundo o qual uma unidade textual no que se refere à construção da paisagem pela linguagem, à semiótica da paisagem, quando posta sob análise, em relação de

³⁶² *Idem, ibidem.*

³⁶³ *Idem*, p.294-295.

³⁶⁴ *Idem*, p.294.

³⁶⁵ *Idem*, p.250.

³⁶⁶ RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Vol. I. Campinas (SP): Papyrus, 1994, p.120.

³⁶⁷ RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. [Tradução de Alain FRANÇOIS et al]. Campinas (SP): Editora da Unicamp, 2007, p.260.

complementaridade, traz pressuposta uma integral totalidade. Assim sendo, tomaremos uma representação da paisagem aqui, outra lá, outra acolá dos diários de Langsdorff, sabendo, entretanto, que uma invariante subjaz às variações, o que vai assegurar a relação “unidade↔totalidade”.

Após esta apresentação, cabe ao olhar analítico do pesquisador iluminar as áreas que foram representadas pelo viajante-naturalista, com vistas ao “devassar a raso este mar de territórios, para sortimento de conferir” as paisagens que existem, tomando novamente palavras de Rosa³⁶⁸.

3.2 Paisagens do Brasil sob o olhar de Langsdorff

Como todo diário, o diário do naturalista alemão “é composto de anotações, observações e fragmentos do cotidiano”³⁶⁹. Essa visão fragmentar de Langsdorff desvela um mosaico de representações das paisagens brasileiras, num momento em que ainda “possibilitava o entendimento de uma natureza integrada ao nível de sua organização primária”, anterior ao momento da humanização totalizante de algumas áreas³⁷⁰.

O itinerário da expedição foi realizado em vários percursos. O primeiro foi do Rio de Janeiro a Minas Gerais. O segundo percurso, a expedição partiu do Rio de Janeiro e aportou em Santos. Nessa etapa, percorreram várias partes da província de São Paulo até chegarem a Porto Feliz. A terceira etapa da rota foi realizada pelo rio Tietê: partiram de Porto Feliz até chegar a Cuiabá, na província de Mato Grosso e, daí, sempre pelos rios, dá-se o último percurso: alcançar o Amazonas.

Partida da Mandioca em 8 de maio de 1824. Tempo bom. Até José Dias, no meio da serra.

³⁶⁸ ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão**: Veredas. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986, p.24.

³⁶⁹ SILVA, Danuzio Gil Bernardino. Apresentação. In. SILVA, Danuzio Gil Bernardino da (org.). **Os diários de Langsdorff**. Vol. I. Rio de Janeiro e Minas Gerais, 8 de maio a 17 de fevereiro de 1825. [tradução de Márcia Nascimento Egg *et al.*]. editores: Boris Komissarov *et al.* Campinas: Associação Internacional de Estudos Langsdorff; Rio de Janeiro: Fiocruz, 1997, p.III.

³⁷⁰ AB’SÁBER, Aziz Nacib. O roteiro de Langsdorff hoje. **ANais**. II Seminário internacional sobre o acervo da expedição científica de G.I. Langsdorff. Brasília: Secretaria da Ciência e Tecnologia; São Paulo: Universidade de São Paulo, 1990, p.25.

Tarde da noite, chegaram o Sr. Freytag, com um bom cavalo, e Francisco, com uma carta de padrinho do Padre Correia (Antônio Tomás de Aquino Correia)³⁷¹.

Eis o primeiro relato de Langsdorff que dá início à grande viagem à província de Minas Gerais. Destaca-se a concisão presente no texto, constituído por um sujeito que relata limites transpostos, já que se está diante de um diário exploratório e de um sujeito que cria o efeito de sentido de estar em trânsito. Langsdorff empenhava-se à escrita de seu diário com a meticulosidade que lhe era própria. Pelo fato de ser o início da expedição, o que demanda grande organização, não tenha talvez sobrado muito tempo para a redação do diário. O naturalista procura manter uma regularidade em sua escrita, produzindo um relato por dia, que varia em extensão. Alguns relatos apresentam o acúmulo de dias, chegando, às vezes, a três, quatro dias, representado em um único relato.

Nessa primeira etapa da expedição participaram Riedel, Rugendas, Ménériès e Rubtsov. Langsdorff estava ciente dos estudos realizados sobre o Brasil no fim do primeiro quartel do século XIX, estudos estes de autoria de Mawe, Eschwege, Maximilian zu Wied-Neuwied, Spix e Martius, Pohl, Saint-Hilaire, entres outros. Mantinha-se informado a respeito dos itinerários realizados pelos demais viajantes, pois pretendia não repetir os mesmos percursos.

A expedição partiu da Mandioca no dia 8 de maio, chegando à já antiga província de Minas Gerais no dia 20 desse mês. Como já foi apontado, a fazenda Mandioca estava localizada onde começava a subida da Serra da Estrela, às margens da assim chamada “Estrada da Proença”, também conhecida como “Caminho Novo”, que conduzia tropeiros ao interior das Minas Gerais. Antônio Gilberto Costa em *Os caminhos do Ouro e a Estrada Real* esclarece que “do início dos Setecentos a meados do segundo quartel dos Oitocentos, *O caminho Novo* era o principal caminho do Ouro. Dentre todos os caminhos coloniais e estradas do

³⁷¹ SILVA, Danuzio Gil Bernardino da (org.). **Os diários de Langsdorff**. Vol. I. Rio de Janeiro e Minas Gerais, 8 de maio a 17 de fevereiro de 1825. [tradução de Márcia Nascimento Egg *et al.*]. editores: Boris Komissarov *et al.* Campinas: Associação Internacional de Estudos Langsdorff; Rio de Janeiro: Fiocruz, 1997, p. 67. Os diários de viagem de Georg Heinrich von Langsdorff foram publicados no Brasil em 1997, pela Editora Fiocruz, sob o título de *Os diários de Langsdorff*. O primeiro volume refere-se às viagens pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais, o segundo à São Paulo e o terceiro é referente a Mato Grosso e Amazônia e doravante serão referencializados tão somente pelo autor dos diários, pelo volume, ano de publicação e número da página.

século XIX”³⁷². Apresentava esse caminho duas principais variantes, denominadas *Caminho Novo de Tinguá* e *Caminho Novo de Inhomirim ou do Proença*, que num determinado ponto se uniam e se estendiam até Vila Rica. A fazenda de Langsdorff estava situada nos sopés da serra da Estrela, denominação esta, vale destacar, tomada de empréstimo à grande cadeia de montanhas de Portugal. Após galgarem essa elevação, a expedição chegou à Fazenda do Padre Correia, localizada às margens do rio Piabanha, já no planalto. A expedição chega à fazenda do Padre Antônio Tomás de Aquino Correia (hoje cidade de Correia, RJ), onde Langsdorff diz: “Nas baixadas úmidas, animando a paisagem, havia uma planta chamada *Casia*, com flores amarelas, e, nas capoeiras, havia a *Rhexia*, com suas grandes flores lilases”³⁷³.

Primeiramente, deve-se destacar o emprego da palavra *paisagem*. São raras as passagens do diário em que vemos o seu emprego. Alain Roger³⁷⁴ diz que a palavra paisagem é originada do holandês *landskap*, termo utilizado na Renascença como concepção estética da paisagem, sobretudo a partir da renovação na pintura, passando daí para o alemão *landschaft*, que passa a designar uma região de dimensão média, o território onde se desenvolve a vida em pequenos grupos humanos, tendo os elementos *land* o significado de território, terra, solo, campo arável e *schaft* relacionado ao cultivo, dar forma, formatar a terra, criar.

Tanto em seus diários referentes à viagem pelo interior do Brasil como, e principalmente, na viagem ao redor do mundo, realizada nos albores do século XIX, Langsdorff emprega o uso da palavra *landschaft* para se referir de forma clara a uma porção limitada da superfície da Terra que apresenta um ou mais elementos que lhe dão unidade, ou ainda para se referir à aparência da terra tal como era percebida pelo próprio observador.

Retomando o relato do dia 9 de maio, após destacar a vistosa planta que anima a paisagem, o foco se volta para a casa do padre:

³⁷² COSTA, A. G. (org.). **Os Caminhos do Ouro e a Estrada Real**. Belo Horizonte: Editora da UFMG; Lisboa: Kapa Editorial, 2005, p.98. (grifos do autor)

³⁷³ LANGSDORFF, vol. I, São Paulo, 1997, p.2.

³⁷⁴ ROGER, Alain. Le paysage occidental: rétrospective et prospective. Paris: Le Débat, 1991, n. 65 mai-juin., p.14-28.

A casa do Padre Correia fica num terreno aberto, onde se veem, enfeitando o seu centro, duas figueiras americanas com cerca de 40 pés de altura. Ao meio-dia, elas dão uma sombra completamente fechada de 40 passos de largura. O que é curioso nessas duas árvores é que elas foram fincadas ali há mais ou menos 50 anos para servirem de ombreiras para um portão de jardim, mas acabaram brotando, formando galhos, que cresceram se entrelaçando e que hoje parecem sair de um único tronco. Perto da casa, achamos uma *Phlomis* e uma *Datura Stramonium*, ambas em flor. A propósito, agora a vegetação está quase morta³⁷⁵.

Diante dessa paisagem representada pelo naturalista alemão, que manifesta a relação entre os elementos culturais e naturais, é importante tecer alguns comentários acerca da tradicional diferenciação entre paisagem natural e cultural efetuadas por geógrafos. Em linhas gerais, pode-se dizer que a paisagem natural se refere aos elementos morfoclimáticos, que apresentam em sua constituição o relevo, a vegetação, o clima, a hidrografia; enfim, a paisagem natural seria a natureza virgem, paisagem visível ainda não submetida à ação do homem, como quer Dollfus. Por sua vez, a paisagem cultural, humanizada, apresenta todas as modificações feitas pelo homem, como espaços urbanos e rurais, o que corresponderia às paisagens propostas por Dollfus, como modificadas (paisagem natural com pouca ação humana, como transição para a paisagem organizada) e paisagens organizadas (paisagem com interferência constante do homem sobre o meio)³⁷⁶. A respeito dessa dicotomia, é importante ter em mente que, segundo Richard Hartshorne:

Se o papel da Geografia é analisar todas as modalidades de relações que existem entre os diversos fatores, as quais, em seu conjunto, constituem a realidade existente em qualquer área, a insistência em distinguir entre dois grupos particulares de fatores, os

³⁷⁵ LANGSDORFF, vol. I, São Paulo, 1997, p.2-3.

³⁷⁶ A esse respeito ver, DOLLFUS, Olivier. O espaço geográfico. São Paulo: DIFEL, 1978.

humanos e os não-humanos, introduz vários elementos desfavoráveis ao progresso das pesquisas³⁷⁷.

Temos, portanto, mais uma prova da delicadeza com que deve ser tratado o complexo geográfico: “este se exprime antes de tudo na paisagem, a qual, formada una e indissolúvelmente pelos elementos naturais e pelos trabalhos dos homens, é a representação concreta do complexo geográfico”³⁷⁸. Assim, observa-se que o olhar de Langsdorff volta-se para as figueiras americanas, antes percebidas e relacionadas em seu conjunto com os demais elementos presentes no recorte paisagístico. Além disso, nota-se o olhar atento do naturalista que no conjunto da paisagem destaca a origem “americana” da espécie, certamente para distingui-la das espécies asiáticas conhecidas na Europa.

Continuando a viagem em direção a Minas Gerais, no dia 12 de maio de 1824, o naturalista alemão ressalta a seguinte paisagem:

Felizmente, hoje trouxeram nossos animais todos juntos, depois de passarem a noite toda vigiando-os; assim, puderam ser logo alimentados e carregados. Por volta de 9h, estávamos todos prontos para a viagem. Os animais, alguns recém-adquiridos, caminharam melhor hoje; deram-nos trabalho apenas quando encontramos outra tropa ou quando passávamos pelos vários ranchos. A região por onde passamos é selvagem e de floresta virgem, com exceção de alguns lugares, onde se viam plantações, capoeiras e roças. Precisamos subir e descer alguns morros íngremes, de onde pudemos ver troncos magníficos que, elevando-se de vales profundos, chegavam a subir mais alto do que a estrada, que já estava numa altura de 100 pés. [...] Pouco antes da fazenda Cebola, do Guarda-Mor Leandro Barbosa, vimos outra figueira americana, mais bela e com um tronco mais grosso ainda do que a da anterior;

³⁷⁷ HARTSHORNE, Richard. **Questões sobre a natureza da Geografia**. Rio de Janeiro: Instituto Panamericano de Geografia e História, 1969, p.67-68.

³⁷⁸ MONBEIG, Pierre. **Novos estudos de Geografia Humana brasileira**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1957, p.11.

para abraçá-la eram necessárias 6 ou 7 pessoas. A extensão de seus galhos era apenas 3 ou 4 passos inferior à da outra³⁷⁹.

Os estudos elaborados por Langsdorff no percurso entre Rio de Janeiro e Minas Gerais dizem respeito ao domínio e à paisagem do “Brasil tropical atlântico”, nas palavras de Ab’Sáber. Dessa forma, a região “selvagem e de floresta virgem” de que nos fala o naturalista-viajante se refere à Mata Atlântica, muitas vezes denominada de “floresta virgem” devido ao seu aspecto denso e impenetrável. O *Domínio tropical atlântico* também é conhecido como *Domínio de mares de morros florestados*. Trata-se de um domínio que se estende do sul do Brasil até o Estado da Paraíba (no nordeste), principalmente pelo interior dos Estados, entre outros, do Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo, regiões e domínios de natureza percorridos por Langsdorff e sua expedição. Nesse domínio, segundo Ab’Sáber, ocorre “fortíssima e generalizada decomposição de rochas, densas drenagens perenes, extensiva mamelonização, agrupamentos eventuais de ‘pães de açúcar’”. Compreende as Serras do Mar, da Mantiqueira e do Espinhaço. Predomina nesse domínio clima tropical quente e úmido caracterizado pela floresta latifoliada tropical, que, na encosta da Serra do Mar, é conhecida como Mata Atlântica³⁸⁰.

No dia 20 de maio a expedição a Matias Barbosa, posto alfandegário entre Rio de Janeiro e Minas Gerais, onde se pesam todas as mercadorias vindas das duas direções: ali “pagam-se os mesmos 5% para cada 100 unidades de peso. Paga-se muito pelos produtos de ferro, secos e molhados, artigos de seda, instrumentos agrícolas”. Também se paga, frisa Langsdorff, “alto imposto alfandegário pelos negros”³⁸¹.

A imensa e pouco povoada província era famosa pelas descobertas auríferas e de pedras preciosas desde o final do século XVII e início do XVIII. Com a abertura dos portos em 1808, Minas Gerais passou a ser visitada por muitos pesquisadores europeus. Langsdorff já havia realizado uma viagem a esta província na companhia de Saint-Hilaire. Consciente de estar penetrando uma região que era o foco de

³⁷⁹ LANGSDORFF, vol. I, São Paulo, 1997, p.5.

³⁸⁰ AB’SÁBER, A. N. Províncias geológicas e domínios morfoclimáticos no Brasil. Geomorfologia, São Paulo, n.º 20, 1970, p.23.

³⁸¹ LANGSDORFF, vol. I, São Paulo, 1997, p.15.

interesse de quase todos os viajantes europeus, Langsdorff “teve a preocupação de elaborar seu roteiro próprio, original, pela província de Minas Gerais”³⁸². Um dia após terem cruzado o Posto Alfandegário entre as províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais, o naturalista alemão elabora o seguinte registro:

Felizmente, todos os animais foram encontrados relativamente cedo, e, em seguida, preparamo-nos para partir. Logo tivemos que subir um morro alto. A manhã estava serena, e, do cume mais alto, tivemos uma vista lindíssima da região atrás de nós. Avistamos várias casas e estabelecimentos que não havíamos visto antes.

Em todos os arredores já haviam feito roçados extensos, para o que derrubaram florestas até o topo das montanhas, o que não ocorre em outras regiões, onde sempre se deixam de pé as árvores existentes nos cumes.

Entramos, então, na mata fechada, onde um nevoeiro espesso provocava uma friagem úmida desagradável. A vegetação oferecia pouca ou quase nenhuma variação, e ainda era muito cedo para se poder ver alguns insetos.

Em toda a caminhada de hoje subimos e descemos morros. Os caminhos estavam tão bons que nossos animais avançaram bastante. Praticamente de meia em meia hora, encontrava-se um estabelecimento, onde normalmente havia um rancho e urna venda. Por volta de 2h, chegamos a Entre-Morros, onde se pode encontrar uma boa fazenda, várias casas e uma boa venda. Hoje percorremos mais do que 3½ léguas (uma légua são aproximadamente 5km). Infelizmente, tivemos que dormir em rancho aberto. As mulas precisavam de um bom pasto. A captura de insetos hoje foi medíocre, mas, mesmo assim, consegui alguns exemplares bastante raros.

As paisagens de Minas Gerais são redescobertas por Langsdorff nesse relato, viabilizado pela visão do “morro alto”. Observa-se a manifestação sentimental do

³⁸² KOMISSAROV, Boris. O acadêmico G.I. Langsdorff e sua expedição ao Brasil em 1821-1829. In: BERTELS, D.E, B. N. KOMISSAROV, T. I. LICENKO (orgs). **O acadêmico G.I. Langsdorff e sua expedição ao Brasil em 1821-1829: catálogo completo do material existente nos arquivos da União Soviética**. Coordenação de L. A. Chur [tradução e pesquisa bibliográfica de Marcos Pinto Braga]. Brasília: Secretária do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional Pró-Memória, 1988, p.32.

naturalista ao contemplar a vista da paisagem: “tivemos uma vista lindíssima da região”. Depreende-se que o valor de uma paisagem está calcado na experiência do observador, no jogo entre razão cientificista e emocional. Morros, montanhas, mata fechada constituem no relato as principais referências paisagísticas naturais do *Domínio de mares de morros*, que se caracteriza pelo revelo com topografia em formato de “meia-laranja”, mamelonares ou de mares de morros, bem como da vegetação natural da mata Atlântica. É ainda revelador das características da organização do povoamento, assim como da interferência do homem na paisagem.

Ao longo da viagem, cada membro da expedição ocupava-se de sua especialidade: observações físico-geográficas e estatísticas, mapas dos locais percorridos, desenhos de vilas e povoações, etc. A dinâmica do cotidiano da expedição e a ocupação de seus membros, assim como a percepção da paisagem constituem os assuntos do relato seguinte:

23/05 [1824]

Nossos animais chegaram um pouco tarde, mas vieram todos sem exceção, de forma que pudemos partir por volta de 9h. Hoje havíamos nos proposto fazer uma jornada curta, pois o Sr. Rubtsov desejava medir as distâncias do sol e da lua, e o Sr. Riedel, remover todas as suas plantas.

Na primeira meia hora, o caminho passava por uma bela cachoeira, mas, como havia mato extremamente denso por todos os lados, impedindo o acesso a ela, o Sr. Rugendas não teve condições de fazer nenhum croqui do lugar. Nas imediações, havia uma magnífica *Ruellia* em flor. Chegamos, então, ao local de escalada de um morro íngreme na direção de Antônio Moreira, um vale cercado, coberto de relva; de lá para Queiroz, para Rocinha de Queiroz, para José Fernando e, finalmente, depois de uma caminhada de 2 léguas, chegamos a Estiva, que significa ponte feita com troncos e galhos de árvores. Do alto de algumas elevações, descortinamos de novo uma vista panorâmica, de onde pudemos constatar que estávamos num planalto³⁸³.

³⁸³ LANGSDORFF, vol. I, São Paulo, 1997, p.18.

De acordo com Ab'Sáber, Langsdorff “nunca pensou em ter artistas a seu serviço, que não fossem integrados à ideia de documentação”. Ele exigia “dos artistas, em primeiro lugar, fidelidade documentária”³⁸⁴. Inclusive, sugeria aos pintores o quê e como deveria ser retrato. Nessa etapa da expedição, o único pintor era Rugendas. Nota-se ainda a preocupação do naturalista em permear seu relato de minuciosas indicações espaciais, como o percurso a seguir e a duração de um ponto a outro. Outro aspecto de grande importância nesse excerto é a visão panorâmica, que não se restringia aos pintores. Deve-se ressaltar novamente que se trata de um diário de campo, em que as notas são tomadas rapidamente no decorrer da viagem e no fim do dia são desenvolvidas. Como se observa, a topografia dos mares de morros levava o viajante a atingir o ponto mais alto, “para lançar o olhar de um só golpe e divisar a diversidade da paisagem”³⁸⁵, *visão do todo*: “Do alto de algumas elevações, descortinamos de novo uma vista panorâmica”. O viajante-naturalista, assim como o paisagista, “é também um observador à distância que, em nome de ser tudo, se separa e abstrai o mundo”³⁸⁶. Provavelmente essa paisagem seria trabalhada, reconstituída, e explorada paisagisticamente falando, quando a expedição chegasse ao fim e Langsdorff se dedicasse à redação do texto final, como é o caso da paisagem, anteriormente apresentada, de Santa Catarina representada panoramicamente.

E a viagem prossegue em direção ao interior da província de Minas Gerais:

A região, ou as montanhas por onde temos caminhado há alguns dias, pertencem à Serra da Mantiqueira, mais precisamente a sua parte mais alta. Bern perto de Capoteiro nasce a rio das Mortes e forma, logo adiante, uma bela cascata. Esse rio corre na direção sudoeste. Nem meia légua adiante, após transpor a vértice da montanha, caminha-se morro abaixo, numa descida bem íngreme, donde vem a nome que se dá à região que fica embaixo: Abaixo-da-

³⁸⁴ AB'SÁBER, Aziz Nacib. O roteiro de Langsdorff hoje. **Anais**. II Seminário internacional sobre o acervo da expedição científica de G.I. Langsdorff. Brasília: Secretaria da Ciência e Tecnologia: São Paulo: Universidade de São Paulo, 1990, p.21-26.

³⁸⁵ BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. **O Brasil dos viajantes**: a construção da paisagem. Vol. III. São Paulo: Metalivros; Salvador: Fundação Odebrecht, 1999c, p.35.

³⁸⁶ BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. **O Brasil dos viajantes**: a construção da paisagem. Vol. III. São Paulo: Metalivros; Salvador: Fundação Odebrecht, 1999c, p.35.

Serra. Das vertentes dessa montanha, entre Capoteiro e a Fazenda do Capitão Antônio Rodrigues Ferreira, nasce a rio da Pomba, que corre para leste, indo desaguar no rio Paraíba³⁸⁷.

Por esta paisagem encontramos os detalhes que caracterizam a topografia do maciço da serra da Mantiqueira, que são relativos à natureza geológica, bem como à hidrografia. A expedição segue em direção a leste, descendo as encostas da Serra da Mantiqueira pelas margens do rio Pomba.

No dia 2 de janeiro de 1825, a expedição chegou a Congonhas. Nessa região pôde adquirir diamantes e desenvolver diversos estudos econômicos em torno da extração dos diamantes e do comércio envolvido e dos lucros obtidos. A respeito da região de Congonhas, descreve que ela...

tem várias casas pequenas e cabanas espalhadas. O arraial é pequeno e ruim, e, como quase todo lugar, só tem casas de proprietários rurais mais abastados e residentes em lugares afastados. Tal como aconteceu ontem, eles só vêm aqui aos domingos e feriados para assistir à missa. Durante a semana, às vezes meses a fio, as casas ficam vazias. Ficamos numa dessas casas, que o dono nos cedeu porque voltou para o campo ontem à noite³⁸⁸.

Langsdorff manifesta grande interesse sobre a extração de diamantes, desenvolvendo relatórios, estudos pormenorizados que eram enviados, juntamente com amostras, para a Rússia. A representação da paisagem se encarrega de pormenorizar, como que um olhar que perscruta e investiga a partir e para além do visto:

As rochas dos morros de diamantes ficam quase nuas, devido à ação do tempo e da chuva. Constituem-se basicamente de um tipo de arenito quartzífero branco e grosso. Entre essas rochas, aparecem fissuras profundas, e dentro delas, uma mistura de várias pedras diferentes, entre outras, um tipo escura, esverdeado e

³⁸⁷ LANGSDORFF, vol. I, São Paulo, 1997, p.53.

³⁸⁸ LANGSDORFF, vol. I, São Paulo, 1997, p.290.

quebradiço de quartzo; minério de ferro, fragmentos de cristal de rocha, ferro. Em meio a esses minerais aparece, então, a chamada ganga dos diamantes; às vezes também, cubos de pirita.³⁸⁹

Ao todo, as excursões por Minas Gerais duraram mais de oito meses. Langsdorff desenvolveu estudos sobre a economia, estudos físico-geográficos, estatística e políticos sobre extração de ouro e diamante. Em carta enviada a Nesselrode no decorrer das excursões por Minas Gerais, Langsdorff declara: “Quanto mais eu conheço este país, mais aumenta em mim o interesse para com seus lugares desconhecidos. O Brasil é realmente um novo mundo”³⁹⁰.

No dia 26 de agosto de 1825 tem início a segunda etapa e o mais importante empreendimento científico da expedição:

Deixamos a Mandioca à tarde. Enfrentamos ventos contrários. No dia seguinte, desviamos para o Sul. Só conseguimos chegar a Rio Fundo à noite, por volta das 5h30.

Recebemos, no *Aurora*, a visita de um conde brasileiro, que chegou numa sumaca³⁹¹. Ele gritava de forma grosseira enquanto negociava a venda de escravos. Aliás, estava bêbado. No domingo, não se pôde fazer muito. Fez-se a maior parte das compras, que foram recebidas no *Aurora*. Como ainda chove a Sudoeste, provavelmente, o capitão não poderá zarpar tão cedo. Escrevi cartas. Estava disposto e pronto para partir. Ainda compramos algumas coisas e recebemos ordens para estar a bordo no dia 30, de manhã bem cedo. Trouxemos o dinheiro para bordo. O tiro foi dado, e subimos no navio juntamente com os Srs. Ménériès e Riedel³⁹².

E assim, no fim da tarde de 06 de setembro de 1825, o navio *Aurora* chega às proximidades do porto de Santos; no entanto, impedidos de atracar devido à maré

³⁸⁹ LANGSDORFF, vol. I, São Paulo, 1997, p.301.

³⁹⁰ KOMISSAROV, Boris. O acadêmico G.I. Langsdorff e sua expedição ao Brasil em 1821-1829. In: BERTELS, D.E, B. N. KOMISSAROV, T. I. LICENKO (orgs). **O acadêmico G.I. Langsdorff e sua expedição ao Brasil em 1821-1829: catálogo completo do material existente nos arquivos da União Soviética.** Coordenação de L. A. Chur [tradução e pesquisa bibliográfica de Marcos Pinto Braga]. Brasília: Secretária do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional Pró-Memória, 1988, p.33.

³⁹¹ Pequena embarcação de dois mastros, usada outrora no Brasil e na América do Sul (Houaiss, 2001, p.2.637).

³⁹² LANGSDORFF, vol. II, São Paulo, 1997, p.1.

baixa, passam a noite no navio. Desse ponto do mar, tendo o porto a sua vista, Langsdorff faz a seguinte observação:

Era de estranhar ver um porto tão importante situado na faixa de terra mais bela do mundo e conhecido há mais de 300 anos e, no entanto, não avistar o mínimo sinal de civilização ou de povoamento nas terras costeiras próximas. O que o Governo atual tem feito e o que os anteriores fizeram até hoje para desenvolver a navegação, o comércio e a indústria desta parte do mundo?³⁹³

Delineia-se, como se vê, uma paisagem por meio da qual historicamente Langsdorff faz menção ao Porto de Santos, cuja importância na movimentação das mais diversas cargas vigorou o comércio com a província de São Paulo, bem como com outras regiões do Brasil e com o Mundo, haja vista às palavras do alemão supramencionadas.

Observa-se no relato de langsdorffiano, a paisagem, este padrão de visualidade que se mostra ao homem no seu estado de percepção mais espontânea, com uma memória cultural relacionada a diversas atividades sociais. Após permanecerem alguns dias em Santos, a expedição parte para Cubatão. O relato do dia 24 de setembro informa o percurso de Cubatão à província de São Paulo. Vejamos.

O caminho pela serra de Cubatão é íngreme e parcialmente calçado, mas é uma grande obra. Acima há um velho telégrafo; várias tropas se encontram ali. Neste ano, o transporte de açúcar começa em setembro/ novembro e vai até maio/ junho. A província despacha 500.000 arrobas de açúcar³⁹⁴.

Nota-se nesse trecho uma minuciosa descrição, preocupada com os detalhes da paisagem e das atividades econômicas envolvidas. Esse relato demonstra os caminhos da riqueza da província com o Atlântico. O caminho de que nos fala Langsdorff é originalmente uma das trilhas indígenas da época, muito utilizado, o “Caminho do Padre José Anchieta”; entretanto, essa via inviabilizava o transporte de

³⁹³ LANGSDORFF, vol. II, São Paulo, 1997, p.6.

³⁹⁴ LANGSDORFF, vol. II, São Paulo, 1997, p.11.

açúcar. Assim, em 1790, iniciou-se o calçamento do que passaria a ser chamado de “Calçada do Lorena”, nome atribuído ao governador Bernardo José Maria de Lorena, grande incentivador da exportação do açúcar do planalto. Tal calçada é considerada uma das maiores obras da engenharia no período colonial.

Ao se deparar com a cidade de São Paulo, Langsdorff elabora uma bela descrição da paisagem, destacando sua arquitetura:

São Paulo é a cidade mais bonita que já vi no Brasil. A arquitetura das casas tem mais bom gosto do que no Rio de Janeiro. As cornijas e os balcões de ferro são mais suntuosos. Algumas ruas são pavimentadas com pedras de ferro, outras não³⁹⁵.

Várias outras representações podem ser encontradas no diário do cientista-viajante, tais como: “Veem-se aqui prédios bonitos e grandes, construídos para uso comum e feitos de alvenaria de terra argilosa (*pisé*), com a ressalva de que nenhum deles tem fundação”³⁹⁶; “São Paulo é a maior cidade que conheci até hoje no Brasil; é também a que tem ruas simétricas, casas mais bonitas; no geral é a cidade mais bonita, depois do Rio de Janeiro”³⁹⁷.

Com olhos fixos na paisagem paulista, Langsdorff procura entender a realidade a partir das marcas que se deixam nos elementos que a constituem. Nesses relatos são encontrados ainda fatos relacionados com a história socioeconômica e etnográfica de São Paulo. Ainda nessa província, vinte fazendas foram descritas. De setembro a novembro, foram visitadas fazendas nas imediações da capital, primordialmente, das que se situavam às margens do rio Tietê e nos arredores de Jundiaí. Langsdorff pesquisava o sistema econômico: o que era produzido, qual era o destino de tal produção, por qual valor era comercializado ou se era trocado; enfim, um “tratado da circulação de mercadorias”.

Também, o estilo de vida dos moradores das fazendas fazia parte das pesquisas: a constituição da família, quantos escravos o proprietário possuía, bem como a origem deles, entre outras características. Os métodos utilizados nos

³⁹⁵ LANGSDORFF, vol. II, São Paulo, 1997, p.16.

³⁹⁶ LANGSDORFF, vol. II, São Paulo, 1997, p.15.

³⁹⁷ LANGSDORFF, vol. II, São Paulo, 1997, p.19.

cultivos, a administração, as condições de manutenção dos escravos, a construção e outros aspectos tinham para ele especial interesse.

Como já foi apontado anteriormente, após uma longa viagem por Minas Gerais, a Expedição Langsdorff, no dia 3 de setembro de 1825, iniciou a segunda etapa da expedição, com a viagem de navio do Rio de Janeiro a Santos, subindo para São Paulo em direção a Itu, onde Langsdorff consultou pessoas de sua confiança, a família Engler, de Itu, especialmente, a respeito do caminho que deveria seguir. Sobre a personalidade do alemão, Ab'Sáber destaca: “Langsdorff sabia ouvir. Era um homem de boa conversa, em termos das pessoas esclarecidas que poderiam dar-lhe conselhos”³⁹⁸. O Barão de Langsdorff decidiu, então, que a segunda etapa da viagem – para o interior do país – seria feita por rios, cujas representações paisagísticas começam a ser elaboradas a partir de Porto Feliz e região:

O rio Tietê é bastante largo acima da cachoeira de Avandava, talvez umas 200 braças, e plano. As margens são também pouco elevadas e ocupadas por matas. A água começa a espumar sobre as pedras, divide-se entre as várias ilhas de rochas (algumas cobertas com árvores) e cai de vários pontos, às vezes perpendicularmente, às vezes em camadas, com grade fúria, estrondo e vapor, espalhando para todos os lados poeira de água, que se dissipa ao chegar à margem baixa espremida entre rochas estreitas. O nosso barômetro indicou que a altura do espelho d'água de cima até a corrente principal do rio embaixo é de 50° a 60°. É difícil descrever essa maravilha da natureza, a rapidez com que aquela massa de água se transforma em espuma branca e poeira. Junto as rochas, a terra treme. O estrondo é semelhante ao de um trovão que não para de troar. A água parece um rio de leite.³⁹⁹

Ou ainda, mais adiante:

³⁹⁸ AB'SÁBER, Aziz Nacib. O roteiro de Langsdorff hoje. **Anais**. II Seminário internacional sobre o acervo da expedição científica de G.I. Langsdorff. Brasília: Secretaria da Ciência e Tecnologia: São Paulo: Universidade de São Paulo, 1990, p.23.

³⁹⁹ LANGSDORFF, vol. II, São Paulo, 1997, p.153-154.

Três quartos de hora mais tarde, alcançamos o curso principal (chamado rio Grande ou Paraná). Ficamos maravilhados com o novo espetáculo da natureza. O tranquilo Paraná deve ter aqui entre 160 e 180 braças de largura. Com três bons remadores, levamos 12 minutos para atravessá-lo. Pretendíamos visitar um velho caiapó, na margem direita desse rio, do outro lado da foz do Tietê: o Capitão Manoel, cacique dessa pequena nação. Ao desembarcar, encontramos pequenos sinais que indicavam a presença recente de seres humanos, mas não vimos ninguém. Voltamos a ver rastros de onças e grandes aves aquáticas, o que nos levou a acreditar que esta região estava abandonada⁴⁰⁰.

Pode-se dizer que essas paisagens fluviais representadas científica e emocionalmente despertam em Langsdorff sentimentos ligados à renovação, que são constantemente evocados durante o percurso dos rios na direção às regiões interioranas do país. Entendendo a água como fluxo da memória, Bachelard diz:

É nela que materializamos nossos devaneios; é por ela que nosso sonho adquire sua exata substância; é a ela que pedimos nossa cor fundamental. Sonhando perto do rio, consagrei minha imaginação à água, à água verde e clara, à água que enverdece os prados. Não posso sentar perto de um riacho sem cair num devaneio profundo, sem rever minha ventura... Não é preciso que seja o riacho da nossa casa, a água da nossa casa. A água anônima sabe todos os segredos. A mesma lembrança sai de todas as fontes⁴⁰¹.

Num determinado trecho da longa viagem pelo interior do Brasil, que diz respeito ao trajeto fluvial pelo rio Pardo, Langsdorff elabora um relato que merece a nossa atenção. O naturalista representa uma determinada paisagem e ainda faz menção aos desenhos e pinturas dos artistas da expedição que reproduzem essa mesma paisagem, demonstrando, assim, na sua maneira informativa e descritiva de narrar, percepções e pontos de vista distintos sobre uma mesma realidade, bem como características peculiares de cada modelo apreciativo, de cada gênero

⁴⁰⁰ LANGSDORFF, vol. II, São Paulo, 1997, p.179.

⁴⁰¹ BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação da matéria. [Trad. Antonio de P. Danesi] São Paulo: Martins Fontes, 1997, p.9.

(discursivo e pictórico), perante a descrição do mundo natural. Não se trata apenas de uma referência, uma informação no texto. De certo modo, pode-se considerar como uma intertextualidade, no sentido de absorver e transformar o relato-paisagem de Langsdorff. É como se o texto de Langsdorff fosse afetado pelas obras dos pintores-viajantes consideradas, também, vale ressaltar, como sendo textos pictóricos. É útil, portanto, “usar aqui o termo intertextualidade para conceituar a relação entre textos históricos e as paisagens”, esclarece o geógrafo James Duncan no texto *A paisagem como sistema de criação de signos*⁴⁰². Estabelece-se, dessa forma, um diálogo entre “modos de representar”, criando uma relação plástico-literária de um “Brasil-paisagem-natural”, para usar uma expressão ao gosto de Flora Süssekind.

Trechos de outros relatos, assim como outras aquarelas, são convocados para corroborar uma determinada explicação ou para servir de contrapeso. Vejamos o relato do diário de Langsdorff concernente à província de São Paulo, datado de 22 de setembro de 1826, o qual nos permitirá expor paulatinamente a perspectiva teórica que dá sustentação à metodologia selecionada para a investigação pretendida:

Ontem, nos campos próximos à cachoeira do Anhanduri-mirim, capturamos uma *Mycothera* muito bonita e rara, **que o Sr. Taunay retratou com muita fidelidade. Os dois quadros mostrando os arredores foram pintados por Taunay e Florence.** Antes de chegar à cachoeira de Taquara, eu deveria ter observado que, pouco depois de deixarmos a cachoeira do Anhanduri-mirim, passamos pela foz do rio do mesmo nome à nossa esquerda, ou seja, à direita do rio Pardo. Como todas as anteriores, as margens eram cobertas ora por capões, ora por campos ou cerrados, isto é, pequenos bosques claros. O leito do rio, como em toda parte, era pedregoso, às vezes profundo, às vezes raso. A partir do rio Anhanduri, vê-se claramente que o rio Pardo perde cerca de metade do seu volume e fica muito mais raso, embora, até aqui, não muito mais estreito. Na cachoeira de Taquara, fez-se mais uma vez o descarregamento completo das embarcações e o transporte de todos os objetos de

⁴⁰² DUNCAN, James. A paisagem como sistema de signos. In: CORRÊA, Roberto Lobato, ROSENDAHL, Zeny (org.) **Paisagem, textos e identidade**. Rio de Janeiro: EdURERJ, 2004, p.119.

valor por terra até o trecho do rio acima da cachoeira. Esta, na época das cheias, é muito impetuosa e perigosa, sendo novamente necessária a varação das embarcações. Montamos acampamento abaixo da cachoeira, na margem esquerda arenosa, perto de um capão, que achamos mais agradável do que acima da cachoeira, um local coberto por vegetação de pântanos. A caça não teve um bom resultado. [...]. Nossa cozinha recebeu *Tinamus* para cozinhar e assar. Nenhum cervo foi abatido; o guia supõe que tenha havido uma epidemia, pois, em viagens anteriores, podiam-se abater quantos se desejassem [...] ⁴⁰³.

Este relato faz-se amostragem exemplar para tratarmos da interpretação de como teve início sua percepção, registro e representação simbólica da paisagem brasileira, a partir do discurso e da iconografia dos viajantes europeus. Em primeiro lugar, detenhamo-nos no registro de Langsdorff. O processo de reconhecer, de avaliar e explorar (tirar proveito comercial e científico) as imensidões do interior do Brasil, admitidas como uma ocorrência no território, é concretizado, aqui, através das paisagens criadas pelo naturalista; paisagem como uma manifestação discursiva de ordenamento da imagem do mundo a partir do ambiente natural, concreto e apreensível pelos sentidos humanos.

Trata-se de uma paisagem elaborada às margens do rio Pardo, no decorrer da viagem fluvial em direção a Camapuã. Reconstituiremos o percurso da “mais ousada, da mais ampla e arriscada expedição científica feita no século XIX no Brasil” ⁴⁰⁴, com vistas a localizar a paisagem representada no excerto em questão, tendo assim um maior rendimento analítico perante os elementos constitutivos que a conformam.

Retomando o relato-paisagem, vale ressaltar que, nos diários do naturalista alemão são inúmeros os exemplos análogos a este: fundar uma paisagem, preocupado com detalhes referenciais, informativos, sobre as localizações como é o caso da cachoeira Anhanduri-mirim ou do rio Pardo. No excerto em questão, por exemplo, descreve-se uma paisagem reduzida ao essencial, sucinta, mas mesmo

⁴⁰³ LANGSDORFF, vol. II, São Paulo, 1997, p.110. (grifo nosso)

⁴⁰⁴ SEVCENKO, Nicolau. O *front* brasileiro na Guerra verde: vegetais, colonialismo e cultura. **Revista USP**. Coordenadoria de Comunicação Social, Universidade de São Paulo. n.º 1 (mar./maio, 1989). São Paulo, SP: USP, CCS, 1989, p.117. [ISSN 0103-9989].

assim reproduzindo a complexidade geográfica visada no momento. Campos, cachoeiras e rios constituem no relato de Langsdorff as principais referências paisagísticas naturais. Merece destaque nesta paisagem o rio Pardo. Será através dele que poderemos incluir a paisagem percebida e representada por Langsdorff como parte um conjunto maior, mais extenso e abrangente em termos de área espacial, ou seja, pertencente a um *Domínio morfoclimático*.

O rio Pardo nasce nas proximidades do município de Ribas do Rio Pardo, em Mato Grosso do Sul, na confluência de dois rios, o Pardinho e o Anhanduí. O topônimo adveio da água barrenta que o constitui. É um afluente da margem direita do rio Paraná, desaguando neste rio na divisa de Mato Grosso do Sul com São Paulo. O rio Pardo se encontra no *Domínio dos Cerrados*.

Seguindo o roteiro da Expedição Langsdorff pelos *Domínios Morfoclimáticos* ilustrado no mapa a seguir, observa-se que eles cruzam o Planalto Ocidental, onde predomina a Mata Atlântica de interior, um exemplo de mata menos exuberante, e desaguam no rio Paraná que se configura como um relevante divisor bio fitogeográfico. A margem esquerda caracteriza-se por apresentar algumas manchas de floresta, da Mata Atlântica de interior. Ao saírem do rio Paraná na margem direita, subindo o rio Pardo, eles entram em contato com o cerrado. A calha do rio Paraná é responsável por dividir dois grandes *Domínios paisagísticos*: a Mata Atlântica e o Cerrado.

A figura a seguir, elaborada por Kashimoto e Martins, embora confeccionada com outra finalidade, permite visualizar essa faixa de transição, fronteira do rio Paraná:

Figura 5: Fronteira Ambiental entre o Cerrado e a Floresta Estacional Semidecidual na Bacia do Alto Paraná.
FONTE: vide nota⁴⁰⁵

Como apresentamos anteriormente, o relato sobre o qual estamos nos debruçando faz parte do diário referente à província de São Paulo que, na época da Expedição, compreendia uma parte do que hoje conhecemos como o Estado do Mato Grosso do Sul. Segundo Honório de Sylos, os limites da capitania de São Paulo, em 1709, compreendiam os atuais territórios de “São Paulo, Minas Gerais,

⁴⁰⁵ KASHIMOTO, Emília Mariko, MARTINS, Gilson Rodolfo. **Arqueologia e Paleoambiente do Rio Paraná em Mato Grosso do Sul**. Campo Grande (MS): Life Editora, 2009, p.42.

Goiás, Mato Grosso, Paraná, Santa Catarina e o Rio Grande do Sul, até a Colônia do Sacramento”⁴⁰⁶. No decorrer de todo o século XVIII até a primeira metade do XIX, a capitania de São Paulo perde significativa parte de seu território, com a emancipação de vastas regiões, restando somente uma área de 247.320km² em meados do século XIX. Pode-se observar esta redução territorial pelos “mapas do Brasil” elaborados por Sylos⁴⁰⁷, os quais foram tomados de empréstimo de Araújo, quem os reeditou.

Figura 6 – Involução do território da capitania de São Paulo, de 1700 a 1853. **FONTE:** vide nota⁴⁰⁸

Após esta digressão, vejamos o que Langsdorff registrou como paisagem na subida do rio Pardo. Partindo dos “campos próximos à cachoeira do Anhanduri-mirim” chegamos, conduzidos pelo olhar direcionado e atento do naturalista, ao exemplar de inseto “*Mycothera*”, cuja coleta provavelmente comporia o riquíssimo insetário formado por ele. Assim, mais um deslocamento e mais uma paisagem

⁴⁰⁶ SYLOS, Honório de. **São Paulo e seus caminhos**. São Paulo: McGraw-Hill, 1976, p.4.

⁴⁰⁷ *Idibem*, p.7.

⁴⁰⁸ ARAÚJO, Maria Lucília Viveiros de. **Os caminhos da riqueza dos paulistanos na primeira metade do Oitocentos**. São Paulo: Hucitec: Fapesp, 2006, p.22.

surge pautada na topografia, na vegetação e, em especial, nas características do percurso fluvial. Seguindo a ideia propagada pelo método de Humboldt e levada a cabo por Langsdorff, a descrição minuciosa das espécies animais e vegetais, coletadas durante a expedição, exigia também a contextualização dos animais e das plantas em seu *habitat*, em seu entorno, valorizando o recorte da paisagem (enquanto apreensão possível do visível) como recurso explicativo e estético. No que diz respeito à fisionomia da vegetação, La Blache lembra que:

é tanto a marca mais expressiva de uma região, como a sua ausência é um dos factos que mais nos impressiona. Quando tentamos evocar uma paisagem, já esfumada nas nossas recordações, não é a imagem de uma planta em particular, de uma palmeira ou de uma oliveira, que se nos representa na memória; é antes o conjunto dos diversos vegetais que revestem o solo, que lhe sublinham as ondulações e os contornos, imprimindo-lhe pelo desenho das formas, cores, espaçamentos ou massas, um carácter comum de individualidade. A estepe, a savana, a selva, a paisagem de parque, a floresta-clareira, a floresta-galeria, são expressões coletivas que resumem para nós este conjunto⁴⁰⁹.

E assim prossegue a descrição. Langsdorff destaca a homogeneidade dos elementos da natureza ao dizer “Como todas as anteriores, as margens eram cobertas ora por capões ora por campos ou cerrados, isto é, pequenos bosques claros”. Nesse ponto merece destaque uma referência aos “cerrados”. O cerrado, que também recebe a denominação de savana, é considerado aqui como sendo um complexo de biomas, distribuídos em mosaico, com elevado índice de diversidade fitofisionômica e de espécies vegetais⁴¹⁰. Nesse mosaico “ordenado de vegetação subestépica e de vegetação florestal tropicais, cada componente oposto tem sua posição exata na topografia, na trama de solos e no quadro climático e hidrológico diferenciado ali existente”⁴¹¹.

⁴⁰⁹ LA BLACHE, Vidal de. **Princípios da Geografia humana**. [tradução de Fernando MARTINS]. Lisboa: Imprensa Artística, 1954, p.30.

⁴¹⁰ AB’SÁBER, Aziz N. **Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003, p.115-135.

⁴¹¹ AB’SÁBER, Aziz N. Contribuição à Geomorfologia da área dos Cerrados. In: FERRI, M. G. (coord.) **Simpósio sobre o Cerrado**. São Paulo: Editora Edgard Blücher; Editora da Universidade de São Paulo, 1971, p.101.

A percepção da paisagem do cerrado, no que diz respeito à vegetação revela, segundo Langsdorff, “campos próximos à cachoeira” de margens que “como todas as anteriores” eram cobertas “ora por capões, ora por campos ou cerrados, isto é, pequenos bosques”. Constata-se, portanto, que Langsdorff depara com “o arranjo clássico homogêneo e monótono da paisagem peculiar às áreas de savanas. Tanto o arranjo quanto a estrutura dessa paisagem representada “constituem uma amostra perfeita dos quadros paisagísticos zonais, que caracterizam esta unidade tão frequente do cinturão intertropical do Globo”⁴¹².

Em relação à paisagem fluvial, encontram-se referências às cachoeiras Anhanduri-mirim, Taquara e aos rios Taquara e Pardo, todos pertencentes à sub-bacia do Pardo⁴¹³. No relato em análise, a cachoeira de Taquara, por exemplo, é representada como um obstáculo a ser trasposto: “Na cachoeira de Taquara, fez-se mais uma vez o descarregamento completo das embarcações e o transporte de todos os objetos de valor por terra até o trecho do rio acima da cachoeira”. Na maioria dos registros sobre cachoeiras, a representação que se faz delas se refere à questão do obstáculo que ela representa para o viajante seguir em frente.

Em outros relatos elas merecem uma atenção maior, como é o caso da cachoeira Avanhanda-mirim, localizada na província de Mato Grosso: “É uma cachoeira das mais perigosas: uma massa de água se precipitando sobre as rochas entre curvas e corredeiras. A queda deve ter entre 10 e 12 polegadas de altura e mais de 50 braças de comprimento”⁴¹⁴.

Além dos registros verbais, as paisagens sobre cachoeiras também podem ser vislumbradas pelas aquarelas e desenhos dos pintores, como é o caso da cachoeira do Brumado, sobre o rio Paraopeba, no Distrito de Cachoeira Brumado, pertencente ao Município de Mariana (MG):

⁴¹² AB’SÁBER, Aziz N. Contribuição à Geomorfologia da área dos Cerrados. In: FERRI. M. G. (coord.) **Simpósio sobre o Cerrado**. São Paulo: Editora Edgard Blücher; Editora da Universidade de São Paulo, 1971, p.101.

⁴¹³ KASHIMOTO, Emília Mariko, MARTINS, Gilson Rodolfo. **Arqueologia e Paleoambiente do Rio Paraná em Mato Grosso do Sul**. Campo Grande (MS): Life Editora, 2009, p.68.

⁴¹⁴ LANGSDORFF, vol. Mato Grosso e Amazônia, III, 1997, p.11.

Figura 7 – “Cachoeira de Ouro Preto”, 1824, 21 de agosto. Aquarela e tinta, 27x17cm.
FONTE: vide nota⁴¹⁵

A presença dos rios também é muito observada por Langsdorff. No relato em foco, a paisagem fluvial é assim representada: “O leito do rio, como em toda parte, era pedregoso, às vezes profundo, às vezes raso. A partir do rio Anhanduri, vê-se claramente que o rio Pardo perde cerca de metade de seu volume e fica muito mais raso, embora, até aqui, não muito mais estreito”. A percepção quanto à rede de drenagem, especialmente com referência aos rios da sub-bacia do rio Pardo, é representada por Langsdorff não apenas pelas menções sobre as características físicas e territoriais, mas também no sentido de mostrar sua experiência autêntica, real, com a paisagem dos rios. A seguinte passagem faz-se amostragem exemplar:

O rio Pardo tem de 25 a 30 braças de largura na foz, pelo menos quando o atravessamos hoje cedo. A água não é tão clara como a do Paraná, não corre rápido, parece mais um rio morto, mas exige muito domínio por parte dos remadores ou daqueles que trabalham com as

⁴¹⁵ **Expedição Langsdorff ao Brasil**, 1821-1829. Iconografia do Arquivo da Academia de Ciências da União Soviética. Reprodução fotográfica por Claus C. MEYER. Texto por Boris KOMISSAROV. Classificação científica e comentários por Luiz Emygdio de MELLO FILHO e outros. Vol. I. Rio de Janeiro, Edições Alumbamento/ Livroarte Editora, 1988, p.117.

varas grandes. As margens são baixas, sobretudo a da direita. Por isso, ela está sujeita a inundações, que formam lamaçais e pântanos, onde proliferam os mosquitos. Elas devem ficar muito insalubres logo após essas enchentes. A maior parte das margens é de lamaçais e pântanos e são muito íngremes. Em alguns pontos, veem-se algumas rochas isoladas e parecidas, formadas de conglomerados de seixos rolados, da mesma natureza das encontradas no Paraná, principalmente na margem direita da foz do rio Pardo, perto da margem esquerda, mais alta, rio abaixo⁴¹⁶.

É indispensável recorrer à aquarela de Taunay intitulada *Vue d'une Caxoeira du Rio Pardo* que serve de contrapeso à paisagem do Pardo descrita por Langsdorff. Trata-se de uma paisagem em que o ponto de mira recai sobre uma cachoeira, cuja queda é discreta. À esquerda, observa-se uma vegetação ripária que tem como principal elemento uma árvore e, ao longe, a vegetação florestal assume maior volume⁴¹⁷.

Figura 8 – “*Vue d'une Caxoeira du Rio Pardo*”. 1826, ago. ou set. Aquarela, 34x24cm. **FONTE:** vide nota⁴¹⁸

⁴¹⁶ LANGSDORFF, vol. II, São Paulo, 1997, p.196.

⁴¹⁷ Cf. MELLO FILHO, Luiz Emygdio *et al.* Classificação científica e comentários. In: **Expedição Langsdorff ao Brasil, 1821-1829**. Iconografia do Arquivo da Academia de Ciências da União Soviética. Reprodução fotográfica por Claus C. MEYER. Texto por Boris KOMISSAROV. Rio de Janeiro, Edições Alumbamento/Livroarte Editora, vol. II, 1988, p.139.

⁴¹⁸ **Expedição Langsdorff ao Brasil, 1821-1829**. Iconografia do Arquivo da Academia de Ciências da União Soviética. Reprodução fotográfica por Claus C. MEYER. Texto por Boris KOMISSAROV. Rio de Janeiro, Edições Alumbamento/Livroarte Editora, vol. II, 1988, p. 109.

Voltemos ao relato em análise. No que tange à construção da paisagem nos textos de Langsdorff, convém destacar a simulação, o efeito de sentido que se cria de uma “escrita-em-trânsito”⁴¹⁹, o que vai influenciar na representação dessa paisagem. As paisagens são apresentadas como resultado da mobilidade, do deslocamento de um narrador-paisagista-em-trânsito⁴²⁰ preocupado em “olhar bem”, “olhar-a-mais”. No contexto de uma viagem científica partindo da ideia de pausa e movimento proposta por Y-Fu Tuan⁴²¹, diríamos que paisagem é uma pausa no movimento; movimento do olhar, vale dizer, pois como o próprio Langsdorff explica: “em país tão distante do nosso, tudo é digno de interesse”⁴²², o que pressupõe um “observador atento da realidade, exercitando diante dela a arte de pensar, desprendendo-se de seu mundo imaginário, para dirigir a atenção ao verdadeiramente útil”⁴²³. Apoiando-se em Sérgio Cardoso, afirmamos que o olhar do naturalista pensa; é a visão feita interrogação:

o olhar não descansa sobre a paisagem contínua de um espaço inteiramente articulado, mas se enreda nos interstícios de extensões descontínuas, desconcertadas pelo estranhamento. Aqui o olho defronta constantemente com limites, lacunas, divisões e alteridade; conforma-se a um espaço aberto, fragmentado e lacerado. Assim, trinca e se rompe a superfície lisa e luminosa antes oferecida à visão, dando lugar a um lusco-fusco de zonas claras, que se apresentam e se esquivam à totalização⁴²⁴.

Sob esse olhar se constroem as paisagens brasileiras. Sob esse olhar presenciamos uma visão de conjunto da paisagem, organizando e articulando os

⁴¹⁹ SÜSSEKIND, Flora. **O Brasil não é longe daqui**: o narrador, a viagem. São Paulo, 1990, p.144.

⁴²⁰ *Idem, Ibidem*.

⁴²¹ Citado por: LEITE, Mirian Moreira. Naturalistas viajantes. **Revista História, ciência, saúde**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, vol. I, n.º 2, nov., 1994, p.25.

⁴²² LANGSDORFF *apud* KOMISSAROV, Boris. **Expedição Langsdorff: acervo e fontes históricas**. São Paulo: Editora Unesp, 1994, p. 15.

⁴²³ CARDOSO, Sérgio. O olhar viajante (do etnólogo). *In*: NOVAES, Adauto *et al.* **O olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p.347-349.

⁴²⁴ MONBEIG, Pierre. **Novos estudos de geografia humana brasileira**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1957, p. 11.

vários elementos naturais recortados das vastidões brasileiras, de modo a compor, una e indissoluvelmente, uma paisagem. O complexo geográfico, como se nota no relato em questão, “se exprime antes de tudo na paisagem”⁴²⁵.

No relato em análise registram-se também as atividades dos artistas: “Ontem, nos campos próximos à cachoeira do Anhanduri-mirim, capturamos uma *Mycothera* muito bonita e rara, *que o Sr. Taunay retratou com muita fidelidade. Os dois quadros mostrando os arredores foram pintados por Taunay e Florence*”. A menção aos trabalhos dos artistas, assim como dos demais expedicionários, é frequente nos diários de Langsdorff, como se pode notar em outro relato datado de 19 de julho de 1826:

Enquanto trabalhadores e a tripulação estavam ocupados com essa operação, o trabalho científico não ficou parado: o Sr. Riedel colecionava plantas, os Srs. Taunay e Florence tentavam transportar para o papel as cenas da natureza, o Sr. Rubtsov fazia observações astronômicas e relacionadas com a Física; e eu me dedicava a esfolar e empalhar um belo e grande tapir⁴²⁶.

Destaca-se nessa passagem a atividade dos pintores: “transportar para o papel as cenas da natureza”. O dirigente da expedição tinha grande apreço pelo trabalho desses artistas, tanto que pretendia publicar os desenhos e pinturas de Moritz Rugendas, Adrien Taunay e Hercules Florence juntamente com seus relatos de viagem. O naturalista exigia retratos exatos de paisagens naturais e culturais, tipos humanos, costumes da população e principalmente da fauna e da flora, exigência esta que pode ser comprovada no trecho supramencionado. Nesse sentido, destaca Komissarov, “a sua importância sobre os trabalhos dos artistas é indiscutível”⁴²⁷. A esse respeito, é providencial a observação de Ab’Sáber:

ele exigia documentação de seus membros. Eu antevio Langsdorff a discutir com seus companheiros, porque a obra não era

⁴²⁵ MONBEIG, Pierre. **Novos estudos de geografia humana brasileira**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1957, p.11.

⁴²⁶ LANGSDORFF, vol. II, São Paulo, 1997, p.156. (grifos nossos)

⁴²⁷ KOMISSAROV, Boris. A personalidade de Langsdorff. **Anais**. II Seminário internacional sobre o acervo da expedição científica de G.I. Langsdorff. Brasília: Secretaria da Ciência e Tecnologia: São Paulo: Universidade de São Paulo, 1990, p.20.

personalista, e sim para ser documentada no âmbito das viagens, em que fragmentos de paisagens deveriam ser integrados ao conhecimento científico do país⁴²⁸.

Os artistas-viajantes dispunham de uma oferta de motivos para criarem o imaginário de um lugar distante: lugar estranho exótico e pitoresco; satisfazendo ao desejo do público europeu, representado por várias modalidades das ciências empíricas, assim como pelo público burguês: letrado, ávido por imagens, cenários de um mundo inusitado e desconhecido.

Diante desse interesse, as representações visuais constituem parte importante do legado dos diversos viajantes estrangeiros, renomados cientistas e desenhistas que integravam expedições artísticas e científicas, desde o século XVI até o século XIX. No caso da expedição Langsdorff, estima-se que os artistas produziram aproximadamente mil desenhos feitos a lápis, a nanquim e aquarela, conforme indica Boris Komissarov⁴²⁹. Muitos desses desenhos se perderam, o que configura prejuízo ao patrimônio.

Como já foi pontuado, Langsdorff frequentemente se refere aos trabalhos dos artistas e, pelas anotações do diário, constata-se que além de registrar o cotidiano, a dinâmica da expedição, tais referência também criam confiabilidade e credibilidade ao texto, como quem diz: “se a descrição parecer insuficiente, recorra ao desenho; ou, se quiser certificar-se da fidelidade da descrição por escrito, compare-a à sua “duplicata” plástica, de que se encarregava muitas vezes o próprio relator da viagem”⁴³⁰.

Langsdorff assinala o trabalho de Taunay sobre o retrato do inseto e dois quadros de Taunay e Florence mostrando os arredores. Infelizmente só encontramos o quadro de Taunay, denominada “Esboço inacabado de um campo perto das margens do rio Pardo. Executado do natural no lugarejo denominado Reversa Grande”. Vejamos então a duplicata plástica e as relações entre as duas representações.

⁴²⁸ AB'SABER, Aziz N. O roteiro de Langsdorff hoje. **Anais**. II Seminário internacional sobre o acervo da expedição científica de G.I. Langsdorff. Brasília: Secretaria da Ciência e Tecnologia; São Paulo: Universidade de São Paulo, 1990, p.21.

⁴²⁹ KOMISSAROV, Boris. **A expedição Langsdorff**: acervo e fontes históricas. São Paulo: Editora Unesp, 1994, p.90.

⁴³⁰ SÜSSEKIND, Flora. **O Brasil não é longe daqui**: o narrador, a viagem. São Paulo, 1990, p.147.

Figura 9 – Aquarela de Aimé-Adrien Taunay. **FONTE:** vide nota⁴³¹

Muitas aquarelas produzidas pelos “pintores-documentaristas”, como sugere Ab’Sáber, são acompanhadas de anotações que, por vezes, de tão minuciosas, transformaram-se em verdadeiras anotações de diário, um registro escrito daquilo que o artista acabara de pintar. Estes escritos são, em sua maioria, técnicos, classificatórios; são informações científicas que pretendem ressaltar os interesses de tal registro. Porém, em algumas poucas aquarelas e desenhos desses pintores podemos encontrar o “outro olhar que não o do naturalista funcionando como ponto de mira para as paisagens”⁴³².

⁴³¹ **Expedição Langsdorff ao Brasil, 1821-1829.** Iconografia do Arquivo da Academia de Ciências da União Soviética. Reprodução fotográfica por Claus C. MEYER. Texto por Boris KOMISSAROV. Classificação científica e comentários por Luiz Emygdio de MELLO FILHO e outros. Rio de Janeiro, Edições Alumbamento/Livroarte Editora, vol. II, 1988, p.108.

⁴³² SÜSSEKIND, Flora. **O Brasil não é longe daqui:** o narrador, a viagem. São Paulo, 1990, p.116.

No presente caso, trata-se de uma paisagem às margens do rio Pardo, que ilustra uma vegetação típica do cerrado. A respeito dessa vegetação, Ferri acentua que:

Revestindo o solo especialmente com gramíneas, entre as quais repontam muitas ervas e arbustos e poucas árvores, essa vegetação impressiona pelo aspecto tortuoso de suas árvores e arbustos, cujos caules com frequência se recobrem por um denso conjunto de pelos, emprestando esses caracteres ao cerrado aparência de vegetação adaptada a condições de seca⁴³³.

A variada vegetação, árvores diversas, a fauna e o campo constituem as principais referências paisagísticas dessa aquarela. Notam-se ainda umas que outras árvores ao fundo, esparsas, atrofiadas, troncos retorcidos caracterizando o “cerrado” a que Langsdorff se refere, com plantas adaptadas aos baixos índices pluviométricos. Na aquarela, “destacam-se ainda “duas palmeiras: uma mais delicada corresponde a *Syagrus flexuosa* ou “coqueiro-do-campo”; a outra mais robusta, pode ser identificada, com alguma dúvida, como *Syagrus eriospatha*”⁴³⁴.

As pequenas árvores de flores amarelas são reconhecíveis como *Tabebuia ochracea*. A representação é ainda composta “pelas plantas *Pseudobombax longiflorum* e gramíneas várias, entre elas, o ‘capim-barba-de-bode’⁴³⁵. Observa-se também o veado-campeiro em seu *habitat* natural”⁴³⁶, sobre o qual Langsdorff lamenta o fato de não tê-lo abatido.

⁴³³ FERRI, Mário Guimarães. Histórico dos trabalhos botânicos sobre o Cerrado. In: FERRI, M. G. (coord.) **Simpósio sobre o Cerrado**. São Paulo: Editora Edgard Blücher; Editora da Universidade de São Paulo, 1971, p.10.

⁴³⁴ MELLO FILHO, Luiz Emygdio *et al.* Classificação científica e comentários. In: **Expedição Langsdorff ao Brasil, 1821-1829**. Iconografia do Arquivo da Academia de Ciências da União Soviética. Reprodução fotográfica por Claus C. MEYER. Texto por Boris KOMISSAROV. Rio de Janeiro, Edições Alumbamento/Livroarte Editora, vol. II, 1988, p.138.

⁴³⁵ MELLO FILHO, Luiz Emygdio *et al.* Classificação científica e comentários. In: **Expedição Langsdorff ao Brasil, 1821-1829**. Iconografia do Arquivo da Academia de Ciências da União Soviética. Reprodução fotográfica por Claus C. MEYER. Texto por Boris KOMISSAROV. Rio de Janeiro, Edições Alumbamento/Livroarte Editora, vol. II, 1988, p.138.

⁴³⁶ MELLO FILHO, Luiz Emygdio *et al.* Classificação científica e comentários. In: **Expedição Langsdorff ao Brasil, 1821-1829**. Iconografia do Arquivo da Academia de Ciências da União Soviética. Reprodução fotográfica por Claus C. MEYER. Texto por Boris KOMISSAROV. Rio de Janeiro, Edições Alumbamento/Livroarte Editora, vol. II, 1988, p.138.

Retomando as palavras de La Blache e observando a aquarela de Taunay constatamos que, ao evocar uma paisagem pela memória com a finalidade de representá-la, não são os elementos geográficos isolados que nos chegam, mas antes “o conjunto dos diversos vegetais que revestem o solo, que lhe sublinham as ondulações e os contornos, imprimindo-lhe pelo desenho das formas, cores, espaçamentos ou massas, um caráter comum de individualidade”⁴³⁷.

A missão prossegue pelo interior do Brasil: “Começamos hoje um caminho novo, ainda não trilhado por ninguém. Temos diante dos olhos um véu escuro. Deixamos o mundo civilizado para viver entre índios, onças, tapires e macacos”⁴³⁸. No relato de 20 de dezembro de 1827, durante a estada em Diamantino, Langsdorff assim se manifesta:

Vir à terra dos diamantes e não levar nenhuma lembrança do lugar pareceu-me um despropósito. Mesmo não sendo nenhum comerciante ou especulador e mesmo conhecendo muito pouco sobre o preço de pedras preciosas, não quis perder a oportunidade de conseguir a prova cabal de que estive aqui⁴³⁹.

Seus diários registram descrições pormenorizadas não somente das regiões de extração de minérios, tais como Buriti, Rodeio, São Pedro, entre outras, como também das doenças, pois se tratava de uma região muito insalubre: “Diamantino está situada em uma cadeia de montanhas, onde nascem os rios Paraguai, Diamantino, Cuiabá e vários outros. É um planalto de superfície irregular, com morros, colinas e vales.” O local, destaca o barão Langsdorff, “é considerado altamente insalubre, quase ninguém escapa da febre intermitente maligna. Vou tentar, durante a minha permanência aqui, pesquisar as causas dessa febre e doenças”⁴⁴⁰.

No dia 11 de março de 1828, os expedicionários deixam Diamantino e seguem viagem:

⁴³⁷ LA BLACHE, Vidal de. **Princípios da Geografia humana**. [tradução de Fernando MARTINS]. Lisboa: Imprensa Artística, 1954, p.30.

⁴³⁸ LANGSDORFF, vol. III, 1998, p.25.

⁴³⁹ LANGSDORFF, vol. III, São Paulo, 1997, p.162.

⁴⁴⁰ LANGSDORFF, vol. III, São Paulo, 1997, p.145.

No dia seguinte, fomos para o rio Preto, aonde chegamos em boa hora. Não havíamos comido nada no engenho, pois o ambiente lá estava muito hostil. Logo após minha chegada, mandei tomarem as providências necessárias para tornar a nossa vida aqui, neste fim-de-mundo, pelo menos suportável. Montamos nossas redes com toldo, abrimos a mala onde estavam as velhas garrafas de vinho do porto e a matalotagem, ou seja, a provisão de mantimentos trazidos da Vila; enfim, tentamos fazer o possível para tornar a nossa vida aqui um pouco mais agradável. Durante o percurso de meia légua entre o engenho e o rio Preto, observei na mata grande quantidade de insetos. Capturei vários. Fiquei admirado com as rápidas mudanças da natureza. Aqui é o divisor de águas dos rios Paraguai e Amazonas. Embora seja uma pequena faixa de 1½ légua, apresenta grande variedade de espécies de História Natural, tais como *Tanagra*⁴⁴¹, *Oriolus*, rãs e peixes nunca vistos antes, além de novas espécies de insetos, que, na Província de Mato Grosso, quase não se veem⁴⁴².

Encontramo-nos então no último domínio de natureza, visitado pela expedição Langsdorff. Trata-se de o *Domínio das terras baixas florestadas da Amazônia*, cuja bacia hidrográfica se configura como “verdadeiros mares de água doce, emoldurados pelas exóticas pinturas de tons escuros do céu amazônico”, bem como “notáveis visuais, no conjunto das paisagens”⁴⁴³.

Essas “versões” sobre as paisagens brasileiras que acabamos de arrolar obedecem a três processos distintos e indissociáveis. O primeiro se refere à verificação e análise empírica através de métodos científicos, da integração de fenômenos naturais e humanos em uma porção delimitada da superfície terrestre, em que se apresentam dados referenciais, informativos, sobre as localizações que levam a situar os acontecimentos em determinada paisagem sensível, entendida como paisagem concreta – tanto a natural quanto a antrópica. A paisagem física é

⁴⁴¹ De acordo com as notas em “Os diários de Langsdorff”, elaboradas por especialistas: “O gênero *Tanagra* inclui muitas espécies de pássaros brasileiros, entre eles o tem-tem ou gaturamo, conforme é conhecido na Amazônia. (N.T.)” (Langsdorff, 1997, p.285)

⁴⁴² LANGSDORFF, vol. II, São Paulo, 1997, p.212-213.

⁴⁴³ AB’SÁBER, Aziz N. **Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003, p.13.

uma imagem que pode ser lida. A partir dessa leitura chega-se ao segundo processo, que diz respeito à memória. A natureza é um livro, cuja leitura possibilita a criação de “paisagens de lembranças”, memória de paisagens, memórias de muitos brasis. A memória é, por excelência, seletiva. Nela o viajante retém os fatos, os elementos geográficos pitorescos da realidade brasileira, os símbolos, as imagens que tiveram algum significado estético-científico para si. Por fim, o último processo trata da representação literária e artística do mundo visível, do cenário visto pelo espectador, criando uma paisagem “narrada”, “pictorializada”, em que há uma ressemantização da realidade geográfica, valorizando a experiência, o vivido, a memória, transformando assim os elementos da paisagem em geossímbolos, os quais continuam e, permanentemente, vão constituir traços individualizadores ou identitários. Esses modos distintos e interrelacionados da paisagem dão os meios para a compreensão da relação subjetiva do homem e do seu espaço.

O leitor, diria Sússekind, “naturalmente não pode participar *in loco*”, mas *in abstracto* “pela leitura apenas” das paisagens com as quais os viajantes se depararam⁴⁴⁴. Devido às especificidades do gênero, o *diário de campo* tem a necessidade de conhecer e fazer ver novas terras, novas paisagens, novos lugares. Como no caso do diário do chefe da Expedição Langsdorff, ir conhecer as províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais, São Paulo, Mato Grosso e Amazônia, torna-se meta, ou seja, ver um objeto de valor com que o sujeito pretende entrar em conjunção. Para tanto, a viagem se configura por recortes espaciais feitos por um enunciador-autor que delega a voz de um “narrador em movimento”. Este se localiza e se faz localizar, legitimando o seu fazer-científico: conhecer, desbravar, pesquisar. Trata-se de fundar um *aqui* e descrevê-lo por meio da topicalização, de modo a convencer o enunciatário-leitor sobre a paisagem que se descortina. A paisagem é a força motriz de cada relato. Em cada página do diário há a representação de uma paisagem ou várias paisagens. Em cada percurso, em cada caminho, cada trilha, enfim, a viagem representada pelo ir-e-vir do sujeito narrador delineia aí uma paisagem, segundo o ponto de vista viabilizado por meio da figuratividade.

A figuratividade, juntamente com a tematização, corresponde ao enriquecimento semântico do discurso, estando ambas interligadas: enquanto na tematização ocorre a disseminação no discurso dos traços semânticos tomados de

⁴⁴⁴ SÜSSEKIND, Flora. **O Brasil não é longe daqui**: o narrador, a viagem. São Paulo, 1990, p.147.

forma abstrata, na figuratividade esses traços são revestidos por traços semânticos sensoriais que lhes dão o efeito de concretização sensorial. Esses traços semânticos sensoriais referem-se a cor, a cheiro, a som, ou seja, a características visuais, táteis, olfativas, gustativas, auditivas que se fundem e se concretizam em figuras.

A figuratividade porque concebida como uma propriedade semântica fundamental da linguagem proporciona manifestações gradativas, de acordo com o uso discursivo. Assim, nos textos figurativos empregam-se graus diferentes de figurativização, que vão da figuração, ou da instalação de figuras, passando-se do tema à figura; à iconização, ou ao investimento figurativo exaustivo final, que tem por objetivo produzir a ilusão referencial, ou efeitos de realidade e de referente.

A escala a seguir, proposta por Denis Bertrand⁴⁴⁵, apresenta uma escala gradual da figuratividade:

Os *Diários* tendem a apresentar alto grau de figuratividade, com recorrentes iconizações. Entendemos aqui essa noção como particularização das figuras, tais como “árvores”, “campos”, “rio”, “cachoeira”, etc. Ou seja: “a iconicidade ocorrerá se os traços que o formante reúne forem suficientes para permitir sua interpretação como representante de um objeto do mundo natural”⁴⁴⁶.

Atentando particularmente para os traços semânticos sensoriais mencionados anteriormente, e considerando-se que a figuratividade refere-se à propriedade essencial das linguagens, tanto verbais quanto não verbais, pode-se dizer que as

⁴⁴⁵ BERTRAND, Denis. **Caminhos da Semiótica literária**. [Tradução do Grupo Casa]. Bauru (SP): EDUSC, 2003, p.210.

⁴⁴⁶ BERTRAND, Denis. **Caminhos da Semiótica literária**. [Tradução do Grupo Casa]. Bauru (SP): EDUSC, 2003, p.210.

paisagens figurativizadas nos *Diários de Langsdorff*, assim como as aquarelas dos artistas, ambas têm a capacidade de “produzir e restituir parcialmente significações análogas às de nossas experiências perceptivas mais concretas”⁴⁴⁷.

Mas, por outro lado: “*fazer ver também é fazer crer*”, acentua Bertrand⁴⁴⁸. A questão que se coloca é a credibilidade, a qualidade da representação de tais paisagens, “a representância das paisagens”, como quer Ricouer. Nesse ponto recorreremos às palavras de Boris Komissarov, autor de *Expedição Langsdorff: acervo e fontes históricas*, para quem: “O estudo dos diários de Langsdorff permite-nos concluir que estamos diante de uma fonte de informação histórica rica e autêntica”⁴⁴⁹.

Essa afirmação nos baliza para uma questão de importância. Trata-se aqui da questão da representância do “pacto entre escritor e leitor” com a finalidade de estipular critérios de qualificação da “verdade”, intenções de veracidade do que “realmente” se passou que “permanece assim inseparável do ‘tal como’ efetivamente se passou”⁴⁵⁰. Para analisar a representância da paisagem recorreremos ao conceito semiótico de “contrato de veridicção”. De acordo com as palavras de Komissarov, “autêntico” equivale a “verdadeiro”, ou seja, relatos, fatos dignos de fé, reais, etc. Os textos langsdorffianos, por serem predominantemente figurativos, constroem um simulacro da realidade, representando, dessa forma, o mundo natural como o que parece e é: “assim, quando há coincidência do parecer e do ser num universo de discurso, há ‘verdade’; a coincidência do parecer e do não-ser define a ‘mentira’; a do não-parecer e do ser o ‘segredo’; enfim, a coincidência do não-parecer e do não-ser define a ‘falsidade’”⁴⁵¹.

⁴⁴⁷ BERTRAND, Denis. **Caminhos da Semiótica literária**. [Tradução do Grupo Casa]. Bauru (SP): EDUSC, 2003, p.154.

⁴⁴⁸ BERTRAND, Denis. **Caminhos da Semiótica literária**. [Tradução do Grupo Casa]. Bauru (SP): EDUSC, 2003, p.155. (grifos nossos)

⁴⁴⁹ KOMISSAROV, Boris. **Expedição Langsdorff: acervo e fontes históricas**. São Paulo: Editora Unesp, 1994, p.32.

⁴⁵⁰ RICOUER, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. [Tradução de Alain François *et al.*]. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007, p.294.

⁴⁵¹ BERTRAND, Denis. **Caminhos da Semiótica literária**. [Tradução do Grupo Casa]. Bauru (SP): EDUSC, 2003, p.241.

Figura 10 – Quadrado veridictório. **FONTE:** Dicionário de Semiótica, 2008⁴⁵².

Sobre esse ponto, vale lembrar as palavras de Greimas e Courtés:

O *crer-verdadeiro* do enunciador não basta, supomos, à transmissão da verdade: o enunciador pode dizer quanto quiser, a respeito do objeto de saber que está comunicando, que “sabe”, que está “seguro”, que é “evidente”; nem por isso pode ele assegurar-se de ser acreditado pelo enunciatário: um *crer-verdadeiro* deve ser instalado nas duas extremidades do canal de comunicação, e é esse equilíbrio, mais ou menos estável, esse entendimento tácito entre dois cúmplices mais ou menos conscientes que nós denominamos contrato de veridicção⁴⁵³.

Assim, o enunciatário (leitor) é persuadido pelo enunciador (autor) que o “fazer” nas imagens apresentadas sobre as paisagens. Cabe, portanto, ao enunciatário acreditar na verdade do discurso.

O *diário de campo* é um meio de comunicação que privilegia, por sua própria condição de produção, a paisagem semanticamente como algo curioso, que deve ser examinado e contemplado. Dessa paisagem, o enunciador recorre à iconização para retratar o ambiente em que ele se encontra e, principalmente, o que ele quer representar. O enunciador cria esse “fazer parecer real” por meio dos elementos geográficos recortados para compor a “cena” paisagística, a saber: vegetação, relevo, rios, animais, e outros.

⁴⁵² GREIMAS, A. J. e COURTÉS, J. **Dicionário de Semiótica**. [Vários tradutores]. São Paulo: Contexto, 2008, p.532.

⁴⁵³ GREIMAS, A. J. e COURTÉS, J. **Dicionário de Semiótica**. [Vários tradutores]. São Paulo: Contexto, 2008, p.530. (grifos dos autores)

Constata-se que o enunciador dos *Diários de Langsdorff* faz questão de destacar o efeito de sentido de sua condição *in loco* como forma de credibilidade: “nos campos próximos à cachoeira do Anhanduri-mirim [em que eu estive]”, ou ainda:

Fiquei admirado com as rápidas mudanças da natureza. Aqui [onde eu estou] é o divisor de águas dos rios Paraguai e Amazonas. Embora seja uma pequena faixa de 1½ légua, apresenta grande variedade de espécies de História Natural, tais como *Tanagra*⁴⁵⁴, *Oriolus*, rãs e peixes nunca vistos antes, além de novas espécies de insetos, que, na Província de Mato Grosso, quase não se veem⁴⁵⁵.

Para assegurar a própria credibilidade em seus relatos, ele também descreve as paisagens dimensionadas com régua, compasso, como se observa: “A partir do rio Anhanduri, vê-se claramente que o rio Pardo perde cerca de metade do seu volume e fica muito raso, embora, até aqui não muito mais estreito”. Vale ainda ressaltar as palavras latinas, utilizadas na nomenclatura científica. Todos esses traços linguísticos, considerados em função discursiva, delineiam, por sua vez, a representância dos *Diários de Langsdorff* como uma representância pautada pela posse do conhecimento, uma representância ancorada pelo simulacro da cientificidade.

A paisagem brasileira despertou grande interesse em Langsdorff, seja em função da extração daquilo que se veio buscar pelo ato da colonização, seja em função da ciência, em especial, da História Natural. De uma forma ou de outra, ao recortá-la da extensão do mundo sensível e representá-la em uma ordem imagética e narrativa, Langsdorff revela-se a si mesmo. Semioticamente falando,

com a condição de relativizar meu ‘ser’, isto é, de descobrir o ser do outro, ou sua presença, ou de me descobrir eu mesmo como parcialmente outro, eu faço nascer o espaço-tempo, como suporte de diferenças posicionais entre mim mesmo e meus semelhantes, como efeito de sentido induzido pela distância que percebo entre meu aqui-

⁴⁵⁴ De acordo com as notas em “Os diários de Langsdorff”, elaboradas por especialistas: “O gênero *Tanagra* inclui muitas espécies de pássaros brasileiros, entre eles o tem-tem ou gaturamo, conforme é conhecido na Amazônia. (N.T.)”. (LANGSDORFF, 1997, p.285)

⁴⁵⁵ LANGSDORFF, vol. III, 1998, p.212.

agora e todo o resto – lugares distantes, tempos distintos –, ou ainda, como resultado da relação que me liga, eu sujeito, a um mundo objeto cujas formas discretas, à medida que as recorto, me revelam a mim mesmo.⁴⁵⁶

Esse sujeito, no caso em pauta, o barão de Langsdorff, terá um corpo, uma voz, um tom de voz e um caráter, um *éthos*, uma identidade discursiva apreendidos, a partir do modo como constrói as paisagens brasileiras, segundo o olhar científico que tudo quer saber e tudo quer informar. Esse enunciativo ao mesmo tempo em que constrói sua identidade, o seu *éthos*, deixa entrever também uma identidade a cada paisagem, uma brasilidade paisagística, que remete ao mito fundador do Brasil.

Entendendo identidade discursiva como *éthos* e *éthos* como estilo, veremos como e por que temos um modo próprio de ser do explorador de terras alheias e do ser narrador de viagens a terras alheias: o modo Langsdorff de ser no mundo. O ator da enunciação é dado a ver por meio da análise dos registros que foram feitos no decorrer desse capítulo.

Reconhecemos em cada tomada de discurso, em cada página do diário um *eu* que referencia aquele que enuncia e cujo objetivo é dar a conhecer imagens de paisagens, lugares, experiências das mais diversas ordens. A cenografia construída pelo discurso do barão Langsdorff pressupõe um modo de enunciar compatível com o mundo que ela constrói, para validar a enunciação de um discurso científico, materializado nos diários. É, portanto, do modo de dizer, de enunciar, que está em jogo a constituição do chamado *éthos* de Langsdorff. É como lembra Roland Barthes em artigo intitulado *A retórica antiga*: “O *ethos* é, no sentido próprio, uma conotação. O orador enuncia uma informação e, *ao mesmo tempo*, afirma: sou isso e não aquilo”⁴⁵⁷.

Maingueneau acrescenta que “a eficácia do *éthos* se deve ao fato de que ele envolve de alguma forma a enunciação, sem estar explícito no enunciado”⁴⁵⁸. Retomando conceitos de retórica apreoados por Aristóteles, Maingueneau afirma,

⁴⁵⁶ LANDOWSKI, Eric. *Presenças do outro*. São Paulo: Perspectiva, 2002, p.68.

⁴⁵⁷ BARTHES, R. *A retórica antiga*. In: COEHEN, J. et al. **Pesquisas de retórica**. Petrópolis: Vozes, 1975, p.203. (grifos do autor)

⁴⁵⁸ MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2001, p. 98.

ainda, que “o texto escrito tem um tom que dá autoridade ao que é dito e que permite ao leitor construir uma representação do corpo do enunciador”⁴⁵⁹. Vale ressaltar que não se trata do corpo do autor do mundo, autor real, mas sim de uma instância subjetiva que assume o papel do fiador do discurso enunciado, ou seja, um autor discursivo.

Assim, com atenção a um modo próprio de relatar o encadeamento dos fatos, na efemeridade de cada dia, depreende-se a imagem ou o *éthos* do enunciador, por meio da análise, descrição e explicação de um modo próprio de representar a paisagem brasileira. Paisagem esta, vale dizer, que se configura definitivamente histórica-geografizada. Esse sujeito dado pelo modo de dizer apresenta-se ao analista com um corpo ereto, uma voz sem hesitações, um tom de voz e um caráter, firmemente postos no mundo. Sob esse olhar se constrói as paisagens brasileiras, por meio das quais erige a imagem de quem diz, expressa pelo modo científico de dizer. Depreende-se dessa forma um *éthos* da cientificidade, da justa medida, que encontra na formalidade científica uma maneira de tornar válidas suas posições. Pode-se dizer ainda de um *éthos* polígrafo, de um sujeito que atua em âmbitos diversos e em todos eles mantém a mesma postura equânime: constância, igualdade de temperamento, de ânimo, em qualquer circunstância.

Esse sujeito, que se manifesta por um *éthos* pautado pela cientificidade, que cotidianamente explora, investiga, que tem o desejo de “olhar bem” o mundo circundante, vê na paisagem e na descrição, uma forma registrar uma marca, uma identidade das diferentes regiões e domínios naturais percorridos, a serem consideradas na tentativa final de entender o Brasil. Dessa forma, após seguir os caminhos trilhado por Langsdorff do Rio de Janeiro até a Amazônia, passando por Minas Gerais, São Paulo e Mato Grosso, é possível responder a indagação: qual foi a imagem construída sobre o Brasil nos diários do naturalista alemão?

Constatamos que se delineia uma imagem criada pela incrustação de pequenas-paisagens sobre folhas de papel, um mosaico paisagístico de imagens diversas, em virtude dos diferentes domínios de natureza, que instituem, à distância, os contornos de um desenho, uma percepção homogeneizadora do Brasil. Em grande parte, essas representações fragmentadas da paisagem brasileira, dizem respeito às características da fisionomia do espaço terrestre.

⁴⁵⁹ MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2001, p.98.

Assim, ao de longo de aproximadamente 17 mil quilômetros, em meio a uma infinidade de observações científicas, são criadas imagens da paisagem brasileira que vão “compor repertórios diversos, entre eles, os constituintes da identidade do território e da nação”⁴⁶⁰. O vasto território ainda pouco ou nada conhecido na primeira metade do século XIX desperta uma grande ambição em Langsdorff, principalmente sobre a natureza. As representações das paisagens tropicais de Langsdorff, além do interesse geográfico, apresenta também o interesse político da representação simbólica. Assim em relação a outras potências europeias do período, como a Inglaterra, a França e Alemanha, que estavam à frente na expansão capitalista, a Rússia “não podia ficar alheia às novas técnicas de conquista, sintetizadas nas disciplinas da geografia, da antropologia, da linguística e desse vasto domínio embrionário denominado história natural”⁴⁶¹. O governo brasileiro por sua vez, necessitava de alguma representação simbólica dessa vasta unidade territorial parcialmente conhecida. Não foi gratuito o passaporte concedido pelo Imperador a Langsdorff, assim como o direito de passar livremente pelas alfândegas existentes entre as províncias e em algumas travessias de rios:

O governo brasileiro tinha interesse na expedição. Em um de seus manuscritos, Langsdorff dizia que, ao regressar, faria um relatório a Pedro I sobre suas observações quanto as alterações necessárias na economia do país.⁴⁶²

Infelizmente, a maior parte das contribuições que Langsdorff poderia oferecer não chegaram ao conhecimento do monarca, notadamente: o conhecimento do vasto território, bem como a riqueza natural nele existente, representados na forma de paisagem.

Com atenção a um modo próprio de representar a natureza selvagem, o mundo rural, os territórios incultos, as fronteiras da civilização, relatar o

⁴⁶⁰ PRADO, Maria Lígia Coelho. **América latina no século XIX: tramas, telas e textos**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Bauru: Editora da Universidade do Sagrado Coração, 1999, p. 180.

⁴⁶¹ SEVCENKO, Nicolau. O paraíso revelado pela ciência ou o Dr. Langsdorff e o descobrimento russo do Brasil. BECHER, Hans. **O Barão Goerg Heinrich von Langsdorff: pesquisas de um cientista alemão no século XIX**. São Paulo: Edições diá; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1990, p.135.

⁴⁶² KOMISSAROV, Boris. **Da Sibéria à Amazônia: a vida de Langsdorff**. [tradução de Victória Namestnikova El Murr]. Brasília: Edições Langsdorff, 1992, p.99.

encadeamento dos fatos, na efemeridade de cada dia, depreende-se a paisagem para a qual se volta o olhar instrumentalizado do enunciador Langsdorff. Paisagem como projeto científico, eis as intenções de Langsdorff. O próprio nome do país, Brasil, é indicativo da identidade criada por Langsdorff da paisagem brasileira. Oportunamente, Marilena Chaui elucida que os nomes *Braaz* e *Hy Brazil*, respectivamente, de acordo com as tradições fenícia e irlandesa, eram os nomes que designavam as Ilhas Afortunadas ou Ilhas Bem-aventuradas, um mito poderoso consagrado nos escritos medievais sobre um lugar abençoado, a oeste do mundo conhecido, no qual reina primavera e juventude eternas e onde os homens e animais convivem em paz. Entre 1325 e 1482, “os mapas incluem a oeste da Irlanda e ao sul dos Açores a *Insulla de Brazil* ou *Isola de Brazil*, essa terra afortunada e bem-aventurada”⁴⁶³ que na época do *achamento* foi nomeada como Ilha de Vera Cruz – depois conhecida como Terra dos Papagaios, Terra de Santa Cruz e finalmente, por volta de 1527, denominada Brasil.

Não se trata da “última página, ainda a escrever-se, do Gênesis”, tomando palavras da celebre afirmação de Euclides da Cunha. Muito menos da visão do paraíso de que nos fala Sergio Buarque de Holanda. Trata-se de um paraíso com vegetação luxuriante e bela, paisagem exótica, pitoresca, mas como “objeto de estudo a ser cuidadosamente classificado. E não mais por viajantes-aventureiros, mas por naturalistas, zoólogos, paisagistas”⁴⁶⁴.

Por fim, outro ponto importante a destacar é que a paisagem pareceu servir a propósitos diversos por ocasião do “redescobrimento” do Brasil a partir da abertura dos portos às Nações Amigas. Com vistas à apropriação científica e comercial da natureza tropical, a paisagem aflora como fazendo parte do empreendimento imperial, que se constitui pela prática da viagem e exploração do território. Poetizando o território, a paisagem, de modo atrativo, expõem-se as riquezas naturais, a fauna, a flora, a organização da sociedade, dentre outros aspectos da cultura brasileira.

⁴⁶³ CHAUI, Marilena. **Brasil**: mito fundador e sociedade autoritária. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo. 2010, p.59-60. (grifos da autora)

⁴⁶⁴ SÜSEKIND, Flora. **O Brasil não é longe daqui**: o narrador, a viagem. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p.45.

Cremos também que a formação de uma identidade nacional foi erigida, entre outros aspectos, por esta natureza. A economia e a cultura haviam alterado apenas pontualmente ou localmente boa parte da paisagem. Assim, o que se registra é basicamente a natureza, apenas parcialmente modificada. Além disso, esse legado literário referente às paisagens brasileiras traz a possibilidade de conhecermos a natureza e a vida brasileira daquela época. Entretanto, é preciso lembrar que, esses documentos histórico-geográficos, mais do que demonstrar “a vida e a paisagem americana, leva a focalizar a espessa camada de representação. Evidencia versões e não fatos”⁴⁶⁵.

E versões erigidas a partir do olhar estrangeiro que compôs com suas próprias tintas culturais uma base de verdade e de requisitos meritórios para dar suporte de credibilidade a uma paisagem *novedosa* e luxuriante, até então desconhecida do velho mundo, berço cultural e simbólico do Barão de Langsdorff.

⁴⁶⁵ BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. **O Brasil dos viajantes**. vol. I. São Paulo: Metalivros: Salvador: Fundação Emílio Odebrechet, 1994a, p. 212-213.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Os caminhos não acabam.”
Grande Sertão: Veredas, Guimarães Rosa

No século XIX, sobretudo após a abertura dos portos em 1808, foi intensa a visitação ao Brasil por viajantes europeus de diversas nacionalidades, que produziram narrativas que revelam aspectos da terra, da gente, dos usos e costumes do Brasil. Dentre esse viajantes, focalizamos a obra do barão Georg Henrich von Langsdorff, cônsul geral e encarregado de negócios no Brasil. De 1824 a 1829, Langsdorff organizou uma expedição que empreendeu uma extensa viagem que percorreu o interior do Brasil, desde o Rio de Janeiro até o Amazonas, passando por Minas Gerais, São Paulo e Mato Grosso. A expedição Langsdorff, como ficou conhecida, é reconhecida internacionalmente como uma das mais importantes expedições científicas do século XIX. Os estudos realizados pelos membros da expedição são considerados hoje o último acervo clássico sobre o Brasil. Esse acervo é constituído pelos manuscritos dos membros da expedição, desenhos, aquarelas, croquis, mapas, espécies minerais, herbários, diversos animais empalhados, vocabulários de línguas indígenas, material etnográfico e correspondência diversa, entre outros. Particularmente valiosos são os diários de Langsdorff, Florence, Ménériès e Riedel. Também possuem extraordinário valor os desenhos dos pintores da expedição.

Apesar de a Expedição Langsdorff ser objeto de várias pesquisas, no entanto, a maioria delas se ressentem de uma falta de preocupação como valor discursivo e geográfico, estando seus olhares direcionados, sobretudo, para aspectos de ordem historiográfica. Foi a partir dessa constatação que decidimos desenvolver um estudo sobre os diários do chefe da expedição, o barão Langsdorff, aproximando os estudos discursivos e a geografia, tendo a paisagem como ponto de convergência. Dito isso, arrolam-se os resultados.

Cessada a era dos descobrimentos marítimos e a fase inicial da colonização portuguesa, o Brasil só esporadicamente receberá viajantes estrangeiros em seu território, como é o caso da expedição russa em viagem de circum-navegação, que aportou na costa catarinense em 1804, para conserto de mastro avariado e

reabastecimento de água doce, contrariando as leis da Coroa portuguesa que restringia a entrada de visitantes estrangeiros.

Durante o período histórico iniciado em fins do século XVIII e que percorreria todo o século XIX, o Brasil recebeu inúmeros viajantes, artistas e expedições científicas, que passariam a produzir um conhecimento sistemático sobre o território luso-brasileiro.

As representações que resultaram dessas explorações geográficas, realizadas ao longo do imenso deserto interior ainda vazio de homens, como as regiões selvagens, permitiram que, pela primeira vez na história do país, fosse criada uma imagem do Brasil. Foram esses viajantes, com solícito amparo de autoridades brasileiras, os primeiros a efetivamente explorar, estudar e representar as imensas riquezas minerais, da exuberante natureza repleta de plantas e animais exóticos, bem como a variedade dos costumes, da política, das religiões, dentre outros aspectos da cultura brasileira. Procuramos no primeiro capítulo de nossa pesquisa entender esse processo de interiorização motivado pela Coroa portuguesa, que necessitava preservar a unidade interna do extenso território do Brasil, principalmente das vastas áreas do centro-sul, exploradas apenas parcialmente até então, pois a expedição científica russa chefiada por Langsdorff, que teria início em 1824, contribuiu decisivamente na elaboração dessa representação simbólica desse território.

Tendo em vista a importância da expedição Langsdorff para o conhecimento do Brasil no século XIX, iniciamos uma pesquisa sobre a vida e obra de Langsdorff com o objetivo de recuperar suas heranças científicas e intelectuais, que influenciaram o conjunto de sua obra, em especial as referentes ao Brasil. A principal influência remonta à Universidade de Göttingen, onde conheceu Johann Blumenbach, que foi seu orientador, assim como o filólogo e arqueólogo C. Reine. Nessa universidade, sob orientação do Blumenbach, Langsdorff despertou o interesse pela História Natural e pelas viagens. Em 1800, morando em Lisboa, Langsdorff começa exercitar seus conhecimentos em História Natural e estudar as históricas viagens realizadas por Portugal, com vistas adquirir o conhecimentos necessário para realizar suas viagens no futuro. Seus objetivos não demoram muito para se concretizarem: em 1803, tornou-se membro correspondente da Academia de Ciências de São Petersburgo e tomou conhecimento da montagem de uma expedição científica russa que daria volta ao mundo, para a qual se apresentou,

conseguindo o posto de ictiologista e mineralogista. Vai ser nessa viagem que Langsdorff vai formar o conhecimento necessário para realizar sua viagem ao Brasil. Aliás, em 1804 encontramos Langsdorff na costa catarinense, onde pôde desenvolver diversas pesquisas e se encantar com a natureza brasileira. Ao fim dessa viagem que ainda passou pelos Estados Unidos, Alasca, Sibéria e Japão, Langsdorff publica sua principal obra, intitulada “Notas sobre a viagem ao redor do mundo em 1803-1807”. Nessa obra vemos a relação estabelecida entre *Systema Naturae* de Lineu com a acelerada exploração geográfica, bem como as influências do viajante Johann Reinhold Forster que, além de aparecer com destaque na história do pensamento geográfico, exerceu grande influência sobre a obra de Langsdorff. Forster estabeleceu o estudo da superfície terrestre como objeto de estudo. Através da comparação, Forster explorava as relações entre os elementos e fenômenos naturais presentes na paisagem. Temos assim as principais influências de Langsdorff: Blumembach, as viagens a Portugal e ao redor do mundo e aos viajantes Forster, por meio dos quais vai se firmar o pensamento naturalista de Langsdorff.

Em 1813 chegou ao Rio de Janeiro e em três anos estabeleceu-se em sua propriedade, a Fazenda da Mandioca, na Serra da Estrela. Nessa fazenda realizou uma expressiva tentativa de colonização estrangeira que contava com noventa e quatro imigrantes, vindos especialmente da Alemanha. Paralelamente, tentou conseguir junto às autoridades brasileiras o direito para fazer uma ampla viagem científica pelo interior do Brasil. O projeto era fazer o mais amplo, completo e documentado levantamento da natureza brasileira jamais feito então por qualquer cientista ou explorador.

Largamente financiada pelo czar Alexandre I, a expedição percorreu 17 mil quilômetros pelo interior do Brasil. Os diários produzidos por Langsdorff formaram o corpus de nossa pesquisa. Por meio deles homologamos conceitos oriundos da Geografia e da Semiótica, visando ao enriquecimento teórico-analítico, na convergência de diversos instrumentos para a análise das paisagens presentes nos diários do alemão. Estabelecemos a relação entre a Geografia e a Literatura, com o objetivo de perscrutar representação o conteúdo geográfico presente na Literatura de viagem. Para um maior rendimento analítico definimos as especificidades tanto do gênero discursivo diário de campo com vistas a com vistas a um maior rendimento analítico do estudo da paisagem.

Assim, pudemos apreender dos diários de campo de Langsdorff um aspecto importante que diz respeito ao lugar que a paisagem ocupa na narrativa. A representação da paisagem fica em primeiro plano. O enunciador sempre dá ênfase à descrição do Brasil entendido como um objeto de estudo, em que de rios, montanhas, árvores, animais, plantas, cidades, vilas, elementos estes articulados, formando um “complexo geográfico”.

Além disso, constatou-se ainda que um modo recorrente de dizer remete a um modo de ser. Por meio do exame dos mecanismos de construção do sentido do texto, apreendeu-se o corpo, o caráter, o tom, o fiador do discurso, isto é, a imagem do enunciador ou o *éthos* de Langsdorff, justamente pelo modo de organizar, figurativizar e tematizar as paisagens brasileiras.

Observamos, por fim, que a representação da paisagem surge como um dos símbolos mais fortes da emergência de uma identidade brasileira. Trata-se de uma paisagem representada por meio da natureza, vista como fonte de riqueza e matéria bruta a ser trabalhada, manancial de vida e de identidade que deve ser pesquisada, classificada pelo viés da História Natural. Por meio da memória, a paisagem é representada nos diários por meio de uma série de símbolos que delineiam uma ideia de Brasil, reforçada por um vasto conjunto de lembranças no decorrer do século XIX até os dias de hoje, reiterada massivamente.

Finalmente, esperamos que só o fato de iluminar essa pequena parcela dos diários do Barão George Henrique de Langsdorff seja uma forma de retribuir a sua atenção e o trabalho científico para com o Brasil.

O imaginário nacionalista incorporou esta força simbólica da natureza, especialmente porque foi capaz de eleger paisagens – construções imaginárias de concepção pictórica – que se tornaram sua própria expressão visual, particularidades alçadas à condição de grandes símbolos coletivos. A paisagem não é apenas uma representação visual, a forma como somos capazes de enxergar a natureza, como também uma referência de constância, duração e pertencimento bastante adequada para a afirmação da continuidade e do culto ao passado que está embutido na mitologia nacionalista.

A natureza foi, por isso, mobilizada como elemento do imaginário nacional, apagando o caráter recente da formação dos Estados nacionais em favor da afirmação de um destino mítico representado pela conformação física da nação, suas paisagens e seus acidentes geográficos.

Pode-se ainda concluir que ao narrar sua viagem brasileira, o explorador alemão imprimiu seu éthos, seu olhar cultural, seus valores, junto com as cores com as quais desenhcou nossa paisagem. Ao ver beleza em nosso horizonte e ao narrá-lo para os de longe, aqueles cujo olhar seria o dele por empréstimo, Langsdorff imprimiu também valor e beleza à paisagem simbólica, esta que ficou como memória em seus diários e que hoje nos serve de guia para conhecer, para reconhecer os lugares por onde ele passou com sua expedição, em sua última aventura em vida.

Referências e Bibliografia consultada

- AB'SÁBER, Aziz Nacib. **Os domínios de natureza no Brasil**: potencialidades paisagísticas. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- AB'SÁBER, Aziz Nacib. O roteiro de Langsdorff hoje. **Anais**. II Seminário internacional sobre o acervo da expedição científica de G.I. Langsdorff. Brasília: Secretaria da Ciência e Tecnologia: São Paulo: Universidade de São Paulo, 1990, p. 21-26.
- AB'SÁBER, Aziz Nacib. Contribuição à geomorfologia da área dos cerrados. In: FERRI, M.G. (Coord.) **Simpósio sobre o Cerrado**. São Paulo: Editora Edgard Blücher: Editora da Universidade de São Paulo, 1971, p.99-103.
- AB'SÁBER, Aziz Nacib. Províncias geológicas e domínios morfoclimáticos no Brasil. **Geomorfologia**, São Paulo, n.20, 1970, p.1-26.
- ALBUQUERQUE, Francisco Tomasco de. **A descendência brasileira de Georg Heinrich Freiherr von Langsdorff**. Niterói (RJ): Instituto Cultural Frederico Guilherme de Albuquerque, 2002.
- ALBUQUERQUE, Francisco Tomasco de. As descobertas recentes da genealogia de Georg Heinrich von Langsdorff. In: SILVA, Danuzio Gil Bernardino (org.). **Os diários de Langsdorff**. Vol. I. Rio de Janeiro e Minas Gerais, 8 de maio a 17 de fevereiro de 1825. [tradução de Márcia Nascimento Egg *et al.*]. Campinas: Associação Internacional de Estudos Langsdorff; Rio de Janeiro: Fiocruz, 1997, p. XXVII-XXXV.
- ARAÚJO, Maria Lucília Viveiros de. **Os caminhos da riqueza dos paulistanos na primeira metade do Oitocentos**. São Paulo: Hucitec: Fapesp, 2006.
- ARISTÓTELES. **Poética**. (Os pensadores). São Paulo: Abril, 1993.
- AVOCAT, Charles. *Essai de mise au point d'une method d'étude des paysages*. **Anales**. Lire le paysage, lire les paysages: Acte du colloque des 24 et 25 novembre. Centre Interdisciplinaire d'Etude et de Recherches sur l'Expression Contemporaine, 1983, p.11-35.
- BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação da matéria. [tradução Antonio de P. Danesi]. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. [tradução Antonio de P. Danesi]. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. [Introdução e tradução do russo Paulo Bezerra; prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov]. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

- BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e estética** (a teoria do romance). São Paulo: Hucitec: Edunesp, 1988.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria Semiótica do texto**. São Paulo: Editora Ática, 2003.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria do discurso: fundamentos semióticos**. São Paulo: Atual, 2002.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. (Org.) **Os discursos do descobrimento: 500 e mais anos de discursos**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2000.
- BARROS, Nilson Crocia de. **Traços da Geografia na experiência histórica da China e na Idade Média européia**. 2005. Disponível em: <http://www.ufpe.br/revistageografia/index.php/revista/article/viewFile/28/2> (Consultado em 18 de novembro de 2010).
- BARTHES, Roland. A retórica antiga. *In*: COEHEN, J. *et al.* **Pesquisas de retórica**. Petrópolis (RJ): Vozes, 1975, p.147-221.
- BECHER, Hans. **O Barão Goerg Heinrich von Langsdorff**: pesquisas de um cientista alemão no século XIX. São Paulo: Edições diá; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1990.
- BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. A propósito d'o Brasil dos viajantes. *In*: Dossiê dos viajantes. **Revista USP**. Coordenadoria de Comunicação Social, Universidade de São Paulo. n.º 1 (mar./maio, 1989). São Paulo, USP, CCS, 1989, p.8-19.
- BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. **O Brasil dos viajantes: imaginário do novo mundo**. Vol. I. São Paulo: Metalivros: Salvador: Fundação Odebrecht, 1999a.
- BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. **O Brasil dos viajantes: um lugar no universo**. Vol. II. São Paulo: Metalivros: Salvador: Fundação Odebrecht, 1999b.
- BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. **O Brasil dos viajantes: a construção da paisagem**. Vol. III. São Paulo: Metalivros: Salvador: Fundação Odebrecht, 1999c.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7.ed. [tradução de Paulo Sérgio Rouanet]. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BERQUE, Augustin. **Les raisons Du paysage: de La Chine antique aux environnements de syunthèse**. France: Hazan, 1995.
- BERTELS, D.E, B. N. Komissarov, T. I. Licenko (orgs.). **O acadêmico G.I. Langsdorff e sua expedição ao Brasil em 1821-1829: catálogo completo do material existente nos arquivos da União Soviética**. Coordenação de L. A. Chur

[tradução e pesquisa bibliográfica de Marcos Pinto Braga]. Brasília: Secretária do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional Pró-Memória, 1988.

BERTRAND, Denis. **Caminhos da semiótica literária**. [tradução do Grupo Casa]. Bauru (SP): Edusc, 2003.

BESSE, Jean-Marc. **Ver a Terra**: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia. [tradução de Vladimir Bartalini]. São Paulo: Perspectiva, 2006.

BETHELL, Leslie (Org.). **História da América Latina**: a América Latina Colonial. Vol. II. São Paulo: Edusp, 2000.

BRAGA, Marcos Pinto. Prefácio. KOMISSAROV, Bóris. **Da Sibéria à Amazônia**: a vida de Langsdorff. [tradução de Victória Namestnikova El Murr]. Brasília: Edições Langsdorff, 1992, p.11-13.

BRASIL. MINC. BANCO DO BRASIL. **Expedição LANGSDORFF. Catálogo da Exposição**. Brasília: Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil, 2010.

BROSSEAU, Marc. Geografia e Literatura. *In*. CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Literatura, música e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007, p.17-77.

BRUNET, R.; FERRAS, R.; THERY, H. (Dir.) **Les mots de la géographie**: dictionnaire critique. Paris: Montpellier, 1992.

CANDIDO, Antonio. A degradação do espaço. **Revista de Letras**. Assis (SP), Faculdade de Ciências e Letras (UNESP), 1980, p.70-85.

CARDOSO, Sérgio. O olhar viajante (do etnólogo). *In*: NOVAES, Adauto *et al.* **O olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p.347-360.

CARVALHO, Paulo César. **Fragmentos epistolares de um discurso amoroso**: elementos para uma análise semiótica do estatuto do gênero amoroso. São Paulo: Dissertação de mestrado: FFLCH/USP, 2005.

CHARAUDEAU, Patrick. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. [tradução de Andrea Daher e Zenir Campos Reis]. **Revista Estudos Avançados**, USP, SP, 11, 5, 1991.

CHAUÍ, Marilena. **Brasil**: mito fundador e sociedade autoritária. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2010.

CLAVAL, Paul. **Epistemologia da Geografia**. [tradução de Margareth de Castro Afeche Pimenta, Joana Afeche Pimenta]. Florianópolis (SC): Editora da UFSC, 2011.

- CLAVAL, Paul. Paisagem dos geógrafos. *In*: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Paisagem, textos e identidade**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004, p.08-22.
- COSGROVE, Denis. A Geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. *In*. CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny. (Orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004, p.99-122.
- COSTA, Antônio Gilberto. (org.). **Os Caminhos do Ouro e a Estrada Real**. Belo Horizonte: Editora da UFMG; Lisboa: Kapa Editorial, 2005.
- COSTA, Maria de Fátima *et al* (org.). **O Brasil de Hoje no Espelho do Século XIX: artistas alemães e brasileiros refazem a expedição Langsdorff**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.
- COSTA, Maria de Fátima. O Brasil pelo olhar da Expedição Langsdorff. *In*: COSTA, Maria de Fátima *et al* (org.). **O Brasil de Hoje no Espelho do Século XIX: artistas alemães e brasileiros refazem a expedição Langsdorff**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995, p.23-30.
- DIAS, A. P. P. Diário de navegação de Pero Lopes de Sousa: a representação do real e os filtros da representação. **Letras & Letras**, Projeto Vercial, 1997. Disponível em <http://www.ipn.pt/literatura/letras/ensaio39.htm>. [Visitado em 18.11.2009].
- DIDEROT, Denis. **Encyclopédie IV (Lettres M-Z)**. Paris: Hermann, 1980.
- DISCINI, N. **A comunicação nos textos**. São Paulo: Contexto, 2005.
- DOLFUSS, Olivier. **O Espaço Geográfico**. São Paulo: Difel, 1978.
- DUNCAN, James. A paisagem como sistema de signos. *In*: CORRÊA, Roberto Lobato, ROSENDAHL, Zeny (org.) **Paisagem, textos e identidade**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004, p.91-132.
- ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. São Paulo: Perspectiva, 1997.
- FAUSER, Hildegard W. O Barão Georg Heinrich von Langsdorff. *In*: COSTA, Maria de Fátima G. *et al*. **O Brasil de Hoje no espelho do século XIX: artistas alemães e brasileiros refazem a Expedição Langsdorff**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995, p.31-34.
- FERNÁNDEZ-ARMESTO, Felipe. **Os desbravadores: uma história mundial da exploração da Terra**. [Tradução Donaldson M. Garschagen]. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- FERRI, Mário Guimarães. Histórico dos trabalhos botânicos sobre o Cerrado. *In*: FERRI, M. G. (Coord.). **Simpósio sobre o Cerrado**. São Paulo: Editora Edgard Blücher: Editora da Universidade de São Paulo, 1971, p.9-31.

- FIGUEIRÔA, Silvia F. de M. Algumas considerações sobre a obra. *In*: SILVA, Danuzio Gil Bernardino da (org.). **Os diários de Langsdorff**. Vol. I. Rio de Janeiro e Minas Gerais, 8 de maio a 17 de fevereiro de 1825. [tradução de Márcia Nascimento Egg *et al.*]. editores: Boris Komissarov *et al.* Campinas: Associação Internacional de Estudos Langsdorff; Rio de Janeiro: Fiocruz, 1997, p. XXXVII-XXXIX.
- FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do discurso**. 13ed. São Paulo: Contexto, 2005.
- FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia**. São Paulo: Ática, 2003.
- FIORIN, José Luiz. **As astúcias da enunciação**: as categorias de pessoa, espaço e tempo. São Paulo: Ática, 2002.
- FIORIN, José Luiz. “Gêneros e tipos textuais”. *In*: MARI, H.; WALTY, I. L. C.; VERSIANI, Z. **Ensaio sobre Leitura**. Belo Horizonte: PucMinas, 2006, p.101-117.
- FIORIN, José Luiz. Identidades e diferenças na construção dos espaços e atores do novo mundo. *In*: BARROS, D.L.P. (Org.) **Os discursos do descobrimento**: 500 e mais anos de discursos. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2000, p.27-49.
- FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. [Trad. Salma Tannus Muchail] 9ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- GABAGLIA, F. A. Raja. **Prefácio**. *In*: HUMBOLDT, A. v. Quadros da natureza [tradução de Assis Carvalho]. v.1. Rio de Janeiro: W.M. Jackson Editora, 1970, p.V-XXII.
- GERBI, Antonello. **O Novo Mundo**: história de uma polêmica (1750-1900). São Paulo, Companhia das Letras, 1996.
- GIUCCI, Guillermo. **Viajantes do maravilhoso**: o novo mundo. [Tradução de Josely Vianna Baptista]. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- GREIMAS, A. Julien & LANDOWSKI, E. **Análise do discurso em ciências sociais**. São Paulo: Global, 1986.
- GREIMAS, Algirdas Julien. **Da imperfeição**. [prefácio e tradução de Ana Claudia de Oliveira; apresentação de Paolo Fabbri, Raúl Dorra, Erc Landowski]. São Paulo: Hacker Editores, 2002.
- GREIMAS, A. J. e COURTÉS, J. **Dicionário de Semiótica**. São Paulo: Contexto, 2008.
- HARTSHORNE, Richard. **Questões sobre a natureza da Geografia**. Rio de Janeiro: Instituto Panamericano de Geografia e História, 1969.

- SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais**. [tradução de Vivaldi Moreira]. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. **A visão do paraíso**: os motivos edêmicos no descobrimento e colonização do Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de (Dir.). **O Brasil Monárquico**. (O processo de emancipação). São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1975.
- HUMBOLDT, A. von. **Quadros da natureza** [tradução de Assis Carvalho]. v.1. Rio de Janeiro: W.M. Jackson Editora, 1970.
- JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e Patologia do Saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- KASHIMOTO, Emília Mariko e MARTINS, Gilson Rodolfo. **Arqueologia e Paleoambiente do Rio Paraná em Mato Grosso do Sul**. Campo Grande (MS): Life Editora, 2009.
- KIMBLE, Georg H.T. **A geografia na Idade Média**. [Tradução de Márcia Siqueira de Carvalho]. 2ed.rev. Londrina (PR): Eduel: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2005.
- KOMISSAROV, Boris. Langsdorff: com o Brasil para sempre. *In*: BRASIL. MINC. BB. **EXPEDIÇÃO LANGSDORFF. Catálogo da exposição**. São Paulo, Brasília, Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil, 2010, p.15-35.
- KOMISSAROV, Boris. As relações diplomáticas e comerciais entre Rússia e Brasil na época de Langsdorff. *In*: SILVA, Danuzio Gil Bernardino (org.). **Os diários de Langsdorff**. Vol. I. Rio de Janeiro e Minas Gerais, 8 de maio a 17 de fevereiro de 1825. [tradução de Márcia Nascimento Egg *et al.*]. Campinas: Associação Internacional de Estudos Langsdorff: Rio de Janeiro: Fiocruz, 1997.
- KOMISSAROV, Boris. **História da Expedição Langsdorff no Brasil**. [tradução de Marcos Pinto Braga]. São Paulo: Cia Aluminis, 1996.
- KOMISSAROV, Boris. **Expedição Langsdorff**: acervo e fontes históricas. São Paulo: Editora Unesp, 1994.
- KOMISSAROV, Boris. **Da Sibéria à Amazônia**: a vida de Langsdorff. [tradução de Victória Namestnikova El Murr]. Brasília: Edições Langsdorff, 1992.
- KOMISSAROV, Boris. A personalidade de Langsdorff. **Anais**. II Seminário internacional sobre o acervo da expedição científica de G.I. Langsdorff. Brasília: Secretaria da Ciência e Tecnologia: São Paulo: Universidade de São Paulo, 1990, p.17-20.
- KOMISSAROV, Boris. O acadêmico G.I. Langsdorff e sua expedição ao Brasil em 1821-1829. *In*: BERTELS, D.E, B. N. Komissarov, T. I. Licenko (orgs). **O acadêmico G.I. Langsdorff e sua expedição ao Brasil em 1821-1829**:

catálogo completo do material existente nos arquivos da União Soviética. Coordenação de L. A. Chur [tradução e pesquisa bibliográfica de Marcos Pinto Braga]. Brasília: Secretária do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional Pró-Memória, 1988, p.19-53.

KOMISSAROV, Boris. A expedição do acadêmico G.I. Langsdorff e seus artistas ao Brasil. *In: Expedição Langsdorff ao Brasil, 1821-1829*. Iconografia do Arquivo da Academia de Ciências da União Soviética. Reprodução fotográfica por Claus C. Meyer. Texto por Boris Komissarov. Classificação científica e comentários por Luiz Emygdio de Mello Filho e outros. Vol. II. Rio de Janeiro, Edições Alumbamento: Livroarte Editora, 1988, p.11-36.

KURY, Lorelai. Viajantes-naturalistas no Brasil oitocentista: experiência, relato e imagem. **Revista História, Ciências, Saúde**. Manguinhos, vol. 8 (suplemento), 2001, p.863-880.

LA BLACHE, Vidal de. **Princípios da Geografia humana**. [tradução de Fernando Martins]. Lisboa: Imprensa Artística, 1954.

LANDOWSKI, Eric. **Presenças do outro**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

LANDOWSKI, Eric. **A sociedade refletida**. São Paulo: Educ: Pontes, 1992.

LANGSDORFF, G. H. von. **Bemerkungen auf einer Reise um die Welt in den Jahren 1803 bis 1807**, Bd. I. Frankfurt a/M., 1812, S. [2]. Disponível em <http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/00826410> Visitado em 18.05.2012.

LANGSDORFF, G. H. von. Bemerkungen auf einer Reise um die Welt in den Jahren 1803 bis 1807. *In*. Haro, Afonso Palma de. (org.). **Ilha de Santa Catarina**: relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX. Florianópolis (SC): Editora da UFSC: Editora Lunardelli, 1990, p.157-184.

LEITE, Ilka Boaventura. **Antropologia da viagem**: escravos e libertos em Minas Gerais no século XIX. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

LEITE, Mirian Moreira. **As viagens dos naturalistas**. Vol. 3. São Paulo: Discurso Editorial, 2002, p. 2.337-2.338.

LEITE, Mirian Moreira. Prefácio. *In*: SILVA, Danuzio Gil Bernardino (org.). **Os diários de Langsdorff**. Vol. I. Rio de Janeiro e Minas Gerais, 8 de maio a 17 de fevereiro de 1825. [tradução de Márcia Nascimento Egg *et al.*]. Campinas: Associação Internacional de Estudos Langsdorff; Rio de Janeiro: Fiocruz, 1997.

LEITE, Mirian Moreira. Naturalistas viajantes. **Revista História, ciência, saúde**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, vol. I, n.º 2, nov., 1994.

LISBOA, Karen Macknow. **A nova Atlântida de Spix e Martius**: natureza e civilização na *Viagem pelo Brasil* (1817-1820). São Paulo: Editora Hucitec: Fapesp, 1997.

- LOPES, Edward. Ler a diferença. *In*: Barros, D.L.P (org.) **Os discursos do descobrimento**: 500 e mais anos de discursos. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2000, p.11-26.
- MAAS, Wilma Patrícia M.D. **O Cânone mínimo**: o *Bildungsroman* na história da literatura. Editora UNESP, 2000.
- MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo. A sensualidade como caminho. Notas sobre diários e viagens. Dossiê Brasil Império. **Revista USP**. Coordenadoria de Comunicação Social, Universidade de São Paulo n.º 58 São Paulo, nº 58, jun./ago. São Paulo, SP: USP, CCS, 2003, p.134-147.
- MAGNOLI, Demétrio. O Estado em busca do seu território. *In*: Jancsó, István (Org.). **Brasil**: Formação do Estado e da Nação. São Paulo: Hucitec: Ed. Unijuí: Fapesp, 2003.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos discursos**. Curitiba: Criar Edições, 2005.
- MAINGUENEAU, Dominique. Ethos, cenografia, incorporação. *In*: AMOSSY, RUTH (org.) **Imagens de si no discurso**: a construção do éthos. São Paulo: Contexto, 2005.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2001.
- MANIZER, Guenrikh Guenrikhovitch. **A expedição do Acadêmico Langsdorff ao Brasil**. Rio de Janeiro: Brasiliana, 1967.
- MARQUES, Ubirajara Rancan de Azevedo. **Kant e a epigênese a propósito do "inato"**. *Scientiæ zudia*, São Paulo, 2007, v. 5, n. 4, p.453-70.
- MELLO FILHO, Luiz Emygdio *et al.* Classificação científica e comentários. *In*: **Expedição Langsdorff ao Brasil, 1821-1829**. Iconografia do Arquivo da Academia de Ciências da União Soviética. Reprodução fotográfica por Claus C. Meyer. Texto por Boris Komissarov. Vol. II. Rio de Janeiro, Edições Alumbamento/Livroarte Editora, 1988.
- MELLO FILHO, Luiz Emygdio *et al.* **EXPEDIÇÃO LANGSDORFF AO BRASIL, 1821-1829**. Iconografia do Arquivo da Academia de Ciências da União Soviética. Reprodução fotográfica por Claus C. Meyer. Texto por Boris Komissarov. Classificação científica e comentários por Luiz Emygdio de Mello Filho e outros. Vol. II. Rio de Janeiro, Edições Alumbamento: Livroarte Editora, 1988.
- MELLO e SOUSA, Antonio Candido. **Literatura e sociedade**. São Paulo: T. A. Queiroz: Publifolha, 2000.
- MELLO e SOUSA, Antonio Candido. **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

- MELLO e SOUSA, Antonio Candido e CASTELLO, José A. **Presença da Literatura Brasileira**. Vol. I. São Paulo: Difel, 1964.
- MONBEIG, Pierre. **Novos estudos de Geografia Humana brasileira**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1957.
- MONBEIG, Pierre. **Ensaio de Geografia Humana Brasileira**. São Paulo: Livraria Martins, 1940.
- MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. **O mapa e a trama**: ensaios sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas. Florianópolis (SC): Editora da UFSC, 2002.
- MORAES, Antonio Carlos Robert. **Bases da formação territorial do Brasil**: o território colonial brasileiro no “longo” século XVI. São Paulo: Hucitec, 2000.
- MORAES, Antonio Carlos Robert. **Ideologias geográficas**. Espaço, cultura e política no Brasil. São Paulo, Hucitec, 1988.
- MOREIRA, Ruy. **Para onde vai o pensamento geográfico**. São Paulo: Contexto, 2006.
- MOREIRA, Ruy. A invenção da modernidade. *In*: SANTOS, Douglas. **A reinvenção do espaço**: diálogos em torno da construção do significado de uma categoria. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- MURR, Victoria Namestnikov Ell. Langsdorff e Santa Catarina. *In*: SILVA, Danuzio Gil Bernardino (org.). **Os diários de Langsdorff**. Vol. I. Rio de Janeiro e Minas Gerais, 8 de maio a 17 de fevereiro de 1825. [tradução de Márcia Nascimento Egg *et al.*]. Campinas: Associação Internacional de Estudos Langsdorff; Rio de Janeiro: Fiocruz, 1997.
- NIGRA, Clemente Maria da Silva. O Barão George Henrique de Langsdorff, 1774-1852: o grande cientista esquecido no Brasil. *In*: **II Colóquio de estudos teuto-brasileiros**. Universidade Federal de Pernambuco. Recife: Editora Universitária, 1974, p.50-57.
- OBERACKER, Carlos. Viajantes, naturalistas e artistas estrangeiros. *In*: HOLANDA, Sérgio Buarque de (Dir.). **O Brasil Monárquico**. (O processo de emancipação). São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1962.
- PEDRAS, Lúcia Ricotta V. A paisagem em Alexandre von Humboldt: o modo descritivo dos quadros da natureza. **Revista USP**, Coordenação de Comunicação Social, Universidade de São Paulo. n.º 1 (mar./mai. 1989). São Paulo, SP: USP, CCS, 1989.
- PINTO-CORREIA, C. **O ovário de Eva**. A origem da vida. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

- POLO, Marco. **O livro das maravilhas**: a descrição do mundo. [Tradução de Elói Braga Junior]. 5ed. Porto Alegre: L&PM, 1996.
- PRADO JÚNIOR, Caio. **A formação do Brasil contemporâneo**: Colônia. São Paulo: Brasiliense: PubliFolha, 2000.
- PRADO, Maria Ligia Coelho. **América latina no século XIX**: tramas, telas e textos. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Bauru (SP): Editora da Universidade do Sagrado Coração, 1999.
- RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do poder**. [tradução de Maria Cecília França]. São Paulo: Editora Ática, 1993.
- RATZEL, Friedrich. Georg Heinrich Langsdorff. *In*: **Allgemeine Deutsche Biographie** 17, 1883, S. 689-690. Disponível em <http://www.deutsche-biographie.de/pnd118569562.html?anchor=adb>. Visitado em 18.07.2012.
- REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. **Dicionário de Teoria da Narrativa**. São Paulo: Editora Ática, 1988.
- RICOUER, Paul. **Tempo e narrativa**. Vol. I. [tradução de Márcia Valeria M. Aguiar e Claudia Berliner]. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- RICOUER, Paul. **Tempo e narrativa**. Vol. I. Campinas: Papyrus, 1994.
- RICOUER, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. [Tradução de Alain François *et al*]. Campinas (SP): Editora da Unicamp, 2007.
- ROGER, Alain. Le paysage occidental: rétrospective et prospective. **Le Débat**, Paris, 1991, n.65 mai-juin., p.14-28.
- ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão**: Veredas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- RUPP-EISENREICH, Britta. Aux «origines» de la Völkerkunde allemande: de la Statistik a L'anthropologie de Georg Forster. Histoires de l'Antropologie (XVIe–XIXe siècles). **Colloque**. La Pratique de L'anthropologie aujourd'hui. Paris: Klincksieck, 1984, p.89-115.
- SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais**. [tradução de Vivaldi Moreira]. Belo Horizonte: Itatiaia, 1967.
- SALGUEIRO, Heliana Angotti (org.). **Pierre Monbeig e a Geografia Humana brasileira**: a dinâmica da transformação. Bauru (SP): Edusc, 2006.
- SALGUEIRO, Heliana Angotti. Geografia e interdisciplinariedade no tempo de Pierre Monbeig. *In*: SALGUEIRO, Heliana Angotti (org.). **Pierre Monbeig e a Geografia Humana brasileira**: a dinâmica da transformação. Bauru (SP): Edusc, 2006.

- SALGUEIRO, Heliana Angotti. Pierre Monbeig: a paisagem na ótica geográfica. *In*: SALGUEIRO, Heliana Angotti (Coord.). **Paisagem e arte**: a invenção da natureza, a evolução do olhar. São Paulo: H. Angotti Salgueiro, 2000.
- SCHAMA, Simon. **Paisagem e memória**. [tradução de Hildegard Feist]. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.
- SANTOS, Douglas. **A reinvenção do espaço**: diálogos em torno da construção do significado de uma categoria. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- SCHIAVINATTO, Iara Lis. Imagens do Brasil: entre a Natureza e a História. *In*: JANCSÓ, István (Org.). **Brasil**: formação do Estado e da Nação. São Paulo: Hucitec: Editora Unijuí: Fapesp, 2003, p.603-631.
- SCHWARCZ, Lilia K. Moritz. A natureza como paisagem: imagem e representação no Segundo Reinado. **Revista USP**. Coordenadoria de Comunicação Social, Universidade de São Paulo, N. 1 (mar./maio, 1989). São Paulo, USP, CCS, 1989, p.7-29.
- SEGISMUNDO, Fernando. Literatura e Geografia. **Boletim Geográfico**, Ano VII, julho de 1949, nº 76, p. 327-332.
- VANZOLINI, P.E. A contribuição zoológica dos primeiros naturalistas viajantes no Brasil. *In*: **Dossiê dos viajantes**. Revista USP. Coordenadoria de Comunicação Social, Universidade de São Paulo. n.º1 (mar./maio, 1989). São Paulo, USP, CCS, 1989, p.190-238.
- SEVCENKO, Nicolau. Dragões, borboletas e brasis. *In*. NASCIMENTO, Milton Meira do (Org.). **Jornal de resenhas**: seis anos. São Paulo: Discurso Editorial, 2001.
- SEVCENKO, Nicolau. O paraíso revelado pela ciência ou o Dr. Langsdorff e o descobrimento russo do Brasil. Becher, Hans. **O Barão Goerg Heinrich von Langsdorff**: pesquisas de um cientista alemão no século XIX. São Paulo: Edições diá; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1990, p.131-143.
- SEVCENKO, Nicolau. O *front* brasileiro na Guerra verde: vegetais, colonialismo e cultura. *In*: **Dossiê dos viajantes**. Revista USP. Coordenadoria de Comunicação Social, Universidade de São Paulo. n.º1 (mar./maio, 1989). São Paulo, USP, CCS, 1989, p.110-119.
- SILVA, Andrée Mansuy-Diniz. Portugal e o Brasil: a reorganização do Império, 1750-1808. *In*: BETHELL, Leslie. **História da América Latina**: a América Latina Colonial. Vol. I. [tradução de Maria Clara Cescato]. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Brasília (DF): Fundação Alexandre Gusmão, 1997.
- SILVA, Danuzio Gil Bernardino. Apresentação de SILVA, Danuzio Gil Bernardino da (org.). **Os diários de Langsdorff**. Vol. I. Rio de Janeiro e Minas Gerais, 8 de maio a 17 de fevereiro de 1825. [tradução de Márcia Nascimento Egg *et al.*]. editores: Boris Komissarov *et al.* Campinas: Associação Internacional de Estudos Langsdorff; Rio de Janeiro: Fiocruz, 1997.

- SILVA, Danuzio Gil Bernardino da (org.). **Os diários de Langsdorff**. Vol. I. Rio de Janeiro e Minas Gerais, 8 de maio a 17 de fevereiro de 1825. [tradução de Márcia Nascimento Egg *et al.*]. editores: Boris Komissarov *et al.* Campinas: Associação Internacional de Estudos Langsdorff; Rio de Janeiro: Fiocruz, 1997.
- SILVA, Danuzio Gil Bernardino da (org.). **Os diários de Langsdorff**. Vol. II. São Paulo, 26 de agosto de 1825 a 22 de novembro de 1826. [tradução de Márcia Nascimento Egg *et al.*]. Boris Komissarov *et al.* Campinas: Associação Internacional de Estudos Langsdorff; Rio de Janeiro: Fiocruz, 1997.
- SILVA, Danuzio Gil Bernardino da (org.). **Os diários de Langsdorff**. Vol. III. Mato Grosso e Amazonia, 21 de novembro de 1826 a 20 de maio de 1828. [tradução de Márcia Nascimento Egg *et al.*]. Boris Komissarov *et al.* Campinas: Associação Internacional de Estudos Langsdorff; Rio de Janeiro: Fiocruz, 1997.
- SÜSSEKIND, Flora. **O Brasil não é longe daqui**: o narrador, a viagem. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- SYLOS, Honório de. **São Paulo e seus caminhos**. São Paulo: McGraw-Hill, 1976.
- TATIT, Luiz Augusto de Moraes. A verdade extraordinária. **Tópicos del Seminario**. Puebla (Méx.), 2002, p.30-40.
- TATHAM, George. A Geografia no século XIX. **Boletim Geográfico**, ano XVII, nº 150. Rio de Janeiro, IBGE, p. 555 – 578.
- TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América**: a questão do outro. [tradução de Beatriz Perrone Moisés]. São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- YERASIMOS, Stéphane. Sob os olhos do Ocidente. *In*. POLO, Marco. **O livro das maravilhas**: a descrição do mundo. [Tradução de Elói Braga Junior]. 5ed. Porto Alegre: L&PM, 1996.